



BARCELOS

BARCELLOS



PORTUGAL



BARCELOS



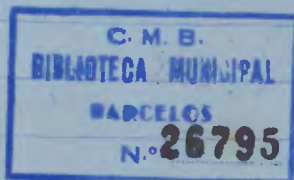


Apontamos a para
a historia de
Coligidos por

Francisco Xavier Silva
tenente d'inf.

- 2º Volume -
3

1947



Barcelos
1947



2858

Atenção:

Este volume constitui a continuação da
recensão de apontamentos que para aqui trouxemos,
com os quais quis organizar um repertório de de-
terminado documentário que seja útil a quem que-
re conhecer a história da "Rainha do Lavado" - Barcelos,
Barcelos - 1947

Francisco Cardoso e Silva
ten.º d'inf.º





Parceiros

Situada numa ridente região, rica de fertilidade e em comunicação, por caminhos de ferro e magnificas estradas, com todo o alto comércio e região entre Osorno e Mañabo, até ao Porto, tornou-se, pelos seus serviços, um centro de actividade comercial e industrial, dos mais importantes do norte do país.

A povoação desenvolveu-se; e com o seu desenvolvimento, em todos os sentidos, Parceiros desapareceu, como coisa à parte, para se integrar na própria vila, hoje cidade, por decreto de 3/de Agosto de 1928.

As suas belezas naturais são tão atraentes e os seus documentos históricos tão interessantes, que a cidade é considerada já hoje uma estância de turismo digna de ser visitada.

(Do "Boletim Económico, Monumental e Artístico" - Fascículo XIV)



Barcelos



Perspectiva da cidade à entrada da Ponte sobre o Rio Ave.

A maior parte das construções voltadas para o rio (de frente da Igreja Matriz), já foram demolidas.

— x x x —

= Paricó =

"Serina Caldas", fazendo a reseña histórica de Paricó, diz:
" A terraceo que a circun-
da, é fértil e arborescido.

O horizonte, que a limita, é azul e
nublado.

O céu, que a cobre, é limpo e
calmo.

A perspectiva da povoação, uma
das mais memoráveis do mundo, é fi-
ticia e aérea; é pacífica e enau-
tadora.

Não ha no País muitas povo-
ações tam agradáveis, tam deliciosas,
tam risonhas.

.

- Barcelos antigo -

Barcelos constituida por ruas e largos antiquissimos, onde viveram raças diversas, antes da fundação de Gótyal; raças existentes em épocas pré-históricas, elas foram: - gótyos, suevos, vandalos, alanos, arabes e romanos.

A vila foi reedificada, em 1140, por D. Afonso Henriques. Barcelos era cercada de muros e tinha na antiguidade duas torres muito altas, de grande valor militar, mandadas edificar por D. Afonso, primeiro duque de Bragança.

Estas muralhas foram feitas entre os anos de 1446 e 1447.

Barcelos =

A antiga e famosa vila teve a honra de ter servido de sede ao primeiro condado de Portugal, concedido por D. Diniz, em 8 de Maio de 1298, a D. João Afonso Tebo de Meneses, seu mordomo-mór, casado com D. Tereza Sanchez, filha do rei D. Sancho III de Castela.

O oitavo Conde de Barcelos foi D. Nuno Alvares Pereira, feito por D. João I, em 8 de Outubro de 1385, como prêmio pela gloriosa vitória de Valverde, em que os portugueses, comandados pelo Condestável, derrotaram um exército espanhol de trinta mil homens.

Depois de D. Nuno, o título de Conde de Barcelos ficou na Casa de Bragança até D. Sebastião que o elevou a ducado nos primeiros dias desta Casa, sendo primeiro duque de Barcelos D. João filho de D. Teodósio duque de Bragança.

Como se vê é rica a linhagem de Barcelos e todo esse passado ainda se reflecte no seu semblante da magestosa cidade.

Mas a par desse passado, Barcelos também se distingue como cidade moderna, progressiva e com grandes encantos de paisagem mimosa e pitoresca.

(Da Revista "Insism" - Anexo especial dedicado a Braga - Ano IV - n.º 35 de Agosto - Setembro de 1940) -

Barcelos =

rodeada pela mais bela paisagem minhota, que o vale do Lavado atravessa em variados aspectos de pujante vegetação, a velha vila, de fidalgas tradições, mostra valioso documento do passado, engrandecido no progresso que legitima o seu título moderno de cidade.



Brazão da cidade de Barcelos.

Barcelos =

É terra de sossego, comoda, rica de belezas naturais e possuidora de elementos de curiosidade, interesse e estudo.

Os variadissimos encantos da paisagem minhota, que se patenteiam ao redor de Barcelos, e os seus monumentos, fazem desta cidade um curioso centro de turismo, já muito visitado por nacionais e estrangeiros.

6
6

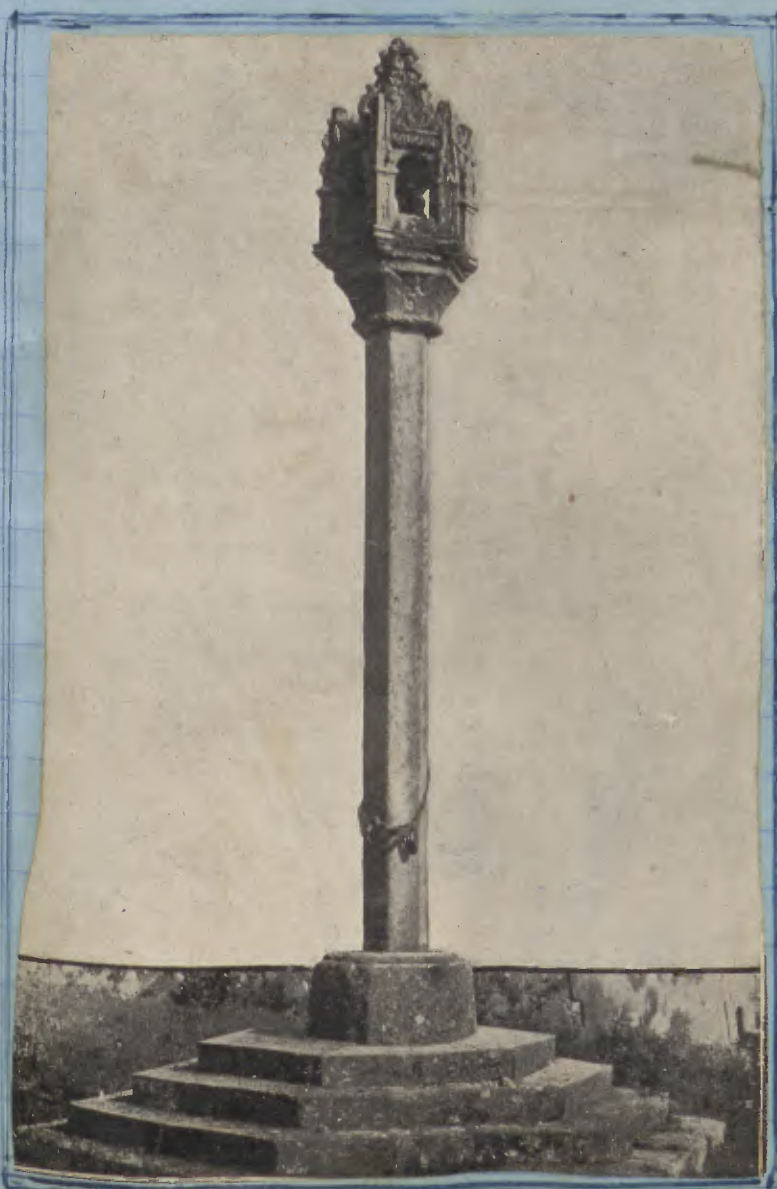
O Pelourinho de Bancêlos

(Dr. A. Torres)

A origem dos pelourinhos nem sempre acha-se em Roma, se é por os romanos, como pretendem alguns escritores, os trouxeram da Grécia, do mesmo modo que dos gregos imitaram a literatura das artes.

Era no Forum - o lugar mais movimentado e opulento da mesma Roma - que o Senado e a plebe romana celebravam as suas assembleias mais notáveis.

Conta-se que, nos bons tempos da república, um rico burguez chamado Montes, mandou levantar ali a fúrcula da sua casa em uma co-



— X —

! A esquerda
vê-se o pelou-
rinho de Bancêlos
constituido em cati-
lo gótico florido.

— X —

É considerada na
arquitetura do
seu município junto
das ruínas dos Paços
dos Condes de Foz -
muito interessante
das pedras "Lousas"

— X X X —



luna de pedra em pro-
 ce julgar, que servia de
 base a estada de uma
 lava, donde sua família
 assistia aos actos publicos
 e cerimoniaes festivas
 celebradas n'aquele fa-
 moso recinto, que os
 impudicos volcaram
 mais tarde de belos por-
 ticos, de templos ma-
 jestosos e de immensas
 estatuas.

Decorreu a a povo
 de Alma Prévencia, do
 nome de seu funda-
 dor.

Com o andar dos tem-
 pos,

estabeleceu-se em Barma o costume de julgar
 os criminosos junto desta columna; e, depois, e de amara-
 rarem n'ela os condemnados a pena infamante
 de expozição.

O principal delicto a que esta pena se
 applicava, era o de quiebra fraudulenta, crime
 de tal natureza repugnante aos romanos, que todo o
 negociante falido era, pela lei das duas taboas,
 entregue aos seus credores, que posticum lun-
 ca-lo em um carcere, obriga-lo ao serviço
 dos escravos em mezes mata-lo.

Esta durissima pena foi, depois, modifi-
 cada e suavizada pela lei Julia, que distin-
 guia entre os falidos aquelles que o eram por incerta-
 nes desastres commerciaes, e os falidos fraudulenta-
 mente, com a propósito firme de loarem os
 seus credores.

As primeiras das Leis a Lei Julia sobre o habilitar
 os para impedir duces de notas e reservas; assim apun
dos, depois de Julius a entregaram as condições total de
seus lances, seu amarrados a alguma Provincia, e
 ali enhoras, por mais em meus tempos, a resignar
publica e nos aliquis da plata impedida.

Foi esta, deiz - se, a origem dos prebui-
mos.

A medida que a forma romano em, para
seu para querer avassalando e removendo, as
praias que seu império, impediu as mas as
líticas políticas, a sua império, as seus cos
tumes.

E assim que seus aplicam nas Galias,
na Germania e na península iberica, durante
centos anos, a para de capitular no prebui-
mos, até que abindo e império romano
para invasão e conquista dos barbaros do
norte, essa prática política foi acima para
o e para em depois, e, finalmente, de tudo
obstruído.

Após seu depois, obstruído a uma
na península iberica e já para de Espanha
e domínio arabe, meus de notas restabelecendo
essa para em alguns dos praias que então
haviam sido provincias do império.

No Francia, por exemplo, a deu abben-
ca terreu - se para para no século XII,
ou, talvez, antes de século XI, passando d'
para a Espanha e depois para Portugal.

A prebui foi em Portugal, uma
instituição permanente feudal, para de do
notários da coroa, os prebui e municípios da
prebui de os império em seus domínios, de
notários, onde as respectivas justiças exerciam

os crânios de certos dentes.

No século XIII, existiam em Paris, o pelourinho do bispo, moeda de antedaf, o dos Templários, o municipal, o da Abadia de S. Germain e ainda outros.

Apresentavam tres variedades: o pelourinho posto (postum), o pelourinho ascendente (schèle) e finalmente o pelourinho propriamente dito ou de parista (parisi), como se classifica o sabio arqueologo Villiers Barthesse, no seu mais recente estudo "Pelourinhos", donde extractamos estas notas historicas.

Erão apiaes, formados de uma columna de pedra ou de madeira, com corrente e voluta de ferro, a que se prendia o criminoso; ou, em falta, de um corpo de alvenaria, sustentando uma parista ou paristha, em que se expunha o praeinte.

Os primeiros pelourinhos franceses pertenciam ás duas primeiras variedades, que eram as propriamente adoptadas pelos senhores feudaes, pelos feudos e comunidades monasticas, sendo emtudo mais frequente o pelourinho posto.

Os de parista ou paristha commecçaram a apparear no século XIV.

Um dos primeiros foram, porém destinados em 1789, depois fôr a revolução desse anno abolidos em França, a fôr de exporçao publicas dos criminosos, sendo certo que, ja desde o meado do século XVIII, tais castigos não eram applicados n'aquele paiz.

Com a Revolução os pelourinhos não tiveram, como instituição feudal, o desenvolvimento nem a duração que tiveram em França e n'outros

nações da tempo.

Assim, como simbolo de jurisdicção municipal, extendiam-se a todo o paiz, principalmente nas povoações da selva, e findaram-se até ao dia XVIII.

As camaras municipais os mandavam levantar nos pontos mais centrais das vilas e aldeas, praças sempre de fora dos paços de archas e muros e ficavam os seus editaes e fanniam os crimes de furto no peo do paiz, carne, vinho e mais poucos alimenticios, e ainda nos seus mercados, quando taxados por ordenações reais ou, como era mais frequente, por abstracções das mesuras camaras.

Nas Ordenações Affonsinas, liv. 1.º t. 28 lê-se a seguinte disposição de lei:

"As praças (praças) e carnicerias (que fazem roças de cera, ou, segundo o dicho Pêluis, fabricantes de vellas de cêro) carnicarias, reparteiras, etc. que dependam do peo, pela terceira vez, que forem culpadas, nos seus officios, devem ser fechadas na praça."

Como exemplo de analyse dispositiva tomada por um municipio, temos a seguinte portaria da Camara de Vizeu, anno de 1304.

"Que os carniceiros deem o arrate de porco, e do carniro por quatro dinheiros; e o arrate da melhor vaca por duas dinheiros e da peior por tres meathas; e o arrate da porca e da ovelha por tres dinheiros; e o quarto do melhor salado por dez dinheiros; e que todo o carnicero, que tiver falso peso, que perente sessenta obols, e fannar-se na praça; e que apus, machar feama (muytar ou casar de ar)

as acinuas, como aves, etc., para trazerem pe-
dros), ou outras carnes, ou vinho deo. no
vill do castillo, que quite cinco soldos; e se
vender porca em vez de porco, ou ovelha em
vez de carneiro, que quite sessenta soldos, e
arcontem no pela Vila... E toda panadaria,
que fezer pão, que não seja de novo tal,
que os Almotacés mandarem, quite em
os soldos, e ponhão na na púosta."

E a seguinte recordam da Camara
do Porto, tomado em sessão de 28 de abril
de 1414:

"Eu em quanto o alquire de trigo
valesse a 12 reis, dessem as padieiras o pão
de 4 onças a 15 soldos; pois vinham a pa-
nhar 12 reis em trigo, por os todos os gastos.

E que o do centeio o dessem a 10 soldos.
pena de que pela primeira vez prepararem
50 libras: pela segunda 100; e pela tercei-
ra sosem empicortados."

Tal era o uso do bom português - com
que o erudito padre Vitorino no seu Espe-
cidario (viol. Diéta e Empicortas - em
que archiam os nomes maiores, e com que
faziam que o povo não fosse roubado e
destruido!"

Em Portugal só no século XVII é que es-
tes monumentos começaram a ser designados
pel nome de pedrinhos.

Até então, como trasluz da littera
dos documentos antigos, chamavam-se pués-
tas, nome derivado talvez dos ferros que os
parriceiam, ou da forma dos primitivos pe-
drinhos, que eram umas colunas ou pedras
terminadas em ponta; e dizia-se empic-

estar a acto de expor a delinqüente á fôrça da
pietra.

Em Viana do Castelo, ainda hoje tem o
nome de Largo da Pietra o largo ou praça
onde estava o presúrio do castelo.

O condenado á pena de expulção pu-
deu na praça pelo presúrio ou pela cinteira
do presúrio e ali ficava exposto, durante
algumas horas, ao escárnio das multitudes,
para que a sua vergonha fosse bem notória,
escolhiam para o cumprimento da pena
os dias de mercado, por serem os mais con-
corridos do povo.

O presúrio servia tambem para a exe-
cução de algumas senten-
ças proferidas pelas jus-
tiças de c. rei.

E assim que pinto della
se applicava a pena dos
reites; e nos crimes
mais graves, como trai-
ção ao patria, homicidio
e outros, em que os crimi-
nosos tinham de sofrer a
pena de morte, se o seu
cadaver não era quei-
mado e as cinzas lan-
çadas ao mar ou esparhadas ao vento,
a cabeça do justicado era levada ao presú-
rio e expetada nos paucos ole que
armados, onde ficava por mais ou me-
nos tempo, consoante a sentença a orde-
nava.



Mas estas penas, repetidas, eram
inphidias unicamente pelas justizas

reais; nunca pelas sumarias, que para tanto não tinham jurisdição.

Em 1834, a república constitucional, a exemplo do que fez em França a revolução de 89, aboliu também a pena do subterfuge, já então de todo expiada entre nós.

Por este motivo foram demolidos e até destruídos no país alguns destes monumentos em que a fúria ignorante via um símbolo de opressão e despotismo, quando na verdade a não era.

A maior parte, porém, escapou e ainda bem, a este simétrico vandalismo, vindo de ainda hoje muitos subterfuges nas cidades e vias portuguesas, alguns amissíssimos e em bom estado de conservação, desprovidos apenas dos ferros e correntes, que eram emblemas patibulares.

Barcelos teve também um subterfuge, nem podia deixar de o ter, atendendo à vastidão e importância do seu concelho.

Mas donde gerando a possessão?

Essa é a pergunta a que não se pode responder.

Devia contudo, datar de tempos muito remotos, talvez dos primeiros anos da monarquia portuguesa, visto que esta antiquíssima vila, como se vê nos *Port. Mon. Hist. Leys et Construcções*, n.º pag. 432, teve a seu primeiro foral, que *Vni deu et rei D. Afonso Henriques*, entre os anos de 1140 e 1146.

Como era costume então geralmente seguido, foi-lhe construído na Praça

desta vila, de frente do edifício dos paços do concelho.

"..... e assim mandou jurar - o juiz de fora, bacharel Rodrigo Maciães - alvará de edictos no Tribunal da Vila da dita villa (Barcelos), lugar publico e costumeado onde se costumava e fixam as cuntas de edictos com preçoso costumeado, ordenando que do dia da assignação, e primeira d'ella a vinte dias por elle e perante elle fizes dentro da villa de Barcelos, por si ou seus provedores ou nedeiros, (viesses) allepar e repuerer qualquer embargo e razer...." Testamento do 1.º bispo de Funchal, D. Diogo Pinheiro, feito em Barcelos aos 13 de Setembro de 1587.

Da Praça Municipal foi, depois, o pedestal fundado para frente da torre que actua aluante sobre a cadeia (1), onde se esteve no ano de 1779, como se prova do seguinte auto de arremataçao, que existe no arquivo da nossa Camara:

".... e logo apparecendo varios ferrices que praõ conversação, logo lançou João Bernardino Chaves, serralleiro, de Barcelhinhos, e disse que fazia as trancas de ferro quadradas e um arrolar que separa o gato e varar da grade da torre - cadeia - da parte do pedestal, a setenta e cinco reis...". vid. Nota da sessão da Camara, de 20 de Agosto de 1779.

A época desta mudança, bem como os motivos que a determinaram, é o que nos não foi possível apurar de uma maneira segura e definitiva.

(1) Esta devolveu desde 22/6/1932, por litteras de machão, data em que os fuzos foram trasladados para a Cadeia Nova.

Todavia, se atendermos a que a subscricao foi levantada de frente do antigo edificio dos paços do concelho, e que a fachada deste ocupava a penca e espaço compreendidos entre o seu emfiteutico do lado da Rua da Misericordia - hoje Rua Conde de S. Fumario - e a torre do frontão dos mesmos paços, e' bem provavel, ao certo, que elle passasse por esse mais ou menos, no local onde hoje se vê a chafariz. (2)

No outro lado, sabendo-se que este chafariz foi construido entre 1631 e 1632, como se vê da Acta da Sessão da Camara de 2 de Janeiro de 1632, que diz: "... O Juiz de Fora e vereadores declararam ter feito petição a Sua Magestade para lhe fosse dar conta de 200:000 reis para a fonte da Torre Nova e chafariz da praça desta villa e casas que se comprariam no Logg, avendo assenta a fonte de obrigação do mestre pedreiro João Lopes e Sua Magestade mandou nas dar provisões para a Torre da Camara inferior.

E foram corridas as obras por serem muito necessarias ao povo desta villa; e por quanto a provisões para se fizessem não chegou a tempo, elle Juiz e vereadores tomarão emprestado do dinheiro das casas do chafariz, da seguinte

(2) - Foi mandado demolir em 1927 pela Camara do presidente da Terceira Comarca - Sr. Leite. Encontrou-se naturalmente necessário - desde agosto de 1933 - no Campo de S. José, tendo-lhe sido alterada a sua constituição primitiva, pois sendo de cruzes provincial, foi-lhe substituída a cruz e espá que o encimava, por uma espá de quinquilino, apesar da imprensa local ter pedido á Camara a sua restauração tal qual estava no Logg da Camara.

de Balthazar Pinto, a quantia de 53:130 reis que se gastarão no edifício da Torre Nova e da muralha de Francisco Fernandes Soares, contra sem desportar de diminuir das mesmas águas, 43:000 reis que se gastarão no edifício da Praça desta villa, que o mais que se gastou n'ella se pagou de diminuir do concelho...."

Temos que a mudança do pelourinho para junto da Torre da Torre Nova, deveria ter se efectuado pouco tempo antes da construção do edifício da Praça, isto é, entre 1630 e 1631, e a causa desta mudança a construção do mesmo edifício.

Mas, advertimos, isto não passa de uma conjectura nossa, que, sem ser fundada em documentos de toda a autenticidade, não deixa estar sem base da verdade.

Conservou-se durante muitos annos em estado a esta torre - fazi para o Campo da Feira - sendo depois apreado, ficando a Camara proceder a melhoramentos na rua que lhe ficava porteira, e que hoje fica a rua Faria Barbosa com o largo da Torre Nova.

Os seus materiais foram então guardados nos baixos do edifício dos paços do concelho e mais tarde vandalicamente aproveitados, como alvenaria, na construção de uma parede interior.

A estufa, essa bem mais feliz do que a capella, ainda hoje se ostenta, orgulhosa da sua antiguidade de seculos, na rua da Foz, mesmo de frente da rua Paqueta de Bragança, servindo de pilar a um dos Condicionos da iluminação publico. (3)

(3) Formosa dada retirar d'ahi em 1905, para o restano do pelourinho no jardim

Estas seria, afigo, irremediavelmente perdidas, se
sem base para, para quem não é indolente tu
do quanto representa arte ou tradição, não te
verre a dita de casualmente haver encontrado,
nos exemplos da parte do edifício cummario
aqui reconstruída e ampliada, essas pedras pe
das esquecidas - um tesouro! - que faz para
dar um lugar seguro, para, oportunamente
e devidamente restauradas, como nunca,
poder restituir à terra que lhe foi suco, um
monumento que venha a honra por ser a fun
ção comemorativa da sua autonomia mu
nicipal.

De rápido exame a que procedemos nestes
pedras dispersas e mutiladas concluímos que o
pedimento de Pareto era formado de uma base
de cantaria com degraus, em que se firmava
uma elevada coluna de granito, de Simaburi
nativa hexagonal, encimada por uma co
rôa de estas pedras, muito curiosa e interes
sante.

Os parapeitos e correntes de ferro, que firmi
tamente teve, já não existem (4), sendo
se ainda os existissem, pelos quais esses ferros se
fixavam à coluna.

Como vimos do testamento do bispo D.
Dionísio Pinheiro, a pedreira servia para a eli
minação de arremios judiciais.

Não se afixavam também os editais
da câmara e outros.

Para exposição de criminosos por influência
das posturas municipais, nenhuma notícia nos che

(4) Apareceram novos tempos depois - maio de 1905 - no
reg - do - chão da Torre da Torre Nova, a exceção dos ganchos,
os quais ainda hoje lhe faltam.

gem, mas obstante estes castigos terem sido, como dissemos, frequentissimos no mesmo paiz.

Do arquivo do municipio de Barcelos — pelo numero de 1628 em diante, — constam tanto somente varias coizas de multas applicadas a proleiros, taberneiros e carneiros por falta no peso do proco, da carne e vinho; mas todas penurias e algumas tambem com pena de prisão; nenhuma com expulsaõ no fuõ huminho.

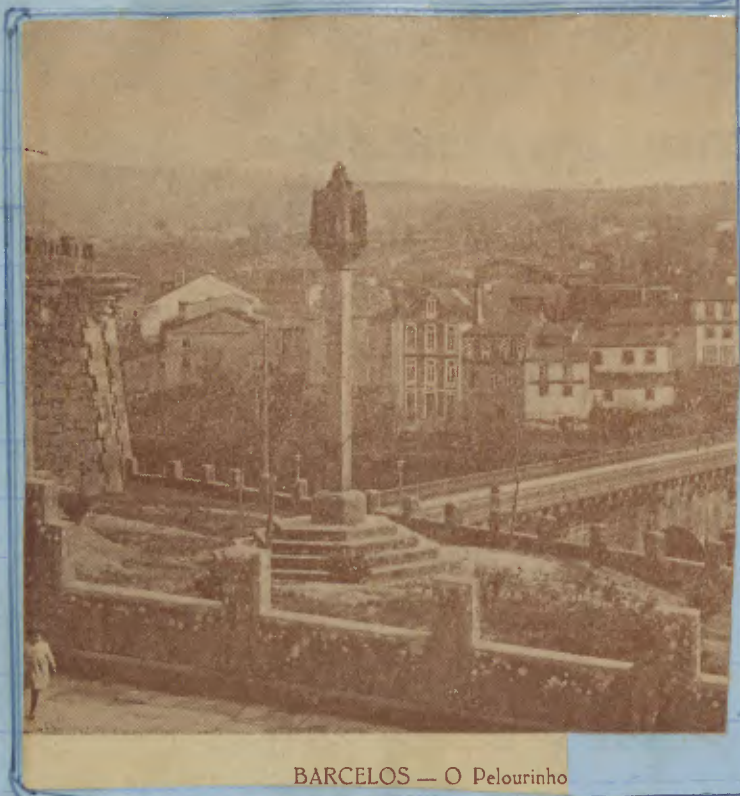
Temos, porém, conhecimento de um importante e unico processo criminal, julgado ha bons trezentos annos nesta comarca, cuja pena foi em parte cumprida junto do mesmo fuõ huminho.

É um processo summo curioso, e talvez, desconhecido da maioria dos barcelenses.

Por este motivo vamos historia-lo aqui a traços largos, dando ao mesmo tempo copia da sentença condemnatoria dos réus, por nós fielmente transcripta de um velho codice do século XVIII, e que é não só um documento comprovativo de summas asserções feitas nestes artigos, mas ate um precioso subsidio para o estudo da epoca em que foi julgado.

Estavamos nos ultimos annos do século XVI. Junto da mayor esquadra da noõ deua, que o marquez Perceval dos celeberrimos em suas escriptas inimittancias, ficou as primeiras emphyteutas de Messegães e Vila Rica, actualmente do concelho de Viana do Castelo, e que entao pertenciam ao dilatado termo de Barcelos.

Na fuzilia destas fuzurias, residia a antiga e nobre familia dos Percevals, senhores de Messegães e do couto



BARCELOS — O Pelourinho

de Paradelá, hixi-
triste na sua linha
monopente, mas de
que ainda resta o
restante, sob, em
vezes e arruinado
casarões, junto da
espeja prampual, fra-
ra o que se entra
por um portal de
estilo clássico, en-
cunhado pelo bazar
dos Terceiros.

Quem ali passar e

for curioso de metharias, pode ler, gravado na tradi-
ção da turta, o versículo Cantemos Dominus quia bona tri-
buit michi e no curso desta inscriçã, os nomes de Pêro
Terceira e Gaspar Terceira, com data de 1574.

Em 1590, na sessão desta casa Pêro e Alva
res Terceira, filhos primogênitos do Sr. Gaspar Terceira, que
na corte de el rei D. João 3.º ocupou os elevados car-
gos de desembargador do paço e chanceler-mór do rei-
no, e fora casado com D. Thale Teles Mathuir, vi-
uva de um Lopes Mathuir, comendador de Ferriz, e
de quem tivera, além do mencionado Pêro, mais os
filhos Pêro, Luiz, João, Diogo e D. Viçente, que
professou no convento de Santa Clara de Vila do Con-
de.

A pequena distancia da residencia dos senhores
de Mazagões, mas já na freguesia de Vila Rica, ha-
va um outro sobra, que pertencia á não menos
ilustre familia dos Alpinis, e que tomara o nome
pelo nome de paço de Vila Rica, depois de que
nêle se acasthou a desditosa Prior do Crato, quan-
do derrotado pelo duque de Alba em Alcantara,

partira pelo mundo para França, com a fim de in-
teressar a Europa em favor dos seus contestados diri-
tos no trono português.

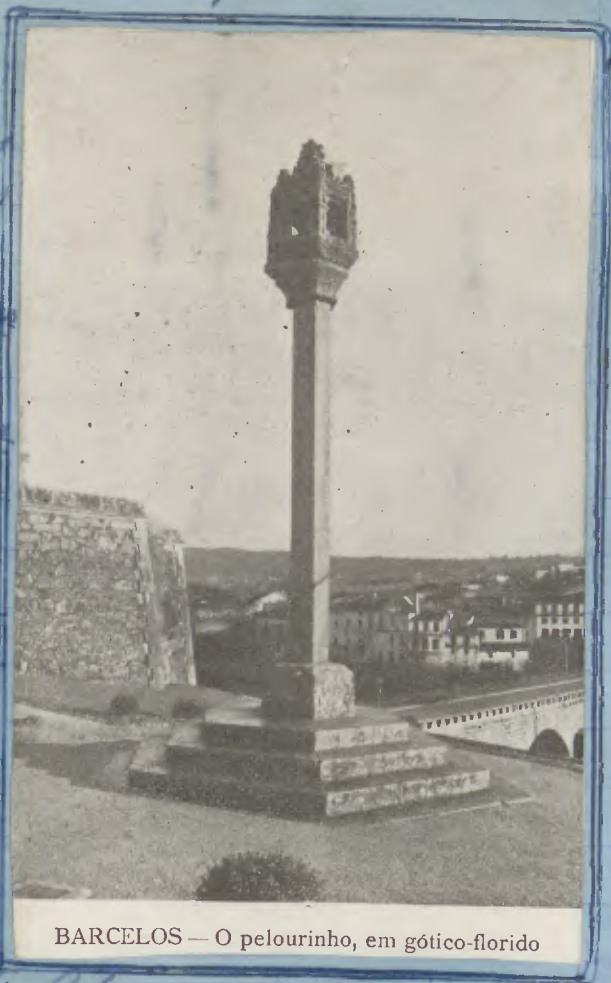
Na época de que viviam talando, já não exis-
tia o semel do Paço de Vila Rica - o velho Trompsius
de Alpin; apenas viviam a viúva D. Beatriz da
Loba e seus filhos Cristóvão, Trompsius e Bernar-
do de Alpin, e a filha D. Isabel da Loba, que teria
nessa data vinte annos de idade, pouco mais ou me-
nos.

Portugal soffia então
os males resultantes das
profundas lutas travadas
entre os partidarios de
D. António e os do rei
pado Filipe II. de Castela.

A corrupção e a anar-
quia, lavrando intensi-
vamente em todas as clas-
ses sociais, tinham da-
do espanto e incremen-
to aos hábitos de vio-
lencia e latrocinio; não
obstante os castigos de-
vidos para conter em
seus desmandos os mel-
hores que, bandeado, investavam todo o reino.

Entre os senhores de Magarães e os seus vi-
sinhos Alpinos havia uma melha e profunda
inimizade, que a tempo, boje de desvanecer,
como seia natural, mais aviventava e fosta
lucra.

Muito ponderoso deviam de ser os moti-
vos que peravam esta malquerença, porque as
duas familias, embora vizinhas e ambas por muito



BARCELOS — O pelourinho, em gótico-florido

Estados respeitáveis, eram irremediavelmente in-
fais.

Quaes fossem, porém, e' o que não podemos saber,
porque não nos acultaram as memórias suas.

Talvez outros sobros de família, tão frequentes
n'uma época em que ainda predominavam a
força e o privilégio, e que tantas lutas, sem-
pre involuntariamente determinadas entre nobres, lutas que
as idéias e preconceitos de então não se justi-
ficavam, mas que uma jurisdição tradicional
nos até sustentava, permitindo ao vencedor
o direito de se desagravar por suas mãos.

Qu, então, quem sabe? e' possível que as dis-
sensões políticas do tempo dividindo em duas per-
sonalidades a família parte pela, levantasse
entre os dois sobros uma muralha de recriminações,
que para sempre os separasse. (1)

Fosse, porém, como fosse, o que é bem certo
de e' que Rui Pereira - o senhor de Magalhães -
havia jurado de não se desviar do seu caminho, ac-
metendo-se de império no solar de Vitorina.

Pertencendo a de aquino, arrojado como era,
comprando demasiados no questionário do seu nome e
mais ainda no valimento dos abastados bens patri-
moniaes que herdara, nenhuma consideração o dete-
ve na realização do seu plano e cívico intento.

(1) Jeronymo de Alpin foi um dos partidarios mais dedicados e leaes
do desventurado vençido de Alcantara.

A pag. 107 de sua interessantissima monografia "Historia de um
Fôfo morto" diz o distinto publicista Sr. José Caldas:

"..... E' por isso, que passam, a fôr do brado, no rio,
as mulheres; que o levam de Anha para Vila Rica, onde no
seu solar encimado de arceias, Jeronymo de Alpin, de velho e
lavado em lagrimas, lhe beija pela ultima vez, ambas as
mãos....."



Tem escuro da noite de 5 de Agosto de 1590, en-
 tistamando com bando de oito ou dez homens, todos
 bem armados, com arcabuzes, lanças e montantes,
 dirigim-se para a Pousa da Moura, para a habitação
 dos Alpinos.

Mas sucumbiu o distinto argenteiro Sr. D. Figuei-
 redo da Guerra, que no seu "Diário Viagem"

Proj. 45, nos conta assim o espantoso caso:

"Cercada a casa, bateram a porta, mandando-a abrir, incumbendo-se justiça; pauprada a entrada, arrombaram as portas interiores, batendo e espantando os criados; ao brando saltaram da suita Polixena da Silva e sua filha, que foram tratadas com iguais modos, e, aparrada a filha, puetem deusam - na fregar.

Nos pidos da criada, um acudiu a vizinhança, e os seculares juraram, disparando as espingardas e os arcabuzes.

Deste escandaloso atentado chegou noticia a corte, baixando-lhe ordem para que o doutor Luiz Salvat, desembargador dos aparrados da Vila Rica e casa do Intendente, fosse tirar da massa a Vila Rica: n'ela ficaram culpados, como principal, Ruy Pereira, Jacome Pereira, seu filho, Francisco Rocha Cardoso, Polixena, o faleço, que por nome não seica, Paulo, filho de Antonio Martins; criados de Ruy Pereira, Antonio, seu escravo por alambique o Cerqueira, Pedro Alves e mulher Luiz Antunes, Maria Paes, sua irmã e criada, Amador criado de Pedro Alves e Pedro Villa, criado de Maria Alves Pereira (irmã do principal preso, e mãe de Gaspar Pereira).

A sentença foi proferida em Barcelona a 12 de dezembro de 1790, e a justiça não se deixou enternecer com a qualidade dos acusados; a fura valeu aos fidalgos superiores a impunidade; Ruy e seu filho juraram nas naus da Índia, sendo o primeiro condenado a morrer deitado e por estar sujo, levado em estatura ao prelo.



simos, e em satisfação do
 caso foram mandadas
 derrubar, para mais não
 se levantarem, as ameias
 e lombrias da porta de Ma-
 zariés, na fuma de perdi-
 mento da pintura e mais
 mil cruzados em munda
 e corripimento para os ofen-
 didos.

D. Isabel desagradou-se bre-
 ve, casando com Francisco

de Souza Menezes.

Os restantes cuados reus, depois de au-
 darem pelas ruas de Barcois com barão e
 fregues, foram aguentados e deprecados para
 sempre nas palés.

x x x

Veis a sentença condemnatoria de Rey Pereira,
 de Mazariés e dos outros reus na assuada
 no Alpinas, cuja exactidão não podemos ga-
 rantir, porque a não transcrevemos do docu-
 mento original, mas sim de uma copia que
 como já tivemos occasião de dizer, encontra-
 mos na mesma velha evulsião do século XVII.

Para facilitar a leitura deste curioso
 documento, não se suprimiremos as
 muitas abreviaturas do mesmo original,
 mas copia-lo-emos com uma orthogra-
 fia mais moderna:

"El Rey D. Felipe faz saber, que
 por sua provisão mandou a Ouedor
 Luiz Galvão, seu Desembayador dos apre-
 vos na Pelagão de Santa para que fosse
 ao logar de Vila Rica, termo de Barcois,

a cumprir dos juizmentos e assuada e arrua
hamento de justiça, que de morte se fez a
Behienda da Lima, dona viuva de Jeronymo
de Alpinim, e a sua filha D. Isabel, morador
na vila de Vianna foy do Lima, e proce-
der contra os culpados, como fez, achando
culpados Pury Pereira, morador em Mazard
fes, Jacome Pereira, seu peicou, natural
da vila de Ponte de Lima e morador na ci-
dade de Gôa, Francisco da Rocha Cardoso,
Boteta, e Galego, Paulo, filho de Antonio
Martins, da dita freguesia de Mazardfes,
creador do dito Pury Pereira, e Antonio, seu
escravo, por alem da Pereira, e Pedro de
ves, de Mazardfes e sua mulher Gregorio
Tomes e Maria Paes, sua irmã e cunhada,
e Amador, creado do dito Pedro Alves e Pedro
Vilela, creado de tiemo Alvares Pereira, irmão
do dito Pury Pereira.

E a dita Behienda da Lima, sendo os ditos Pury
ditos por edicto de morte e das por serem maldades, e
se por seu filho: Que esta A. Behienda da dita, po-
ra legitima mulher de Jeronymo de Alpinim, de
quem teve entre outros a A. D. Isabel, sua filha,
e que viviam a lei da nobreza e fidalguia, ten-
do servidos, creados, moços e moças, como qualque
fidalgos nome de Corte deouro e Príncipe, tendo libranças,
pajotes e provisões para seu sustentamento, e por o
dito seu marido Jeronymo de Alpinim era fidalgo
por da Cam da Realidade D. Maria, com o que se
reis cada mes, e alguma de cevada cada dia, e
foy filho legitimo de Joao Martins de Alpinim, por
foya senhor de Torrecana, e qual foy filho
de Lopo de Alpinim, e bisneto de Cabral de
Alpinim, senhor da Ghesa e Azimaga, casado

com D. Tereza Pedreira, filha de Gonzalo de Souza,
 Blazido Viso de Lisboa, os quais todos juraviam de
 um Amolubho de Alpinum, que vieram de França, e
 este veio em tempo do Rey D. Affonso Henriquez,
 que era filho natural de Guicharme, Rey de França, que
 honrara de Madame Luiza, Duquesa de Brunsuic,
 os quais todos e o marido d'ela Sr. Franço Fidalgos
 de esta de armas e de nobre conhecido.

E que esta Sr. Belizenda da Silva era filha de
 Jorge de Barros e de sua mulher Helena da Silva,
 moradores em Braga, que eram fidalgos e de nobre,
 e de antiga paragem dos Barros Linas, e Castro, que
 eram das Linas, e os pais desta veio a qual
 Jorge de Barros era filho de Rodrigo de Barros e
 de Isabel Vaz de Macedo, ambos sem fidalgos, e a di-
 ta Helena da Silva, mãe e avó d'ela Sr. era filha
 de Pedro de Barros e Castro, e de sua mulher Isabel
 da Costa da Silva, a qual Pedro de Barros fôra en-
 valheiro da prinda do Rey D. Manuel, e senhor
 da quinta de Tamunif e outro de Repudo, terras
 do Porto, e a dita Jorge de Barros, pai e avó da
 Sr. de sua mulher Belizenda de Barros e Con-
 de de Barros a Sr. Rey D. Henriquez fôra fidalgos
 e ambos os pais desta Sr. aceitara, por saber da sua fi-
 dalguia; e que sendo estas Sr. desta qualidade
 de e tanto esta Sr. dehaixo da sua proteção
 dita sua filha D. Isabel, sobre doze e de 20
 annos pouco mais ou menos, e fôrta para en-
 sar, já contratada sem dote com um homem no-
 bre e rico, que tinha mais de vinte mil cruzados,
 natural do Brazil chamado Trompudo Pinto, e
 estando em sua quinta do Paço de Vila Rica,
 terras de Paracatu, lançadas em uma casa
 com duas varandas, recobertas e fechadas com
 um encerramento de treze ou quatorze annos, por

estavam indelicados os filhos de la A. com os B. B.
Puy Permin e Pedro Alves tendo - the soldo e muleque
vença pa andarum em brisas e covadas, de seu
proito, e com puzendo pram as portas de la A. A.
os ditos B. B., e outros, com copimpendos, arcaibuzes,
lanças, montantes, espadas e corpos de armas e
outras armas ofensivas e defensivas, fazendo se
justiça, que abrissem o la porte de Puy, estives-
sem puzos e que cuidando elas A. A. se jus-
ticia mandaram levantar a mania, que fosse
dar razão d'elas a justiça, que não se tene-
rem, a qual não abri a porta, comecendo o B.
Puy Permin e os demais que com ele viviam, não
seem justiça, tornara a fechar as portas, cha-
mando qui de Puy ante o dito Puy Permin,
e vendo os B. B. as portas fechadas, as abala-
ram puzendo chips quebrando as tranças e entran-
do, começaram a dar na dita mania por de-
fender a porta, comitas frascadas e pisaduras
e a tiraram em uma mão que era a esquerda
te junto do cotovelo do braço, de uma, e outra pun-
da, e na segunda do braço outra fuida, e depois de
fuida entrando na casa o dito B. Puy Permin em alta
voz dizia: A filha, a filha, dando a entender chips a senten-
da, que a filha proar e tirar fora da casa, e que
arruindo ela A. B. B. da Lina, e vendo como tra-
tavam a dita mania por defender ela A. a dita ma-
filha se lançara sobre ela, e estando assim, trahu-
tharam os B. B. tira-la pelo braço direito de la
A., e puzendo lançar - se de uma janela abaixo
para fugir, abrimo a dita janela, e deixamos the
deram com uma lança que the fizera em um canto
na parte esquerda, por terem a casa cercada com
porte armada; e resistindo ela A. D. Isabelita por
a não levarem, vendo que não podiam fazer-la

Um de um unidas franzadas e pizaduras e duas
 fuidas nas costas d'ella, uma nas costas da mão de
 um, de que fozia aliçada de quatro dedos tirando
 a grande, e outra entredada na espadua direita,
 de um praluz de embuido.

E dependendo da A. e amparando a d'ella
 sua filha, assim que a não deshorrassem e la
 nassem, como que a não matassem, dizendo que
 antes matassem que deshorrassem sua filha,
 Um de um unidas franzadas e pizaduras e
 fuidas uma na cabeça, de que levou quatro
 pontos e outra com que lhe cortaram a parveta do
 nariz, que levou tres pontos, e outra na mão
 direita que lhe defendeu os dedos, e braço, que cortou
 as canas te o meir do braço, que levou cinquenta
 e cinco pontos, de que fozia aliçada de todo o
 braço e lhe cobria um dedo e outra estava traza
 cabir e duas em uma guiza acima do peito,
 de que fozia unido chissine, etc.; e que sendo
 isto a filha da A. como a pretendiam segar,
 via matar a ela A. sua mãe, disse a as
 miças, que estavam com ela, que chamassem
 a umida voz que onde os seus irmãos estivessem
 acordassem, e que começando a fazer, se sabiram
 os B. B. com isto disparando as espingardas e
 arcabuzes que levavam deixando pedras me
 tidas nas portas e janelas da dita casa, e um
 ferro de uma lança em uma furta, etc.; e
 que tudo acontecesse em 5 de agosto do presente
 era de 90, das dez horas para as onze da noite,
 em dia de S. S. das Neves, etc., e o tempo era de
 vento, e retirado das casas, etc.; e para isto foi
 induzido o B. Buz. Lemia pelas ditas fozes Ben
 tones e Maria Paes, com quem estava amancebado.
 De havia unido avos, sendo casadas, as prais

Com os livros e com o dinheiro do dito A. se tinham
d'antes tomados com jacobinas, dizendo que se o
B. Buz. Pereira não vinha isso não era ho-
mem, etc.

A tal situação foi muito contrariado de todos
por não se acordarem a acontecer entre Povo e
Juizos sem dantes caso, e por o B. Buz. Pereira ser
nascido de bairras, ovelho, e tão dissoluto, que em
Belehor de S., casado com uma sua tia, da
vila de Vianna, dando-lhe em casamento com
ela a terra frente dos quartos de Magarijes, se le-
vantara com os filhos e filhas não dera, e chama-
va a dita quinta de Magarijes com, não estava
tendo n'ela fustiga alguma e prendia os barra-
dores em sua casa, fazendo dela carcere privado,
do, etc.

x x x

Pedia-se as A. A. condemnasse os B. B. em dez mil cam-
dades de cingida, em tres mil cruzados de despezas e em
duzentos mil reis cada anno, jure alijido, que tinham, e
na pena de capto (?), preso, etc., que era muito natural
e mais penas das ordenações e Leys do Reino.

Acordi contra os B. B. ausentes, suposto o talito,
etc., que sendo os A. A. multos nobres e fidalgos, sendo
tratados de site, e as medidas, que ficaram por mon-
tas, e que tudo visto, ao B. Buz. Pereira, antes desta
assuada, cabega, e pessoa principal d'ela, e conde-
no, que morra morte natural dephido, e a declara-
ção por fraudo na forma da ordenação, e por ausente,
e se não poder fazer vacuacion com o site em
sua pessoa, mando, que se'a levado em esta
tua com pregar de cadeia publica desta vida
ou preloquio, onde lhe sera cortada a cabega, e
prendurada n'ele, ficando o corpo no pé a' vista
do povo por espaço de tres horas e sera defido.

levada ao local, e vista de delicto, e finada em um
 juizo em lugar alto, onde esta até que o tempo a
 paste; e em memoria de tão grande caso, mandou que
 as ameias, e lombrias de cima do portal da quinta de
 Kragarjes, do R., se derrileem por terra, e se não tor-
 nem a pôr, e levantar, em tempo algum, sob pena
 de perdimento da quinta e dezas propriedades, e di-
 reito, que o dito R. n'ela tem, para a minha esvã
 por constar, que da dita quinta sahira o R. e os
 demais, a cometerem o dito viscont, e assim mais
 o condemnem em umf cunhado de injuria, e emenda
 e corripimento, os d'os terceiros para a A. D. Loulê, e
 o outro para a A. sua mãe.

E quanto ao R. Pedro Alves, visto como se mostra
 ser muito parte na dita assuada, o condemn
 que com barazo e pregar pela vila, seja publi-
 camente agoutado e va' depredado para as palispa-
 ra sempre e praque as A. A. de sua fazenda e da
 de sua mulher Guy Antunes, primbeitos cunhados pa-
 ra as ditas A. A. repartidos como acima.

As ditas Guy Antunes e sua mulher Maria
 Paes, condemn, que com barazo e pregar pela
 vila, vãr depredadas por seis annos para o Bra-
 zil.

E aos R. R. Francisco da Rocha, creado do
 dito Guy Terena e a seu escravo Antunio con-
 deio, que com barazo e pregar, sejam publica-
 mente agoutados e vãr depredados para as pa-
 lis por cinco annos.

As R. Joaze Terena condemn, que va' depre-
 dado por quatro annos para um dos lugares de
 Africa.

E os demais R. R. Carlos, Britta, Pedro
 Vitela, Paulo e Amador, os condemn, que com
 barazo e pregar, sejam publicamente agoutados

e não depedados cada um por dois annos para as galis.

E a estes cinco, como os R. R. Antonio, o escrivão e Francisco da Rocha, mandos que não entrem mais nas fezesias de Magarejos e Vila Rica sob pena de depredo perpetuo para as galis e outro sem os cndelir nas curtas.

E mandos a todas as justicias trabalharem quanto for possível por prenderem os culpados para n'elles se fazer a execucao com effeito, etc.

Sem Barcoza 12 de Dezembro de 1590.

E portanto vos mando, que assim o cumprades e faqas prender e executar os culpados e depredar o dito Ruy Pereira, de Magarejos.

O R. Rev. Altes por sua fazenda tem de entregar aos promadores das A. A. primordios em-
lados em que foi cndenado, e curtas.

Le pela fazenda do R. Ruy Pereira estar as A. A. satisfeitas, etc.

Barcoza 12 de Dezembro, Sr. Rey o mandem pelo dito Doutor Luiz Jobnar. Manuel Alves, escrivão da escriptura dos crimes da Casa e Relacao do Couto e dita alçada, a fiz, anno de 1590.

— A proposito deste caso o Sr. Dr. Figueiredo da Pueria, no "Arquivo Viarense", pag. 45:

As annias ainda lá fazem a um canto, apreadas e empinadas, mas a padieira foi esqui-
da volvidos 84 annos, em 1674, por Gaspar Pereira e não nos consta que os Alpinos da Vila Rica recu-
massem a puinta e os orçados, e segundo teste-
monhos da propria hmbreim, a Terceira já con-
tava com isso quando, apropriando o prealuno
R. R. D. mandou pravar na verpa da porta
as praças a Deus preto seus que lhe dera, e que
das mãos de seus filhos haviam de passar.

dos Azevedo de Maranhão.

De manuscritos que temos presentes consta que
 Pêro Pereira faleceu junto do Cabo da Boa Esperança
 no naufrágio da nau Salvador, em que fizera
 viagem para a Índia.

Je-di havia estado duas vezes, sendo uma
 ali por 1581.

Foi capitão e governador Moombaza, onde
 muito se distinguia como valente militar.

Na casa de Tragações succedeo-lhe um
 irmão Pêro Alvares Pereira, casado com D. Ga-
 bel de Tracedo, pais de Joam de Gaspar Pereira,
 o que mandou gravar a seu nome e o de seu
 tio Pêro Pereira na fachada do portal de Tra-
 gações. Gaspar Pereira ainda vivia em 1674.

Fim da antologia de A. Ferraz.

Notas complementares = (colhidas de varias publicações)

por Fran.º Cardoso e Silva

Se para os monumentos os pedregulhos nada mais
 foram do que instrumentos (particulares - uma edifica-
 ção a modo de fôrca - devendo ser, por isso,
 arrazados e destruidos, para que d'elles não reste
 a mais tenne recordação; para os que vivem e
 estudam, esses monumentos, que um passado
 longínquo nos legou, são elementos de alta im-
 portancia não só para o estudo da arte, mas
 até para a historia dos costumes e instituições de
 um paiz, e como tais merecedores da mais at-
 tenta attenção por parte dos municipalities.

Assim a reconhecem a civilizada França, que
 tem procurado, e procura ainda hoje, restaurar
 e conservar nas suas cidades esses interes-
 santes monumentos.

Assim o reconhecem o modo salio arguam

Logo Villhena Bonhosa, nos seus apreciados Estudos
históricos e arqueológicos, onde diz que os pedruzinhos
apreciam preciosos elementos para o estudo da archi-
tectura em o nosso paiz, pois que nelles estão
representados todos os estilos architectonicos, intro-
duzidos em Portugal desde o século XIV, e até em epo-
cas muito anteriores, porque alguns ha constâncias com
pedras lavradas, que pertenceram a edificios roma-
nos como o da cidade de Setúbal, que é uma ma-
gnifica columna corinthia de mármore, extraída das
escavações empreadidas nas ruínas da cidade ro-
mana Cestribra.

Que esta razão fez muito apreciavel o estudo
destes pedruzinhos para a historia da arte entre nós;
mas o que podera tornar esse estudo ainda mais
valioso, é a circumstancia de serem raros os mo-
numentos antigos neste paiz, que conservem as fi-
ças primitivas em toda a sua pureza.

E finalmente assim o comprehendem tambem
a Real Academia dos Architectos e Arqueologos Portu-
gueses, que, n'uma das suas sessões de 1805, deliberou
e muito bem, officiar a todas as camaras do paiz
pedindo a restauração dos pedruzinhos.

Dem merece, pois, o tanto serado hauteuse,
pela intelligente e acatadissima iniciativa que
tomou de muito antes d'apela resolução da illu-
stre e respeitavel academia, mandar restaurar
o primeiro pedruzinho desta antiga villa.

E, diga-se em homenagem a verdade, não
se conseguiu sem muito trabalho e pacientes
investigações, porque, infelizmente, o pedru-
zinho de Paçeros ha muitos annos que havia si-
do apreado e os seus materiaes dispersos, mas
pela vida e attenção do ped. conselho.

O pedruzinho de Paçeros foi primitivamente

construído, segundo a costume, então provavelmente se
 findo, no largo fronteiro aos Paços do Concelho, por
 por este facto ficou sendo chamado Largo da Pista.

E a Rua das Três, que nunca abriu - se n'aquele
 largo, pela mesma razão, teve a designação da
Rua da Pista, como tudo consta de documentos do
 século XV, que estavam guardados no arquivo da
 nossa Colegiada. (1)

Pista foi a sua primitiva designação em
 tempo e só mais tarde - depois do século XV
 e que se lhe chamam prebendado, como deriva
 do do francez prieuri.

Não é possível dizer - se ao certo quando
 Paços teve a sua autonomia municipal, e se
 mantem, por consequencia a seu prebendado.

Devia ser, porém, em época muito remota,
 porque a nossa terra é uma das ferrações portugue-
 sas mais antigas.

Assim o prova o seu primeiro feudo, que
 lhe foi dado por el-rei D. D. Affonso Henriques,
 entre os annos de 1140 e 1146.

Durante muitos annos - (alguns seculos com
 certeza) - esteve o nosso prebendado no lar-
 go fronteiro aos Paços do Concelho, até que em
 1630, resolvendo a Câmara construir a cha-
 riz erupção que hoje existe reconstruído in-
 completamente no campo de S. J. de, teve ne-
 cessidade de o remover d'ahi, collocando-o
 junto da face oriental da torre da Porta Nova,
 onde se conservou até 1865, pouco mais
 ou menos.

Neste anno a necessidade de repul-

(1) Julgo que o Arquivo da antiga Colegiada foi remetido para
 a Torre do Tombo.

pizar a pequena rua que hize feita a do Sancti Pauli com a Largo da Porta Nova, obteve a licença de entrar, e apesar pela segunda vez a pedreira; mas, muito acidentalmente do que precedeu a erecção de 1630; desta vez não tornou a deliberação de a reconstruir e os seus materiais foram guardados nos baixos do edificio da Camara, e dentro em breve rotados ou mais completamente abandonados.

As pedras que formavam a pedreira que se viuinho — uma linda peça architectonica de estylo gótico — foram applicadas n'uma parede interior dos Sacos do Concelho.

A pedra foi mais tarde aproveitada como pilar de um candieiro da iluminação publica e a base chegou meuzo a ser levada para a pra da vila.

Foi n'este estado que a Camara de 1905 encontrou a seu velho pedreiro.

Contudo, com alguma paciencia, e com poucos trabalhos, fez reunir todos esses materiais dispersos e ordenou a reconstrucção n'hoal que lhe pareceu adequado — a pedreira junto aos Sacos dos Condes de Barcelos.

E tão feliz foi no seu intento, que até as primitivas correias do pedreiro appareceram n'um esmolheiro da Torre da Porta Nova, (que seria de sadia), e que foi incontestavelmente um precioso achado, porque não te mos noticia de que, entre os muitos pedreiros que ainda se vêem em Portugal, e mais nas provincias do sul, onde eram mais frequentes, alguns d'elles possuam a parte tão caracteristica.

Cabe, pois, a' erecção de 1905 os

mas cabrosos elapsos, por haver restituido ao
conselho que admittiu, um monumento que
unite a honra, por ser o padrao commum
nativo da sua independencia municipal.

x x x

Ainda a propósito d'este interessante monumento
que a illustre veneravel barcelense ultimamente man-
dou reconstruir, transcrevemos hoje da mappa da jun-
ta de "A Nossa Patria", (dizia "O Comercio de Bar-
celo" de 9 de julho de 1905), um artigo firmado pe-
lo distinto escriptor e arguestor Sr. Silva Leal,
que acompanha nitida gravura do Templo de
Barcelo, cuja reconstrução se ultimou ha dias ju-
sto ás ruinas dos Paços dos Condes de Barcelo.

Quando a nossa digna Camara tomou esta
deliberação tão apreciada por todos os que teem
compreensão, ainda que ligera, de coisas de
arte e que a breve breves conseguem executar, sob
a competente e cuidadosa direcção do nosso
senhor e illustre edilicidante de conselho Sr.
Dr. Antnio Taraz, que penitentemente ascendeu aos
degraus da camara n'este sentido, houve quem
(e ha sempre!...) por absoluta ignorancia
ou por instincto de ferina má vontade, re-
fuzasse com praepto ridiculo e apreciação, in-
ptas a reconstrução do antigo Templo desta
vila.

Em primeiro e erudito artigo devido á
pena de quem uniu entre deste assumto, a
cuja estudo se dedicam actualmente requi-
sitaveis e sabios apreciações scientificas, ex-
poz o nosso formal e valor historico e ar-
tistico dos Templos.

E eram tão notaveis e bem funda-
das as considerações aqui bordadas pelo

nosso illustre collaborador, por em alguns periodicos.
os temos visto transcritas.

A empisar tudo quanto temos dito a proposito
dos nossos monumentos, inscruos, em um dos nossos
ultimos numeroes, alguns periodos de um paner de
Camatho Antipar, o inscruo meinte e apreciador de
arte, e agra transcrevemos, com a devida reueia, e
atiga do Sr. Lima Leal embleudo, emos disscimos,
no ultimo numero do interessante jornal A Nova
Patria, por, desde o começo da sua publicação
destinava uma de suas colunas a critica dos
Publicados do nosso paiz, em sumitas provas
prouas destes monumentos.

Tem toda a oportunidade esta transcriçã
que significa tambem um gesto e valher
haver a resoluçã tomada pelo Senado
celeste.

Queramos a Sr. Lima Leal.

"Eis um publico sabio do equi-
mento, a seu fia rebratadamente corduado,
paças ao espirito e a perseverança de dois mes
tempes cidadãos dos paes a arquiologia por
truzega deve ter relevante seruigo.

E' dos mais beos monumentos do seu paiz
no, tendo a sua funda em a paida em esteb
põtico.

Primitiuamente estabelido no lugar dos
Paços do Concilio, por por esse motivo se fi-
am chamando Lugar da Presta, ali permaneceu
durante muito tempo, ate por em 1630, rest-
uendo a Camara fazer constuir a chyluz, por
hoji existe no mesmo lugar, mandou reuo-
ner o publico para fins da indua.

Em 1855, pucendo a Camara de se
ter regularisar a sua por hya a de Faria Portugal

com a Lays da Ponte Nova, fez apelar a prebendados,
sem a recantalar, como lhe cumpria, e que deu
em resultado dispersarem-se as diversas peças
que a compunham, de tal modo que a base de
que se tirou para a vila, e fusti foi apêndice
a fustar de um candieiro e a fustar apêndice
n'uma parede!

A actual Camara, sob proposta do
seu presidente, Sr. Dr. Vieira Ramos, atendendo
as solicitações do adjuvante do concelho, Sr.
Dr. Antonio Ferraz, approvou a reconstrução do ju-
bucinho.

Foi este o motivo para a falta de investi-
gação, e consequente esquecimento de todas as materias dis-
persas e dissipadas reconstruindo no juvino fustar
os antigos Paços dos Condes de Barcellos.

Até as proprias correntes do juvino fustar
prebendados foram achadas n'um esquadro da
Tome da Saldia, e que foi, inadvertidamente, um
hebra achado, pois não ha noticia de prebendados
algun que pessoa fosse a quella parte tão con-
fustica.

A resolução da Camara approvando a recon-
strução do seu prebendado foi tomada em sessão
de 1 de Maio do corrente anno; e tão dedicada
foi a illustre director dessa reconstrução que o ju-
bucinho já se encontra esculpido em toda a sua
belezza, como a demonstrar a gravura que fusti deves.

Na mesma praticidade de obras da Real
Associação dos Arquitectos e Arquitectos, levamos
ambos da proxima assembleia prof. para ser
tomada na devida consideração, e valor ser-
viço prestado a arquitectura pelos dois citados ar-
quitectos, com a brilhante e successiva da illustre
Camara municipal de Barcellos.

A primeira praça por esta vila teve, fôrta dada
por D. Afonso Henriques (sem data) entre os annos
de 1140 e 1146, confirmada por seu filho D. Sancho
I, em Santarém, em 1208.

D. Manuel the deu praça nova em Lisboa a
7 de Agosto de 1515.

— x x x —
A reconstrução do Pelourinho de Barcelos teve lugar em 1905.

— x x —
Vi a publicação feita no jornal "A Barcelense" dos n.ºs 1172 a 1189 de
1933.



Um recanto da linda cidade de Barcelos, vendo-se a Metriz e as ruínas
do Paço dos Duques de Bragança

- Estatua a Barcelos -
ou "Linha algarvia do Barcelos" -

A estatua a Barcelos (ou Linha algarvia) ou figura de um guerreiro dos tempos idos, mettido com uma lança em riste, estava sobre a porta da Ponte a Liza ali collocada pelos annos de 1730 a 1733 a expensas do Senado Municipal.

Esta estatua derribou completamente com o Pal. do Duque depois de terem dado as 6 horas da manhã do dia 24 de Janeiro de 1800 desaparecendo por completo entre os escombros que cahiram no rio, e após deste guerreiro, apparecendo alguns annos depois apenas a cabeça, a qual está n'uma casilha em uma parede das ruinas do Palácio Duque, hoje adaptada ao Museu Arqueologico Municipal.

Devido a este facto, em antes, a este similitude, se cantam propriamente as seguintes quadras:

O' Barcelos! O' Barcelos!
O' Barcelos! O' Vadio!
Carste da Ponte abaixo
Foste beber agua ao rio.

x x x
E o seu filho Barcelinhos
Foi ingrato the sahio,
Vendo cair o rio ao rio
Nem por isso the acudiu.

Riz-se que as raparigas de Barcelinhos, quando he novam vezem no rio ficando as de Barcelos he cantavam a primeira destas quadras, a qual as de Barcelos respondiam cantando a segunda.

x x x
O P.º Domingos Japuzim Pereira, abnd. do Livro

na sua Memória Histórica da Villa de Barcelos, Barcelinhos e Villa
Nova de Famalicão - (1867) - a pag. 33, referindo-se a esta esta-
tua diz: - " Sobre a porta virada a ponte estava uma
estátua de Barcelos em pie, bem elaborada em fina
pedra, no formato de um S. Jorge, que alli se estabele-
cada pelos annos de 1730 a 1733, e por baixo do
escabello de seus pés, por ordem do rei D. João 4.^o,
3.^o duque de Barcelos e 8.^o de Bragança, obra em Al-
cantara em 30 de junho de 1654,

Nos pés desta estatua estava gravada a inscriçãõ constante de
folhas 40 do I Volume destes Apontamentos.



Estátua a D. António Barroso

Esta estatua foi inaugurada no Largo da Câmara ou Praça Municipal, por ocasião do 1.º Congresso Eucarístico Missionário feito em Portugal, com a assistência de todos os Prelados portugueses em 3 de Setembro de 1934.

No dia 3 de Setembro de 1934 (Quinta-feira) na Praça Municipal, desta cidade e na presença de Sua



BARCELOS - Estátua do monumento a Dom António Barroso

Sacramentos o Senhor D. Manuel Cerejeira, Patriarca de Lisboa, Bispos de Portugal, Autoridades e milhares de pessoas, foi inaugurado o monumento ao espírito Barroso e Santo Bispo de Porto Senhor D. António Barroso, insigne Missionário, que tanto engrandeceu a Igreja e a Patria.

Esta monumental obra foi feita pelo ilustre Professor doutor Augusto de Sá, Sr. José Marques de Sá e a expensas de uma subsc. de 5 milhas - tanto por sua iniciativa e despesas

custou a digna Comissão encarregada a organizar os necessários doativos - depois de com. a 1.ª Câmara.

Tudo, ha poucos mais de 4 anos!

Após, no dia 19 de Dezembro de 1938 (sexta-feira), pelas duas horas da tarde, os pedreiros começaram a demover o monumental e artistico escaadario que dá access ao monumento!...

Segundo nos avista a magnifica pedreira

que não retirando do escadório, vai ser para fazer
a Esq. Matiz, de que é Barro e Sr. Padre Teófilo
Alexandre Ladeiras, natural da freguesia de Gouveia, do
concelho de Espinho, com auctoriscação da 2.^a Camara
que tem como Presidente e Sr. Theophrastus de Almeida,
natural da freguesia de Lousos, deste concelho.

— * —
Theophrastus de Almeida, como membro da antiga
Comissão do Monumento a D. Antonio Barro e como
barcelense, protesta contra a demolição dessa obra monu-
mental, por, no dizer das maiores autoridades artís-
ticas de Portugal, é uma obra importante do escultor Luiz
Caldas e do escultor Theophrastus de Almeida.

Fica bem a estatua de bronze do bom Bispo, alim-
quando naturalmente do alto do seu pedestal a que tem
a escadaria da grandezza.

<Do jornal "O Barcelense" n.º 1448 - Sábado 24 de Dezembro de 1938.>

— * —
A estatua a D. Antonio Barro foi erigida na
Praça Municipal, em frente ao edificio da Camara, nas es-
calas da Esq. Matiz.

Em cima de um pedestal de granito da região, eleva-
se em tamanho natural a figura em bronze do bom
Sr. bispo e grande missionario, de batina e amplas
angia, descoberto e de pé, em attitude de almeçar.

No pedestal, na frente e em baixo, contém dois gru-
pos em bronze, representando grupos de varias razas em
oração e inferamente a seguinte inscriçao: DILA-
TANDO A FÉ, O IMPERIO. Esculdas em
I Est. II e nos pés da estatua: "A D. ANTONIO
BARROSO. MCMXXXII."

Nos lados, no mesmo pedestal, tem gravadas as
datas mais importantes da vida do personado.

Até ao lado direito: "MCCCLIV" a

do seu nascimento e do lado esquerdo: "MCMXVIII",
a do seu falecimento.

Na parte posterior a inscrição: "ERIGIDO
POR SUBSCRIÇÃO PÚBLICA".

Do topo do plinto desta estatua desce até à
sua Tumba Barroca um grande escadório com pa-
tamares e guardas em pedra, ao qual o povo pôz
o nome de São Braz Pão, comparando a sua ma-
gnificência superficial com a pobreza do escadório que
dá acesso à Capelinha de S. Braz, em Barcelos.

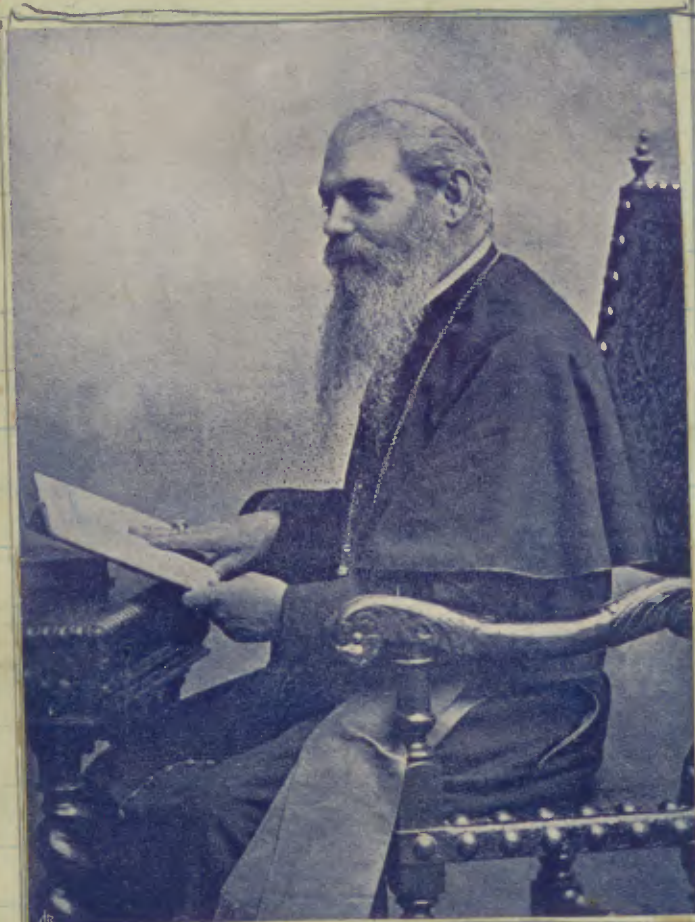
A inauguração desta estatua foi em 5 de
Setembro de 1931, por ocasião do 1.º Congresso Eurió-
pau Português, realizado nesta cidade.



Monum.ª D. António Barroso



Foto tirada por ocasião da inauguração da estatua em 5 de Setembro de 1931,
vendo-se à esquerda o pavilhão com todos os membros portugueses e de S. M.ª o Sr. Cardeal Patriarca.



Foi nomeado Prelado
de Moçambique a 12
de Fevereiro de 1897, com
o título Bispo de Chimera.

No Consistório de
15 de Setembro de 1897
foi confirmado Bispo de
Machipato, na Índia,
pela Santa Sé.

Em 1899 foi trans-
ferido para a diocese
de Porto onde entrou
solenemente a 2 de
Ago de aquell'ano.

Nasceu no freguesia de
Remete, concelho de
Barridos, em 5 de Fevereiro.

- Sr. Antonio Barroso -
- Regente Ministro do Ensino -

Em 1854. Entrou aos 17 anos para o Colégio das
Missões, em Leirache do Bomfim.

Em 15 de Outubro de 1879 celebrou a sua
Missão Nova na freguesia de Remete.

Em 1880 embarcou para as Missões de
Cangola e em Janeiro de 1881 partiu para o
Congo.

Faleceu a 31 de Agosto de 1918, no Porto.

= Estátua a D. António Barros =

- "Notas complementares" -

Seu Traçado de 1939 (p. 1)
 The contacto um lance
 de cinco escadas e um
 pátio de igual dimen-
 são nos existentes, en-
 já fecha bem com
 uma grade de con-
 creta que elevava a
 altura tanto as faces
 laterais de todo o
 escadório, foi apli-
 cado no lancean-
 to da Loja Matriz,
 o que originou gran-
 de elevação na im-
 prensa local, pois
 pretendia-se des-
 fazer todo o esca-
 dório que dá acesso a este monumento.



Esta demolição principiou-se a fazer no
 dia 19 de Dezembro de 1938 (2.ª feira) pelas
 14 horas - (duas horas da tarde).



Foi inaugurado em 3 de Setembro de 1931
 na ocasião do 1.º Congresso Missionário.

A Estátua a D. António Barros, é da
 autoria do grande escultor Souza Caldas, que interpreta
 admiravelmente, a aquela figura serena e branca de aposto-
 to, a psicologia do lutador indomável, do nobre Portu-
 guez de outros tempos.

Túmulo de D. António Barroso

Em Remelhe a 5 quilómetros de Barcelos.

Capela - jazigo do "Bispo Missionário," a quem o povo presta verdadeira adoração. Foi feita a expensas do freguesia de "São João do Porto".



BARCELOS — O túmulo-capela de D. António Barroso, no cemitério de Remelhe

D. António Barroso — Nasceu em Remelhe a 5 de Novembro de 1854 e faleceu a 31 de Agosto de 1918, no Porto.

Santu missionário, depois bispo do Porto.

Foi-lhe inaugurado um monumento em Barcelos em 3 de Setembro de 1931.

(Vide pag. 138 e 139 do III Vol. d'Actas Alportanenses.)



Túmulo de D. António Barroso

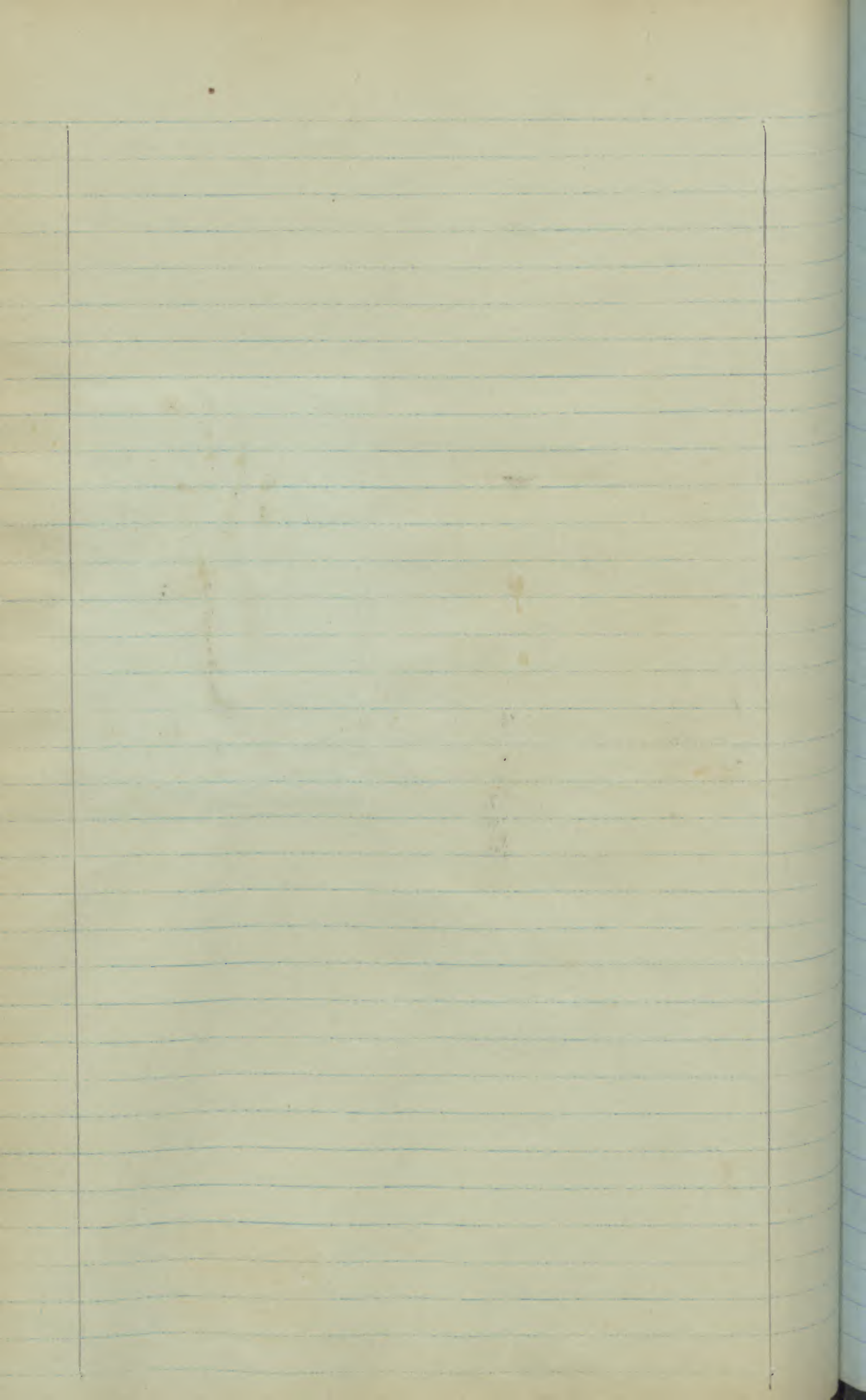
= Estátua ao Dr. José Norões (busto) =

Foi esculpido o busto do saudoso Conde
Muir de Estado Dr. José d'Almeida d'Almeida Leite
Norões, na praça central do Jardim Público, desta
cidade.

= A sua inauguração: =

Fez-se pelas 16 horas do dia 2 de Maio de
1938, no Jardim Público,
com a assistência de todas as
autoridades locais, esposa e
filhos d'aquela Honra do Estado,
tendo obrevoados na cidade,
especialmente esta
praça do Jardim, um
avião civil pilotado por
um filho do homenagea-
do - Dr. José Norões.





Monumento aos Mortos da Grande Guerra

Este monumento erguido em memó-
ria dos mortos da Grande Guerra, existente na
Avenida Combatentes da Grande Guerra, compõe-
se de um obelisco encimado pelas armas
nacionais com a Cruz de Cristo.

Na sua base tem a seguinte ins-
crição: - "Aos Mortos da Grande Guerra de 1914-
1918" - e mais abaixo: - "Pela Junta da Fre-
guesia - 1930."



x x x
A 1.ª pedra para a erec-
ção deste Monumento, lançou-
se publicamente no dia 2
de Maio de 1925, na pre-
sença de todas as autoridades
das terras e, em representação
da M.ª da Guerra, o Sr. do
Lar, sendo nascem a seguir
do Sr. Com.º de V.ª.ª.ª.ª.ª.
Linha, porém, outra Câmara
na mesma ergi-lo no
local onde actualmente
está.

x x x
Foi solenemente inaugurado em
11 de Novembro de 1930.

(1914-1918) - De iniciativa da Vereação da Câmara de 1925
erigido em 1930 pela Junta da Freguesia local.

A sua direita tem a Fachada da Igreja do Espírito.



Fórea =

ou Lachã do Senhor do Galo =

(Da História de Curitiba, por A. M. de Amaral Ribeiro).

"Havia em Paucellhos permanentemente levantada uma fórea, a que usou nos crimes, que succedesse senão em Lisboa, e no Porto.

Era em Paucellhos no monte de S. Tripes a Ant. conhecida hoje pelo lugar de Senhor do Galo, que erao justizadoz os criminosos.

Ainda lá existe em pé, dentro de uma brecha de matto tapada, a fórea de pedra de cantaria com sua platina. Jerma, que, no lugar da antiga, a Camara mandou fazer, como consta do termo de arrematação d'essa obra, lançado a fl. 17 v. do livro, que serviu em 1782, e data de 20 de Janeiro.

Distante d'esse praticub cerca de setenta e tantos passos, mas em frente d'elle, e na aurella da antiga estrada, que da Villa segue para o Porto, existe um antiquissimo monumento de pedra, que deu o nome de Senhor do Galo a esse lugar, e memoria, segundo a tradição, o milagre de ter sido livre do praticub por S. Trips, um gallo innocentemente condemnado a fórea, ficando bamba a corda, que lhe servia de laço, e elle suspenso no ar, como se algum o sustivesse, ou lhe ficasse o susto; a isso alludem algumas das figuras baixadas no monumento, cuja descripção minucioza e fiel é a seguinte:

Consta elle de um quadrado de cantaria de pedra porreira em forma de dois degraus, dos quaes o da base tem

$\frac{1}{2}$ palmos de cumprimento para cada lado, e poucos mais de um de altura; e seguintes $\frac{1}{2}$ de cumprimento para cada lado, e a mesma altura, que o outro; no centro tem um pedestal com tres gradus para cada lado, e pouco e meio d'altura.

Esta enfastada a seuas n'este pedestal (mas bastante inclinada, e com risco de cair) uma pedra de 7 gradus escassos de altura, $2\frac{1}{4}$ de largura, e 1 de grossura.

Na face, que esta virada ao Sudoeste tem lavrada em relevo a figura de um homem pendente de uma corda bamba, amarrada ao pescoço, e por baixo outra figura com a cabeça, e com a mão esquerda na attitude de soste as plantas dos pés do homem, que pende do laço, e tendo na mão direita um bordar com uma cabaza, pelo que devota ser S. Thiago.

Na face opposta, isto é, na que olha para o Nordeste, tem em cima n'um canto a figura do sol, e no outro a da lua; occupa o centro uma figura, que parece ser Nossa Senhora, e por baixo outra, que se assemelha a de S. Paulo, por ter na mão direita um esquadro, e na esquerda um livro aberto.

Em cima d'essa grande pedra assenta uma cruz com sua planta, tendo de uma só pedra com 6 palmos d'altura; de ambos os lados tem a cruz a imagem de Christo encilhado, e na planta na face do Sudoeste, logo abaixo dos pés do senhor, e acima da cabeça do justigado, a

figura de um Gallo, virado para a lado da
 Igreja, que d'ahi se vê, e dista cerca de dizen-
 ta e tantos passos; e na face do Nordeste,
 igualmente logo abaixo dos pés do Senhor a
 de um drapão semi-toccos.

Se bem que todas as figuras sejam semi-
 to-toccos, e possivelmente feitas, o que além
 da impiedade, mostra alguma antiquidade,
 comtudo devia ter custado bastante dinheiro
 no esse monumento, não sendo por isso
 de crer que fosse erecto para outro fim,
 senão para memora o facto, que a
 tradição confirma, com mais ou menos
 versões, como de ter contado um Gallo as-
 tado, etc., etc., como prova da innocencia
 do réo.

Não havendo, que nos existe, nada
 escripto a tal respeito, deixamos de referir
 o facto com os episodios, que andam, na
 bocca do povo.

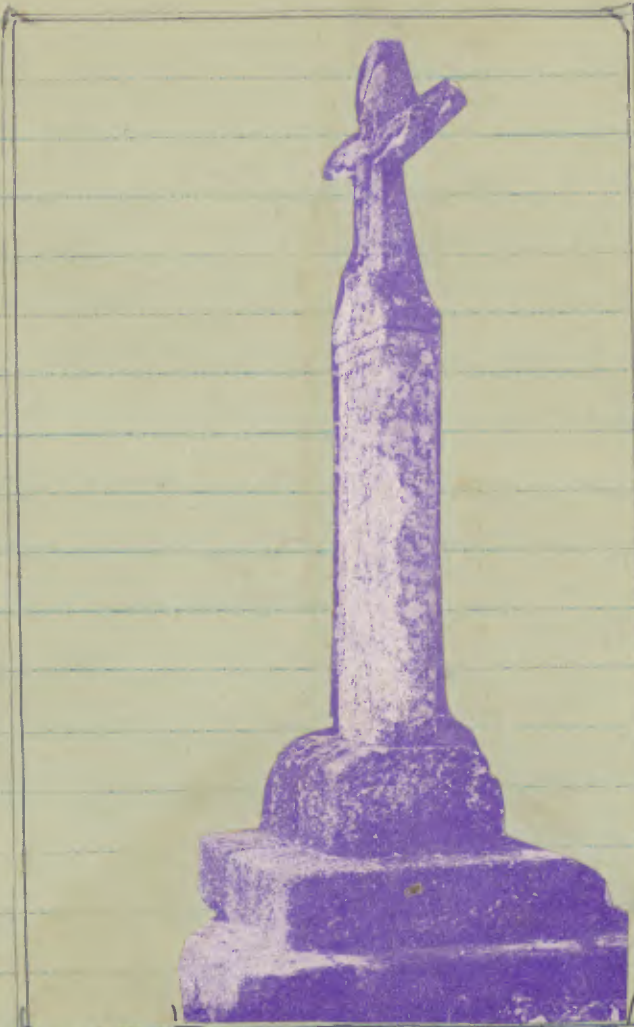
Em eras mais remotas existia a for-
 ça além do bairro, onde esta, sita a re-
 arhecimento do Menino Deus, chamando-se
 ainda a esse sitio - força velha -

Não ha muitos annos, que ainda lá
 existia um pilar do portão.

Quando se hia d'ahi a força para o
 Monte de S. Nizpe, junto a' estrada do
 Porto, por ser mais frequentada, e prate-
 te esse sitio do que aquelle outro?...

X X X

Esta obra foi feita a qual consta desta descrição por Gonçalo Gonçalves, da freguesia
 de Santiago, da Vila de Caminha, pela informação de 33.000 réis - (Acta
 da Camara de 26 de Janeiro de 1712, já citada).



"Sachão de Leitor do Galo" - Fôrca -
da fôrca de S. Miguel - a Capô.

— x x y —

À lado direito do
"Sachão de Leitor do Galo"
estabelece-se

Museu Arqueológico de
Barcelos.

(Vide pag. 30 do III Volume.)

— x x x —

(Vide folhas 34.º deste Volume.)

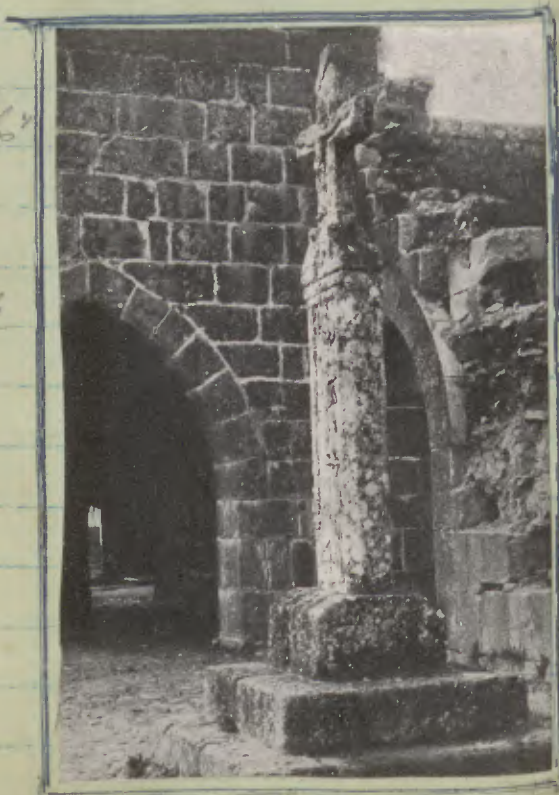
- A Fôrca -

Tezouro monumento
mandado fazer pela
Câmara do Monte de
S. Miguel, de Barcelos,
como consta do
Auto de arrecatação
desta obra a folhas 34
v.º do respectivo livro
em data de 25 de Ja-
neiro de 1712.

Enquanto se nota mais
explicativa, consultar a
peça de Amador Ribeiro
citada nas páginas an-
teriores.

— x —

Dois livros das reuniões Camarárias =
1712 - Foi feita a arrecatação



= Museu Arqueológico =

D. João, 1.º conde de S. Antão de 1385, deu a Condado de Barcelos ao Conde D. Álvaro Pereira, que já era Conde de Evreux desde 1 de Julho de 1384 e ainda mais teve o condado de Arraiolos em 16 de Dezembro de 1387.

O Conde D. Álvaro Pereira, VIII conde donatário de Barcelos, apenas teve uma filha - D. Brites Pereira - do seu casamento em 1376 com a nobre D. Leonor Alvim.

D. Brites casou em 8 de Março de 1401 com D. Afonso, filho legitimado de D. João I e D. Inês de Castro, no mesmo dia desse casamento, deixou o condado de Barcelos para seu filho que já era o II Conde de Fátima desde 31 de Outubro de 1379 e foi elevado a I Duque de Bragança em 1442.

D. Afonso, VII conde donatário de Barcelos, poderoso e opulento príncipe, fez construir "Paços abastecidos" na sua vila sede do condado, em posição dominante a rio Cavado, com riqueza e grande luxo, local de vistas esplendidas num conjunto de maravilhosas maravilhas.

É o local do lado da "Igreja Matriz" barcelense, construída nos séculos XII-XIII, que inspirou por certo, pois registou a intenção de nela erigir "Colégiada" que seu filho D. Fernando - II Duque de Bragança e IX Conde de Barcelos em 1461 - fundou com os primeiros "Estatutos" outorgados em 7 de Outubro de 1464 pelo Arcebispo-Bispo D. Fernando da Gama (1460-1467).

Recomendo-se a todos por investigar minuciosamente a época inicial da construção dos "Paços de Barcelos", no entanto sua riqueza arquitetónica manifesta influencia francesa nos telhados de pouco alto e no conjunto espartilhado das originaes escanias ou examinadas e desenho de Duarte Pascual no "Livro das

Inteiras" arquivadas na Torre do Tombo.

O. Alvar viário, visitou cortes e países de cul-
tura sabendo a Portugalça do tempo, sendo de erer
que de La Trouesse impressões que promoveram
o culto artistico que deu a obras suas.

Como os "Paços de Barcelos" já estavam de
trov emendados em 1507-1508 - data dos Traços
de Duarte Dinuz - apenas poderemos afirmar
que os consturiram durante o século XV, talvez
na primeira metade, em vida do I Duque de Bra-
gança falecido em 1461.

Com a edificação de residencias suburbanas
em Guimarães e Póvoa, desbraganço da familia para
a Alentejo no século XVII e elevação dela em termos
no século XVIII e de erer que raro permanecesse
em Barcelos, decaindo os "Paços" pouco a pouco até
que a megasismo de 1755 os abalou, inutilizando
a edificação para a grande devoçada de 24 de Janeiro
de 1800.

O que dos "Paços de Barcelos", além Guimarães de
Bragança, só hoje restam ruínas.

Mas o seu aspecto conserva um in-
confundivel ar de reza nobreza, vincando o ar no-
bre da povoação e a tal ponto que o falante "Bra-
são de Domínio" de Barcelos não é mais do
que a summa dessa zona quatrocentista da vi-
la próspera dos primeiros Braganças!

Ambiente profundamente evocador, por-
tanto, propria indubitavelmente da sua história
e perpetuando ilustre de suas elevadas tradições!

Foi nesse local, de duas orçãos e de tam-
notavel significação, que se instalou o Museu
armadorio de Barcelos, em aplanado curiosissimo
de robustas pedras, já merecendo uma visita de-
morada.

A descobrir o local mais ou menos autêntico de um
 furo de pau a uma serraçãu rija e como todas as
 peças expostas estão etiquetadas - em aculpi e
 de fácil leitura - o exame da coleção é simples e
 atraente.

Ha um pouco de tudo desde os restos da epo-
 ca romana "uma orna, ladrilho, tijolo, calças"
 quasi até aos tempos modernos.

Do estilo românico existe-se um curioso vaso
 de um pouco epijando, um vaso antigo
 de vidro, uma orna de estriado obliquo, ar-
 cades, tumulares, restos monacais varios, estelas, en-
 fiteis "um deles talvez mediu invocante" furos de
 agua quente e uma latrina epijando, duas espal-
 tinas de calcarias amassadas, um pouco com o
 ardido para as montes regionas, etc.

A piteca esta representada por um arran-
 que de archediva da antiga Matriz em conjunção
 com uma cunha em sua inscriçãu, por uma
 grade de ferro muito interessante e furos de agua
 quente.

Do renascimento ha vários heraldicos de con-
 rias, um pathetico para altar, ostentando a Cruz
 da Ordem de Malta, interessantissimo.

Ha de século XVII duas tampas de de-
 quiltra com a data historica de 1640, umas
 simbas em que se acham ser um exemplar cu-
 rioso de serrabena.

Existe-se um cruzeiro figurando histô-
 ricamente na cruz, com de expressões variadas, obri-
 sas pedras de armas como deus de D. Frei Barto-
 lomeu dos Matheos.

A visita ao Museu Epigraphico importante e da
 provincia de Matheos de arcaria ebrante, obri-
 sas pedras de armas como deus de D. Frei Barto-
 lomeu dos Matheos.

de a atenuar a abobada e pinnaculo da capela-
mór, os nichos profundos, eubra modernos e abun-
dante a seu tesouro saov.

Le pinto eleva-se, elegantissima, o túmulo para-
lelo, de pedra em pedras finidas e conservando as orna-
ções de aljózar.

Com o cumprimento o fronto de vista e maravi-
lhosa e a vista descansa - encantada num
amplo panorama de miúda beleza: montes,
campos, o rio sinuoso, a cidade!



Túmulo românico do fim do século XVIII, belissi-
mo e profito. Ornamentado nas faces com trilóbulos
e quadrilóbulos, círculos concêntricos, estrela de seis
raios, onicento, signu-sainar, etc. Alguns motivos do-
ta arte também se vêem nos fustes que fundamam
no muro anexo.



Museu
Arqueológico

— x x —
 Ruínas dos Torres dos Condes e Duques de Barcelos onde está instalado o Museu Arqueológico Municipal.
 As ameias que o circundam já desapareceram bem como a muralha que separa os restos da Igreja Matriz.



(Arte do Lovo)

— x x —
 Peças arqueológicas em pedra existentes no Museu Arqueológico Municipal.

— x x —
 O Museu Arqueológico de Barcelos foi criado em 1903.

— "Cristo imberbe" —

— x x —
 Neste museu está depositado, fazendo parte do seu acervo, um cruzino com a seguinte legenda:

GRUZEIRO

linhas dos afetos

(O Cristo imberbe)

(Reis XVIII)

(Barcelos)

Esta legenda não é verdadeira, procurando se sabe, (mas com.

Com entza que este cruzino era conhecido em Barcellos por o do
"Senhor da Agonia"

Este Senhor Ingado na sua existencia no Reino do Campo da Feira (hoje Cam-
po da Republica) encostado ao muro da cerca do Convento das Freiras de
S. Bento, la onde hoje existe a casa de Sr. Dr. Conidio de Faria Leite.

Antecedendo a anno de 1882 ou neste mesmo anno a Companhia
das Almas, mandou pintar o Senhor da Agonia, por sua pintura - não
qualquer, cujo artista desizou a obra estregada, com o Cristo imberbe, sope-
do logo a critica ao seu merito.

8^o da Folha da Manhã, periodico barcelense, 3^o anno, n.º 147 de
25 de maio de 1882 a seguinte local abusiva:

Trisório = Chamamos a atencão da ilustre meza da Com-
panhia das Almas, para a pintura da imagem (modo de dizer) do Crucifi-
cado que representa o Senhor da Agonia, junto á estrada da Pedra do Con-
to na entrada desta Vila.

Este amor de Deus: Aguilão é uma irreverencia, em vez de in-
dignar o viandante á piedade cristã, provoca, tal como está, uma gar-
falhada de escarnos.

Aguilão parece de ser arrazado por amor da religião.
Um frequent indomado, Sr.º mesanos, e depois... . brucha e foi
de sahetos.

So melhor e mais sério.

Do "Apunhado" do Sr. Teotônio da Fonseca (1933) a paginas 159...

Na Avenida dos Combatentes da Grande Guerra (antiga Pedra do
Contro) junto ao edificio do Convento, existe um cruzino com a imagem
de um Cristo sem barbas.

Este cruzino foi mandado retirar d'ali e reostrar ao Museu Ar-
queologico Municipal.

(Vide paginas 179 v.º do 1.º Volume)

"Versalhada" encontrada dentro do recinto do "Museu Arqueológico-Minicipal", alusivo a um letreiro que lá se encontra lacrimosamente escrito a um colega cobreado junto à entrada do mesmo que diz: "Chamar o sacristão".

Seu Barcho à porta d'um Museu
 Num letreiro em tom sério e sério
 Mandam: - "Chamar o Sacristão".

Mas em turista errante qual finden
 Das minhas culpas peço ao "Rei" perdão
 Que em vida me não mande pra o cemitério.

Foto por um turista visitante ao "Museu Arqueológico" de Barcelos em
 Maio de 1938.



Cruzeiro do Senhor do Galo - Cruzeiro del Señor del Gallo

Penda do Senhor do galo - (Fôrça) -

Fendo sido condemnado a morrer na fôrça um certo hermanno de alcun Trinho por crime que não se sabia, apressou-se com fôrça e com o seu patrono Santiago para que o livrasse da pena que ia sofrer.

Uma inspiração súbita, pediu para ir a presenca do juiz, que o recebeu estãdo a fãntar.

O palepe jurou e creprou que estava innocente e disse que para prova da sua innocencia um gallo assado, que estava na mesa do juiz, se levantaria e cantaria.

Operou-se o milagre e o condemnado foi salvo.

Em memoria d'este facto mandou-se fazer um padrao em frente a fôrça, na freguesia de Barcellos.

Este padrao encontra-se hoje no seu Arqueologico de Barcellos.

(Vide folhas 300.^o deste Volume.)

Vide folhas 74 do IV Volume destes apontamentos e 34.^o deste I Vol.

O Rio Cavado = "Oa História do Distrito de Amara Velha" (1866)



Em cima o histórico Sobrado da Quinta da Branca - hoje desaparecido -
PITORESCO PANORAMA DA MARGEM DO CAVADO

"Nasce o Cavado nas serranias da Gruz, que fazem a pou-
co mais de 7 leguas desta Vila, sendo por essa razão sem
curta a sua corrente, e diminuído o número de
seus tributários: no inverno, alimentado pelas correntes
das massas de neve, e pelas águas dos montes, é



O Rio Cavado junto à margem direita - Barcelos.

candabissimio, e a sua corrente tão excessiva,
em um momento, por tal vez exceda 9 milhas por hora;
no verão porém é tão pobre, que ha lugares, onde é
vadeado, dando a grua fôrmas acima do torço, e



BARCELOS — Paisagem no Cávado

n'outros ha peças profundissimas; por todas essas
causas só pôde ser navegavel por pequenos bar-
cos sem quilha, isto é, com fundo de ferro.

No principio de seu curso a corrente de
a seu entrançamento, havendo ainda no lugar de
Morices, logo abaixo do açude, no leito do rio



BARCELLOS — Margens do Cávado



procurou a
marquem d'ũa
ta alguma am
tãta aheute
para esse
fim, e na mar
que se encontra
em ta pedra
lavada, que
procurou a puz
tem desaparecido.

Remanes da antiga Ponte, ainda sem azenhas.

Ultimamente tentou o Governo de novo esse util
emprego, e n'ella se pastarão avultadas som
bras, de baldie porcin; ou por que o rio se não
preste a esse melhoramento, ou pela imperi
cia do enchimento, o que e' mais provavel; como
ephemero monumento dos seus serviços, só eni
tem em certos lugares alguns poucos picados, em
marcas, que mostram a altura das enchidas,
junto de um dos arcos da ponte um sarroço
com a escala, para se embicem os pebaes a
que n'esse lugar sobe no inverno a agua!

Ha no rio em lugares diversos, e para isto

- x x -
Esta
lugar
Pinhi
trinda
na parte
debaixo
das azenhas
de
Omnicea.
- x x -



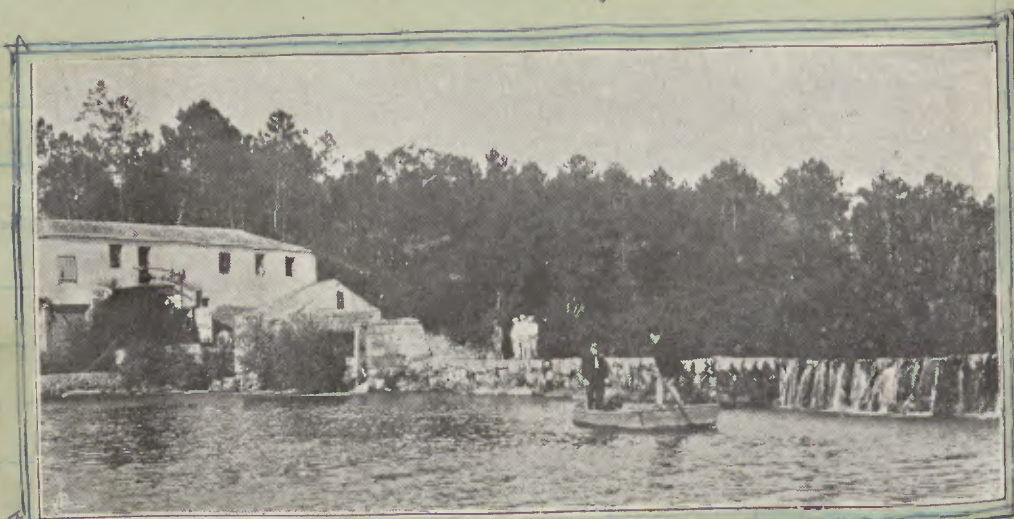
aproveitados, agrades com ascuras, suspensas de pes-
carias, e de pescar linho, sendo as mendas uma
providencia indispensavel; porque secando em



Arreal de Santo Antonio de Vezadas, acima do agrades junto a Banca do Pêssa
verar, quasi totalmente, todos os ribeiros, e arroses,
onde ha moinhos, se não fossem essas ascuras dos
agudes, o que seria de todos os Porros?

Teriam de mandar moer suas froudas em
Breira, ou em Ave, que distão 10 ou mais
Kilometros desta Villa!!

E seriar as mendas, que n'esses dois



Arredes de Santa Terpenia - margem direita do Canada.
riss ha, sufficientes para dar vazão a quan-
tos a ellas recorressem, se infelizmente
se desse essa suspensia verdadeiramente
e calamitosa? De nenhum modo,



Fotografia de S. M. António de Barcelos

Da "Memoria Historica", do Alcade do Louro (1867) -

O rio Cávado é o que corre entre Paranhos e Paraculluós.

Dizem nos antigos, que o Cávado nasce nas serras das Astúrias, outros, que junto a Shaves, e alguns, que no Guez.

Mas, porém, se nos não enganarmos, dizem, que o rio Cávado nasce próximo a Mont'alegre, nas faldas da Serra de Larouco, ou hymo do alco e divide Parroço da Gallega por aquella fronteira; nem correndo por junto de Penprães e do mosteiro de Pruro, Var do Rios (Logo abaixo da nova e pequena ponte, que ali

se construiu entre as freguesias de Soutello e Paraculluós, a qual se abriu ao transito publico em 31 de outubro



BARCELOS - O Rio Cávado no Penedo do Sol

de 1866), recebe em si o rio Flumen, que nasce na Portella do Flumen; e, ambos unidos, com o nome de Canado, correndo no sul de Prado, Barcellos e Depoende, vai finalmente incorporar-se no mar entre Depoende e Frio.

O rio Canado, no inverno, alimentado pelas enormes massas de neve e pelas águas dos montes, é caudalossissimo e sua corrente em excesso violenta; e no verão é tão pobre d'água, que em algumas partes n'elle se passa a pé com água só até ao tornozelo, tendo n'altas partes profundiões sinuosas; e, por estas causas, só pôde ser navegavel por pequenos barcos, com fundo de quatro, cinco e, sem quilha.

Neste rio Canado de Barcellos ha bryzas, trinitas, réhos, ives, salmões e outros peixes, como lampreias, escabs, trachas, e tantos e tão varios, que, seg. Sr. Pedro de Sousa no seu "Panegyric. cap. 12, pag. 18" pôde comparar com o rio Mosella, celebrado por Ausonio, na variedade de peixes.

Este rio é de muito utilidade para os Barcelloenses e seus vizinhos; por que além d'isso, n'elle se empessam os linhos, aviam as teas, lavam as roupas, os cartuchos podem preparar os couros, os povos tomam água para acudir aos incendios e as necessitates usar de banhos frescos.

Finalmente, neste rio, entre a ponte.

e a agude de Marés, em frente do vilarejo, para
da margem direita vem de Casal de Vil, ha
um grande penedo no leito do rio, para
o qual da margem esquerda se vai a pé em
outro, que, só nos meses do verão, da raiz
d'este, ascua do nível do rio, se apresenta
estação calhota, rebenta e corre uma fonte de

agua sulf
phorea, me
dicinal e
util para
certas mor
letrias en
tanas; en
ta agua
se perde
no areal,
deixando
por onde



Um açude no Cavado (St.ª Eugenia)

passa, sedimento e fezes de eunóje.

Este Penedo é conhecido por "Penedo do eunóje".

A direita:
A ponte
de ferro para
na passagem
da via-ferrea
sobre o Cava-
do inaugura-
da em 21 de
Outubro de
1877.



BARCELOS — Ponte do caminho de ferro, sobre o Cávado



O rio Canaã junto ao Orange, esquerda, barbaço Barcelinos.

— Vê-se aqui a velha ponte romana que divide as duas zonas da cidade e que nos lembra, como marco senão a desmoronar, superficialmente a vastidão do horizonte, — na margem direita — os Paços dos Condes Duxes de Barcelos, velha religião local cuja existência tradicional entra pelos mais remotos tempos.



BARCELOS — Azenhas de Santo André de Vessadas

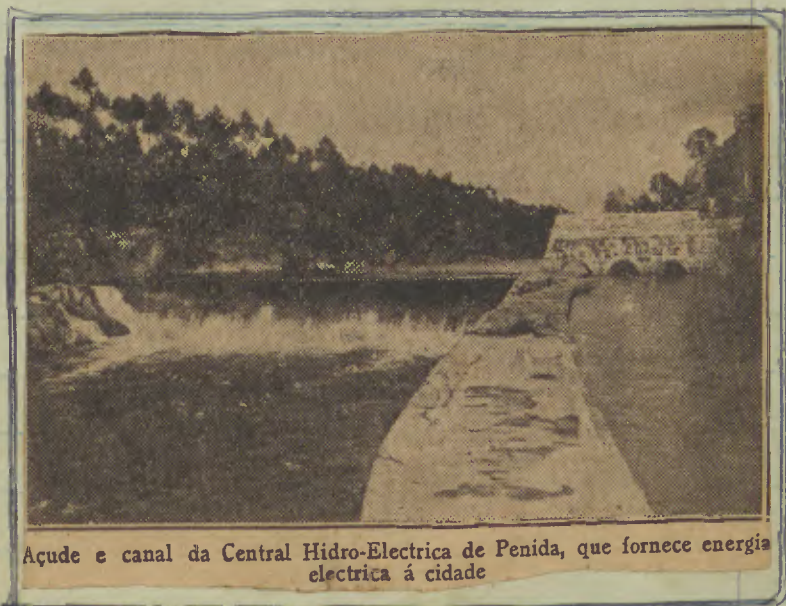


BARCELOS — A barca de passagem entre Manhente e Vilar de Frades

Aspectos do rio Canado

nas proximidades
de

Barcelos



Açude e canal da Central Hidro-Electrica de Penida, que fornece energia electrica á cidade

Seis um dos mais atraentes pa-
 noramas da linda cidade do Cavado, rio Jeremo
 seguindo certas margens são de um pitoresco in-
 credível estendendo-se sempre até ao
 mar que fica a pouca distancia de Barcelos.



A ponte do caminho de ferro sobre o Cavado

Foi inaugurada em 21 de Outubro de
 1877 (Vide fotos 140 sobre Blume) e fotos
 38 deste volume.

Outro aspecto mais bonito e apreciado.

É delicioso apreciar a vista nas en-
 vas serpenteantes do rio Cavado, seguir junto
 da ponte e a todo o comprimento, entre Barcelos
 e Barcelinhos, a queda sempre das suas águas
 que impulsionam ali mesmo varias moendas,
 d'onde provém a força motriz de cada dia e, fi-
 nalmente, deliciar-se em a contar tirado
 ao desafio dos "maestros" rousineis, embol-
 rados nas margens luxuriantes deste rio
 que vai a uns doze quilómetros junta-
 se ao grande Oceano Atlantico.

A ponte que se vê na fotografia acima citada é toda de ferro
 construída em 1876-1877 por direcção do engenheiro francez Eiffel. Foi inaugu-
 rada em 21 de Outubro de 1877. (Vide pag. 140 d'este Vol.)

(Vide paginas 31 do IV Volume destes apontamentos.)

= O Rio Cavado =

Nome que se deu a poucas léguas de Franca, e onde ainda se
+ reflete do mar nas marés, navegava-se a lavoura
de altura em 10 quilômetros de extensão.

Esperavam-se por isto os romanos, que
por ali andavam nas rotas para Roma, mas só
as ruínas que existem das ruínas de Tróia
se veem ainda a mais que a fazê-lhes memória
na.

No encaucamento deste rio, osseu de momento
toda importância e que mais de uma vez se tem
desentido modernamente, nada ha que valha repa-
r, nem como proficito, nem como obra.

Se é digno de menção a Obra de 18 de
Janeiro de 1795, a que anda annexo o respectivo
Regulamento de fazenda e economia, em 4 artigos, ex-
planado em 11 mais nas Providencias adicionais de
27 de Maio de 1799.

Do Plano do encaucamento e navegação
do Cavado, desde a foz em Deloranda até a Vau do
Ócio em Palmeira, a 6 quilômetros desta cidade,
temos uma copia esmerada, em nossa coleção
de trabalhos papeiros do districto.

É trabalho variado do nosso Senhor enquanto
no Castro de Trilás Mas (Dr. Luiz Caldas
"Raridade Bibliographica" cap. X, par. 11.º).

(Antonia de Panto Antas da Cruz.)

x x x

O rio Cavado vem dar a cidade em
um formoso relevo de beleza e gracia.

Ele nasce na serra de Carmona, em seu
3.º mais alta em Paiz, com 1530 metros de altura e o.

rio mede 135 quilômetros; passa perto a cidade,
d'apoi a motivo de se dizer que Parulibos é detentora
do prumo e cristalino Canado, que divide a Cidade
por uma alongada ponte em Parulibos, situada
na margem esquerda, mas faz parte integrante
da Cidade.



Lavadias no Rio Canado, em Santo Antonio de Vassadas
Seena animada da vida de trabalho contando
(da Memória Histórica de J. Manoel Sampair.)

- Sobre a navegabilidade do Canado -

Aconselho a consultante a ver o que se diz a pa-
ginas 31 do IV volume destes apontamentos.

Luiz Caldas, em sua "História Bibliográfica"
cita certos e determinados documentos e leis que se encontram
do encanamento do rio Canado que se encontram arqui-
vados (segundo informações particulares - mas seguras - que colhi) -
na Torre do Tombo.

[É o documento n.º 52, do Março 8 de "Leis"
Consta de 8 laudas de letra relativamente legível, falando
realmente do encanamento do Canado) - .

= Rio Cavado =

Da-lhe origem a Fonte do Salto (ou do Cavado) na vertente meridional da Serra do Barroso, freguesia de Santa Maria de Padroeiros, concelho de Montalegre, districto administrativo de Vila Real e antiga provincia de Trás-os-Montes.

Recepção - se debaixo do vale e divide-se para a provincia de Galiza por aquelle lado.

Banha em seguida, pela margem esquerda a vila de Montalegre, em primeiro lugar em 12 de Maio de 1373, em Lisboa, aos 9 de Junho de 1373.

D. Diniz concedeu-lhe tambem logo em Lisboa aos 3 de Janeiro de 1388, por seu filho D. Alphonso IV em primeiro na mesma cidade de Lisboa, aos 26 de Junho de 1340; e D. Manuel I concedeu-lhe qualibet logo novo, em Lisboa, aos 18 de Janeiro de 1515.

Banha pela esquerda a concelho de Vieira, cuja vila obtive logo novo dado por D. Manuel I, em Lisboa aos 15 de novembro de 1514.

Banha pela direita a concelho de Amaro, cuja vila alcançou logo novo dado por D. Manuel I, em Lisboa, aos 6 d'abril de 1514.

Banha pela direita o concelho de Vila Verde, na do por direito de 24 de setembro de 1515.

Banha pela esquerda o concelho de Braga, cidade que foi chancelaria romana, eita da mesma guisa e deia e e salitaf de districto e de de o arcebispo de guiaz.

Atravessa o concelho de Barcelos e ha-nha esta cidade elevada a taf categoria em 30 d'Agosto de 1338.

E atravessa tambem o concelho de Esposende e banha esta vila, que obtive a sua carta de alforria dada por D. Sebastian, em Lisboa, aos 19 d'Agosto de

1872.

O rio Cavado tem sobre si as pontes seguintes:

Fão, entre as freguesias de Fão e de Gauda no concelho de Espinho, metálica e que foi construída em 1871; Barcelos, entre Barcelos e Barcelinhos, mandada fazer pela Casa de Bragança na primeira metade do século XV; linha férrea de Vinho e Douro, entre as freguesias de Rio Covo (Santa Eufemia) e Tâmega (S. Veríssimo), construída em 1876; Trado de Fundação romana; Dico, obra magnífica de pedra, construída em 1872;

O rio Cavado tem um curso de 135 quilômetros dos quais 15 são navegáveis, mas ainda assim a navegabilidade deste rio é interrompida por vários rápidos aquedus;

Lidua, entre a freguesia de Vinhos, na margem esquerda, e a de Tâmega, na direita, ignoramos a data de sua construção.

Fontainhas em Contador, entre Vinhos e a freguesia de Mariaz, pela direita; foi construído por um antigo contador de Barcelos que era natural de Rates e que em Vinhos foi grande proprietário e onde deixou também grandes obras monumentalmente na vedação das suas propriedades.

A cerca deste aquedus e obras, tivemos um volumoso maço de documentos, que nos cedeu o Sr. Luis das Fontainhas de, pois que vendida a quinta das Fontainhas e propriedades anexas, ao Sr. Domingos José da Silva, de Alvés, já falecido.

Marices; entre a freguesia de Barcelinhos, pela esquerda, e a de S. Pedro de Vila Real, pela direita, emite antigo e que foi mandado construir pelos senhores do morgado de Loure e que passou a casa de Aguedo na Lima, por alianças.

O seu ultimo possuidor desta nobre casa, foi Francisco Lopes de Aguedo Velho da Fonseca.

Este aqui se dava a antiga e regular do mar nas marés vivas, pelo que veio a nome-se a freguesia de Santo André de Marices, do fregado de Loure a moderna Barcelinhos.

Ponte: entre Barcelinhos e nobre vila de Barcellos a quem cidade; a mais antigo de todos, pois dele se faz menção nas inscrições de D. Afonso III, e passou de depois a casa de Mafra, no século XV, que a vendem no ultimo quartel do século passado.

Santo Antonio de Vessadas: entre Barcelinhos e Barcellos, que e' tambem emite antigo e pertencem aos duques de Bragança, vendendo-se mais tarde a Francisco José d'Almeida e Lima, da cidade de Mafra, e hoje e propriedade da Casa de Vessadas.

Lis: entre a freguesia de Santa Euzébia de Rio Corvo pela esquerda, e a de S. Vicente do Tâmega, pela direita, foi construido pelos morgados de Lis em Santa Euzébia, e tambem senhores da nobre casa do Rego, no lugar de Lois, em Barcellos.

Vendendo-se, adquiriu-se por compra, nos meados do século passado, Manuel José de Carvalho Amaranth, de Barcellos e deste passou e e hoje dos Santes Terras, tambem desta cidade.

Madalena de Vila: entre esta antiga freguesia (que anda ancora a' de Vilas de Vila), pela esquerda e de Manente, pela direita, ignoramos a data da sua extinguição.

No século passado pertencem a senhores D. Ana

Tapina da Lixeira Lima e hoje não sabemos a quem pertence.

Vilar: entre a freguesia de Azeias de Vilar, pela esquerda, e a de Trancoso.

Foi construído pelos religiosos do Convento de Vilar de Frades no século XVIII, como se infere de "A Lente de Vilar na Terra" por Frei Francisco de Santa Maria.

Pavida: entre a freguesia de Azeias de Vilar e a de S. Vicente de Azeias, do antigo Concelho de Covas.

Foi construído recentemente pela Sociedade Bibliotéca do Porto de Portugal.

Fontes mais agudas há ainda para cima, mas só até aqui os relatamos, porque também até aqui é que o rio Cavado se já navegável.

A execução desta última, todos eles tinham agulhas e pesqueiras.

Também estas agudes como ainda outras que estão para cima do canal da Pavida até à vila de Larim, hoje incorporada no concelho de Vila Verde, foram projectadas e desaparecer por um bem elaborado trabalho do distinto engenheiro, nosso contemporâneo, António José Gomes de Vilas Boas, cuja morte e situação por uma plebe ignorante de portugueses, succedeu em Braga aos 17 de Março de 1808.

D'ele diz Arnaldo Jaura em "O Sargento Mús de Vilar", vol. II, pgs. 354, o seguinte:

"Castro de José Gomes Vilas Boas, seu quartel-mestre-general (referindo-se a Bernardino Freire de Andrade e Castro, comandante das forças do Reino, contra os franceses) era oficial de engenharia, homem inteligente e de muito saber.

Foi seu filho engenheiro a quem se viu obrigado a canalizar o Cavado, assumindo sobre si a tarefa de escrever algumas memórias e bastantes mapas manuscritos.

Era homem alto, seco, fronte espacosa e elevada e aspecto caregado e meditalunido.

Prova de toda a confiança e amizade de Bernardin Fecire, a quem tinha unido valiosamente com a sua sabedoria e com a sua energia da organização da cidade do rio Pinho.

A circunstancia porém de já ter estado tempo muito incompleto, fazia o adido a parte, que desde muito tempo a tinha na conta de factos corruptos e de traições e iniurias da patria.

Em poucos dias da consolidação do rio Pinho, que vouo tratando.

A abarca de 20 de Janeiro de 1795, a que ainda meo a respectivo Regulamento de Fazenda e economia, em 43 artigos, explanado em 11 mais, mas Providencias adicionaes de 27 de Abril de 1799, e o logico de quem se e de ler - se por se assumto de sustentação imortancia, e que mais d'uma vez se tem desmentido modernamente, mas que nada ha que valha registar, nem como projecto, nem como obra.

Do valor juliao de encavamento e navegação do rio Pinho, desde a foz em dependente até a confluença do Homem entre Curitiba e Taboquinha, a seis milhomens da cidade de Braga, adquiriu uma copia esmerada, em sua coleção de trabalhos para o Rio do destino, e de. e projecto do rio de Braga. José Joaquim da Silva Pereira Caldas.

(Publicação de Bento Antas da Cruz)



Rio Cabado

A documentação a que se cita citada por Bento Antas da Silva encontra-se na Torre do Tombo. - É o documento n.º 62 do Livro 8 de "Leis". Consta de três bandos de letra relativamente legível e fala do encanamento do rio Cabado.

Vide paginas 31 do II Volume destes Apontamentos.

(Referencia a Barcelinhos) -
Do "Dicionario Geographico de Portugal" ("Peregrinas
Paroquias") - Sec. XVIII. - (1784) - Torre do Tombo -
Documento 205 - Folia 32 - Volume VI -

Rio - Entre este arrabalde e freguezia, e a villa de Barcellos passa o rio Cabado, que antigamente se chamava Celardo, do seu nascimento poderão dar mais certa noticia os Parvos das freguezias por onde elle passe mais proximas ao seu nascimento, e tambem se nasce logo caudaloso; sobre dizem huns, que nasce em Asturias, outros que nos montes do Gues, e em terras do Reino da Galiza, no distrito desta freguezia metem-se nelle dois Ribeiros, hum de Santo Antonio, que tem principio no monte de Trair distante hum quarto de legoa do lugar, onde se mete no Cabado, que he por baixo logo da Capella de Santo Antonio assina dita: outro de Meados metendo-se pelo mesmo lugar de Meados, que corre de entre-Nascente, e sul de distancia de hum legoa, que tem principio na freguezia de Remelhe de cujos Ribeiros he a sua corrente mais frequente no tempo de Inverno.

Não he o Cabado navegavel no distrito desta freguezia, porém passada ella para a parte do poente o he de toda a casta de barcos em todo o tempo em the o lugar de Tam onde se mete no mar com distancia desta duas legoas, porém todo elle tem capacidade para o ser tiradas as assudes, que tem; e somente he de rapida corrente no lugar da ponte, e nos mais he de placida, corre de Nascente a poente.

Os peixes de que mais abunda são escualhos, bogas, lampeas, sabelis, tintas, rethos, e alguns salmoins, e muitas mariscas, e até o sitio de Meados sobem muitas vezes Tainhas, mungos, e alguns robalhos do mar.

Algumas vezes de Inverno se pesca nelle com redes es-

calhos, e bostas, e no verão tintas, salis e rethos. No sitio de Santo Antonin tem hum assude de pedra, que em alguma dia tinha presneiras, e tem nella quatro rodas de azenhas, que moem no tempo de verão. Tem mais abaixo para a ponte outra assude de laico da ponte, que tambem ha noticia, que antipamente houueram presneiras e tem nella quatro rodas de azenhas, que tambem moem no tempo do verão as quaes duas assudes de azenhas sam freiras á serenissima Casa de Bragança: no sitio de Mareses, mais abaixo ha outra grande assude de pedra, em que se pescão todas as especies de peixes assima ditta, e tem quatro rodas de azenhas novas, que tem tres rodas na prima assina dita; e entre estas duas assudes está hum grande lago, onde somente pescão os senhores das duas ditas assudes, que são os administradores dos Morgados dos Pinheiros de Barcellos.

A maior ponte da margem he inculta, e algumas arvores tem sibres tres, e as mais, que com facilidade produz são amieiros, e salgueiros, e as mais, que dizem e somente no distrito desta freguezia para a parte assina da ponte está hum grande campo chamado barge, que dizem algum dia servia das hortas para os senhores Duques quando estes moravão na dita villa; e ainda hoje he freira a mesma casa de Bragança; dizem me que o dito Rio Cavado sempre conserva o mesmo nome; e a agua delle he muito fria, e sem vitude conhecida, mete se no mar entre o lugar de Tam, e a villa Espozende distante duas legoas desta freguezia; tem as referidas assudes de Santo Antonin, Ponte, Mareses e azenhas novas, que a margem se não de servir de impedimento.

Entre este arrabalde, e a villa de Barcellos por onde se communicão tem hum formosa ponte de cantaria de pedra lavrada, estimada por hum das melhores do Reino, alta e firmada em rochedo, com cinco arcos, metade da qual he desta freguezia, e serve de armar a dita villa com a dita capella da Senhora da Ponte.

Tem este rio Cabado as azenhas assima ditas, e os Ribeiros que nelle se metem nesta freguezia tem o de Santo Antonin no sitio dellas tres moedores, e o de Medos doze, e hum engenho de fazer azeite; os povos usam livremente de suas agoas para beberem os peixes e lavar, porém para regar as terras não, por ser pouco.

É o que achei, pela dita informant, e conheci estes próprios, e não mais do
que assina na dita, que seja digno de lembrança, e por assim ser verdade
fiz transcrever esta, que assina com o Reverendo Vigário de freguesia de São João
do Cavalhal José Martinho Pereira e com o Reverendo António Paes de Faria
Vigário da freguesia de S. Lourenço de Alvelos, freguesias immediatas a esta.
Barcellos, de Allil 19 de 1758

O Vigário José Gomes

O Vigário João Martinho Pereira

O Condição António Paes de Faria

Citação - Torre do Tombo

Dicionário Geográfico - Volume VI - Ilhas 32 - Documento 205 -

"O Penedo do Escorpião" - (Vide pag. 38 deste m^o Volume)

Abaixo da Ponte em fozes, na direita do Cavado esta no leito do rio um grande pe-
nedo de granito porphyroide, acedido no alto, onde abenta no ~~rio~~ uma pequena manan-
cia d'agua sulfurea. Nesta estação abasta esta agua o areal de sedimentos alvados, a que
a pimenta dá os nomes usuaes de clarina e barçina.

(Do Supplemento a Memoria Historica do Alde do Luro - 1872 -)



BARCELLOS - Um trecho do Cavado

A fotografia que acima se se faz tirada em 1907 - Mostra - nos o areal
a jusante - (margem direita) - junto a ponte que liga Barcellos a Bar-
cellos. - (agosto de 1907) -

Traje regional de Barcelos

O traje regional de Barcelos, sofreu durante



Linda camponesa de Barcelos, no traje regional da sua terra

o século XIX grande de transformação e decadência.

As saias e aventais em materiais grossos, feitos de pano para serem substituídos pela saia de pano azul preto, chamada de "batido-cripe" com adorno de rebordo, e as aventais de linho, com rendas.

Nalgumas das pequenas persistiram, mas com sérias deturpações.

O traje que se apresenta é o traje regional de Barcelos, ainda com pequenas alterações, aqui saia e avental são fabricados em diversas cores, mas devidamente combinadas.

A saia do serpiú e o avental sem

que mais se assemelha com barra de cor preta, são muito típicos de certos dos do traje de Viana do Castelo.

O colête de rabos, muito bordado a cores, é indubitavelmente barcelense, assim como a camisa de gola larga com os ombros bordados a branco.

O lenço com que cruzam a frente é de ramun-paus, bem como o lenço com que cobrem a cabeça.

sendo um de fundo mais escuro e outro de fundo mais claro, sendo característica inconfundível barcelense a combinação do ligo castanho e do ligo azul.

As meias, camélas, jaqueta, lenço de már, tudo obedece a esmaltado nigr.

Como joias é frequente a uso da estrela (especifico da Cruz de Malta), as argolas e coração de chapa, os corchês e a bobolita e a cruz.

A filipina não faz parte dos adornos do traje regional barcelense.

Ha quem, com este traje, faça uso do lenço de fundo vermelho e do de fundo verde.

À direita o traje regional barcelense com as suas queridas cores.

Em baixo uma boneca vestindo o traje regional barcelense, confeccionado e organizado pela Comissão de Turismo local.





A THEREZINHA
1.º premio do traje regional

Na ocasião da junieira ¹⁹⁰⁹ Ma-
da Espirita, que se efectuou
 em ocasião das festas das len-
 tes - em Maio - de 1909, foi
 emphydo o 1.º premio atribuido
 ao traje regional, a simpstion
 "Terezinha" de quem aprese-
 ntamos o respectivo retrato.



Traje "à lavradeira", como
vulgarmente por ali se diz,
mas, mais "à viariêza" do
que "à barcelense".

Em todo ele predomi-
nam as cores brancas do
vermelho.



= De J. de Vilhena Barbosa - (Excerpto de
um estudo publicado no Arquivo
Literario, em 1862) =

Não é por certo o costume de
Barcelos que mais se distin-
guem na graça e beleza dos trajes proprios femininos.
A outras muitas terras d'aquella provincia deus a este
respeito assinalada presença. Todavia não é falta
de elegancia o vestuário dos barcelenses..

O corpete de pano azul ferrete, ou escalete,
contrastando com a abundancia das largas mangas da en-
ruiva, e o pittoresco se parece de rendas até appare o
pescoco; o lenço branco que lhe circunda a cabeça, com
duas pontas atadas sobre a nuca, e as outras soltas;
as arrecaçadas que lhe pendem das orelhas, e os croques com
suas cruzes e corações de filigranas de ouro, que lhe adornam
o cotão e o peito; a saia orlada de um filigrano, e com
seus pequenos ornatos; as meias listradas e os elivetes com
suas franjeas de fitas de redondillo preto e cores claras,
dão ás camponesas barcelenses um certo aspecto de costume, que
que muito bem lhes vai!"

Considerações sobre o traje regional

De um bom amigo barcelense recebi em 18 de junho de 1942 a seguinte carta que despi a minha atenção meus apontamentos para a História de Barcelos:

"Meu Bom Amigo:

Frair pastor, meu deus, deisar de me aconeer a sua justissima revolta em d'essa da mulher barcelense.

Tenho a minha parte em trabalho do the-
me antropológico Sr. Santos Junin, que exprime a
nossa opinião:

"A peça donaireta, o fuso rador, a rebelta reborta e a rara
elegancia que o lindo traje regional mais faz realçar, são coisas que a
antropologia não mede mas que o nosso sentimento estético avalia, co-
locando a encantadora mulher barcelense nos mais altos lugares da esca-
la das mulheres feras, atraentes, fortes, paciosas e belas."

Os olhos de Camilla, a maior romancista
Portuguesa e impenitente feminista: não passaram
desapercebidas as mulheres de Barcelos!

"Que são lindas miócas ha nas suas redondezas, com o chapim pe-
queno de feltro preto, envoltó a' uma fita estreita de veludo negro encimado
por pontilhado esparto ovalado preto."

Saia de teia escura guarnecida com barras de batista preta.

Colété de pontas enfiando ramagens folhudas e adornadas com
frang. Duragile.

A calhisa bordada a branco estrefada por pola longa no
pescoço desempinado.

A faixa preta a envolver os quadris prometendo sobre o a-
cento de "mancebo" e "potes."

É a meiza branca, rendada, destacando-se a primeira, a
dinha em bico presontada a tons varios que dominam a esca-
lação escura e o vermelho sobrio.

Com um grande abraço de estima e admiração

(a) António Lima

Porto 16/6/1942.

— x x —
Esta carta foi-me enviada por eu ter criticado acuradamente a Liv. Alberto Souza por ter posto a venda portas com o tipo da mulher barcelonesa e respectivo traje regional, como se aqui abairas existissem.

Que não traduz a realidade em nada!!

A carta que atraz deixo transcrita e é de meu particular amigo Sr. António Lima, distinto redactor e colaborador do "Primeiro de Janeiro" do Porto.

— x x x —
(Vide pag. 48 v.º deste Volume)

— x —
A direita. — Um das portas que Alberto Souza, por aí venda, abairou ao traje regional de Barcelos, e que mereceu a crítica que transcrevemos a folhas 48 v.º deste Volume.





Alvão
1903

Traje a lavradeira com certa semelhança com o de
Viana do Castelo.

Traje regional - Vide 47.º deste Volume - a respeito do traje regional
(Do jornal "O Barcelense" n.º 1528 de 13 de Junho de 1942, da autoria de L. da
sua secção "Linha - Brava" - crítica referida a pag. 47.º deste Volume)

Alberto de Souza, escritor artista, foi de facto feliz nos traços da aguarela
que fez, não a mulher barcelense, nem o seu traje regional, mas
o tipo da mulher recadeira ou jornalreira, (de pé descalço) sendo ao
mesmo tempo excessivamente infeliz por ter tido a ideia de estanc
par aquela aguarela em postais que têm corrido todo o mundo
com a legenda "Portugal - Costumes - Barcelos".

A mulher que lhe serviu de exemplo moral é escura, esquelé-
tica (tipo de mulher em execução de trabalhos de campo e mal
alimentada), verdadeiro prototipo de mulher tuberculosa, em prean-
to que a mulher de Barcelos, é linda, sadia e robusta, vestindo
e calçando bem, como nitida e claramente se mostra nos postais
editados pela Comissão de Turismo local.

É certo que aquela legenda pode referir-se simplesmente ao
costume da servisa rural, que trabalha aos dias, sem ao menos ter
um coito, mas, a ser assim, neste caso, falta-lhe uma referência
especial.

~~~~~ x ~~~~~



## = A Feira de Barcellos =

A feira semanal de Barcellos é muito antiga e realça-se as 5<sup>as</sup> luas.

Apesar de ser semanal é bastante concorrida e a feira se vêem abastecer os concelhos limi-



Com crisma se se uma parte da feira conhecida pelo "feira do pão" ou "feira do milho" é ao lado em dos pontos "comércio" que trabalham na feira em Vila Rica - Braga, Tamalhão, Serra do Varzim, Espinho, Viana do Castelo, etc...

É curiosa a constituição da feira semanal pelas reuniões locais de que se compõe separadamente, mas que até hoje não chega a intervenção das Câmaras ou quaisquer outras autoridades.

Assim, vê-se no campo da feira as seguintes espécies:

- A dos surtos, onde se fazem transações de grande volume.



BARCELLOS NA FEIRA

A vendelira de fructas.



BARCELLOS NA FEIRA

A feirante que tão despreheçosa, tão simplesmente, n'aquellas mãos de tecedeira, bonitas, prende o pente que mercadeja...

A do Calçado feito principalmente  
te temoucaia.

A da roupa feita, pronta  
a vestir, tanto para homem  
como para as pazes.

A de roupas brancas  
onde se vendem atalhados  
principalmente bordados.

A dos retalhos, que é a  
melhor, onde se vendem  
também qualquer fazenda a  
metro.

A das semeças e arvores  
de fruta.

A dos "ferros velhos" um  
tanto interessante pela grande variedade de coisas  
úteis que ali se expõem a venda.

A do linho e estopa.

A das lãs de ovelha.



A feira da lã, que fabrica e todo do nosso concelho.

A da fruta que é sempre abundantíssima.

A conhecida feira das mulheres onde se com-  
pram ovos, farinha, faveiras, todos os cereais em ge-



quenas medidas, pequenas quantidades de toucinho para adultos, chouricos etc, etc...

A enormíssima feira da batata que abastece outros mercados, como, nomeadamente: o do Porto e Braga.

A grande feira da batata.

A dos cestos e gijos de qualquer tamanho e feitiço.

A dos paus para cabos de ferramenta agrícola e caseira.

A grande feira dos suínos.

A grande e concorrida feira do pedo bovino.

Emfim, tudo quanto se já fez, tudo se encontra no vasto Campo da Feira, não esquecendo a interessante secção das brancas de quinquilharias e mudezas que também dela faz parte.



BARCELLOS NA FEIRA

Veja-se como o Zé se alheia a tudo que não seja o "juizo do anno," ...

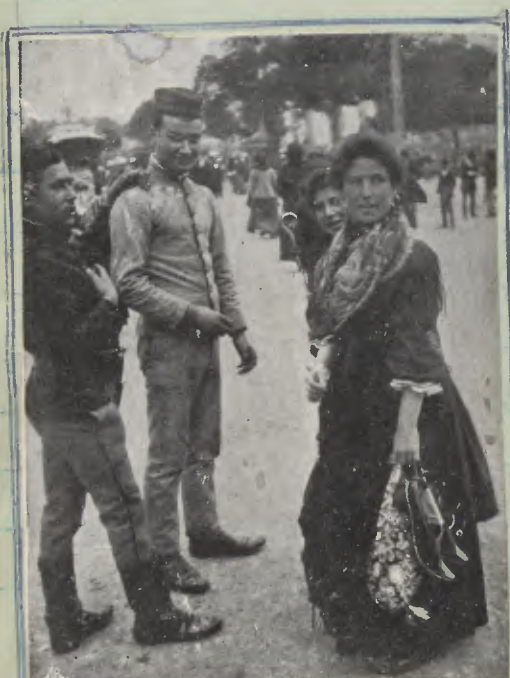


- Diferentes aspectos da

"Feira semanal"

de

Barcelos



BARCELLOS NA FEIRA

O 60 da 3, tem a mão no lugar do coração, como quem o "saca", para o entregar á amante. . .



"Feira de Barcelos"

"Vide paginas 188 do 1º Volume destes Apontamentos"



Feira da erva junto as lindas estatísticas chey Paiz, do Campo da Feira.

— x x x —  
A Feira de Barcelos é das maiores e mais importantes do Paiz.

Pela sua apresentação, pelo seu aspecto pitoresco e pelo volume das suas transações.

— x x x —  
(Do "Barcelos-Revista" - 1ª quinzena d'abril de 1907-)

Esse grande volume de transações que tem ao seu favor as 5.ªs feiras, é seu devido a maior feira semanal que se realiza no nosso paiz.

Após firmam produtores de todos os ramos e concorrem praticantes de todos os pontos do paiz a adquirir a abundancia extraordinaria e variedade de mercaderias de produções agricolas, materias tecnicas, industrias, agricolas e especiais da região.

artigos de vestuário e calçados, até ao mais miúdo  
pequeno objecto de ferro velho.

Este movimento de transacções, é preciso que tenha  
ainda maior expansão.

Estamos a dois passos da Porta, esse pranchal com  
seu consórcio, que encerra em seu seio uma  
população numerosa e activa e cujos interesses es-  
tão intimamente ligados ao movimento comercial  
de consumo e exportação pela sua barra.

..... Já temos um exemplo nos  
principaes artigos que exportamos, patinacos e seus  
produtos, frutas e diversos em principio, como a ce-  
bola, batata, pados, etc.

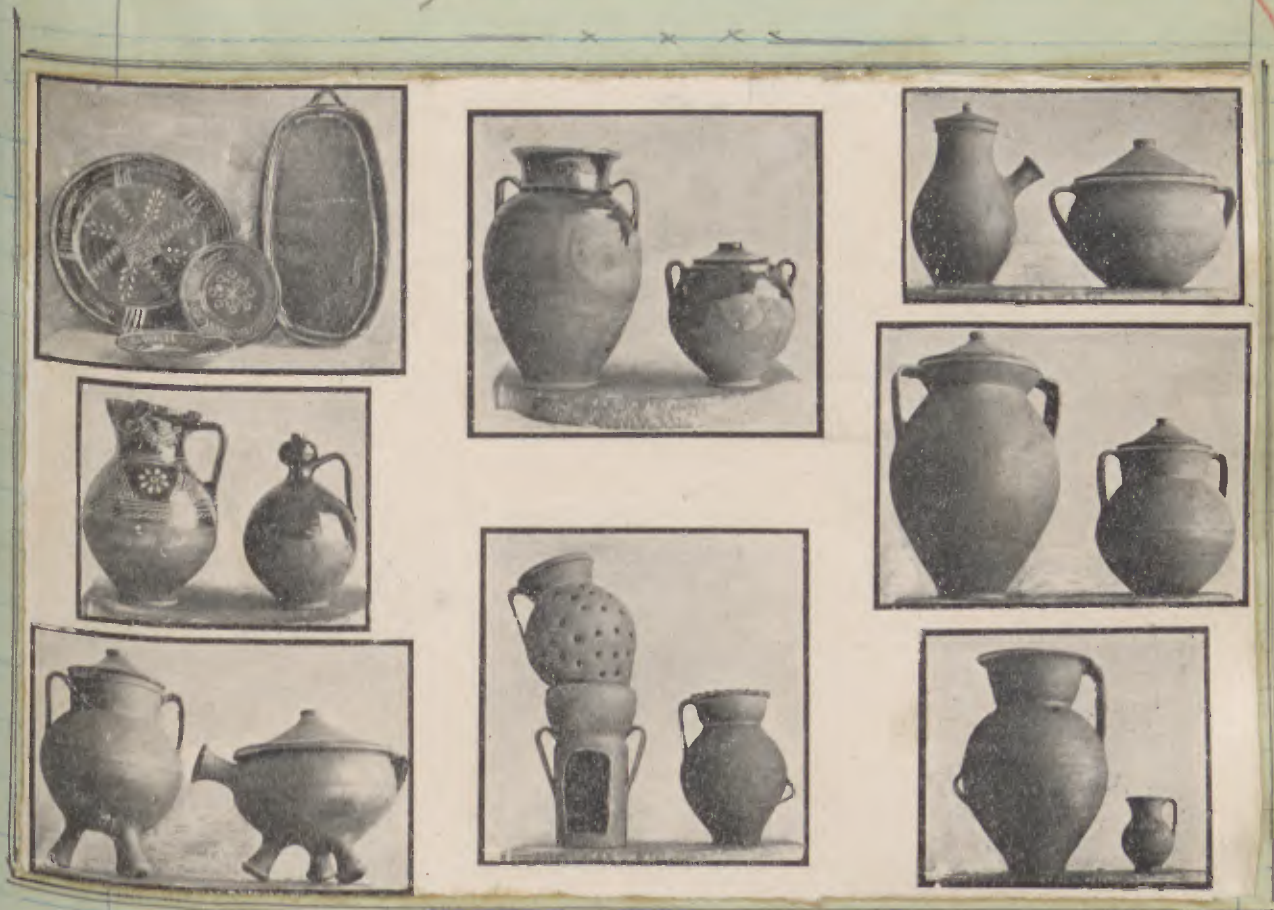


= Feira da Lousa =

Principiou-se a fazer no Campo da Fei-  
ra, junto ao Hospital, em (S.ª feira) 31 de Agosto  
de 1882, que até ali estava sendo feita  
no sitio em que hoje está o Jardim Pu-  
blico - (antigo Campo dos Teuros).

= A "Cerâmica Barcelense" na  
"Feira da longa" =

É de um tipo original; as olarias de Barcelona, tão embelezadas e apreciadas por todo o País, são representadas por estatuetas e de algumas d'outros países, constituem pelas feiras e romarias, a admissão dos adultos e a infância das crianças. Vendem-se a preços irrisórios!



xxx  
A indústria cerâmica, selha no concheito, tem se desenvolvido e aperfeiçoado imenso.

Não se trata, apenas, de bicha de barro grosso, mas também de bicha vidrada do mesmo género da bicha das Caldas da Rainha, sendo também para o fabrico de peças de barro fino - que têm grande exportação.

Mas ha, além dessas fabricas que se dedicam especialmente ao barro fido e vidrado, outras que têm a especialidade de tubos de

barro para canalizações de água, de telha do tipo so-  
maio, de tijolos que se empregam em construções e  
vedações, etc. etc. (Vide páginas 92 do 4.º Volume destes Apontam.<sup>tos</sup>)

- "Levando hortaliça" para ser vendida na feira =



Um pitoresco e alegre tipo rural de sadia mulher de Barcelos



- Barcelos na Feira -  
(Barcelos - Revista de 1911 - "Augusto Lourenço")

A nossa feira é uma exposição semanal di-  
sendo tudo o que vale e o que pôde o comércio de Barcelos, na  
sua zona, na industria e na arte.

Como semana nenhuma é tão grandiosa, tão va-  
riada e tão rica, nesta linda terra festiva.

Seu cor, um alpin, jamais meus olhos - que  
as viagens desencantaram do bairrismo - viram  
outra tão esplendorosa.

São, e são, especies as condições em que está  
Barcelos, ao centro de um dos maiores municípios de Portugal -  
escurido, ainda, pelas frações, pelas aborrimas, por  
estes que encostam ao Atlântico - Alentejo, Faro, Espor-  
teira, Trancoso e S. Bartolomeu - que conturbam, não  
uma escoria escapada, para a escandalosa abun-  
dancia de burlas que ordinariamente, se vendem  
no nosso mercado e de outras qualidades e qualidades  
nos faz mais alto que a pena...

Ninguém - melhor do que a povo da feira - man-  
gna nos traz, nem mais, avançada, corre - In, nem  
mais terra erilha, nem mais desmedido respeito, nem  
corre - palpa, mais mais.

E se se pôde comprarem com a indole de  
trabalho, mesmo d'outro produto, porque não  
fala da mulher d'esse tipo em silencio?

Temerá, entre as luzitanas, quem, mais tra-  
balhe - no mar até a boeira e na terra até a  
descapem? ... Ah! nem mais pre, nem mais  
bonita, nem mais corajosa!!!

Avista a via pelo caminho de ferro Lini-  
nho e Osorio, que a põe a poucos minutos de  
contato com a Torre, Porto, Guimarães, Braga,  
Viana do Castelo, etc... e rotulado o comércio  
de estradas de macadam, o mercado tem

Lavouras e indústrias naturais.

Outras terras - muito espaço supremo - tem sido  
arruado com feiras, animando com feiras e concurren-  
ças.

Por enquanto nós somos senhores de uma excepção de Barro  
de oferta e de procura que, demais a mais, ha  
ano de nós vantajosamente alargado na sua fei-  
reiragem feirinha de agosto.

A feira é cheia de interesse, quer a guirama  
quer em conjunto, quer a desceitas e breves minuciosa-  
mente.

Os curiósos tendem a sair, de casa vivas; a com-  
municar, que em alguns produtos mantem uma fei-  
ção retentamente primitiva, sempre interessante  
e por vezes esbelta; a mobilidade acomodado ao  
Emais reduzido orçamento - pois compra-se uma  
caçula de feijão por 80 reis; a arcafora torrada  
em que nem sorrindo o professor, tudo, tudo  
tem o mercado!

Ha as primeiras sapezas de passar a mais  
feira feirinha; os cecões; os churros tentadores;  
os bombos de piroca provocantes; as plantas, de  
de o esbocado manjericao até ás famigeradas  
lanampiras de beringha; as sementes; as cerejas  
as tachas; as rendas, os ferros velhos; as rou-  
pas fites; as futas em que ganha as honras  
maximas o melão de Vila de Tradas, que  
em Paris, se vendia ha anos a razão de  
libra por exemplar!

Até aécetes que não de barcha reunida em  
beira e descompintar reunidas coradas!

A feira é para Barcelos o mesmo que  
para Vila a parte a comida para a Vila.

É a nossa esperança e é, também, a nossa

desesperou quando, como chuva de ortigas, malhada, sem circunscricão, deslumbrada, arida, aguçada a sua  
 saf.

Nestas crises e repouso a bagagem contra os  
 elementos, emquanto a margem e a saizim - cada  
 jussam e odo da frescura, sua certeza de que os  
 hites, as praticinas, ficaram intactas e não se  
 revoltaram sem medo, sem duto, a tabaco  
 de fumo, o longo tabaqueiro com o estremo de su-  
 rety, o balcão com a galochas, o quadrado com  
 a tomamos.

Para longe essa babel que a noite, sobre o  
 balcão tinha aspecto confuso, alucinado!

Os advogados vendo tudo quasi insignificante,  
 correm a mão sobre a lornada bofocenta dos  
 cadetes e praticam-se com poucos sobre a luz do  
 impudico diabol de interpretar para os chie-  
 tes da vida que não pagam a consulta...

Os vendeiros, os tapueiros, os taberneiros, os bu-  
 telieiros, mantem no mau tempo, ferrea entada-  
 ra. Ha dovidades, mapas.

Esta parada a ruina dos hites; dormem as  
 jostas do bacalhau; a companhia afundou-se  
 no molho verde, expectante.

Não se condimenta o arroz de forno que  
 corvado do omnipotente ramo de salta havia  
 de ser, enterrado no ventre dilatadissimo do  
 brigadeiro - ou na triste barriga da vendeira  
 de humes montes.

Ai! A chuva, as quintas-feiras, refre-  
 senda - em alguma parte de desvios energias -  
 um inferno de agua... com a diabo das letras  
 a pagar e as bobagens eternas das lamunda-  
 ções de atrocidade a figurar o pobre revendo  
 dor. Mas se, galhardo, produzido, a...

- o maior amigo de Paulo! - aparece festivo, em  
da tudo de fisionomia.

Até amor, que as meninas batidas estão  
ma enxada as asas, tremulo, aparece deitado, ter-  
no, decidido, esboçando um olhar branco de arca  
com a fronteira da vara de marmeleiro ou com  
a estrepidez do guarda-uf, palavras que de  
quem uma sabe ler!



Imagem graciosa dum mercado em Barcelos

A Feira dogado

No Campo de S. José, antiga da Manduca, fazia-se a feira  
de todo o padro, que hoje se no espaço do Campo da Feira, ficando ali  
somente a dos sinos. (O Mito da Lavoura de J. A. Vieira - 1887 (II Volume))

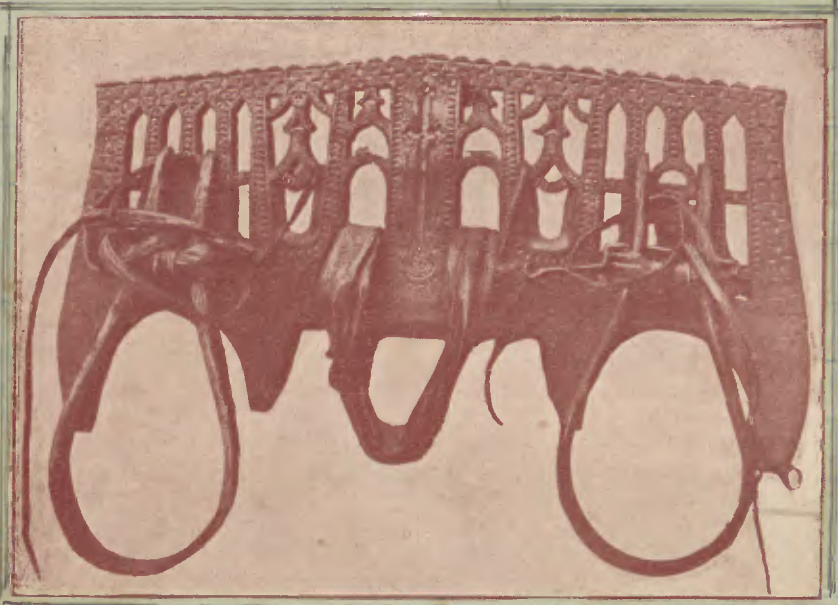
Jogos

"Feira de Barcelos"

"Tipo uzado e fabricado no nosso concelho"

e  
"Vendido nas nossas feiras"

"Da Reserva Histórica"  
de Barcelos - Guimarães

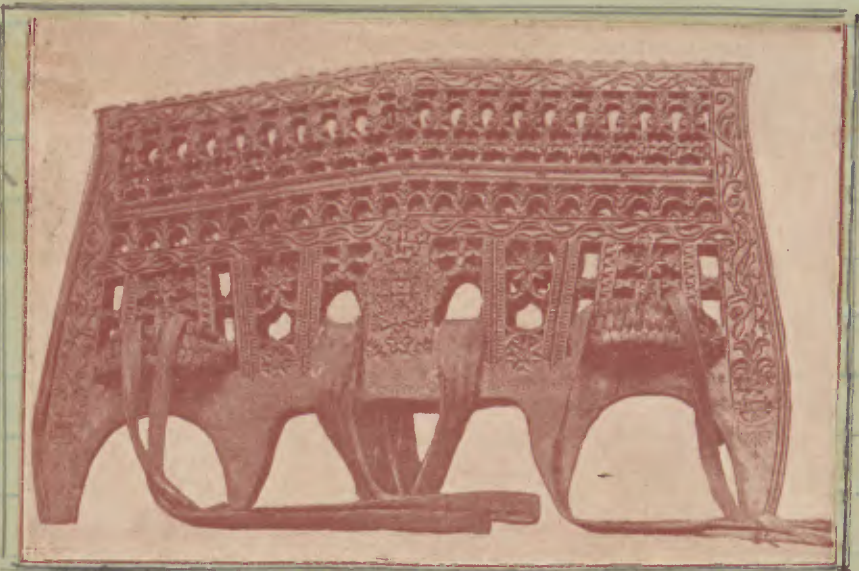


Tem caracteres enraizados, numa tradição tan-  
tas vezes secular.

Seja como descolui na nossa staua popular e  
nos documentos arqueológicos (mesmo no me-  
lho- rios) os sinais d'alguns ornatos.

"Ainda hoje se reproduzem muitos modelos."  
"Bendes Amia"

"Da Reserva Histórica"  
de Barcelos - Guimarães



Aqui o fabricante impõem-se alguma originalidade  
nos seus componentes decorativos, emi-  
necendo o em o Simbolena heraldica porta-

pez em seu substituiu a carne, etc.

Nota: -

"Os fijos são traduzidos em madeira mais ou menos peças de decorações românicas em pedra.

(a) "papium de Varanceis"

— x x x —  
Juntamente a venda dos fijos faz-se a das cougas e dos arcos para a pado bovino; dos arados e de diversas ferragens aplicadas nos utensílios de lavoura.

— x x x —  
Apeito sente-se bem n'este dia de lubris e aboga-se por vir a agitação dos negócios, especialmente nos estabelecimentos varios de retalhos e atacadis, honrando por destaque os do ramo de mercarias.

A industria manufacteira ainda crescente e esta representada por fabricas de tecidos, prestamarias, moagem de trigo, sapinantes e lanifadas, serração de madeiras e ceramica.

— x x x —  
A enxada manual dos brios e heu batidos "fijos", que são utilizados pelo pado bovino "aposto" aos carros da lavoura, de eixo movel, eixos e rodas são tambem fabricas do mesmo comercio.

## O Mercado da Carne

Fazia-se na rua dos Acouques, onde, antes do Juizo Libero havia apenas dois, o publico e o dos Clerigos, hoje ambos demolidos; o ultimo foi concedido por uma provisao regia a irmandade ecclesiastica no anno de 1752, sendo prohibido por dois irmãos ecclesiasticos que a mesm nomeava de huz em huz cruze e assignava em marcam "Abrotaces", cujo officio era, presidir nas terças feiras e sabados a distribuição da carne, atentando na sua qualidade e peso para



BARCELOS - Feira Semanal

com as companhias não  
fossem defendidas.  
Vide "O Melhor Pitoco"  
de J. R. Vieira - II Volume  
1887.

Curiosissimos  
Aspectos da  
"Feira Semanal"  
de  
Barcelos



BARCELLOS NA FEIRA



BARCELLOS NA FEIRA

O casal de namorados que o instantaneo surpreendeu



(Do Guia Ilustrado - "Bancos" - no Prágua, Pilsão - (1908)) - A Feira =

Assim se fundem o Banco da Feira que as pintas de cada semana colhe, fixam e povoam, trazendo-lhe a animação do seu povo, a candura da sênia regional, o simpático arcaico das alfaias de ferro para colheita e lavoura, e o bido impetuoso das mantas de farafros, o apetite das hortaliças e a fartura cerealícia, em uma obra ou em carros de bois que, desajustados e vazios, de vara ao alto, se perficam em alinhamento marcial de carros boeiros praguejando a face de um bivouac.

É o dia grande, o Principal, o festival e o influxo de Bancos, dia em que se compra e se vende para a semana toda, em que o médico cura por informações e doente que se cura em uma aldeia, em que se consulta o advogado e se vai a fazenda, à Camara e à Polícia, acompanhado e privado pelo chefe político de cada povo, - enfim, o Dia de Feira, idêntico em todo o País e igual em todo o Universo.

Na quarta-feira, por tarde, começam de de as duas a empurrar os carreiros, e toda a santa noite calcam os penetraes da vitta novas rodas rurales.

É uma velada em que uma fôrça de homens quem pensar ali pelas quintadas da Calçada.

D'ali para o dia, o rumor são como o M. P. Rumor ao principio feito de passadas, de batida de svicos, de estímulos ao povo, de trampadas dos carros nas sub-rodas, multidão - se ao deante pelo palatário das ruas.



Mues entre - narrando - se as seus atays, as suas  
quezílias e as seus males, fuba tneper das ra-  
pripus dos temores e a apêlo das da breca,  
fuba desordenado rogerio de fepures e mendici-  
nas marathando a supvaio.

Do hater do meir - chi, a aruido, esmu-  
nce n'um sussurro, te que a derradeira ha-  
dalata de todo chorua a insurreicao do  
silencio que nem a fiv da sviti - apmiente  
nem a toneira da munda - haviang movido  
a' rendiend.

Os chapieiros ambam das farrifas para  
a fuit, Ma o doel das aures como av den-  
fir do sol, onde anchar estar a essa hora,  
a chusma estaca, paralisada e temiosa a  
elevar as suas pinças!

E' como se numa síncope cordicaa cortaa  
se a respirar av melior ou como se fuba  
truz relivis da creaçao se hovesse entomada a  
fuz absoluta.

O pondevse avir das torres, rebate da  
morte para a muerado, endoz, Pauclos av  
sen trem de vida ordinario, em que - como  
a severita do seu riv sussurrante, a fessura  
dos seus jantais robes, as suas fachadas, seus  
randa, as seus arredos circuntudo as suas var-  
ridas e puros frassendas - alumbra, semana  
adeante, a cêra de um mosteir onde raro  
monje atravessse do air para a repetir.

Se este aspecto aguarda fela a repin-  
te pinto - fira em que fuba jantais da villa vel-  
nem, invasores, o movimento e a apertur.



## - Feira de Barcelos -

As actas da Camara nada dizem quanto a origem da feira, mas trata da sua dispozicao em um officio do Senhor XVIII - (acta da sessao de 25 de Fevereiro de 1787)

## - Feira do lado leste -

Esta feira annual e feyta-se aonde hoje esta o Pres-  
seio das Alhas, de onde foi mudada para o Cam-  
pino de S. Jose em 14 de Abril de 1791 e para aqui  
voltou em 29 de Janeiro de 1794 e em este inter-  
valo de 4 annos foi feyta tambem em Couto da  
França - (hoje Largo da França).

## - Feira do lado oeste -

Segundo nos diz a acta da sessao da Camara de  
12 de Janeiro de 1803 era feyta no Campino de S. Jose e  
por deliberacao tomada em 6 de Fevereiro de 1804 foi  
mudada deste Campino para o Couto da França.

## - Feira annual -

A acta da sessao de 21 de Outubro de 1783 da  
deliberacao a este respeito.

O. João V ordenou que todas as pessoas desta  
concelho que possuissem cavallo viessem a Feira  
de Ruys e desta ordem tornou conhecimento a  
Camara em sessao de 5 de Abril de 1749.

Em 30 de Abril de 1806 a Camara torna  
conhecimento de um Alvará de Sua Magestade orde-  
nando que a Feira de Ruys seja feyta.

Em sessao de 5 de Maio d'aquele anno se  
navegou-se a questao na Camara, sobre a forma  
da execucao do Alvará, ficando definitivamente  
reprehendido em sessao do dia 10 seguinte que  
ella fosse sempre feyta franca.

Antigamente a abertura e encerramento da Feira  
de Ruys era feyto no Largo da Balçada em Porta  
Nova e foi acordado da Camara votado em

sessão de 23 de Março de 1779, mudou-se para  
 a doçay do Templo do Curto da Cruz, aonde se  
 fizesse se fazia a "Feira das cumbucas"; - (hoje Rua  
 da Oliveira Salazar), - e mais tarde por resolução da  
 Camara, foi a abaracamento desta feira, mudado  
 para o lado direito do Templo em frente a antiga  
 Praça dos Encinos, local aonde hoje se faz.

xxx

Vide paginas 188 do 1.º Volume.



"É este um verdadeiro aspecto (e real) da feira semanal  
 de Barcelos".

Sobre a fotografia que obzamos acima, n.º "O Barcelense" n.º 1459  
 de 11 de Março de 1939, na minha sessão "Luta - Inova" dizia:  
 "Veio-me a mão um bilhete postal ilustrado, com um  
 trecho da nossa feira semanal, - feliz fotografia apanhada pela objectiva  
 de E. Cardina, grande amigo de Barcelos.  
 Fiz-me recordar as grandes feiras de ha trinta anos, nas  
 quaes o bem do nosso povo, a mente do simples raciocinio de que,

ser aceitas, se dividia em distintas seções alinhando um esmado cuidado os seus carros de bois para a venda da batata, das hortaliças e do milho.

Agraciosa e espontanea de tudo isto, mostrava o fisionomio da nossa região e o "a" vontade cosmopolita do nosso lavador.

Os arenados entre tantas seções formadas, não só pelas barracas dos tamanhos, chapéus e guarda-sol, eram vivas e uma vez calcurniadas pelos vendedores ambulantes que em voz retumbante, apressavam as estufas de pão, espolhos, pentes e cordões para colétes de amanho, entrechocando-se com o "pregão do "Braz da Limonada", homem de tez tostada, barba crescida e mal tratada, descalço e de saia amarela e de coto colado com folhas de hira, a tiracolo, a peruana pantsada e sonoramente: "Cá está a choca, na franja!... Vinde à choca!"

(Vide a continuação a folhas 6, 1 deste Volume.)



(Vide pag. 60 do 4º  
Volume destes Apon-  
tamentos) —

Vendedeira de rósas e abanadores. Indústria da feitura de  
Mailhases.

Os "pess" (também aqui fabricados) e as "rósas" que as mulheres do campo usam na feitura do linho, feições tão simples, tão das terras à barisa nas noites de inverno, tão agradáveis e cheias de beleza regional, que fazem recordar a avó velhinha, curvada ao péz das avós a fiar e a dobrar o linho que havia de ser utilizado na "teia" de que haviam de ser feitos os paninhos e as camizas dos netinhos que viessem.....

(Do "Lithyal Economico Monumental e artistico") (Vide pag. 60 do IV Volume destes apont.)

A Feira

(Publicação feita no Mineralino de "Paraná - Cidade" de Maio de 1929 - do Estado de São Paulo)

Apesar de seu notável progresso industrial e da sua  
prosperidade de seu comércio, e ainda na lavoura que Paraná  
tem a sua mais importante fonte de riqueza e a principal  
aplicação de sua actividade.

É por isso que a vida da nossa cidade continua  
a girar essencialmente em volta de seu mercado semanal  
das Quintas Feiras, a maior do País e também um dos mais  
interessantes e curiosos.

Uma Feira Feia em Paraná é digna de ser-se e  
surpreende e encanta os visitantes.

Os estrangeiros que aqui vem, de regra, nesse dia, não  
se cansam de admirar o grande aspecto material da  
vida rural do Paraná em que a animação entusiasta  
e a alegre comunicativa da boa gente primitiva, a  
jubilância dos trajes regionaes, a variedade dos aspectos  
da multidão que enche o grande Pampão da Feira, dão  
uma nota inconfundível da maneira de ser especial e  
tão simpática do povo da nossa Província.

Perceber a Feia de Paraná, conversar com os fi-  
santes, apregar os pechos e antigos costumes a' vida  
dar uma volta pela "Feira do padre," e ouvir a tosse  
das Pre-Moças no meio da multidão e' como que  
fazer um curso completo de psicologia primitiva.

Logo a Feia de Paraná vem perto de toda a  
Província, e todo o que a vida agrícola exige e om-  
nista, desde os grandes bois pacíficos que são os seus  
companheiros de trabalho dos seus "Lanadoses," até aos  
pequenos animais de servir que se entregam esgotadamente aos  
trabalhos das noites lanadeiras.

No lado dos pontos de ablação, representados  
na "Fronça" ou do "Brasil" e de bostas amarelo-borac-  
los e cada um simio - Paraná, em o hipódromo esta-  
do "a' Americana" e de Bengalia, toham-se ain-

da os homens de sciças, a antiga, com a seu varapan  
de lado ou de mammelão; e os coltões bordados e pa-  
das lençóis de cores vivas, e as típicas e variadas chi-  
nelas, que fazem mais bonitas e mais airosas as moças  
do campo, ainda não foram inteiramente substituídas  
pelas "blusas" deslepidas e banais e pelos notórios  
sapatos "à Luiz XV" que são a honra das prendas de  
sevir e as deixam e lhes abertam, aborrecimento,  
os pés.

No lado das "Carrionetas" a substituição de pinto  
e de castor, que vieram substituir, mais rápidas,  
mas muito pitorescas as velhas diligências do tem-  
po antigo, passaram os pacíficos carros de bois, em-  
chados por juntas arbutas, puxadas por lindas  
cangas endalçadas.

Logo de manhã, em vez de "santos" de bois  
carros de bois, que as Pontas Municipais, cuidadosas  
de Urbanismo, civis e sacrosamente proibem e ob-  
estarem dos circuitos e do tráfego das principais  
com que de antes entravam estabelecidas na  
Vila a antigo "Viapinto" o "Voador" e a "Fm de Pe-  
preiros" tiradas por jarranos esqueléticos e adustos,  
é a pente disputada pelo businar rouco do "Busto Smt.  
Quintela de Braga" e da "Olla a Traspuntada Estij de  
Teira" que passam rápidas e flamejantes, levando  
a poeira, levantando nuvens de poeira, e fazendo  
estremecer de surpresa e de falta de preparação as  
ruas e as casas do velho burgo dos "Antigos Condes  
de Barcelos".

Comença a pintar-se a Teira.

De noite foram chegando e tornando presentes carros de  
bitão e de habatas da beira serra.

Outros carros vão chegando e entrando em algarves  
tr.

Alguns - e também, em algumas fílias es.

numerosos com os restos da festa, das palhinhas, dos ovos; empilhavam-se montões de cebolas, amam. se tendase barracas.

Levantei a "Santa Casa" a lanta e estenda, cobrindo da luan de barro; nem chegando as faldas de bois, as vacas com os seus bezerros, os contratadores de facto.

As discussões das repatinas, os juzeiros, variações de preços, as comprinhas e os discursos dos vendedores de diversos mares, a chian dos carros, a tumultuar das cometas dos autómicos, o "Zuu - Zuu" de todos aquelle juven- lém, encham a luan de um tal barulho para a gente, mesmo sem querer, sente-se empolgada por toda aquella animação.

Os juzeiros, os mesmos em toda a frente, apor- titam um abacordo das vendiduras para ditas a mar a uma luanja ou a uma mar cheia de ceryas e largam a vender, estabelecendo a en- fadar e provocando a pitania; passam por os ju- zos por uma fuma com um arde e terminando em não ir para onde os juzeiros levar, atvando os ares com pito, escondidos, outros av. av. como manças preparadas, mas igualmente insubordinadas e barulhentas; burros amarrados a arpoas juzeiros av. char, luanam desajustado, quando se lhes exepita a pasciosia si exepita que lhes decem de vender; carreteiros trapujam; abades pito e anga dos falam em juzeiros com os seus trapujam; sa- paupas do ainho, torcudo, com ares audidos, as faldas de munda "conversoam" com rapagões, de afadega a traz da orelha, enartados av. varapaus ou com recintas, de luança, desajustado, deudo av. uni- juzes e que ainda não conseguiram arranjar em m. m. m.

De vez em quando, um ratorcio apanhado em flupante de surrighar, nos trechos, ou algu-

ma carteira enfiada, passa entre a gradeira da foun-  
da, ao meir das impugnações dos rondados e da au-  
riedade barbaque dos que correm para ver "o que  
é?"

Na feira do pado dizente-se somramente, entre  
fartas libações de rascante.

Ap' lado, ali emito perto, em fendas ao ar livre  
fregam-se sardinhas, e come-se e bebe-se, zimmi-  
pavelmente bebe-se do vinho e do "morango".

E sobre todo isto, um substituinte, que esca-  
da, e um ceu azul, emito azul emito finto, que  
que completa maravilhosamente a pado...

— x x x —

Até que, ao dar do Meir Dia, tocam os sinos as  
Fimidades.

E faz-se o silencio, um silencio que se acove, em  
contrastu com todo o qual ruido.

Os homens tiram os chapéus, as mulheres, aiubadas  
junto dos ceitos, levantam-se.

Todos se calam, todos se persignam, todos re-  
fiam as Ave-Marias.

— x x x —

Muito depois volta a barulho, a animação, o  
movimento.

Mas o momento culminante da feira passou.

Os serrateiras já fizeram o seu despejo, os  
chades foram fiantas, e, ao lado dos carros ou a  
sombra das arvores os lavadores flocados fucham dos  
farcis e fiantam tambem.

E pouco a pouco, começa a desmanchar  
se a feira; os de mais longe debandam primeiro;  
as "Cannonetes" começam a chamar pelos pupu-  
ros.

O pado vai retirando, as manadas, acem-  
panhado pelos marchantes de fora, e pelos rera-



lões, montados nas suas pernas fúrdulas de salve em-  
braveado, com o varapau entalado debruado do jo-  
lho, e quantas vezes, dando bordos inverosímeis.

Ficam para a fim os bebedores insuaciáveis,  
beluriando ainda as ultimas canicas de uva-uva.

É assim a feira de Barcellos e Deus a conserve as-  
sim por muitos annos e bons, para que não desa-  
pareça de todo, da nossa terra, appellido em civiliza-  
ção, e progresso; até mesmo para o povo de Teresopolis  
que agora anda tanto na moda...

Barcellos, 14 de Maio de 1929.

(a) Conde de Vilas Boas

(De Fran. Cardoso e Silva - Deplho 8 deste Volume)

Eu já vi a feira dia mais ou menos, me affi-  
ciava com o mercado semanal, mas tudo fiz simpli-  
mente.

Merito ficou em deju do prumo que seita.

O lavrador e lavadeiras, vendendo, a pistando,  
comprando e marrathando, enchem o campo  
da Feira (o nosso campo das Cruzes) com uma  
vivearia que nos dá a ideia do ribombar de  
um mar encapricado, mas por a repressão  
de da parte do campo com que se <sup>come</sup> se  
que da Antissima Trindade, faz sustar as  
avir a peçminha badalada do sino grande  
da Igreja do Bom Jesus da Lemuz, sem en-  
fi a moridade impõe um respeito e re-  
verênciamto indisaitivo, fazendo com que  
trala a pente, mesmo a mais incrível,  
paire e tire o chapim com modesta e unção.

Yapim Leitão, no seu "Guia Illustrado de  
Barcellos", a paginas 7, descreve assim este maravi-  
lhoso espectáculo: . . . . .

"Ao bater do meio dia, aranhado e mordece um sussurro, 'tê que a derradeira badalada de todo domina a insurreição do silêncio que nem o fim da noite aponisante nem a torreia da manhã haviam movido a rendição.

Os chapieiros cambiam farrifas para o furo; sob o docel das arvores com as desabrigos do sol, onde paltar estava essa hora, a chusma estáca paralisada e temerosa a elevar as suas fraças!..."

A etnografia do nosso povo, recorda de acuntho ligado a tradição, dá-nos de site em site a confirmação da sua bondade, mais a tenta no furo do seu labor, do que as coisas mesquinhas do mundo, e, assim, ao ouvir as doze compassadas badaladas do sino grande do Bom Jesus da Cruz, - (Togue das Três-Maia), - leva o seu pensamento ao Altíssimo pedindo-lhe misericórdia e perdão dos males que intencionalmente pratica.

A J. P. de C. C. Pereira fazendo-nos recordar as feiras de antanho, dá-nos a reflexão esplendida de um passado, cuja memória ao passar, nos entristece por nos asseverar que tudo ele foi como a moedade... não volta mais!

Do "Dicionário Populário de Portugal" - (Memórias Paroquiais - Sec. XVIII - (1721) - Volume 6.º - Documento 33 f.º 21 - Tomo de Embo:-

"..... Além da feira do mes de Mayo que se faz pela festa da Invenção da Santa Cruz, que dura tres dias e he panca, e privilegiada, tem esta villa feira todas as quintas feiras, e sendo dia santo, se faz na sexta feira; todas estas feiras são captivas, exceto a primeira de cada mes, que he panca.

..... Nesta occasião ha uma feira panca que antigamente durava quinze dias com o privilegio de se não prender nella criminoso algum, hoje só dura tres dias....."

## = A Feira Semanal =

{ "O Barcelense" de 28-10-1939 - p. 2 - Francisco Cardoso e Silva }

Quem viesse em Barcelos aqui há trinta e tal anos e hoje queira deitar balance ao que era tipicamente nosso, verifica que as coisas mais tradicionais não só se mantêm por um influxo misterioso sem explicação possível por mais voltas que se dê aos olhos.

Assim, todas as manhãs cedo por um pequeno bando de um chovão, aparecem nas ruas da vila um ou dois rebanhos de sahas brancas, empunhadoras trazia pendente do braço esquerdo uma lata esmaltada com duas medidas para a venda do leite, artigos estes muito simples que mais pareciam de prata do que de folha esmaltada de que eram feitos. O leite de cabra era vendido à vista do feijão e vendido à sua porta sem grandes enroscos. Porém, que em si, a higiene pública exigiu com o consentimento de tal negócio. Por estas alturas aparecia também a "Lucas", mulher alda, já de certa idade, que da mesma forma vendia leite de fumento, animal que mauza e pacientemente percorria as ruas da vila e aqui e ali, ela mesma parava voluntariamente à porta dos seus vizinhos pequenos, consentindo, sem reparos, que a "Lucas" empunhando a tina tirasse alguns quartinhos de leite que então era recitado aos bichos e às pessoas que praticassem de fraqueza geral. Não sei por quê, este negócio foi proibido, abandonado. se assim em uma coisa tradicional e que a mim não, não nos pareceu. Mantem a tradição, para quê?

Essa bondade tende a acabar honramente, ficando o mercado inteiro de cada dia dentro, embora Lisboa, a Capital do nosso País nos dê lições em certos pontos, por exemplo: - permitindo sem receios de se deprimir, a tradicional venda dos feijões, que em grandes rebanhos passeiam as ruas da cidade por ocasião da festa da Pascoa e outras festas do ano. É ao recordar com saudade

estas antigalhas, pergunto: - A nossa feira, uma das melhores feiras semanais do Paiz  
hoje não é hoje metade do que era nesses belos tempos? Manita gente pensa que a pri-  
meira causa que a tem levado quasi ao seu desaparecimento tem sido os impostos municipaes.  
Na verdade tem sido este o principal factor, mas outros tem havido que insensivelmente  
fueram contrariando o povo e diluindo esse mercado de grande montada, até a ponto de  
ficar reduzido a zero. Sem justificação plausivel proviu-se a venda de vinhos co-  
mestruis nas feiras, e os estabelecimentos improvisados eram cobertos por grandes toldos  
que davam á feira um aspecto lindissimo e a tornavam tipicamente regional.  
Dentro deles se resolvia o minto negocio com o calor de alguns estros do verde-nascante  
e nunca se registou qualquer desordem fomentada por ali. O barrado gostava de  
comer o seu prato d'arroz e beber o seu granticho ali no campo. Sabia - he melhor  
do que dentro da taberna, onde o minto negro, se lá vai, se tenta a pastar, mais  
diminua o minto prato de carne assada com batatas, minto choro, ja de longe, de se  
lamber a lingua. A feira minhota sempre foi assim. Havia a chamada "fei-  
ra das comithes", nome que se dava á parte aonde a gente do campo colunha á  
venda nos seus cestinhos de quatro azas, variadas especies, como: - Meia quan-  
ta de minto de porco; uma ou duas chouriças, tres ou quatro saquinhas com  
meio quarto de feijão de qualidade differente e ainda, misturado no choro, á par-  
te desta encantadora exposição, uns coelhinhos mausos, uns fangujinhos ou  
alguns pares de pombos mortos. Esta parte da nossa feira, constituida por tres ou quatro  
longas filas de minto das nossas aldeias, principiava logo nas freguezias do Tem-  
plo do Bom Jesus da Cruz e terminava quasi á entrada do Jardim Publico. E  
esta parte da feira, a mais encantadora e a mais concorrida pela gente da  
vila, aonde encontrava de tudo um bocadinho, desapareceu!  
Fazia-se ali a maior parte das compras e para facilitar os pagamentos de  
tanta midade, ali lá apparecia a senhora "Arinhada do Quatro", com uma  
meia cheia de montinhos de dinheiro moído, que trocava por grão-  
do, recebendo de premio cinco reis por cada cinco pratos!  
E tudo isto acabou!

Bons tempos que se recordam com saudade!

(Vide pag. 188 do I.º Volume destes apontamentos e 60 do IV.º Vol.)

A Missa das Onze - (Vide foto a pag. 91 do I Volume)

Noutros tempos este acto sempre era celebrado no Templo de Dom Jesus da Cruz, todos os domingos e dias santificados, e onde a elite hauleuse procurava, por ser a ultima do dia, talvez, ir dar cumprimento a este preceito importante pela igreja.

A's onze meias um prelado, o "Sior grande" da Corte d'aquele Templo, previa seu sermão, brandeando de annunciava a Missa, dando tempo a que prelado de Santa Maria do Prado da Faria, pudesse vir servi-la.

Demante esse prelado d'ora as familias iam em bando a missa e tomavam indistintamente conta dos seus negocios, epreovavam a omnia das orações e exortações com que a Igreja commença a sauzida que heita se por os honores.

Nos nam se os fatos dominicanos que pela lumenia rez se estriavam, que toda a gente levava a que



Um aspecto da saída da missa das onze, no Largo fronteiro ao templo de Dom Jesus da Cruz, missa, mas uma sombria, um par de sapatos e até um simples par de meias, e acham-se no lugar de sede servia de protesto também para a soperame ir.

a missa das onze, promiscuidade de castas que não se reparava, tanto mais que a eschizão luxuriosa de ha semita, tudo permitia sem a menor censura.

O saudoso Congo, Sr. Batista da Silva, então capelão da Comandancia do Senhor Bom Jesus da Cruz, saia de sua casa em direção ao Templo, vestindo rigorosamente os seus hábitos páraes, obsequiando-lhe a farda e meias encarnadas e os seus sapatos de brilhante prolinente givelados a prata.

Uma vez a seu lado, outra vez a sua frente, a seu péssimo, um hum tratado com pinto de raça da Terra Nova, de pinto sedozos e busidios - acompanhava-o até a entrada do Templo, aonde uma guarda armava contra dele até terminar a missa.

O Sr. Congo Batista - (assim lhe chamavam os baaluses) - celebrava a missa com uma correção indistincta, que só por si, convidava toda a assistência a semita repetit, acatamento e obsequio.

Finda a missa, toda gente grande mole saia farta, procurava jantar - se e em passar a assistência até ao Jardim Público e d'ali, Rua Direita abaixo até a Ponte, ver a deslizar do bonançon e pretivo Cavado, até ao escar das badaladas do meio dia convidava o recolher a casa, aonde já se faziam os preparativos para a ~~deglutação~~ tip deglutação do almoço.

Nestes tempos, (e com que saudade os recordo!), as senhoras eram mais lindas e atalhetas, em certos pontos apenas se permitia cruzasse a innocente fôr d'arroz.

Ainda não se pensava nas "caixas de tinta" e sempre andava com as manicures!...

E faziam - se semita casamento e sempre, sempre andava, servia falar em divórcio.

Publicação feita em "A Paralela" n.º 1882, (ano 37) - de 3 de Maio.

de 1947 - da autoria de Sr. Francisco Cardoso e Silva

x x x

Templo do Bom Jesus da Lameira

Edificação do fim do século XVIII, concluída em 1705, no mesmo local de uma ermida (1534) alusiva ao Milagre das Cruzes, motivo das festas locais a 3 de Maio de cada ano.

(Vide pag. 99 v.º do 1.º Vol.) e 159 do 2.º Volume) e 42 do 4.º Volume

Lenda do aparecimento da imagem do Senhor da Lameira

Trá há muitos anos - há de custo, mesmo - que se operou este prodígio.

Os pobres de então, como os de hoje, costumavam às tardes irem pelas bonzas e devezas próximas em busca de lenha para os seus usos domésticos.

Uma velhota em certo dia encaminhou-se para as margens do Lavado à procura de arborizados combustíveis e teve boa colheita; vinha a colher, pois n'aquela noite fugia a cozedura das feias.

Justo um grande feixe, trouxe-o para casa e, enquanto preparava a massa, meteu no forno a lenha que colhiera.

Com grande espanto seu, parte d'essa lenha saltou fora do forno e veio cair no patho da cozinha.

Correu célere a novidade e um artífice, reunido-a, formou com ela uma imagem de Cristo, que foi levada precipitadamente para a capela existente no Campo de Ceima de Vila.

Essa imagem conserva-se ainda, denegrida do calor do fogo em que foi

lançada.

(Vide pag. 102 v.º do 1.º Vol.)

Hospital da Real Irmandade do Senhor Bom Jesus da Cruz =

Esta irmandade criou um Hospital exclusivamente para tratar-  
mente dos seus irmãos, o qual foi inaugurado em 3 de Maio de 1889.

Imagem do Senhor com a Cruz às Costas =

... "Foi em 1505, que o mercador, natural de Barcellos, trouxe  
de Flandres a devota Imagem do Senhor com a Cruz às costas, conforme disse o  
Chante Manuel Severim de Faria no Promptuario Espiritual, Cap. 28, no  
art. consagrado aos Miragres das Cruzes em Barcellos".

(Do Supplemento para unir a "Memoria Historica de Barcellos, Barcelinhos  
e Famelicão" impressa em Trancão do Castello em 1867) por Domingos Frappier  
Reis - Abade do Convento - 1872.)

Tendo consultado a obra acima citada pude obter a seguinte informação:

— 1) M. Severim de Faria não menciona a data em que veio para a mi-  
nitiva cidade de "Santa Cruz", de Barcellos a "Imagem do Senhor com a Cruz  
às costas";

— 2) na p. 91 (Cap. XXVIII) do Promptuario da publicidade a um tre-  
cho da historia manuscrita da Trindade da Capella da Piedade da  
Ordem de S. Francisco, lib. 2, Cap. 22; e desse extracto que recortei a  
seguinte:

"No anno de 1505, trouxe um mercador de Barcellos das partes  
de Flandres esta santa Imagem".

Embora Severim de Faria não haja sido o autor destas palavras, teve o merito de  
as transmitir. Se as mereceu a mesma attenção e acritica, uma vez que,  
como diz Severim, "estes factos (i. e., os da Trindade da Capella) tem o seu  
origem do Bom Jesus de Barcellos não hoje desta cidade", sendo portanto  
"Continuas Testimonhas de sigla desta divina maravilha".



As Festas das Beruges =  
= As Festas da cidade =  
= A Parada Agrícola =

Realizou-se pela primeira vez em 1908, em Bragança, por iniciativa do Sr. Dr. José de S. L. - Barros - Desembargador e alma da Parada Agrícola.

Foi principalmente a sua vontade e energia, o seu entusiasmo e o de outros, a sua assistência, a sua presença preponderante, a sua orientação sagaz e a seu grande e inteligente amor a nossa terra que criaram e organizaram esta bela festa da lavoura, a mais linda e a mais elevada das nossas festas regionais.

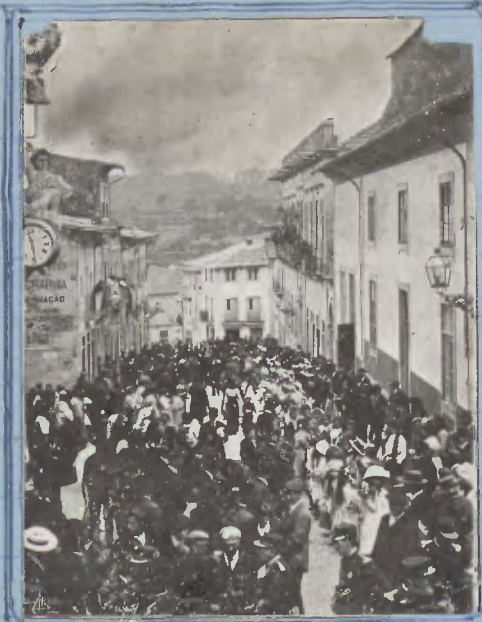


{ De "Paranhos - Revista" - 19/10 - de V. B. } -

Feste manifestação de vida e de actividades, de energia e de trabalho, a Parada Agrícola teve como nota dominante a alegria, a animação, o entusiasmo.

Apesar dos cuidados de algumas impudências, e de alguma ideia, os pontos de sabonete com os seus fests a lavoura com todos os lindos pontos

que da nossa terra, as rondas com telhas e com cantos, as músicas com os seus conjuntos distintos e os seus metais brilhantes, os carros empulverados de flores, os bichinhos de trabalho e prazieiros, e sobre tudo isto o amor do Sr. Dr. Barros que tudo organiza e tudo prepara, e' assim firmou-se a festa por uma festa de alegria, de luz e de paz, como poucas vezes se teve festa neste



torrar ahogado do meu filho.

É era comovido e consolado em  
mesmo tempo, ver desfilarem alguns  
e contentes todos aqueles trabalhadores  
do campo, cheios de vida e saúde,  
pauze e de alegria só, que passam  
viam, não com o ar iracundo  
e sbeidiante de quem toma parte  
n'uma manifestação que não  
compreendi, mas de sahuza leve e  
fada e com o ar resolutivo e digno

de quem sente unido bem o que vale, e prante e alijaz,  
o bom trabalho torrado que os seus braços crestados ab  
m e as suas mãos calafadas  
da serrada representam.

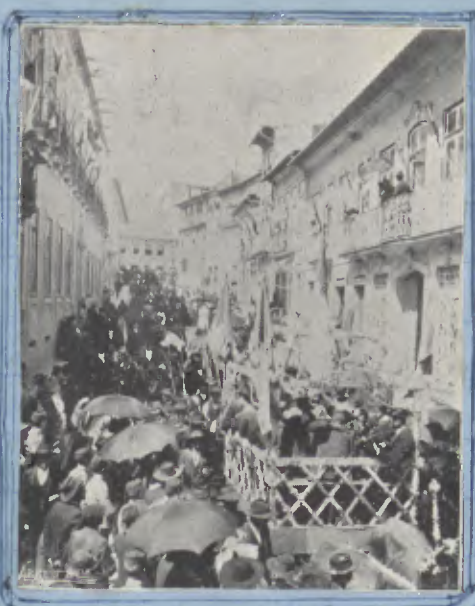
Ales se deve o escrito da  
Parada Médica.

A ideia regionalista, que entre  
nós começa agora a aparecer, vem  
desenvolver largos horizontes, e abrir  
um campo imenso onde ha  
espaço para todas as activi-  
dades, e trabalhos para todas  
as energias.



Baratos pôde refinar-se de  
ter instruido desde o anno tras-  
sado e saciando as necessidades  
paiz e especialmente a nossa  
luta provincial, tanto rica de  
tradições, de lindas gntrescas,  
de lindas costumes.

Trata-se de não deixar  
desaparecer todas estas coi-  
sas que constituem um he-  
gado precioso de passado.



e de os mesmos tempo concentras  
as forças para a luta conjunta  
do trabalho e para a renascimen-  
to da agricultura que é a  
esperança ambiciosa do fu-  
turo da nossa terra.

É este o fim manifestação  
e levantamento do espirito em  
favor do regionalismo, que  
troubé vimos começar no ano  
passado e reanudar-se este

ano com a Feira Agrícola.

Que todos os barcelenses, apesar que sim  
craamente e desotadamente desajam a prosperi-  
dade da nossa terra, com

preendam bem isto, e a  
Feira Agrícola além de  
uma festa brilhante, te-  
ra também sido uma  
arte e grande coisa.



— x x x —



..... as grandissimas festas  
das Cruzes, apesar d'alguns  
serviços que se lhes podiam prestar,  
mercem aplausos a toda, não  
obstante, estardalissimos mesmo  
até ao municipio de se merecem  
os expunir por meio da feira  
mais impetu que a entusias-  
mo poderse fazer explôiti.



AS FESTAS DAS CRUZES

O carro de Barcelinhos na marcha luminosa, que muito agradou.

mas de todo isto é facto, e legítimo, torna-se, mesmo dadas as condições superiores mencionadas em esboço, esplêndido e admirável o certame da lavoura local, a que se convencionou dar o nome de Parada Agrícola.

Logo se viu! Por si só já tinha uma grande festa cheia de evidentes proveitos e esforço de vibrantes esforços.

Parada Agrícola! Magnífica,

quando ao longo do Campo se expunham à análise dos muitos milhares de pessoas que se reuniram a apreciar a no seu momento glorioso, tornou-se, no decorrer

volveu-se em cortejo, que bem poderia tomar-se pela marcha triunfal da Agricultura, tão elevada, tão sublime, tão imponente, tão suprema e emmovente que a gente sentia que alguma coisa de grande passava, de comovedor e glório, significando a força exadra e zoro



centéssima da terra na sua intensidade e fecunda harmonia com as indústrias inerentes!

Brilhantíssima festa de trabalho rural, enaltecida com manifestos, inteligência e realçada com maravilhoso show.

Festa que foi de vasto entusiasmo e franca diversão, mostrou o

lavador que ele não era o para a desfezível,  
 mel, recipientes dos centros civis e das praças  
 os reconhecimentos gastados das aldeias, mas  
 um valor real e autêntico, sem poder  
 o factor da tão almejada independência  
 nacional.

Festa de fraternização e de progresso  
 foi uma alta afirmação de vida, um  
 amor que magua a razão de esperança,  
 senão há outro lampião de fé, formam  
 do gigante arrebol de promessas, a ma-  
 chucada ridículo do resurgimento da Pátria!

Esta mais que salido que a nossa riqueza  
 se está na agricultura.

Um dos meus mais amigos, a par da sua  
 propaganda pela palavra e pelo livro e pelo  
 ensino gratuitos nas quintas regionais, e  
 sem dúvida, este que em São Paulo há já  
 diversos se vem usando, graças à fe-  
 liz ideia e iniciativa e aos incedi-  
 veis esforços do Sr. Conde de Vila Rica,  
 a cujo nome se justo, por tão benemeri-  
 tos serviços, render a mais calorosa  
 homenagem de reconhecimento.

Aqui há de ser consignada ao referir  
 as nossas festas, a que soube dar o  
 mais favorável e típico nome, que  
 se transporem a um verdadeiro su-  
 cesso. Bravo! M.

(Primeira quinzena de maio de 1910) "Manuel Revista" nº 4

## Templo do Bom Jesus da Cruz

Edificação dos fins do século XVII, concluída em 1705 no mesmo local de uma Capela (1504) adossada ao antigo das Cruzes, no tempo das Festas locais.

(Vide prof. 89 do I Volume) e p. 175 deste Volume



Templo do Bom Jesus da Cruz

Publicação feita no Diário da Manhã em 1934 - por Francisco Cardoso e Silva.

### História do Paróquia - O Templo do Senhor Bom Jesus da Cruz

Em antes de iniciarmos a descrição e que salientamos acerca da constituição deste templo, vamos dar notícia do que era o Campo da Cruz, (1) na altura em que se iniciou a fundação, ou seja, que deu origem ao documento que já transcrevemos. É fazer isto para que se faça uma ideia mais segura e definitiva das transformações que se foram até tomar o aspecto presente que hoje tem.

O Campo da Cruz, situado no arrabalde de cima de vila, entre muros, era plano e era um grande sítio de carvalhos, que se estendia até à freguesia de S. Vicente (parte do actual occidente da cidade) e freguesia de S. Roque, (até parte da actual estação do Caminho de Ferro), abrangendo toda a área que hoje tem juntamente com todo o terreno da Misericórdia e sua Capela, Graça, Pedra do Castro e Campos da Liberdade, ficando-se a entender que hoje é o jardim público e Campos de S. João.

Como sabemos por diversos documentos e pela estada que fizemos a antiga vila a seguir.

Neste campo, a grande do aparecimento da fundação ou seja, (2) apenas existia a Capela de S. João a qual decorava com um

terramota que houve a 20 de Janeiro de 1515, a qual esteve pouco mais ou menos no fim do actual Jardim Publico, e não nos consta que por ali houvesse alguma edificação.

A aprovação da fidejussão em 20 de dezembro de 1534 determinou a construção d'uma pequena Igreja no local onde hoje se encontram o altar do Senhor Bom Jesus da Cruz e mais tarde (em 1705) augmentou e ampliou n'uma magnifica Igreja como hoje está.

Em 14 de Agosto de 1707 foi escripta a licença para a construção do Convento das Irmãs, junto a Igreja de S. Pedro de Torralva. Logo feito n'esta data a cerimonia solennemente da primeira pedra, e foi convento sob a invocação de S. Bento foi inaugurado pelo Sr. Bispo de Malindi em 8 de Junho de 1713, isto é, seis annos depois tendo sido construido na parte norte do actual Campo, tendo tomado deste grande espaço para a sua construção e como se vê.

Por falta de nascença, no tempo do Príncipe D. Fernando 2.º, foi escripta, pelo grande de vila, d'ella abadesa d'ella, para a construção de um Convento sob a invocação de N.ª S.ª da Conceição para elle serem internadas as parentas, e foi construido não se sabe por que motivo, porém interrompido, simplesmente com as paredes no abandono, mas em rei D. João V, por seu alvará de 8 de Março de 1734 fez mercê de principiar este Convento em favor de religiosos de São José, tomaram posse a 3 de Janeiro de 1742, mas não chegaram a fazer a sua fundação, pelo que os religiosos da Fundação precedida se mudaram para Barcelos, conseguiram tomar conta das poucas paredes por provisão regia de 13 de Março de 1749, mas não gostando do local que estava escripto, pelo que se deprecante por estar, como se disse, construido com pedras mais abrias do Con-

vento das freixas, marcavam novo terreno mais  
amorto, e a 22 d'agosto d'aguel tempo lan-  
çam a primeira pedra para a construção do  
Sanctuario (hoje Santa Casa da Misericor-  
dia) de maneira que a 11 de Fevereiro de 1852  
já lá se dissimava a massa e apesar de terem  
superfícies porcos a pouco a pouco estabeleci-  
ment, nunca chegaram a acabar, de ma-  
neira que em 1834, quando foram extintas  
as confrarias religiosas, era um bom convento,  
com uma grande e bellissima Igreja que ainda  
de hoje se conserva.

A Igreja dos Terceiros (da Ordem 3ª de  
S. Francisco) que hoje já não existe, foi cons-  
truida no lado do nascente do Campo da Fei-  
ra, sendo lançada a primeira pedra em  
2 de Março de 1834 e devido a falta de recursos  
foi ultimada (a' excepção da porta de entrada  
se) em 1856.

Esta Igreja foi demolida por ameaça de ruina  
e ainda por inestabilidade, sendo demolido co-  
meçou a ter lugar em 1839, a paraferrui-  
ção em 1852.

Hoje em tempos novos, no Campo da Fei-  
ra, a Capela do Espirito Santo que se achava  
naquelle tempo mais ou menos, no sitio onde  
hoje está a entrada para os jardins Publicos, em  
sua Capela não se sabe no certo quando de-  
sappareceu, mas que devia ter desaparecido  
no principio do quartel do Sec. XVIII.

— Continua a paginas 115 deste Volume. —

#### Notas:

1) Pela publicação do documento do abarcimento da Igreja vê-se que  
em 1544 já era chamado Campo da Feira. — 2) Pelo mesmo documento  
se vê que já existia a Igreja, mas a paraferruição, em tempo mais re-  
motos.



69

# Viagens régias a Barcelona

Em 6 de Maio de 1852 vieram a Barcelona em visita oficial Sua Magestade a Rainha D. Maria II, acompanhada de seu marido o rei D. Fernando e seus filhos e príncipes, D. Pedro, que depois foi o Rei D. Pedro V e seu irmão D. Luiz que mais tarde foi também o Rei D. Luiz I.

x x x

"Do Memorial Historico" do Alcade do Povo - (1867) -  
Fôgo na casa das Linhas Simões quando veio a Barcelona D. Maria II.  
... Mas que sinistro suceso! que horrorosa catastrophe!

Na noite d'esse mesmo festivo dia 6 de Maio, quando os Barceloneses, depois de penetrarem nas sandaques e felizes mil, estavam gozando os d'esses amplos de triumphos, para continuar a evidenciar a família de seus duques e amor a seus antigos senhores (funesto desastre! terrível evento!) improvisto incendio, ocasionado pela falta de precaução dos escolhos do pazo, e pelo qual se deu ás 10 horas da noite d'aquelle dia 6, se desappareu este edificio, excepto as paredes! A despeito se aborrecou a villa; os rios de jubilo se converteram em pranto de tristesa e dor; e as pessoas reais evadiram-se ao incendio, não sei se por precipitação ou milagre, fugindo para casa do Sr. Barañ da Betorta, onde estava hospedado o Sr. duque da Terceira, e onde ficaram desde então até ao dia 8, no qual se dirigiram a Villa do Castelo, voltando depois a Barcelona no dia 11, partindo no seguinte para Braga.



El - Rei D. Manuel II, repassando à Câmara Municipal depois de ter sido visitado as  
ruínas dos Paços dos Duques - Condes.



Na fotografia que se vê  
acima, vê-se o aplomera  
depois de estar que ali existiam  
n'essa altura, bem como a  
chegada do Rei da Cama-  
ra, o que tudo desapareceu  
por demolição.

El - Rei D. Manuel II, a uma parada da Câmara Municipal, para apa-  
decer ao povo as manifestações que lhe prestava, tendo à seu lado o  
Dr. Augusto Monteiro, então presidente da Câmara. (Reje republicano)

El-rei D. Fernando e seus filhos D. Pedro e D. Luiz assistiram, no templo de S. Luiz da Cruz, a festividade das Cruzes, que se fez aquelle anno, se fez no dito dia 7 de maio, porque, sendo el-rei D. Fernando juiz, como ainda e, da irmandade do mesmo S. Luiz, se transpuz a festividade para aquelle dia, para elle assistir a elle, como era da sua real vontade, manifestada a nam, antes de sair de Lisboa; a esta festividade assistiu tambem, a sua comitiva real, composta de duque de Saldanha, duque da S. eira, conde da Carrion e outras grandes, e orçapuz, todos em grande numero.

Sua Magestade mandou depois recedificar, a expensas suas, aquella casa incendiada no feu, segundo consta, dispendeu 5.274,000 reis.

Com tudo, os donos da casa sofferam grandes prejuizos, porque lhes foram devoradas pelas chamma, roupas e preciosidades, que tinham em bahus nos attos do edificio.

Nesse pavoroso incendio os Paeselleuses obraram razos de heroidade para salvar a familia real e extinguir o incendio.

O El e dehcansos, com que se honraram n'essa lamentavel occorrenca e costumam, a jurgia, ostentar sempre, em casos identicos, e hefannite comprovam sua fidelidade...

x x x x x

"Visita d'El-Rei D. Manuel II a Ovarinhos"

Em 3 de Dezembro de 1908 fez esta bondade visitada oficialmente por el-rei D. Manuel II, tendo sido entusiasticamente aclamado pelos povos de todo o vasto concelho, apesar de n'aguida 5. de

ra terem sido enormemente prejudicadas suas  
mensagens com a chuva que violentamente  
justificou a multidão.

Sua Magestade D. Manuel II, visitou o  
Hospital da Santa Casa de Misericórdia, o Tem-  
plo de São José da Rua, o Recolhimento do Im-  
maculado, onde fez concessões ao Sr. Joaquim  
Fialho de Sá, Camarada da Junta e entregou  
uma preciosa mensagem, tendo ali aqui se  
dirigido para os Paços do Concelho e depois  
a Igreja Matriz e Ruínas dos Paços dos Príncipes  
Caudes.

Abençoou no Salão Nobre da Câmara Municipal  
e a tarde retirou para o Porto.



"A Santa Casa de Misericórdia na ocasião que deixamos de há-lo,  
entrava na igreja da mesma Sua Magestade El-Rei D. Manuel  
II, quando em 3 de Dezembro de 1908, veio em visita oficial à nossa  
Vila, e a chuva que chovia torrencialmente."



BARCELLOS — Entrada de S. M. D. Manoel II na basílica do Senhor da Cruz, em 3-12-908

A recepção de Sua Magestade El-Rei D. Manoel II no Templo do Senhor  
 Confessor da Cruz — Guarda de honra feita pelos Bombeiros Voluntários de Barcellos.



Casa do Barão de Petrópolis onde se hospedou a Família Real na noite de 6 para 7 de 1852, por ocasião do incendio que houve no Palácio da Quinta Simões.

- Viagem de D. Manoel II a Barcelos -

D. Manoel II veio a Barcelos no dia 3 de Dezembro de 1908 (5.º dia)

Chegou às 11 horas da manhã à estação do Caminho de Ferro, d'ahi veio directamente a Igreja da Trindade, onde houve um Te. Deum. Tendo este o Sr. St. Rei dirigido-se aos Paços do Concelho, onde descançou nos minutos.

Depois deste descanso S. M. St. Rei assumiu a guarda das janelas do Coliseu da Câmara, sendo bastante emocionado.

Passado tempo dirigiu-se para o Salão do Tribunal, onde lhe foi oferecido um almoço em cuja mesa se viuam riquissimas frutas e vintagens da horta do feudo Pereuhagade Coluado, Marões da Costa.

Tendo o almoço houve recepção no Salão Nobre da Câmara Municipal e geral assistência todos o elementos officinaes da localidade.

Tendo este acto S. Magestade foi a pé ao Paço de S.ª Dama hão d'Infancia em S.ª

D'ahi foi em automobile ao Templo de São Jesus da Cruz.

D'ahi dirigiu-se ao Hospício da Misericórdia.

Depois foi ao Ajiz e Recolhimento do Povo no Odeon onde foi recebido pela Comissão Administrativa da Presidência do Conselho da Câmara.

— x x x —

D. Maria II quando veio a Barcelos em 1852, teve como pala-  
cio a Casa das Sen.<sup>as</sup> Limões, na freguesia de Cima:

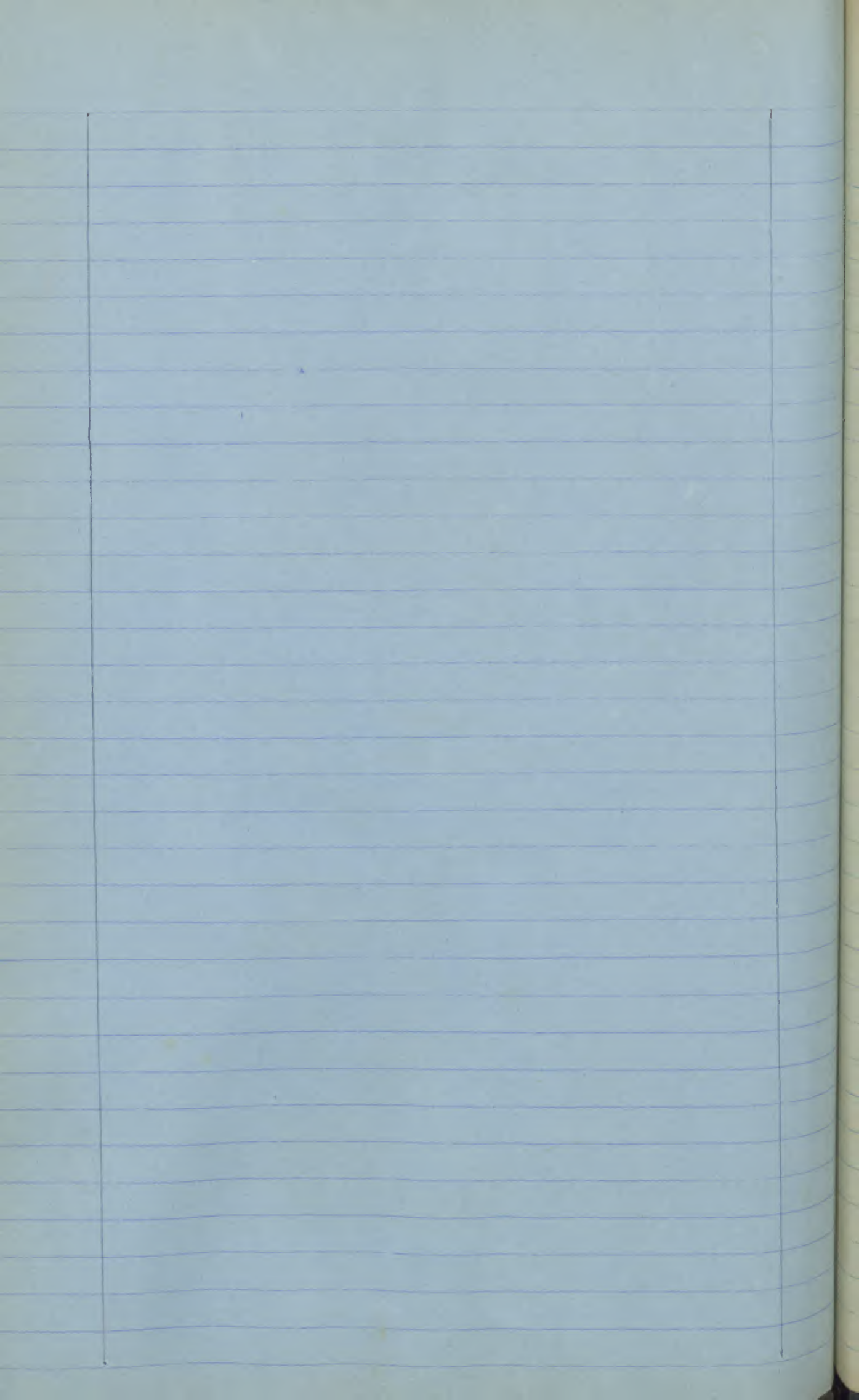
(Da "Memoria Historica", do Abade do Louro - 1867 - paginas 55)

..... foi a que serviu de palacio a S.<sup>ta</sup>.  
a Sr.<sup>a</sup> D. Maria II, saindo de aqui, sandoea o mesmo  
quando ella, el-rei o Sr. D. Fernando, seu marido,  
e seus filhos o principe D. Pedro e o infante D. Luiz,  
aquella depois el-rei D. Pedro II, e este actualmente  
o Sr. D. Luiz II, em 6 de maio de 1852 passaram  
Barcelos, com suas augustas presenças, visitando.

o. . . . (Foi aqui neste pueiro que se deu o incendio descrito a pag. 69 d'este  
Volume d'Apontam.<sup>to</sup>)

(Vide paginas 30 do IV Volume destes Apontamentos)







- "Membros Militares", vulgarmente conhecidas pelas  
"Membros do Antão"

realizadas no Monte de S. Gonçalo, no "Penedo do Ladrão" =

"Supremacia dos Fuzis, conselho de Barcelos"

Realisaram-se nos dias 16 e 17 de Setembro  
de 1903, tendo tomado parte n'estes grandes exer-  
cícios, grande numero de tropas aquarteladas em  
Brijada em pé de guerra, fuzil que se encontra-  
ram aqui, em Barcelos, emittos milhares de fuzis.

No ultimo dia dos exercícios houve uma  
parada geral, tendo por esta occasião passando de  
vista a todas as tropas Cel. Rei D. Carlos I, cu-  
ja revista teve lugar no planalto do Monte de  
S. Gonçalo - dia 17. Esta revista teve lugar na Figueira-

Este acontecimento deu lugar a que, aqui,  
aficasse enorme multidão de gente de todos os  
pontos do paiz.

x x x

- Desastre durante estas manobras -

No decurso dos exercícios, no dia 17, quan-  
do a Artilharia salvava a Fragata de Cel. Rei, por con-  
sigo da sua chegada a este local, uma granada  
explosiva e explodiu a braco direito do 1.º Cabo por  
Antonio Gonçalves, da 2.ª Bateria do 1.º Grupo d'Artilha-  
ria nº 5 - Vianna do Castelo.

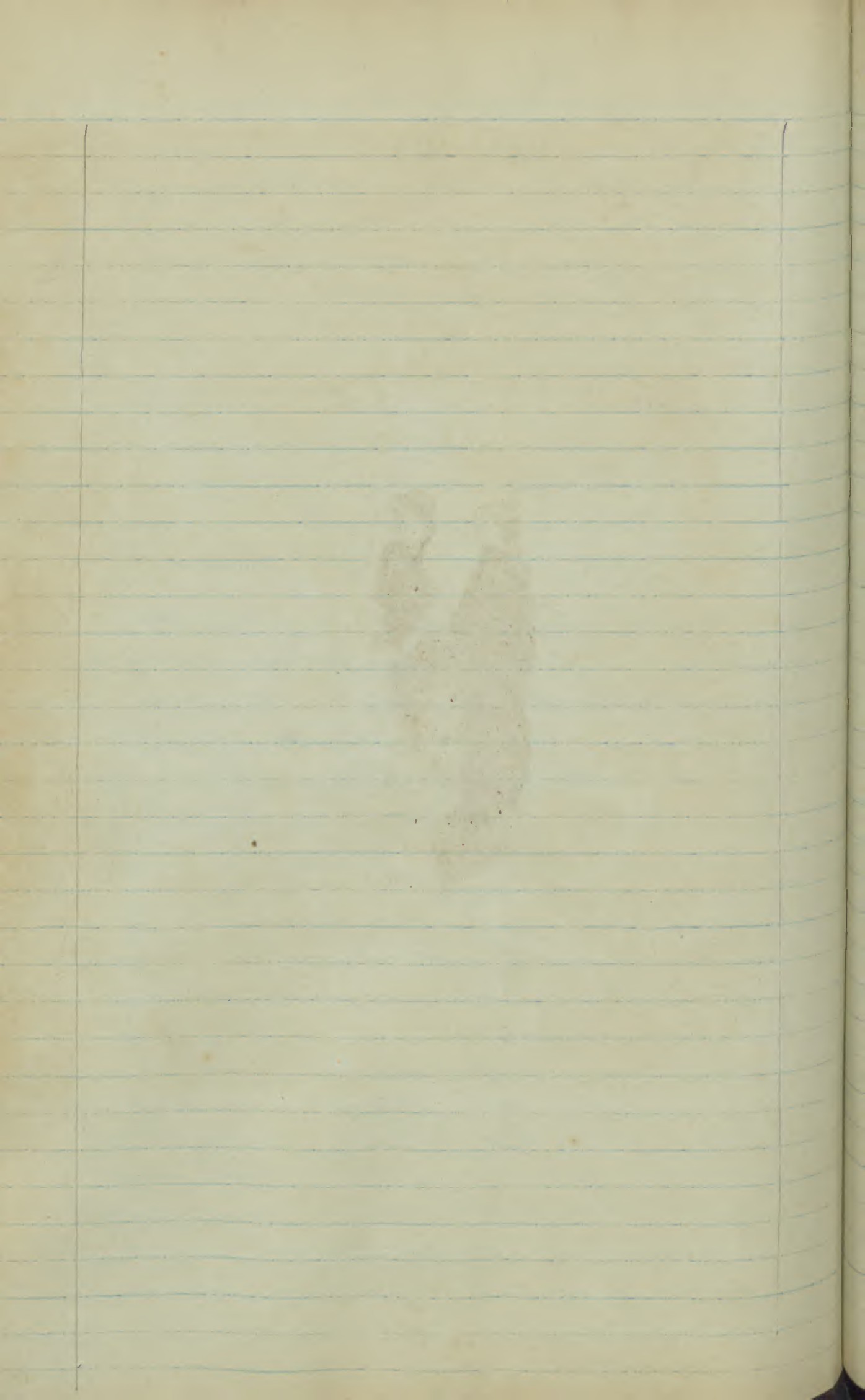
A Fragata de Cel. Rei, em consequência do acidente, por  
intermédio do então Ministro da Guerra General Pinna-  
ral Pinto, determinou que terminassem os exercícios.

O ferido foi transportado para o Hospital da  
Município de Barcelos, onde ficou internado e sofreu  
a desarticulação do braco direito.

x x

O Monte de S. Gonçalo tem de altitude 483 metros

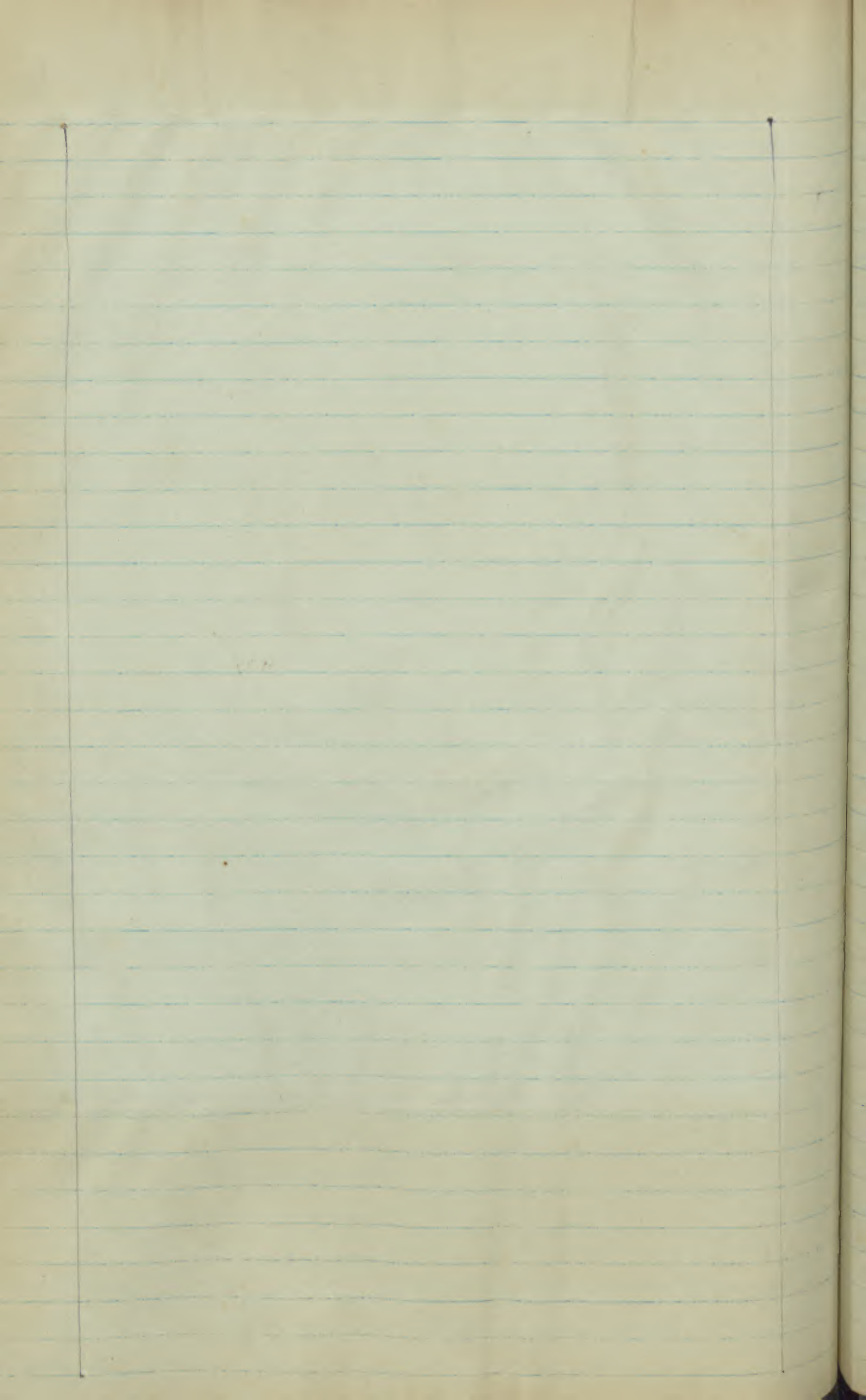
O Penedo do Ladrão 416 metros. -





Sua Magestade El-Rei D. Carlos I passando revista às tropas que tomaram parte nas grandes manobras no Fronte de S. Gonzalo, no "Penêdo do Ladrão", revista que teve lugar, debaixo de um sol ardentíssimo, no dia 17 de Setembro de 1903.

A revista teve lugar no Siquirit, perto do Penêdo do Ladrão.



## Ciclones e outras tempestades e desastres

Na 5.<sup>a</sup> feira 10 d' Abril de 1902, junto á estrada que atravessa o Campo da Feira, formou-se um ciclone que seguiu a sua trajetória, na linha norte-sul, até junto da Quinta do Sr. Joaquim Pereira, aonde findou. (Quinta da Bugueira).

Na sua passagem arrastou tudo o que a sua força podia levar para os ares em meio de uma rapidíssima mudança de pó; tendas de lã caria, chapéus de palha, etc., etc.

A enorme multidão que encheia o vasto Campo da Feira, atemorizada com o ruído e com a escuridão desordenada em todas as direcções sem saber para onde nem que fazer.

x x x

Na noite de 15 de Fevereiro de 1941, houve um ciclone que assolou todo o Paiz, tendo produzido estragos enormes; tendo sido derrubados muitos arvoredos e ido para os ares, telhados, chiméus, claras-boias etc., etc., aqui em Barcelos.

Os estragos foram de tal sorte que a freguesia da Noção teve de acudir muitos e elevados subsídios.

Além dos estragos materiais, também houve muitas vítimas desastres pessoais.

Vou ha memoria de tamanha calamidade.

x x x

Nos annos da historia de Barcelos regista-se tambem uma grande ciclone que produziu estragos profundos localmente etc. no dia 20 de Janeiro de 1616.

x x x

Nos nossos dias, infelizmente, tambem nos podem registrar equal catástrofe que assolou o paiz inteiro na noite de sabado 15 de Fevereiro de 1941 (veriamos o 2.<sup>o</sup> da

tarde) oup' aendaval aichmics não poyron sem se tithad  
nem uma só chavim; derrubando os muros tempo fimbri  
nas e muros, eulavidade p'u aterrorisa todo o puyj am  
sando. the p'andos e p'ariminos p'uyjizos. p'ub' p'u o b'itudo  
concerreu am elvadiçimias, omes p'ra os s'icintudo p'u  
he p'andos p'uyjizos. caurados. —

— x x x —  
Tremor de terra —

Na 5.<sup>a</sup> feira 31 d' Outubro de 1880 sentiu-se n' esta  
vila um violento tremor de terra, seriam 6,40<sup>am</sup> da  
manha que se repetiu com intervalos de alguns  
minutos, como não ha memoria.

Felizmente nada houve a lamentar.

Assim o regista a imprensa da época. —

— x x x —  
Grande e horrivel desastre —

Fundo o "Jornal do Estado Novo" p'ovendo uma festa  
do Estado em diversos districts, convidando a p'uro de  
todas as freguesias, p'ovendo as camionetas as orobas, — sem ma  
da p'apar, — oche em 1880 a reg' no district de Viana  
do Castelo, p'ra onde o mestre ametho de Barcelos, p'ante  
animadamente.

Na noite de 1 para 2 de Maio de 1880, p'u no  
fim da festa — p'u esthida, em Viana do Castelo, n' uma  
p'aypou de semel p'ro ambrin, uma camioneta  
com p'ute das freguesias de Gual, Chavar, Chrent e  
Draçima, d'ute emetho, tudo p'ovido p'u t'uidades e  
p'rapayios e 19 p'ovamente feridos e alguns em p'uyj  
de vida, p'u faleceram depois.

Este grande e horrivel desastre contristou e en  
tudo todas as p'ueas freguesias. —

— x —  
Vide paginas 136 deste Volume - Continuação desta p'ec'ra -

"Os Franceses em Barcelos" (invasões)

Quando da invasão a Portugal de 1809, os franceses invadiram pelo Norte, tornando-se Brega a 20 de Março.

Para Barcelos veio a divisão de Lopez, entronchada aqui n'uma 4.ª feira - 22 de Junho - e foi expulsa pelas autoridades locais no lugar de Vercadas, em Vila Verde.

O Quartel General estabeleceu-se na casa da Baixaria e os regimentos dos invasores acamparam e bivacaram no Campo da Feira, Campo de S. José, Campo do Couto, Campo da Moura de O e da Granja, utilizando-se ainda da Igreja do Convento dos Santos Refugiados (Chapel Hospital da Misericórdia), para guardar os seus cavalos.

Deixaram Barcelos no dia 25, marchando para a Torre.

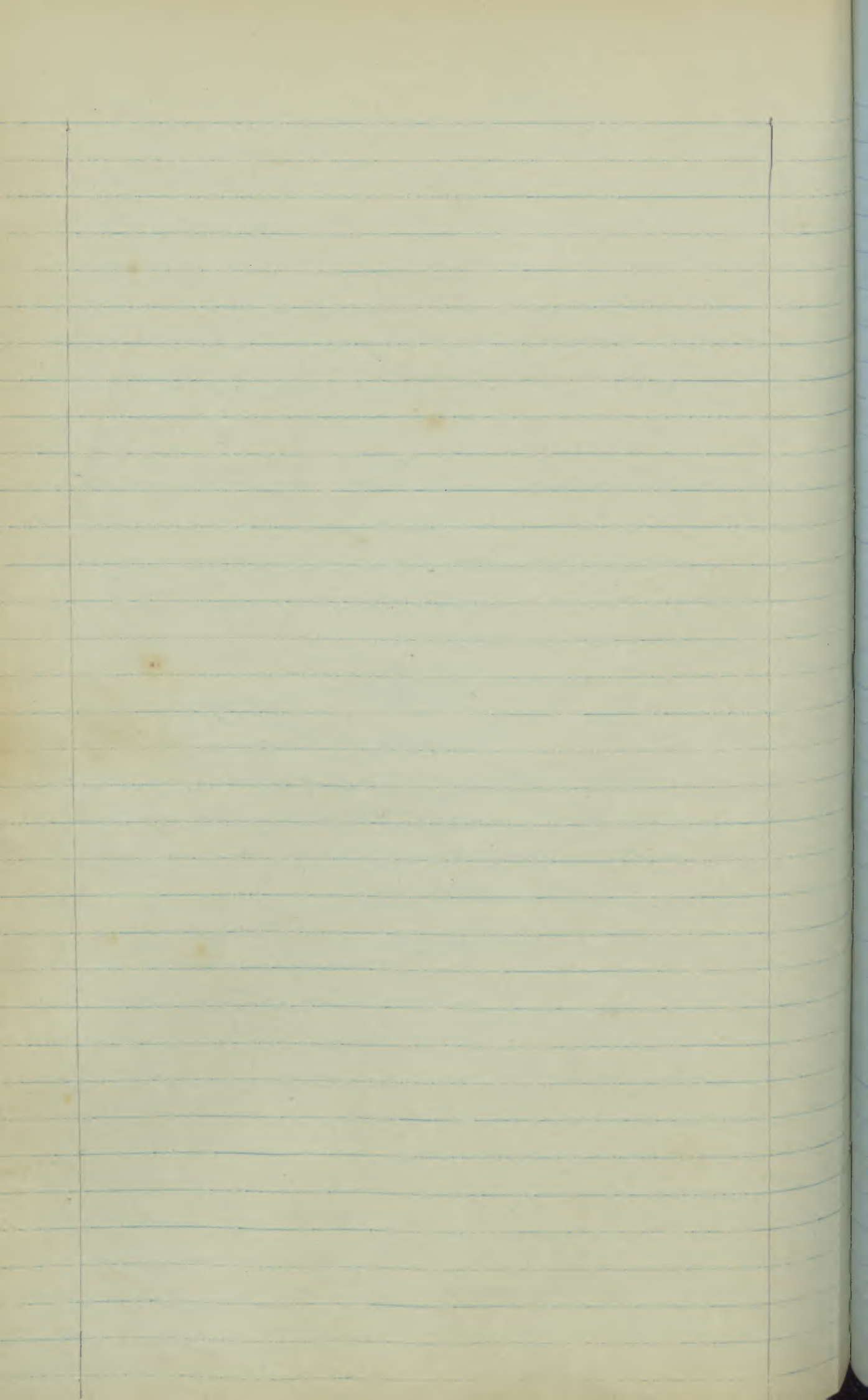
Instalaram um Hospital no Campo da Feira por ter recolhido uma palhinha no lugar de Queimado, em S. Martinho de Vila Verde.

x x x

Como acima se diz, os Franceses entraram em Barcelos no dia 22 de Março de 1809 (4.ª feira) tendo feito muitas buscas n'esta localidade, Carvalhal (S. Paio), Vila Verde (S. Martinho) e outras freguesias.

x x x

Vide folhas 19 do III Volume destes Apontamentos.





# A topographia de Barcelos

He esta villa cercada com huma boa e alta cormsalha de abrucaia, cercada toda em volta com arcos quadrados com a mesma falha em seteiras no meyo de cada duas; esta muito forte pela qualidade da apomada. A volta da muralha tem tres torres muito altas de quadrangulas, sendo a maior e mais levantada a dos Portuguezes da Serenissima Casa de Braganca, que esta unida com a fronte. Tem esta torre fundamentos bem feitos da mureta do rio, sobre rochedos muito fortes, e subindo she iguala com a fronte, e o terrapleno da villa tem tres portas, como ja dissei; e daqui se levanta um tanto a altura, que excede de cento e cinquenta palmos com duas arcadas de pedra, e na ultima tem janellas de todos os pontos. Do interior da torre que de fronte a sul, tem setenta e cinco palmos, e de trascente a leste trinta e tres, esta hum tanque com huma mil e quinhentos de Santa Monica esculpida em pedra; as duas portas tem de largura quatorze palmos, e treze de altura nas paredes. No cercado dos muros desta villa ha sete portas e hum portigo. A primeira fica debaixo desta Torre, e na sua fronteira; a segunda chamada do Terejal, que fica sobre o rio no alto dos rochedos entre duas portas que faza cormsalha. Mais acima tem a porta chamada da Ferraria, que fica para a direita. Sepria-se antigamente mais acima a porta de outra torre que tinha outra porta no seu interior, mas depois como se fo da Torre Cadeia de Villa se abriu a

pequena distancia para o Norte a que hoje chamão *Porta Nova*, estando daqui para  
Oeste está a *Porta da Ferraria*; e a que acima tambem chamamos da Ferraria  
se chama a *Porta da ma das Velhas*, que por effiguração se disse ser da Ferraria.  
Neste abeiro está a *Porta* chamado do *Salle* que ha debaixo da torre assim cha-  
mada, e no interior estando para o Dreyo da tem outra por onde se en-  
tra para a villa pela rua da *Esperança*; e he a que está ha muito que  
recolhe uma milagrosa imagem de hum Santo *Bernardinho*. Depo-se ul-  
timamente a *Porta* da *Porta* debaixo estando para o Oeste, e junto da  
torre do *Palacio* da parte do Ocidente, tem hum portigo chamado dos  
*Sedames*. No interior da villa tem outra torre toda de granito, que tam-  
beem foi da fundação da villa; e hoje serve de *Casa de Camera* sobre a qual está o *aliojo*.  
Junto desta torre está o *Paço do Conselho*, onde os *Reis* fazem as audiencias, todo  
circulado de arcadas, e sustentado sobre quatro grandes arcos para o largo do *Paço*  
*Maio*, e ha para a *Rua da Misericordia*. Os muros, e torres desta villa foram  
ordenados pelo *Conde D. Affonso* depois *Duque de Bragança*, dando-se principio  
a obra pelos annos de 1402; e depois de acompanhar o *Conde D. Affonso*  
a *Rei D. João 1.º* sem pay na tomada de *Castella*, se recolheu para  
esta villa no anno de 1410, aonde assistiu muitos annos, como já  
dissemos. Os *Historiadores* attribuem a fundação da *Porta* ao mesmo  
*Conde*, e depois *primo Duque de Bragança D. Affonso*; mas examinando  
da se he a *fabricao* e *Arquitetura* della, claramente se vê ser obra muito  
mais antiga, e por isto alguns se querem persuadir, que he obra dos *Romanos*,  
e que foi reparada pelo *Imperador Maximiano*, e que assim se colhe de  
hum cippo, dos que estão no *Campo de Santa Anna* na cidade de *Braga*,  
o qual não podemos examinar; outros dizem que a mandou fazer a *Raiz*  
o *Rei D. Mafalda*, no mesmo tempo, que se fez de *Canavezes*. Tem esta villa  
dentro dos muros o *rocio* chamado da *Luiz*, que de huma parte he faz face a  
*Casa do Paço do Conselho*, *Torre da Camera*, *Porta* principal da *Rua da Misericordia*,  
e a *Caza do Calide* della; e da outra *Rua da Luiz* que *Collegiada*. No  
meio deste *rocio* está ha *chafiz* com hum grande *piramide* de *pedra* qua-  
drada. No *Largo do Apoio* ha outro *chafiz* mais pequeno. No *Largo do Tan-*  
*que* ha hum *bica* de excellente *agua*. No *Largo do Terceiro* está o *Palacio*  
dos *Pinheiros* com duas *torres* cauza magnifica e muito antiga fundado por *Justiço*  
*João Pinheiro*, e este he o *Solar* desta familia em *Portugal*, e hoje he seu *administrador*  
A continuação desta transcrição ha-se a p. 18.º desta *obra*

= Aras, Baçares e Lagoas dentro das antigas muralhas -

Aras dos Agaçes = Passa da Rua de S. Francisco para as ruas de S. Domingos e do Terreiro. É a parte da actual rua de S. Francisco ligando a Lagoa do Agaçes à Rua dos Agaçes de Propança.

Aras da Fonte de Bains = Passa da rua de S. Domingos até ao portão da muralha na saída da cidade para S. Domingos, onde a Aras se separa.

Vide a demarcação deste Aras - Acto da Câmara de 2 de Setembro de 1857.

Aras da Igreja (Póço) = Passa da Rua da Igreja para a rua dos Pelanos e porta da Torre a face das traças da Capela de S. João.

Desapareceu com a ampliação da Igreja da Catedral.

Aras dos Caminhos = Da Rua da Igreja para a Rua das Velhas, atravessando a rua da Pólvora.

Hoje uma travessa.

Aras de Cima de Vila = Condição de algumas ruas ao nordeste da Rua Direita (hoje S. António Barro) vindo da encruzilhada da Rua do Graças até ao portão da Torre de S. João ficando dentro da Torre de Cima de Vila.

Hoje Lagoa de S. João.

Vila do Póço = Concessão da licença da Câmara para a construção da mesma Vila - (Acto de 8 de Maio de 1871) -

Hoje pertence ao lado da igreja de S. João da Rua de S. António Barro.

= Continuação de fl. 10.º deste Volume = Wikipédia de Bar.

Cast. =  
Depois de Azvedo Pinheiro. Fora dos muros para o Norte tem esta villa, hum vilote e quadrado campo chamado dos Touros cercado por huma parte com o Dormitório do Convento das Religiosas Benedictinas para onde estas tem a sua portaria, e das outras partes com vilotes e edificios de pessoas particulares. Mais abaixo está o dilatado, e admiravel campo chamado do Salvador onde se fazem as feiras. He este campo dos melhores, e mais extensos dos das villas e cidades do Reino.

Para a parte do Norte fica o dilatado campo chamado da Magdalena e S. Joseph. No fim do campo dos Touros está hum fonte da agua do aqueducto da villa, e no meio do campo do Salvador está hum magnifico e excellenté chafariz de tres taças, cercado a volta de um formoso parapetto; e de fronte do Templo do Bom Jesus, ha hum tanque com huma bica.

= Da Diccionario Geographico de Portugal - (Memorias Pa-  
royaes - to. XVIII) - 1721 - Volume 6.º  
Memoria 3.ª fl. 211 - Line do Reino =

~~~~~ x ~~~~~

Conservem-se as tradições

(De Testeiro da Fonseca - "O Barcelense" n.º 1296 de 25-1º-936)

A tradição é um traço de união do passado ao presente; conservar a tradição é estabelecer uma passarelle do presente para o futuro.

Ha pedras que falam, ha objectos que evocam recordações historicas da vida dos nossos antepassados, que acumbosamente devemos amparar e conservar.

Destruir o que uma geração nos legou e que muitas conservaram é um atentado contra a historia; é um crime.

Barcelos em ondas renovadoras tem destruido o unido do que existia do seu passado.

O mal já vem de longe.

A antiga povoação não só se estendeu na sua freguesia, mas no seu antigo ambiente transformou-se e renovou-se.

O que é hoje a freguesia de Barcelos com suas cancelas fechadas ao sul norte?

É a bela rua Lu. Ant. D. Henrique, larga e espaçosa, alinhada a presente pela importante fachada do magnifico edificio dos Paços do Concelho.

O Largo do Espirito, o Largo José Trovas, o Largo Martinus Lima e a rua Martinus da Republica?

Tudo formado a custa de destruições de que dias cobertos das neves d'antanho.

No seculo XVIII comecou a demolição dos muros com suas torres e portas que cercavam esta antiga villa e continuam no seculo seguinte.

A povoação, para transpirar o recinto das suas muralhas, arrasa-as e do pouco que deitas restam para as proximidades feitos moradores seus vizinhos.

O tempo, de mãos dadas com o homem, auxiliou-o na sua tarefa destruidora; em Janeiro de 1800 desmoronou a torre que se elevava a frente junto ao palacio dos Condes e Duques de Bragança e em Dezembro ultimo arrazoou parte da cumada encostada a antiga rua das Velhas.

E assim vai desaparecendo essa obra preciosa quinhentista sem um protesto, sem uma lamentação dos amantes das gloriosas tradições de Bragança!

O palacio das Torres caiu em ruínas; ninguém se lembrou de o reconstituir e restaurar na sua imponência antiga, antes, uma veragão do ultimo quartel do século passado começou a sua decomposição por cima do telhado.

Quantas heranças se tem praticado! A Câmara Municipal, em intuito louvavel de restabelecer a antiga Praça do mercado das chamadas Obras adquiriu a quinta das Passieiras, idem logo detida para o plano de uma segunda obra que, posto em execução, abrigaria e encobriria o magnifico monumento.

Essa obra felizmente não se chegou a realizar, não por falta de vontade, mas de dinheiro.

Planeou ainda a formação de um grande largo e a abertura de uma ampla rua ao frente dos Paços do Arcebispo.

Para isso demorou ha anos na velha rua de Santa Maria velhas arcades e vai ser demolido uma casa que, se não tem belzas architectonicas, encerra grandes tradições.

Pertence esta casa antiga a nobre familia dos Commendes, aliada por casamento com a melhor gente da terra.

Vista vivida nos meados do século XVII e inf.

sz Paltazar Ciro de Barcellos Copiminho, que teve a
desolita de ver a sua chusca feita por crinas por
lithos no praticulo, no curiara e 'no exhibitio.'

Levado a cabo o alargamento d'aquele rua tem
de ser revivido, a meu ver, um problema imbu-
tante; e a casa que foi do endestruel D. Pedro
Alvares Pereira.

Beir por ninguem pensou em lhe tocar.

Esta casa, porém, para a fazer esquina para a
rua de S. Francisco e para a rua sem proprio.

Shem-se-lhe juntas para a nova rua?
Tira um grande pedrada como esta? Talvez ainda
não pensassem nisto.

De Barcellos antigo apenas nos resta des-
pessas a vieira da rua Direita, Ferraria, a rua
dos Agulheiros, a rua das Velhas, parte da vieira
de Traga Mour e a da Capataria.

O Camante do bafido progresso tem de
moldo tudo, para este passar.

Lisboa, estendendo-se pelos montes e vales
vizinhos, conserva ainda em parte os seus bair-
ros d'Alfama e da Mouraria. O Estio e seu bair-
ro da S. Corimba, Guinardes guarda das suas
antigas ruellas e edificios com seus arcos e
passadizos, etc.

Era bom que Barcellos conservasse um
cantinho do seu velho bairro, mas foi por
assim não suceder, sabe-se ao mundo
a que lhe resta dos tempos idos.

Declarem-se todos os monumentos que ain-
da existem, se não nacionais, de interesse
publico.

Oraque-se assim tudo, que e' digno de
a ser, nãa e' epide dos produtos publicos, para
que os vândalos de qualquer tempo não ar-

rasen i destuam a pu hucaram de sus mai
ores,

— x x x —

Ruas e Largos antigos

(Por A. Ferraz)

Em todas as cidades e vilas antigas ha ruas e largos cujos nomes, por mais antiquados e anacronicos que pareçam, nunca deveriam ser substituidos, para não se perderem noções de altissimo valor para a historia d'essas mesmas povoações e, até, por vezes, para a do paiz.

Em Barcelos, mais talvez do que em outra terra, nem sempre impelimento, esta regra tem sido rigorosamente observada, sendo frequente ver-se denominações muito suggestivas substituidas por outras vagas, inadequadas e sem accordo nem na memoria nenhuma reminiscencia do passado.

Dahi as unipolidades com que tem de lutar quem se propozer estudar e viver d'isto por nos primeiros seculos da sua historia.

Um exemplo mostrara bem claramente a necessidade da nossa asserção.

O bairro mais central de Barcelos e' o constituido de pelas seguintes ruas e largos, cujos nomes, actualmente são: Largo da Camara, Rua do Visconde de S. Mamair, Rua de S. Francisco, Largo do Alpor, Rua do Infante D. Henrique.

Dos nomes d'estas ruas e largos o mais que se possa salienta e' que no Largo da Camara foi dada essa designação por n'ele se achar o edificio dos Paços do Concelho.

A Rua do Visconde de S. Mamair foi assim chamada pelo facto de este titular, quando ministro da guerra em 1887 ter adoeado n'esta villa seu 2º Batahão de infantaria.

A designação de Rua de S. Francisco vem-lhe de n'essa rua ter sido construida uma capella de

particular, da invocação d'aquele santo.

É a Rua do Infante D. Henrique e' assim chamada desde que o Est. celebrou, em 1889, o IV centenario da morte iniciadora das nossas feitorias de ultramar maritimas.

Não era assim as antigas denominações d'esses largos e ruas.

Por exemplo, dos seculos XV, XVI e XVII que honraram e comprometteram, sabemos que os nomes d'essas ruas eram:

Terreiro da Praça - o actual Largo da Câmara.

Rua da Misericórdia - a Rua do Visconde de S. Francisco.

Praça do Açoite - Largo do mesmo nome.

Rua dos Mercadores - a parte da Rua de S. Francisco compreendida entre a Rua Direita e a Açoite.

Rua dos Açougues - a parte da mesma rua de S. Francisco entre a Açoite e a Rua do Terreiro.

Rua dos Judeus - a Rua do Infante D. Henrique.

Não de tal modo expressivos todos estes nomes, que d'ellos resulta o immediato conhecimento de que se se havia de via ser, desde seculos remotissimos, e mais notavel de toda a villa, não só por ser um dos pontos, como tambem e principalmente pela sua importancia industrial e commercial.

E, de facto, assim era.

O Terreiro da Praça, ou simplesmente Praça, como tambem lhe chamavam, além da importancia que lhe vinha de si' elle por o edificio da Câmara Municipal, o tribunal judicial, a escolha, entre outras coisas, e, a pequena distancia, o paço dos condes, tinha a de ser um dos mercados diarios da villa.

Do mesmo modo a Praça do Açoite, onde se fazia a colheita da comarca, nas casas que hoje se encontram no trib. Machado Carneira, e onde se fazia o mais concorrido mercado de Barcelos.

Além destes mercados, havia também o de Beim, fo-
ra da Porta Nova e em frente da torre que hoje
serve de cadeia, n'uma alpendrada para se
se firm construída.

O mercado do Alvôr foi depois reunido
junto para fora da Porta do Vale, para o pe-
queno terreno que ficava entre a Rua do Pozo
e a do Torreiro, e mais tarde para o Largo
da Porta Nova, por virtude da abertura da
estrada de Viana em 1860.

Em 1886 foram reunidos na actual Pra-
ça D. Pedro V.

A Rua da Misericórdia, primitivamente
chamada de Santa Maria, pela sua proxi-
midade da colgiada, que até 1454 se de-
nominou igreja de Santa Maria Maior, era
uma das suas mais transitadas de Pa-
reos, já por estabelecer comunicação entre
os dois mercados - o de Torreiro da Praça e
o do Alvôr - e já também por ficar nessa
rua o hospital da Misericórdia, que ocu-
pava quasi todo o seu lado oriental.

Este hospital existia desde tempos me-
moriaes, e a irmandade da Misericórdia
foi n'ele instituída pelos reis de 1518,
por ordem de el-rei D. Manuel, que lhe
annexou todos os bens da antiga Capella do
hospital de lazaros, sito no lugar da Or-
dem, por provisão sua de 12 de Maio
de 1520.

Importante era também a estreita Rua
dos Açougues, que ia da Praça do Alvôr até
à antiga Rua do Torreiro, onde ficavam os
açougues publicos em edificio apropriado
e ha poucos annos demolido.

É dissimuladas algumas publicas, porque havia tam-
bem um particular, que, desde 1755, pertencia
a Comandade dos Reis, n'um pequeno alpendre
encostado ao muro da vila, na antiga Rua
da Propriedade de Cima.

Mais notavel ainda era a velha Rua
dos Mercadores, que ia da Rua Direita a Pla-
ça do Açougue, e onde, como o seu nome es-
ta indicando, se fazia todo o comercio de
panes, que devia ser importante.

É finalmente, a Rua dos Judeus ou Ju-
diaria, successivamente denominada Rua
Nova, dos Alanteneiros e hoje do Infante D.
Henrique, que era, indubitavelmente, pe-
la sua numerosa população, movimento
industrial e comercial, a rua mais agi-
tada de toda a vila.

Quella não fora bairro habitado exclu-
sivamente por judeus que em Barcelos cons-
tituiam uma das principais comunas ju-
daicas, do pais.

Esta rua era fechada por duas cancelas
nas suas extremidades.

Para oppor uma barreira a' dispersão da
raça e religião judaica, as leis portuguezas
obrigavam os judeus a viver apartados nas
suas judiarias, donde não podiam sair
de noite, sob pena de prisão e de perda
de todos os seus bens.

A liberdade de andar por fora termi-
nava com o toque do sino d'oraçom (Sino
Marias).

Logo depois fechavam-se as portas
da vila.

É só em casos muito extraordinarios

rios, especificados nas leis e que lhes era permiti-
do sair de noite do seu bairro, mas sem-
pre acompanhados de caudela e homem cristão,
empunhando andalasses pela vida.

Os membros cristãos, essas, só podiam
entrar nas judiciarias, mesmo de dia, quan-
do acompanhadas continuamente de um
homem cristão e barbado (!), sob pena de multa
e até de açoites, dados publicamente, pueril-
reincidentes.

Tambem não era permitido aos judeus te-
rem em seu serviço qualquer individuo cris-
tão.

De manhã, logo ao nascer do sol, sem-
pre abertas as portas do carcere, a turba multo
dos judeus saia a exercer as suas variadas
simas profissionais.

Os melhores ou moços validos percorriam
as ruas da vida, vendendo futas, leite, mel,
manteiga, queijo, frangos, especiarias, etc.

Outros - os mais vigorosos - caminhavam
para as aldeias e montes de entouro concetiv-
a comprar mel, cera, presco de ovelho, salvasi-
na (carne de veado e outras) ou duplçando
roupas e calçados velhos.

Ambicioso, activo, despoente e robusto,
dotado de grande astucia, o judeu de toda
tirava partido.

Com suas mãos, as coisas mais insignifi-
cantes e de menor valia transformavam-se
em ouro; e o ouro para o judeu era, então
como hoje. . . tudo.

Assim como tinha um bairro priva-
tivo, o judeu possuia tambem occulto e co-
desivamente seu.

Chamava-se almocôvar e ficava sempre
fria das judiarias.

Onde fosse o almocôvar dos judeus de Paraty,
e hoje impossível dizê-lo: nenhum vestígio de
si deixara.

Tinham também o seu templo ou Sinagoga,
onde celebravam as cerimônias da sua re-
ligião.

De documentos autênticos guardados no arquivo
da Prefeitura desta vila, podemos averiguar que
esta sinagoga ficava dentro da freguesia, em
uma casa do lado direito e pouco mais ou
menos a meio da rua.

A sua fachada posterior ficava precisa-
mente em frente do pequeno quintal ou cêr-
co do antigo hospital da Rua de Santa Maria.

Do que se sabe em recursos para o posto, vê-
se na verdade que o bairro constituído por
aquelas ruas e laços foi, no século XV e se-
quente, o mais populoso de toda a vila e o
mais importante sob a frente de vista da sua
riqueza comercial.

E esta importância quasi se deduz dos
nomes que essas ruas tiveram antigamente.

D'aqui a conveniência e necessidade de se
não mudarem essas denominações, por
mais absolutas e extravagantes que pare-
çam, pois são, como dissemos, um valioso
subsídio para o estudo da história.

Seis porquê a nossa Câmara deliberou dar à
actual Rua de S. Francisco o seu antigo nome
de Rua dos Pescadores, e ao Laço da Câmara
o de Praça Municipal.

E, se ainda uma excepção com respeito
à Rua de Santa D. Henrique, não lhe restituíam

de a antiga denominação de Pena dos Judeus, foi isso devido ao muito respeito pelo nome muito illustre n'ela perpetuado, e ainda para não ter de arrotar com as iras dos moradores, que, sendo lidinhos cristãos velhos, não acatariam de bom grado aquelle infimico epíteto, que meuz acaheia ao digno venerado substituto Sr. Antonio José Gomes.

— * * * —

— O Poço —

— Largo do Açoir —



(In A. Ferraz)

Este antigo bairro bavelense, chamado hoje Largo do Açoir, teve primitivamente o nome de Poço do Poço.

E' pelo meuz com esta designação que o nome mencionado em muitos documentos antigos e nos posteriores ao século XV; e, como teremos occasião de mostrar, esse devia ser, com effeito, o verdadeiro nome, porque o que actualmente tem — Açoir — é corruptela d'aquêl.

Por mais destrahente e esquisito que a nome franceza, ninguém se arreceie de empregar; e' castigadamente portuguez e depara-se nos frequentemente, na toponymia de muitas das nossas freguesias.

Até Lisboa, e mais é a nossa linda capital, assim denominava, no século XV, e até

salvamos de actualmente, uma das ruas novas de Lisboa.

"A judiaria (de Lisboa) foi remida desde a porta que dava para a praça da Fátima até ao Porto..."
(os judeus em Portugal) pref. Dr. Mendes dos Remedios, pag. 231).

Até 1631, o Porto era uma pequena rua, entre as da Misericórdia e da Esperança, e por aí, no seu prolongamento; n'esse ano, porém, a Câmara Municipal, fazendo a expropriação de uns pradiços que ficavam a nascente (casas que o Porto estava entredas e derrubadas - diz a acta da sessão de 8 de Julho de 1631), conseguiu transformar a rua em um pequeno largo, no centro do qual mandou levantar o chafiz que ainda hoje aí se vê.

Pequeno e modesto como é, este largo teve em tudo, a sua época de esplendor.

Talvez que muitos barcelenses ao passarem hoje no Porto, nem suspeitem sequer que, em tempos já bem distantes, foi um dos bairros mais populares e importantes de Barcelo!

Pois foi, não ha duvida.

Situado no ponto mais central da antiga vila, era ali que diariamente se fazia o mercado da hortaliça, frutas e peixe, mercado que, por ser já pequeno para a população que o frequentava, a Câmara transformou para fora da Porta de Vila, em 12 de Agosto de 1830.

Ai ficava, tambem a sede deste grande comitê e comarca, hoje transformada em habitação particular, mas conservando ainda, nas linhas principaes, o seu aspecto medieval.

E, finalmente, era no Porto que desembocavam algumas das mais concorridas ruas do velho Barcelo, como as da Esperança, da Capa

taim e da Traparia ou Trapania, como tambem te-
 mos lido em alguns documentos, as ruas dos Agua-
 pes e Mercadores - que foram os dois principais cen-
 tros commerciaes da povoação, e de Santa Maria
 depois chamada da Misericordia, tambem um
 to importante, não só por sear ai o antigo
 hospital de Sancti, que o rei D. Manuel repara-
 mou e ampliou, quando em 1518, entregou
 a sua administração a Comandade da Misericordia
 n'esse anno aqui instituida mas ate por estabele-
 cer communicação directa entre a Praça do Popo
 e a da Piçota ou do Plumbeiro (hoje Praça Munic-
 cipal) onde se fazia o mercado do feio e
 cereaes.

Devido a este conjunto de circunstancias, o
 o tempo de que nos occupamos foi, como disse-
 mos, muito propulsivo e notavel.

Mas desse bulhoio e d'essa grandezza
 de outros tempos, o que resta hoje?

Apenas um modesto e pacifico lan-
 ço, que, pela fuzão acentua damente vetusta
 de alguns edificios que o rodeiam, e' indubi-
 tavelmente um obstaculo barbaresco mais ca-
 racteristicos.

E que de assumto tentadores e sugest-
 vos nos oferece para longas e profundas
 meditações!

N'uma casa de mesquinha apparencia
 mas baroada, no comeco da rua dos Agua-
 pes, as tradições e o nome illustre do santo
Condeseant Dom Álvaro - o mais autentico
 heroe das nossas glorias militares, a cuja
 espada vencedora deu a Portugal a sua in-
 dependencia, e o fundador de uma o fulgurante
 e poderosissima familia, que, pelas alianças

em que se difundiu, se apresentou com as suas
meias estripes soberanas da Europa.



Largo do Apoio ou Apoio = Casa dos Carmónas (enfrente a esquerda)
(Vide paginas de 44 do 4.º Volume)



A stopografia da direc-
ção mostra-nos a casa
onde viveu o Santo
Condestável
Nun'Alvares

(Vide pag. 52 do 4.º Volume)

Na gravura de cima vê-se
a Casa do Antigo-Termos Municipal
situada no Largo do Apoio, assim
chamado ao que diz a lenda por
aí existirem uns banhos que da
manhã, a quem os eles se sentasse,
a repelia de retundas a aflição
de qualquer personalidade estabelecida
é um interessantíssimo edifício
que merece atenção, além de revelar
factos de certa memoração da vida
histórica local.



"Casa onde residiu Mrs. Alvarina"

Defronte desta, mas na proxima rua do Vie-
conde de Lúcia (antiga rua da Capatazia) outra
 casa, tambem brasonada, que pertenceu a uma
 das familias mais antigas de Barcelos — os Gomes
de Repes de que procedem homens ilustres, como

e deudado e vatoru alius Marceluse, Gaspar
de Gues do Negro, comendador de Santa Clara
e alius da bandeira da Ordem da Pragaça em
Alcacer Guibir, onde phisicamente perdeu a vida.

A casa dos Cortes Chaves, senhores do Ter-
rado de S. Francisco, familia igualmente illustre
e de que precedem entre outros Fernão da Costa Cha-



— Casa do alius Marceluse-Gaspar Gues do Negro—
ves, e fundador da Junta Capela de S. Francis-
co, na antiga rua dos Torreadores e seu
de Pragaça D. Fernando, o des-
venturado de confutado de Evora; fil da Costa
Chaves, capelan d'el-rei e 3º D. Prior da mes-
sa então collegiada e Francisco Guibir de Car-
valho, honccado em Canões pela Universida-
de de Salamanca e unip dedicado de el-rei
D. João IV, como reus de algumas cartas

que de Vila-Vieosa, Montemor e Alameda o
mesmo rei lhe escrivem em 1639 e enfi auto
graffo porem os.

Quasi no entremes morte da Abiscondia,
a casa dos Cicios Capomundo, outra familia ha
celebre muito distinta, a que pertenciam o
bispo de Martopia D. Francisco de Santa Maria
e seu irmão Christovam Capomundo de Faria, con-
se- arcebispo da Le'de Braga e guarda-mór da
Terra do Tombu, dois barcelenses illustes que se
perderam por entrarem na conspiração trama-
da e dirigida pelo tristemente celebre archie-
po de Braga, D. Sebastian de Matos de Noronha
seu parente, contra a vida de el-rei D. João IV

E, finalmente, a casa dos Mendonças Gay-
os, na sua dos Acupues, a cuja familia pen-
tencia e representava o nosso malogrado ar-
cebispo, distinto e bispo opial da mesma ma-
rinha de guerra, João de Faria Machado Por-
tey, morto na sciencia cumprida contra
os suamatas.

- Santa coisa si' um largo topo que se
no como e' o Topo? - perguntará o leitor
maravilhado de tantas glorias passadas.

- Certamente; e ainda não dissemos
tudo.

Tora se que se impõem a improba mas
compensadora tarefa de apresentar as glorias
tradições desta por tantos titulos notavel vi-
la, o largo do Topo e' um pequeno Ysa-
phat todo provado de fundasuras historicas.

Prescindido no estudo do antigo
bairro do Topo, diremos hoje alguma coisa sobre
a etymologia do seu nome.

Dos autores que se têm occupado de Barcel

so' d'ous, que nos existe - Amal Vidier e o Abade
do Laur - e que trataram deste assunto, ainda que
semita presuntivamente.

Diz o primeiro, na sua Noticia Descritiva
de Barcellos pag. 17 da 2.^a edição, que a denomina-
ção de Toyó, que este lugar teve primitivamente,
he veiz talvez de alguns fechos publicos que n'ele havia
e cuja desconhecida dos fundamentos com que modernamente
se chamam afreitos.

Quanto á etimologia, somos obrigados a dizer
que discordamos em absoluto da opinião do ilus-
trado barcelense, e isto pela razão simples de que
para que ella fosse pelo menos aceitavel, indispensa-
vel seria que primeiro tivesse demonstrado a exis-
tencia de algum fecho publico n'quelle local, o que
não fez, como he sempre, perdendo assim todo o
valor a sua opinião de ver.

E havia, como dizem, fechos publicos no la-
go do Toyó?

Para o crerem, por que ate este momento nenhum
indicio temos encontrado, que possa ser creatura, sem
alguem de prova.

Que os houve em tempos remotos e em diferentes
pontos da villa, e um facto esse indubitavel, atestado
por documentos de irreprehensivel autenticidade.

Dentre alguns que conhecemos, citamos apenas
um - "o Fecho velho da Gafani de Barcellos" que
pode ser consultado no arquivo da Misericordia.

Respeitando alguns predios urbanos pertencentes a
mesma Gafani em 1848, diz a preciosa manuscrita:

"Tem na dita rua (Crua de villa, hoje D.
Antonio Barros) supra casa de bom sbrado, que
esta de frente do parro, he repartida na base
em duas por paredes cote o sbrado. . . . e parte
da levanti com casa de Juozym Gil Sarralheir.

e sae com portaf da levante d'igo na sua pombana, e na
na a abriga sae com outra porta para humo saida
de d'hoir. . . . vive n'ella Gonzalo Vaz Alente, que traz
empregado, etc. . . ."

E mais adiante:

"Tem outra casa que esta na rua de fundo de villa
(ou Fundevilla, hoje a frente da rua do Sr. de Propança
com fechada entre a rua dos campos e a antiga Por
ta do Vale) em frente do primo ermo que foi de Martin
Pellin, que he de Alvaro Simões, a qual casa foi de
Afonso Martins Tralheira, e hoje he de Leopoldo Affon
so e frente contra levante com parochia de São Vaz
Alente, e do presente parte com casa de Maria Dias,
e Formosa, e sae com a portaf na sua pombana; foga
de cumm cada cumm a dita ordem em os aldos."

De outras fontes pombanas ainda tempo em humo
do: mas não os mencionamos; porque os d'hois repli
dos, quando em suas unida pombanas do Porto quasi
evoluem a possibilidade de se os haver n'este lugar.

Supondo, porém, que os tivesse, pergunto: E
seria essa circumstancia motivo bastante para que
aquele haver se desse o nome de Porto?

Sevidentemente que não; porque entre prims
e a palavra porto não ha, como logo mostramos,
relação alguma.

Se a l'ayra tivesse o nome de Porto, então sim,
então teriamos nos prims a existencia e etymologia
vamos de seu nome, porque porto no prims, segundo
a opinião dos nossos mais habidosos lexicographos de
pública e priv' alho em b'hois prims de tempo; (por
transm. e hein.) b'hois no prims chat, que a d'hois
de soma pombana da, como retinendo, os d'hois de
São onde esse o prims" (Vid. Dic. da Ling. Port. de
Canchado de Almeida).

Da mesma opinião e' D. João de Alente, acusestando que

"ainda em certas terras, se denomina formo da porça que-
le em que se porre o sêco e seu grão, mediante o seu
pauento de certas porças na propagação da formo,
(Vid. Port. Ant. e Mod., vol. 5.º, pag. 547).

E finalmente, Viterbo, que diz:

"Com alusão, a eminência de um monte, se cha-
mam porça, o grão mais alto e elevado, que aut.
pauento (e hoje meo, mas não sem alusão) se
propaga no summito dos grãos, em que são obje-
tos a ser a seu grão os murachos do lugar...
(Vid. Edmundo)

Demonstrado como fica o nenhum fundamento da
opinião de Amador Ribeiro, resta - nos apreciar
a gra de que se trata meo, a conta diz o abade do
Leão, na sua Trunna Hist. de Barcelos e Barcel-
inhos"

e prof. nos diz a seguinte:

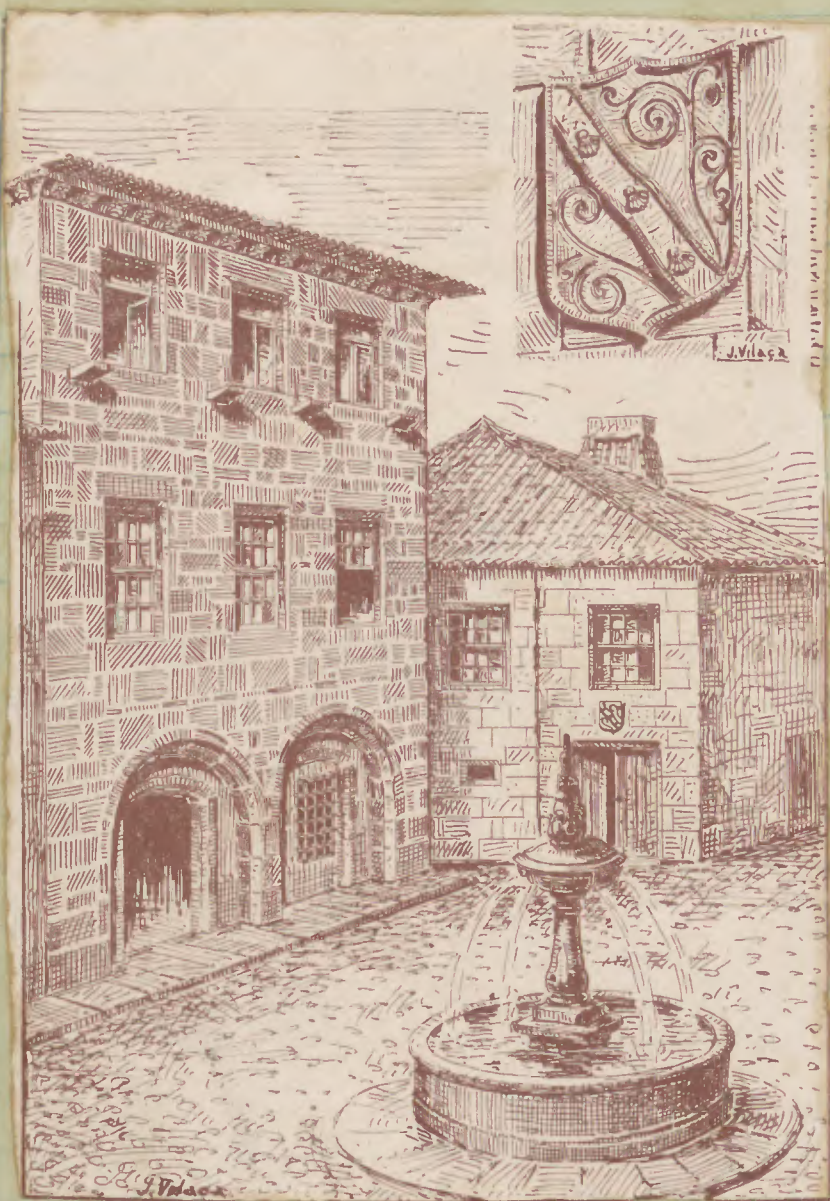
= Pragas e terceiros =

"A praga do Aprio, onde até 1827, por
co mais ou menos, n'um alpendre pequeno e baixo, que
tinha encostado à esquina que frontea com a rua
dos Azeites e com a da Misericórdia, (onde está hoje
uma tábua embuda pela casa do (Magalães) se fazia
o mercado publico e deir de tortalhões, frutase
aves."

Ad lado nascente desta praga e encostado
às casas, que são dos herdeiros do Athanasio, ain-
da em nosso dias, haviam uns assentos de pedras
que foram devidos por quel Athanasio, quando
recolheu a pula - sua casa. Diz a tradizão, que
quels assentos pertenciam à casa frontea dos Car-
monas, apriado por eles, por um livre da justiça.

Seis aqui talvez a razão porque a pula praga
se chamava do Aprio.

Nada mais diz sobre o lugar do Aprio ou Aprio, como
ainda hoje se chamam.



Largo
do
Apoio
- x -

Do lado o
Largo Municipal
e ao fundo a
casa do Alferes
Barcelense.

- x -
Do alto a pe-
dra de armas
da casa do
Alferes.

Das lavouras das arrecadações camarárias
1631 - foi feita a compra de uma casa em ruínas, pre-
tencente a Dom João Gonçalves, no sítio do Apoio, para neste la-
gar ser feita uma capela.



Largo do Apoio



Largo do
Alpoir
Casa do
Condestavel (a)
Pragonada com a cruz
florenciada dos Serenas

Largo do Alpoir

Interessante cenário quincentista.

À fundo, com seu braço, a "Casa do Alpoir Barcelense" (Sec. XVI);
à esquerda, o "Pragado dos Carmonas" (Sec. XVI e XVII), este apróximo
encoberto uma "casa torreada" medieval, dos séculos XIII-XIV.

(a) Casa do Condestavel (Sec. XIV)

Propriedade particular.

Foi a "Casa Nova" de D. Lopo Álvares Pereira, 7.º Conde de Barcelos em
1385.

Na fachada, uma curiosa Picha de Armas de "Serenas".



Casa do Condestavel

"O Alferes Barcelense"

(Publicação de A. Tenaz)

A paginas 57 do livro, já citado, "Tratado Panegyrico em honra da Villa de Barcellos" (1678) de Fr. Pedro de Snyers, diz a seu autor:

"— É já que falece a honrada morte de Simão Gonçalves, (refuzia ao famoso alcaide do castelo de São), he obrigado tocar a espada e generosa morte de hum Barcelense, que indo por soldado, e Alferes no exercito del Rey D. Sebastião, quando passou a Africa, e qual dependo do valor sua bandeira até lhe catarem as mãos, e sendo-lhe catadas, pegou com os dentes na bandeira, e não a largou, sem primeiro largar a vida... Este valente Alferes não somente era de Barcellos, como se provados em autos, que se processaram na Vila de Vianna, entre dois homens nobres, hum nascido em Vianna, outro nascido em Barcellos, mas casado, e morador em Vianna?"

A mesmo se he, entre outros autores, a Álphab. de Snyers, a pag. 51 da sua "Memoria Historica de Barcellos".

Este identico se trata em as nossas crônicas, succedida na batalha de São (maio de 1478) com o celebre alferes de D. Afonso V, Duarte de Almeida - o Desapado.

Infelizmente, nenhum dos outros acima citados nos revelou o nome do heroe barcelense, nem mesmo nos deu nem qualquer pequena indicação para qual fosse possivel descobrir-lo. É certo que Fr. Pedro de Snyers, dizendo que o Alferes barcelense pertencia a familia dos Barcellos, como se proprio vim provado em documentos de toda a autentica cidade, parecia ter indicado o caminho mais seguro e mais directo para a assignação de seu nome.

A verdade, porém, é que, consultados por nós alguns dos mais conceituados nobrezaes, ou da familia dos Barcellos sem tratada com grande desenvolvimento, nada conseguimos saber, porque em nenhum se nos deparou a mais ligeira referencia ao Alferes barcelense.

Não desistimos, entretanto, do intento, que para nós tinha a maximo interesse, e perseveramos com perseverança nas nossas investigações.

Na lista dos fidalgos portugueses mortos em Alcaer-Guibir, publicada por Diogo Barbosa Machado, nas "Memorias de El-Rey D. Sebastião" Liv. 3.^o, Cap. XVII, n.^os 107 e 108, não se menciona o nome de nenhum barcelense; mas atendendo a que este autor, publicando a sua relação, nada mais pretendia do que salvar do esquecimento os nomes dos principais fidalgos portugueses falecidos nesta honra e funesta campanha contra Marrocos, e' claro que outros lá' deviam ter perecido, e' os seus nomes, por meus conhecimentos, na arte, não foram nela incluídos.

E' positivo que em Alcaer estiveram n'essa ocasião alguns barcelenses, muitos mortos e anhecidos na provincia de Murch, e que todos, ali perderam a vida em defesa da patria, como já' se confirmo não só' em documentos de incontestada autenticidade, mas até' pela testemunha de escriptos respeitaveis. Dos seguintes temos conhecimento:

Henrique Pinheiro Bobo de Ceada, senhor da casa dos Pinheiros de Barcellos e casado com D. Isabel Aguedo e Estoril.

Manuel Felgueira Gago, senhor da casa da Torre e conde de Alcaer de el-rei D. Sebastião naquelle jornada d'Alcaer, como consta de documentos pertencentes ao arquivo da mesma Casa da Torre.

E' certo que nestes documentos, que consultamos, não se diz que Manuel Felgueira Gago, morreu, mas sim que foi a captivo na batalha de Alcaer; e, todavia, provavelmente que não sobreviveu ao terrivel desastre, porque sendo o filho primogenito de Almirante Martinho Gago e de sua mulher D. Maria Felgueiras Valadarez, e devendo, por este motivo, succeder em toda a casa vincular de seus paes, não foi elle o successor, mas sim seu irmão immediato João Felgueiras Gago.

Tambem lá' faleceu Gaspar Gago do Bispo, na batalha da villa de Barcellos, senhor dos morgados de

Menece e Góis, cavaleiro da casa de Bragança, a cujo ser-
viço esteve.

E, finalmente Estevão Pinheiro Lobo e seu irmão Cristovão
Pinheiro, filhos de Simão Pinheiro Lobo, 1.º adiutante do mar-
quês de Saldanha, e de sua mulher D. Leonor de Almeida Be-
nvides de Mendanha.

Tinhamos as mais fundadas esperanças nestes nomes,
já que um deles devia ser, provavelmente, o celebre offi-
cial de que nos fala o autor do "Tratado panegyrico".

E, como Gaspar de Góis do Rejo residia por esse
tempo em Vila Viçosa, era parente, pelo seu casamento,
dos duques de Bragança e estava ao serviço, sendo deles
um tanto estimado, para ele era especialmente indicada
a nossa atenção.

Falta-me, porém, uma prova de que Gaspar
Rejo fosse o alferes das hostes que, sob o comando de D.
João, filhos dos duques de Bragança, acompanharam
o rei D. Sebastião a África.

Não perdemos de vista o interessante assumpto
e esperámos com gosto em que a tempo nos desvendasse
o mysterio, tomando conhecido esse nome perdido.

Efectivamente, descobertos alguns annos, tivemos a con-
firmação, plena de nosso pressentimento.

Sendo casualmente um velho manuscrito, que foi
do falecido 1.º Conde de Aguedo e hoje pertence a seu
neto e nosso querido amigo José de Aguedo e Mene-
ses, distinto homem de letras, lá encontramos a almeja
da revelação.

Esse manuscrito é o "Nobiliario do Alcade de Emeriz", em
seis volumes in-4.º, que no tit.º de João Barão
de Barcelos, falando de Gaspar de Góis do Rejo diz:
"Foi Cavaleiro da Casa do Duque de Bragança e seu alferes da bandeira em
Alcacer, onde morreu, tendo-lhe o Duque dado a comenda de S.ª Maria
desmembrada da do Palaf em terra de Bragança, a 26 de Março de
1577."

Esta lacerica mas succiosa, nota do "Voluntario do Es-
meriz", illumina de tal modo a nossa espirito, que des-
de logo ficamos sabendo que a Alfons barcelense era nem
mais nem menos do que o Gaspar de Gues do Rio, casado
com D. Maria Tavares, filha natural de D. Fulgencio
de Bragança.

Conhecido o nome do esdrigado barcelense, e em
pouca fazi logo precisizar-se a naturalidade e pila-
car, porque todos os nobiliarios a dizem.

Nasceu em Barcelo e foi o filho primogenito
de Antonio do Rio Barreto, alcaide e juiz dos ou-
vidos da mesma villa, e de sua muther D. Ana (du Meira)
Foz.

Viveu durante muitos annos com os duques de Bra-
gança em Vila Rica, ali casou com D. Maria Ta-
vares a quem a duquesa D. Catarina, sua tia deus,
como presente de nupcias, um bom dote e a comen-
da de S.ta Clara, na Ordem de Christo.

Gaspar de Gues do Rio foi por successora
seus pais, senhor da Casa de Meirice, na freguesia de
S. Pedro do Cabulo, da antiga Comarca de Barcelo,
e do morgado de Gues, em S.ta Inezia de Rio Co-
vo, do actual concelho de Barcelo.

A casa em que nasceu e habitou em Bar-
celo, ainda existe nesta villa, no largo do Appio;
e a que pertence actualmente as Sr.ªs. Filipa e Jazez-
quina para as ruas do Visconde de Liria e da Espe-
rança au Travessa do Appio.

A continar a que dissemos, ha esta
sobre a porta principal da referida casa - modesta
ta e custe ao mesmo tempo - o brazal dos
Rios, que era de seus maiores.

E de exparte se ve quantos razos ti-
nha a nossa grande unio e immitunel unio,
quando disse, nao sei onde: - "os que desfrizam

os manuseios genealogicos avariara o melhor airo de historia civil, juridi-
ca e religiosa da sua terra.

Alcacer a Lincoyranua estocada melta - nos a casa avonde
nascen e por largos annos habitou o alferes Basculeuse Gaspar Joz de Peff, mestre
em Alcacer - Kibir.



A casa do Alferes Basculeuse, situada no Largo do Alferes

As verticilladas pedras desta casa representam um dos mais
primos gradus de tradiçoes linceas que honrosamente ornamentam Por-
tugal. Lembra de grandes sempreidas em autes sempreidas pela
ritmica marcacão do tempo, ainda ai se ostenta, como
n'um registro heraldico, o escudo brasão do Peff, a
attestar a honra dos seus, o fido Alferes do intepido Gaspar
de Peff, o valeroso alferes Basculeuse heróicamente mor-
to nessa tremenda hecatombe de Alcacer - Kibir.



A Bandeira que o Alges Barcelense defenderam na
Batalha de Alcacer Sanibir quando os barcelenses acom-
panharam D. Sebastião.



Largo da Nossa Senhora de Fátima



A esquerda fotografia do Largo da Nossa Senhora de Fátima tirada da esquina da Rua Dom Jesus da Cruz (antiga Rua da Palma), vendo-se em frente a importante Casa Comercial dos mag. José d'Almeida, S.^o e a Redacção do jornal "O Paesense".

→ x



= Largo da Pedra do Leuto =

Este largo fica situado na parte norte da cidade. O seu nome que vem de longinquissimos tempos - vem um estubo sobre a superveniencia d'ele. Passando alguns sabios a chamar o 'Leuto'.

Era mais comum dizer - se Tral ou topar onde se realizavam as audiencias no ar livre, nos achos das igrejas, no fim da missa, etc. uma arvore etc.

Com o tempo ha a Pedra das Audiencias.

Pedra do Leuto deve referir - se a qualquer padrao que perdurava, como limite de um Castro, d'uma terra, propriedade autada, privilegiada, com certas reparias, etc.

Agora era Castro por padraes, por marcos divisorios.

O Castro podia ser o de Agozelo; a pedra a limite - lo contra Barcelos.

Nesse lugar da Pedra do Leuto existiram - se castros, do lado de cá de Barcelos, e o lugar tornou o nome que tinha a sitio.

Com o Rei D. João - se em certos castros, que existiram um castro encalçado, antigos castros ou torres dores de Barcelos, que eram preiros d'el-rei, que pagavam ao rei o for, por moor - se castro, porque estava particularmente mencionado na respectiva carta de for, aprazamento, emprazamento.

Eram estes preiros, por algun, preiros da vila de Barcelos e do castro com toda a sua peçanha; e seu castro constituia um castro, uma propriedade autada, que ninguem podia violar com seus direitos, porque se pagava aguelo por estorvar ou traham seido estipulado. Era carta de aprazamento, prazo toda a sua peçanha, prazo toda os seus vindouros.

Era um peço de familias diferentes, as peças ti-
colha seido dada tal carta de emprazamento, a que.

unidos abramam fozas, mas que não seria.

Foram protractores, com certeza, d'uma parte curiosa de Parciós, em onde ela amava a protractura.

É interessante estudar-se este caso.

Quem os protractores a quem? Amor Tempus, seu fozas, e confinado depois?

É para esclarecimento de tudo isto, seria bom obter copia d'esse fozas, para ser estudado convenientemente.

Quarta de fozas seu fozas era a carta que d'outra protractura protractura.

Carta de fozas era a que estabelecia fozas fozas, de terminados para sempre, as vezes em protractura.

Existia ainda esta pedra, esse mar, que deu o nome ao lugar?

Devia ser uma pedra volante ou uma pedra fozas, com protractura.

Temos em Matrizinhos Parciós, temos em Parciós Pedra Fundada, que tanto pode ser a uma pedra fundado como a uma pedra apurada, pedra de fozas seu de Parciós.

Este Lugar está situado no fim da Avenida dos Com-
batentes da Grande Guerra.

Das hipogios para a Avenida D. João de Deus Quinta
(antiga Nova Terra de Parciós), para a Avenida Américo da
Pimenta e Avenida M de Fozas, modernamente Av. da Av. de
dos de Fozas e Av. de D. Carlos, e Av. de D. João de Deus.

x x x



A fotografia que temos á nossa
 esquerda mostra-nos parte do
 "Largo da Rocha do Couto," de que
 estamos occupados, e pela qual
 se vê parte da abertura da rua
 "Avenida Thomaz de Souza" e ao
 fundo a abertura e hum estremo
 "Praça Nova de S. Bento" que com
 o cumprimento d' aquella via a de-
 saparecer.

~ ~ ~ X ~ ~ ~

= Largo dos Malheiros =

Esta situado na linhação das ruas Manuel
Vianna, Faria Barboza e Largo de Siqueira.

x x



A fotografia à esquerda
mostra-nos o Largo dos
Malheiros, sendo-se em
frente a Rua Manuel Vianna
que liga este Largo com o
Largo da Câmara.

x x x x
A Câmara deliberou dar esta designação a este Largo, facto
de se ter existido a família Malheiros, da qual os seus membros
fizeram-se evidenciar na missão, na estroinice e na posição jurídica
de Aldeia Malheiros que dizem possuírem manilhas.

x x

Largo da Praça Velha =
ou "Largo do Senhor dos Affeitos" =

Este Largo está situado na junção das Ruas: "Barbosa de Freitas",
"Rua do Poço", "Travessa da Esperança" e "Rua de São - os - Louros."



A fotografia á esquerda mostra-nos o Largo da "Praça Velha", sendo-se em frente a "Rua Barbosa de Freitas" que liga este Largo com a "Praça do Príncipe D. Pedro V."

O mercado diário de hortaliças, frutas e peixe tinha por sede no este Largo (Praça da Ponte de Vale) em 1830 por a Largo da "Praça do Espírito Santo" ser pequeno, onde funcionava.

Passou a ser feito na "Praça D. Pedro V" em 1860, por ordem da alçada da cidade, sendo a Rua em 1860.



Á esquerda o nicho do Senhor dos Affeitos situado no Largo da Praça Velha (situado no Largo a que acima nos referimos) = fazendo esquina com a "Rua do Poço".

Este Senhor estava no este local mas em 1888 deu o nome de "Rua do Senhor dos Affeitos" á antiga "Rua do Poço".

= Largo da Câmara -
ou "Praça Municipal" =

Formou este espaço o Largo fronteiro aos Paços
do Concelho - (Câmara Municipal) -

Noutros tempos também teve a designação de
Largo da Fresta e mais tarde Largo do Pelourinho e por
fim Praça Municipal e ainda Largo da Câmara.

Noutros tempos lhe chamaram "Praça da Liberdade" por lá ter estado o Pelourinho.

Noutros tempos foi conhecido e até designado por:
"Terreiro da Praça" ou
simplesmente "Praça", onde se fazia mercado.



O Chapiz-Cruzino
que se vê à esquerda
medirou no Largo da
Câmara desde 1631
até à sua demolição
em 1927.
Foi reconstituído no Campo
de S. José em 1933. Vide
pág. 120 deste Volume.

= Largo do Bom Fim = (Bomfim)
ou "Largo do Benefício" =

Deste Largo partem as Ruas das Capulas, Rua dos
Ferreiros, Viela de São do Lourenço das Beatas e Caminhos
para a Caterra e Santo Amaro.



A' esquerda parte do Largo
a que acima nos referimos.

A Câmara em sessão de
11 de Julho de 1888 deu o nome
de Largo do Bom Fim ao antigo
Largo do Benefício.



A' esquerda a niche do Senhor do
Bomfim, situado no Largo do mes-
mo nome, mas também conhecido pelo
Largo do Benefício.

Este niche existia na bifurcação da
"Rua das Capulas" (hoje "Rua dos Ferreiros")
com a "Rua dos Ferreiros" (hoje "Rua dos
Ferreiros").
Foi mudado para o Largo do
Benefício." - (Vide pag. 157 do 1.º Volume).

= Largo da Madalena =

Está situado ao lado do Campo de S. José
junto a estrada que liga Barcelos a Espinho.

Este pequeno largo está ligado pela Rua
da Barreira, Rua S. João e Rua da Madalena.

= Largo da Fonte de Baixo =
e "Caes da Fonte de Baixo" =

Noutros tempos chamava-se a este bairro Funchal de Vila.

Em 1640 (por documentos que o rei felix da aclamação de D. João IV) foi se feis no Largo da Fonte de Baixo.



Largo da Fonte de Baixo.

~ x ~
= Orçãos das obras das camaraes =
1712 - Fez-se a auctorização
das obras do Caes da Fonte de
Baixo.

~ x ~
A construção do Caes da
Fonte de Baixo foi feita em
1712, em a auctorização cus-
tou 24.000 reis sendo adfundi-

cada a Gonçalo Gonçalves, da freguesia de Santiago, da Vila de Casimilã. (Vi-
de acta de 26 de Janeiro de 1717). Nesta acta refere-se a construção do Caes ao fu-
do da Calçada da Fonte de Baixo.

~ x ~
Do "Diccionario Geographico de Funchal" (Memorias Pampunias - Lic. XVIII - 1731 -
Volume 6.º - Documento 33 fl. 2.º) - "Fonte da Funchal" = No Archabede da Fonte
de Baixo ha tres fontes: duas com duas buecas cada hua; e a que esta mais acima he muito
abundante e agua; e outra chamada do Canal he de qualidade singular, e todas ellas dão
agua para muita parte dos moradores desta villa. Estas quasi na margem do rio Caven
do. Neste lugar e sitio este hum
caez, e he hum dos melhores pa-
ceys para os palaccanos da terra,
que o frequentão.



Caes da Fonte de Baixo.

Largo José Novaes

mais conhecido por "Largo de Praza da Cadeia"

(Vide pag. 110 v.º deste Volume, fin das notas de "Praza de Freixo os -
Novos"-).

A direita fotografia do Largo do
Sr. José Novaes, vendo-se ao fundo
parte da Torre da Porta Nova.

— x x —



= Largo Marechal Gomes da Costa =
mais conhecido por
"Largo da Estação" =

Este Largo é fronteiro à Estação dos comboios de Ferro do Tronco e Osorio, donde partem quatro lindas avenidas que se ligam com a cidade.



A fotografia à esquerda mostra-nos o Largo a que acima se alude.

----- x x x -----
Deste Largo partem as "Avenidas 1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª" que se ligam ao Largo da Rocha da Costa; a "Rua das Flores" que se liga com o Largo do São João (antigo Campo de D. Carlos) e com a Estação circundando o Cemitério de Barcelos a liga com o Largo da Pampa; e "Avenida Sidónio Pais" que vai desde este Largo ao Largo da Calandria junto ao "Passo das Águas".
----- x x x -----

Largo da Praça D. Pedro V

Este Largo está situado em frente à Praça D. Pedro V, dando ligação para a Rua Marjina de Freitas, Rua Filipe Borges, Rua de Tr. os Amos, Travessa da Rua D. Antonio Barrovo.



A' esquerda a fotografia do Largo a que acima fazemos referência.

— x x x —

= Largo da Granja =

Este Largo está situado ao cimo da "Avenida Ribeiro das Neves" e termina junto ao Cemitério Municipal e Capela de Nossa Senhora do Carmo.

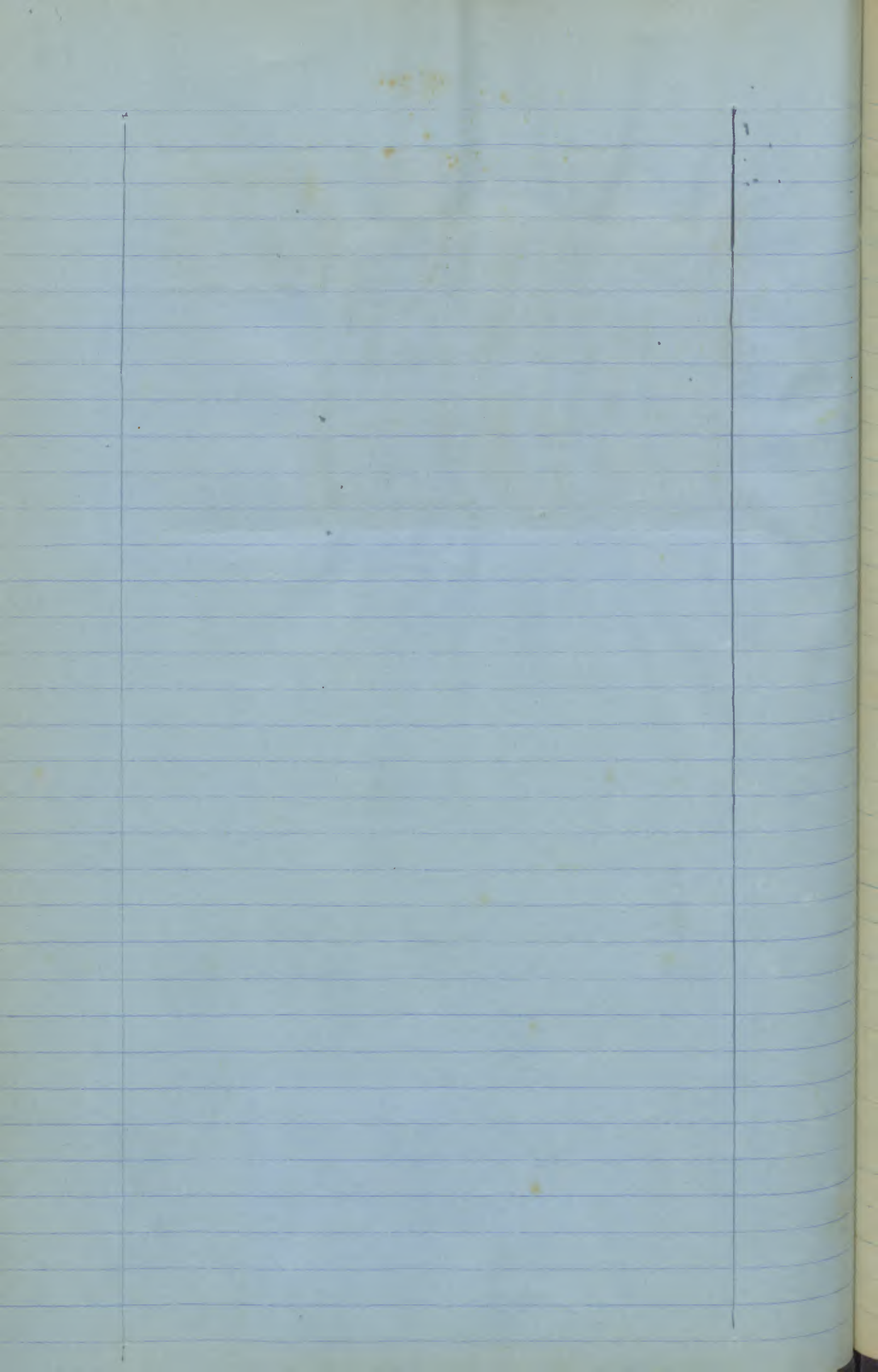


Dele parte a "Avenida Cândido da Cunha" que se liga com a "Avenida Almeida dos Reis".

Dele parte a "Avenida Cândido da Cunha" que se liga com a "Avenida Almeida dos Reis".

de Faria." e Largo da Rocha do Antão" junto e em frente do Largo de Santo António da cidade.

Vide pag. 164 v.º deste Volume.



Largo do Tanque e Tanque da Rua das Velhas



Esta situado na hijunção da Rua das Velhas, Rua Santa Barbara e Comporta do Teófilo.

Todo o largo e' bem arborizado com formosas árvores, tendo no centro um lindissimo chafariz, de tres bicas e a facear o mesmo, tornando este largo mais aprazivel quando he construido os bancos de pedra.

Sem foute a este chafariz, mettida na parede do quintal da Casa do Syndicato Agricola (antiga Casa do Tanque), esta uma pedra com a seguinte inscriçao:

EXPENSIS PUBLICIS ANNO MDCXVIII -
REFORMATUS ANNO MDCCLXIX,



Tanque do chafariz do Largo do Tanque - Rua das Velhas.

Tanque da Rua das Velhas

Este tanque foi ali edificado em 1638, "expensis publicis", e locado ao lado narante das casas das habitações do Tanque, com lica virada ao lado do norte.

Em 1869 porém foi reconstruido para mais acima da mesma rua, n'um lugar, que hoje ha na mesma rua, ao lado d'ela para a Rua das Fontainhas, onde se edificou n'um chafiz, semelhante ao da Praça de D. Pedro, em memoria do que n'uma pedra embutida no muro do gigante das ditas sentras do Tanque se possui a inscriçãõ constante da pagina anterior.

— x —

Fonte = "Fonte no antigo jardim "Campos d'Outubro"
"Melida no nome do Antigo Convento das Freiras"

Esta fonte foi mandada construir pela Camara Municipal, construida por, para não se ficar sem este local, foi metida no nome da casa do Antigo Convento das Freiras, na parte fronteira ao antigo "jardim publico" hoje "Campos d'Outubro".



Quanto desta fonte, no seu lado opposto, como no jardim tivessem desaparecido os seus ornamentos que lá existiam, foi mandado construir ali um que se alimentava com a agua desta fonte.

Da "Historia descriptiva da Villa de Vila Rica e Antiga Vila de Bacalh" (1866) de A. M. de Amaral Ribeiro, a paginas 24...
"é uma fonte com uma bacia e tanque no "Campos das Freiras" situada no nome da casa do convento das Freiras."



A fotografia da esquerda mostra-nos, mais nitidamente o local da fonte a que acima nos referimos, bem como as casas que tem adjacentes que como se vê, estão puestas a desfrance para dar logar a novas

Construções que estão apontadas pelo plano municipal - (1944) -



Chafariz do Campo da Feira

É um lindo e artístico chafariz que estava coberto sucessivamente a Brevida ou Estada que atravessa o Campo em direção a Vila



BARCELOS - Chafariz - Campo da República

do Castelo.

Este chafariz foi um dado para o local onde hoje se

encontra - (meio do Campo da Feira ou Campo da República) - em fins de Setembro de 1922.

Este chafariz é composto de tanque e duas torças. Como foi modernizado tem no topo e aos lados quatro tanques que servem de bebedouros públicos para animais que lhe foram acrescentados quando o modernaram para o local onde se encontra.

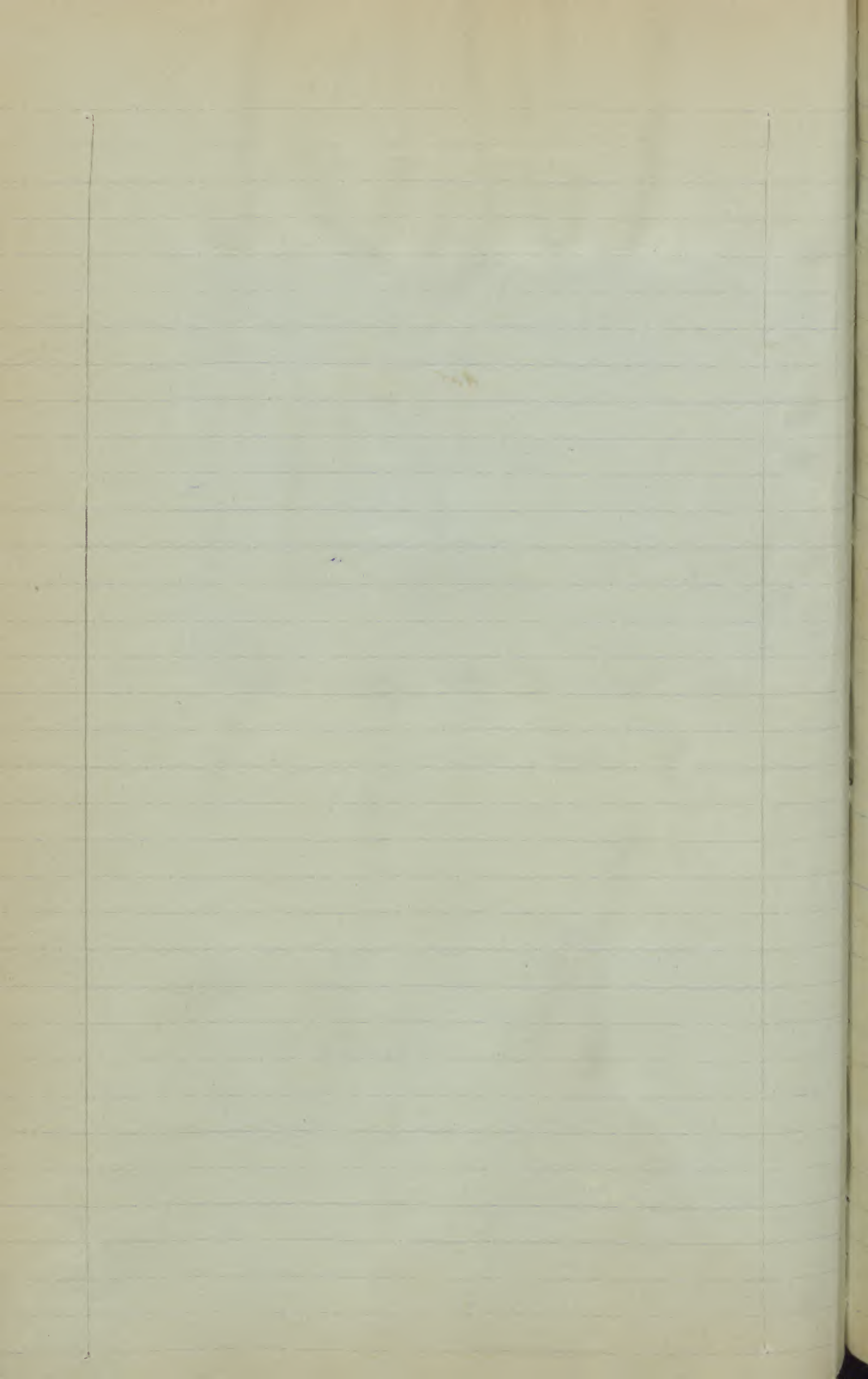
Do lado esquerdo:

O chafariz monumental que hoje se encontra no meio do Campo da Feira, tal qual era no local primitivo da sua construção.

É de estilo renascença.

(Recorte de um jornal da época).



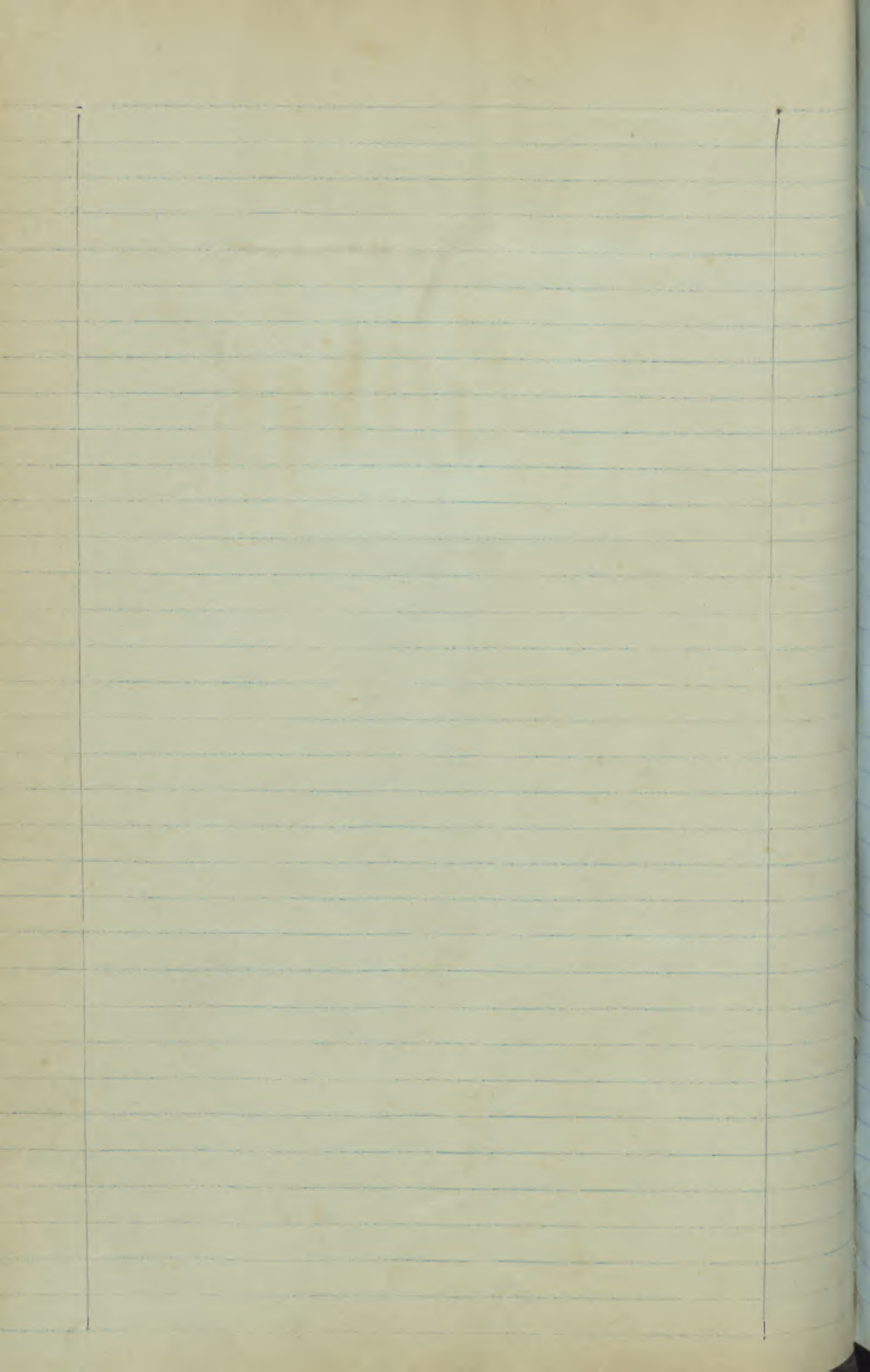


Largo Dr. Martins Lima
 mais conhecido pelo "Largo do Teatro"
 ou "Largo de S. Francisco"



Vê-se ao fundo do lado esquerdo a entrada da Rua de S. Francisco e do lado direito, também ao fundo, a entrada da Rua do Visconde de Leiria, que n'outros tempos foi conhecida pelo "Rua de Espanha" e "Rua do Afonso".

X



Rua Faria Barbosa

Se também chamada "Rua das Latas", pelas
recintas que usou havia e mais tarde foi também
chamada "Rua das Fontainhas" e "Rua das Velhas."

Em outros tempos se denominou dos Barões,
Ligada a Ponte Nova e Cavado com a Lagoa
da Ponte Nova.

Teve também a denominação - "Rua do Laurino", até ao Largo do
Fangue, isto é, da entrada da Ponte até aqui.

Em 1535 foi aberto aqui um portijo embuido para da "Feira",

A direita topografia da Rua Faria
Barbosa, tirada do lado da Ponte
(junto ao Palacete do Sr. Conde de
Vilas Boas, no fundo da Rua Infante
D. Henrique).



Nesta rua - Antiga
"Rua do Laurino" - existia
um bico ou comporta que
ligava esta rua com o rio Cavado. A Câmara Municipal em
sua sessão de 1 de Março de 1871 diz: "O pedido de moradores dali
permite a queda do bico ou comporta que partindo da "Rua
"do Laurino" desce para o rio, foi ser o mesmo bico prejudi-
cial à saúde, moralidade e segurança. A Câmara antecipa
a tapar com portões do lado da "Rua do Laurino" e do lado do rio,
mas reservando o direito de tornar a pôr viavel o referido bico
quando a Câmara o julgar conveniente. (Vide acta de 1 de Março de 1871)

Vide paginas 43 do I Volume - Interessantíssima topografia d' esta rua.

Vide folha 178 deste Volume e folha 119 do mesmo e 118 do dito.

Pina Duques de Bragança

Esta rua foi a antiga Rua do Terreiro, compreendida entre a Ponte sobre o canal e o Largo da Praça Velha (Largo da Lenda dos Alhos).



À esquerda fotografia da Pina Duques de Bragança tirada do lado da Ponte abrangendo a parte em que se figuram grandes construções vendo-se ao fundo ainda a capela do Aleijados d. S. Cracões de Jesus e Maria, depois do Solar do Barbadão, hoje também demolida. (1948).

A rua Duques de Bragança principia na Ponte sobre o Canal até ao Largo da Praça Velha, a entrada da Rua da Barrota.

22
- Mua Barjona de Freitas -

Esta rua é compreendida entre o Largo do Senhor dos
Aflitos - ou Largo da Praça Velha - e o Largo da Porta Nova.

x x

A dita fotografia da Mua Barjona de Freitas, (que outrora foi denominada Mua Hospiceira de Lima ou simplesmente Mua da Hospiceira), tira da do Largo da Praça D. Pedro, junto à casa Salazar.

x x



A frente desta Mua compreendida entre a Casa Salazar e a Praça

Velha era conhecida pela Mua da Hospiceira de Baixo. A frente compreendida entre a Casa Salazar e a entrada da Rua Nova de S. José e Rua Bom Jesus da Cruz (Travessa da Taça) era conhecida pela Mua da Hospiceira de Cima.

x x

Rua Manoel Viana

Está na esquina a Praça do Cristo (foi Largo da Câmara - em Largo Mini-
fusão com a Rua dos Pelames e Largo dos Mathieus.

Esta rua teve a denominação de "Rua dos Cavaleiros".

A Capela está profanada desde 1916, sendo de Aragoz,



A esquerda a Capela de S. Sebastião
situada na Rua Manoel Viana, que
outrossa foi Rua dos Cavaleiros e de S. Sebastião.
Vide pag. 152 v. 1.º do 1.º Vol. de des. e plantas.

É esta rua Manoel Viana a família Mendonça
tendo pintado em sua casa a Capela de S.
Sebastião, a par do culto de S. Sebastião,
em dia do santo, a do S. João, em
sua honra, e a família Mendonça
em S. João, de 1834 a Rua de Paço de S. João

a direita.

A direita o nicho de S. João
dos Passos situado na Rua
Manoel Viana.



A esquerda fotografia da R. Manoel Viana tirada
do lado do Largo da Câmara, vindo-se ao fundo a casa
dos Mathieus que deu o nome ao Largo onde está situada

- Basílica da República -

Era a antiga Basílica da Igreja.

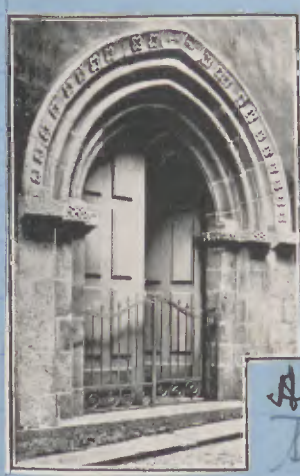
Mais tarde foi a Basílica dos Martíres da República e ainda é nesta data.

(1848).

~~em x x~~

Rua de S. Francisco

Vair - he este nome de rua que se tem sido construida como enfalinhos da invocação d'afuila Santo. (Vide pag. 149 do 1º Volume)



Arquiteto de grande nome, desenhou a Capela que se encontra hoje fundada a honra de S. Francisco na Capela do seu sepulchro sito na Rua dos Mercadores. (Vide acta da sessão da Câmara de 3 de Junho de 1871)

A esquerda portico da Capela de S. Francisco - Livro XIII. (Vide pag. 149 do 1º Volume)

Esta rua antigamente considerava-se dividida em duas partes assim denominadas:

- Rua dos Mercadores -

A parte comprehendida entre a Capela de S. Francisco (hoje Igreja de Sr. Martinho Lima) até ao Largo do Afonso.

- Rua dos Açougues -

A parte comprehendida entre o Largo do Afonso e a Rua do Terreiro - (hoje Rua Augusto de Magalhães) donde estavam os açougues publicos.



A esquerda fotografia da Rua de S. Francisco (entre a Rua dos Mercadores), tirada do Largo do Sr. Martinho Lima, junto á capela de S. Francisco que se vê á direita.

Vide "Mercado da Carne" a pag. 55ª deste Volume.

Vide paginas 169 deste Volume.

= Praça Visconde de Leiria - ou Praça de Traj =

Foi n'antros tempos a rua da Cafetaria.

Liga os Largo Dr. Martins Lima e Largo do Afonso com a Rua D. Inês de Bragança.

Foi n'antros tempos tambem foi Praça da Trapania ou Tripania.

Esta rua parece-me estar assim dividida n'antros tempos: = Praça da Cafetaria =

A parte comprehendida entre o Largo de S. Francisco (nas ruas da Capela) até ao Largo do Afonso. (a)

= Praça da Trapania ou Tripania =

A parte comprehendida entre o Largo do Afonso e a Rua D. Inês de Bragança, e hoje ambas estas ruas constituem a Praça do Visconde de Leiria em a praça a que acima nos referimos.

(a) Tambem esta rua - (a parte comprehendida entre o Largo de S. Francisco e o Largo do Afonso) - teve a designação de Praça do D. Inês.



A esquerda da fotografia da Praça Visconde de Leiria, tirada do lado do Largo do Afonso, junto à Casa do Alcaide D. Inês.

(a) N'antros tempos a parte comprehendida desde o Largo de S. Francisco até ao Largo do Afonso denominava-se "Praça de Traj" ou "P. do D. Inês".

Esta rua conhecida pela Rua de Traj ou do D. Inês ainda em 1518 se chamava a Praça da Tripania, se-
gundo se lê na instituição do morgado da Capela de S. Fran-
cisco.

Em 1518 ainda se chamava da Tripania segundo se lê na instituição do morgado da Capela de S. Francisco. -

- Rua de Frag- os- Muros = ou "Vila de Frag- os- Muros" =



É esta uma das ruas mais antigas de Barcelos.

Existe ainda entre as traças das casas da Rua D. António Barros e as traças das casas da Rua Senhora de Fritas, as casas fazem frente para a Praça D. Pedro V.

Até 1945 dava ligação do Largo da Praça D. Pedro V para a Rua D. António Barros, tendo sido fechada com a construção do muro de proteção ao cimo desta rua, faz três frentes.

(Vide páginas 11.º e 12.º deste Volume)

Na saída desta vila para a antiga Vila Pequena (hoje Rua D. António Barros) havia uma porta que costumava estar sempre fechada, a fazer desta vila ligar aquela rua com o Largo da Praça D. Pedro V.

Ainda existia em 15 de Dezembro de 1880 (vide "Folha da Manhã" n.º 12 daquelha data).



Outro aspecto da "Rua de Frag- os- Muros".

Era assim conhecida porque era uma das ruas que partando por detrás das Antigas muralhas circundava esta parte da Vila.

(Vide continuação a páginas 11.º e 12.º deste Volume).

= Rua D. António Barroso =

Antiga Rua Direita.

É a rua mais principal d'esta cidade. Liga a
Largo "Martinho Lima" com a Largo da Calçada no lado
da Costa Nova.

N'antigos ^{tempos} era conhecida pela Rua de Camão de Vela.

x x



A' direita: Uma foto antiga da
antiga Rua Direita, que se vê toda la-
gada. — Em baixo a esquerda
A entrada da rua junto ao Largo de S. Francisco



Travessa da Rua D. Antonio Barroto =

Esta Travessa - (Juguenta e estribo sua) ligada a Rua D. Antonio Barroto com o Largo da Praça D. Pedro V.



Esta via é a travessa que foi delimitada em 1831, sendo esta a porta do Vale, ou da Esperança, como se tem

por ser chamada e ser por ali dirigidos e proprios a travessa.

Esta Travessa também foi conhecida por "Teravaria". (Vidi pag. 111 v.º deste Volume).

Em 1604 foi aberto aqui um portão nas antigas muralhas, com o nome de "Teravaria".

Rua de Traz-os-Muros, conhecida simplesmente por

Rua de Traz-os-Muros - mais conhecida segundo a Rua de
Ante de Leiria (vide p. 108 v.º) - É a continuada da Rua de Traz-os-
Muros, a que nos referimos a paginas 109 deste livro.

É também muito antiga.

Ligava o Largo da Graça D. Pedro V, desde a Travessa da Rua D.
António Barroso, com o Largo da Graça Velha ou Largo de Senhor
dos Afogados. (Vide paginas 109 deste Volume)



A' esquerda a fotografia
da rua a que assim nos
referimos tirada do lado do
Largo da Graça D. Pedro V,
tirada da esquina da Travessa
da Rua D. António Barroso do la-
do d'aquelle Largo.

Rua de Traz-os-Muros - (Vide p. 108 deste Volume) -

Antes da abertura da Porta Nova e do muro que dali se es-
tendia até à Cadeia, havia uma viela entre o muro e as
primeiras casas da Rua Vicenta a qual dava acesso para
em o Largo da Cadeia (hoje Largo Frei Formoso); sobre esta vie-
la ficava a casa de um certo João de Faria, mestre
cento e os três do Bispo de Leiria D. Paolino. Desde
Traz-os-Muros e com um alpendre que fora do muro
existia, hoje tudo substituído pela parte das casas
d'essa família, que faz esquina para o Largo das
Armas (hoje Largo da Cadeia), e rua de Traz-os-Muros
se fazia anteparaente e morada das famílias, e as
negociantes eram todos no seu maior numero. (Vide "A. L. de
Leiria" - "Os Muros Antigos" 2.ª Vol. - 1897 - diz - nos mesmos termos:

47 "Foi o alpendre na Rua de Traz-os-Muros, vem a propósito noticiar que entre deus e
deus e a ambição, houve tempo de fazer ali um pequeno largo adjacente ao Largo das
Armas para o espaço do qual se fez um decumano fora da cadeia . . ."

Rua da Barreta

Esta rua liga a Largo dos Laranjeiros com Largo da Praça Velha com o Largo da Madalena.

Tá n'isto o antigo e antigo do Largo, na sua Quinta da Quinta da Barreta. É muito antigo. Foi um Largo à Rua da Barreta.



A esquerda fotografia da Rua da Barreta, tirada do lado do Largo da Madalena (Campos de S. José).

A direita fotografia da Rua da Barreta tirada do lado oposto a quella, isto é, tirada do pé do portão do meado da Quinta da Barreta.



Rua da Esperança

É uma pequena e estreita via que liga o Largo do Muro à antiga Praça Velha em Largo das Luvas dos Aflicto. Nos tempos das trocas era aqui a Porta do Vale.



Esta fotografia mostra a rua a esquerda a entrada da Rua da Esperança (do Largo das Luvas dos Aflicto).

Em sessão de 1 de Outubro de 1834 foi deliberado pelo juiz,

vereadores e procurador de câmara que para comodidade do povo desta vila e aumento d'ela se abrisse um posto na Terraria (hoje Travessa da Rua D. António Barroso), visto estar caída a porta do Vale ou da Esperança, como em tempos se chamava e ser por ali o melhor caminho e transit.

Em 1867 foi demolido o posto desta Travessa.

(Vide pag. 110 deste Volume.)

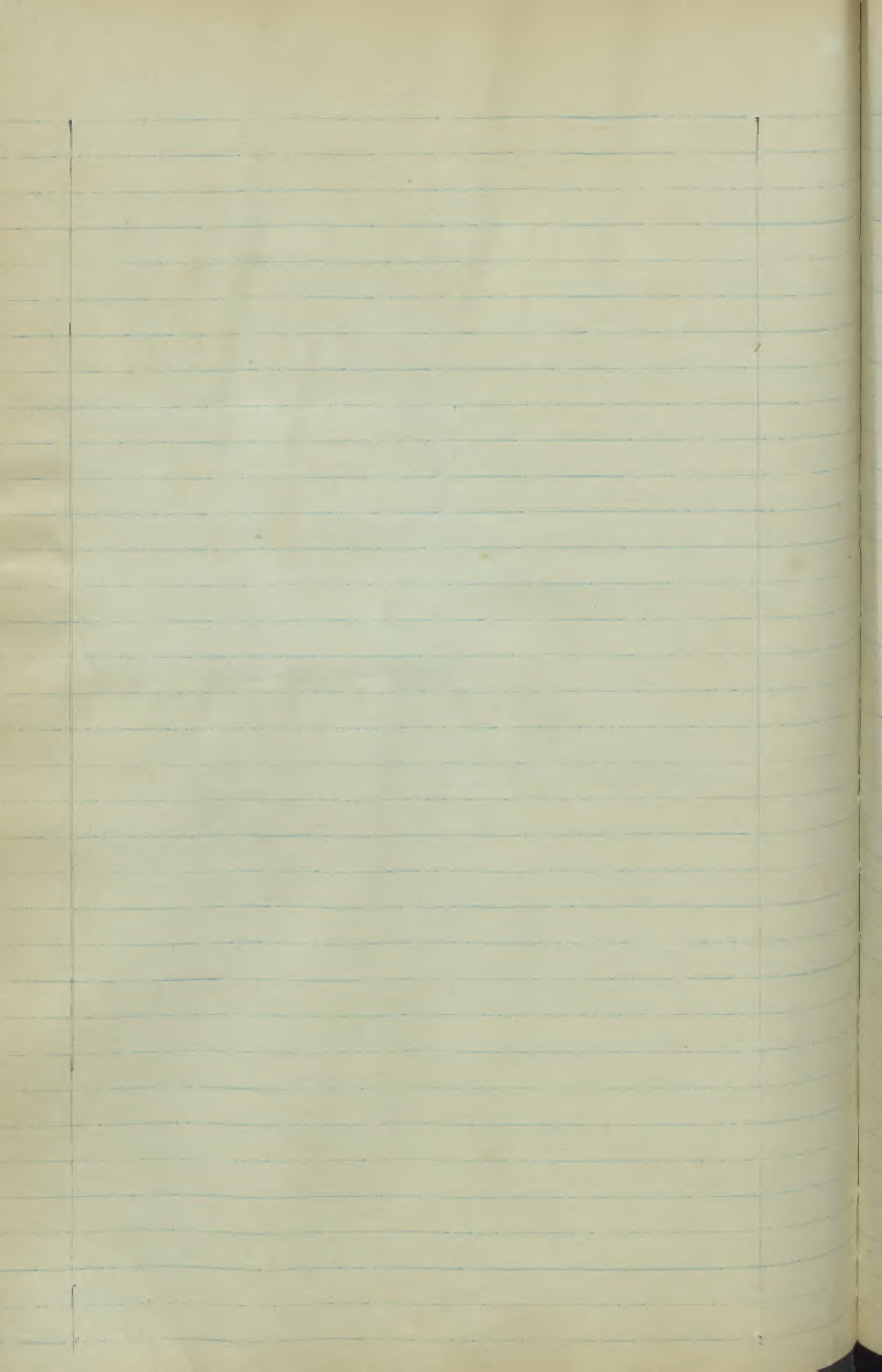
Pina Gomes Freire

Antigamente era conhecida por Pina dos Ferreiros.
Procedeu-se ao seu alagamento em Abril de
1917.

Esta rua liga a "Praça do Bomfim" ou "Praça
do Bomfim", com a "Praça d'Arturino" - antigo
Jardim Publico.

A direita fotografia da Pina Gomes
Freire (antiga dos Ferreiros) tirada da
sua entrada voltada para o an-
tigo Jardim Publico.





Avenida II de Severina

Esta Avenida antigamente era conhecida por Avenida da Estação.

Liza a Liza da Pedra do Couto com a Liza Jones da Costa, onde esta situada a Estação do Caminho de Ferro, desta cidade.

Recbeu grandes obras para a seu embellezamento e alargamento em Maio de 1917.

Esta Avenida tambem teve a designação de "Avenida Alcaides de S. J." —



A esquerda fotografia da Avenida Alcaides de S. J., mais conhecida por Avenida da Estação, sendo-se ao fundo a estação dos C. F.

x x x

Avenida dos Combatentes da Grande Guerra



Liga o Campo da Feira com o Largo da Pedra do Conto e com a Avenida do
Cairdes de Feira (Avenida da Estação) e Campo 28 de Maio, antigo Campo de D.
Carlos.

Esta linda arteria situada em quasi toda a extensão do Campo da Feira -
hoje Campo da Republica - pelo seu lado do norte, e ladeada por uma formosis-
sima balaustrada que adorna por este lado o referido Campo, cujo trabalho é
da autoria do arquiteto Marques da Silva e foi feito em 1921 e 1922, obras que se rea-
lizaram simultaneamente com a obra do Chaparriz que agora está no centro do referi-
do Campo. (Vide pag. 103 deste Volume.)

Avenida Candido da Cunha

Esta espaçosa Avenida liga a Praça da Gramma com a Praça da Pesca do Canto e Avenida Honório de Faria, também conhecida por Avenida M de Tenreiro.



Esta fotografia foi tirada do Largo da Graça, mostrando a Avenida Candido da Cunha em toda a sua extensão, sendo-se ao fundo a Praça de Santo Antão da Cidade.

A direita d'esta fotografia vê-se a grande Fábrica "Molho" que foi construída entre os anos de 1947-1948, iniciando a entrar em laboração em meados deste último ano. Hoje (1948) denomina-se "Imprensa Têxtil de Anselmo" (vide p. 146.º deste Volume).



Rua Visconde de S. Tamara

Esta rua dá largura entre o Largo do Almirante e Largo Municipal.

Trincheira que era Rua de Santa Maria e de hoje Rua da Misericórdia.



xxxxx
A fotografia tirada do Largo do Almirante, mostra-nos claramente toda a rua vendo-se do lado esquerdo a frente dos edifícios dos Paços do Concelho que serviu de quartel ao Batalhão d'Infanteria que aqui esteve até ao fim do século XIX.

ao fundo a Igreja Matriz.

xxxxx
A' direita outro aspecto da Rua Visconde de S. Tamara vir outra fotografia tirada do lado do Largo do Almirante ou Praça Municipal para o Largo do Almirante, vendo-se distintamente o edifício dos Paços do Concelho onde esteve aquartelado o Batalhão d'Infanteria que por largos anos esteve aqui estacionado.



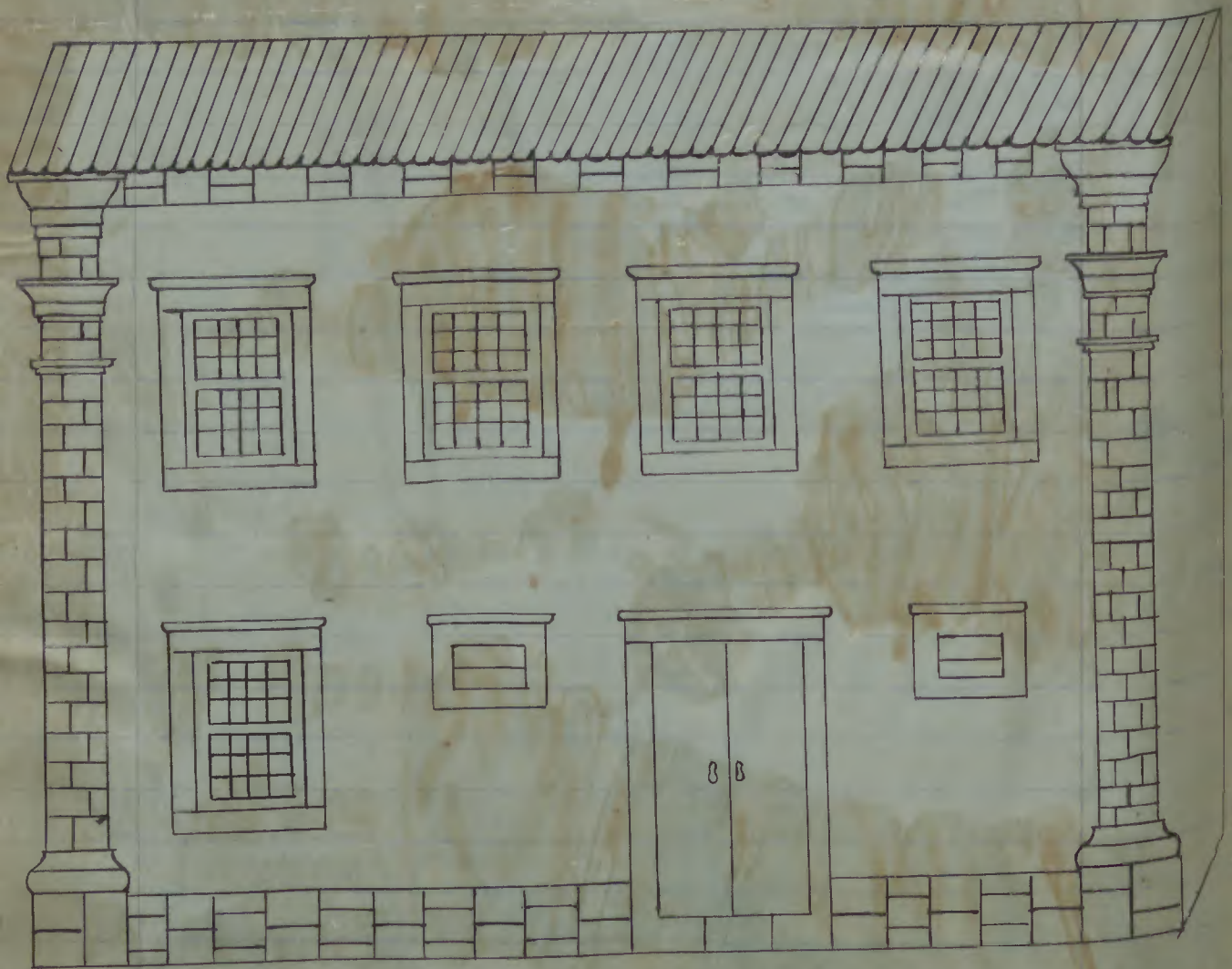
(Vide pag. 169 do 1º volume)

xxxxx
Esta rua tomou a denominação de Rua do Visconde de S. Tamara em 1887 por a Ministra da Guerra desta data ter ordenado que o 2º Batalhão d'Infanteria 1ª Co

xxxxx
Esta rua estreita, tem media apenas cinco metros de largura e os seus passeios apertados, também, são de vinte e dois centímetros.

Esta rua foi bastante alargada, demitindo-se todas as casas que faziam frente para o edifício municipal, entre elas a Casa dos Capangueiros (Vide pagina 115 do 1º volume).

Esta segunda planta que se colocamos, vê-se evidentemente a parir das antigas da
que, nos dois séculos de sua duração,



Casa dos "Cogominhos" que existiu na Rua de Santo Maria,
maistando Rua da Misericórdia e hoje Rua Visconde de S. Jannario.

Esta casa foi demolida com o alargamento da rua.

O Sr. Teodoro da Fonseca, no seu livro - "Brevetário
Alfândega" - se refere - se a esta casa sob: -

"Na Rua Visconde São Jannario, em frente à Junta da
Administração do Concelho está a "Casa dos Cogominhos", con-
denada e desapareceu em breve para dar lugar ao Sr. Progresso, que
é pessoa muito lambrigada e embriaga com as delicias das ruas estreitas, mas que
já por algumas tradições e casas com esta, tiveram a infelicidade de
serem destruídas." (Vide pag. 169.º deste volume.)



A' esquerda propriedade de Rua Nova
de S. José (rua Rua D. Diogo Pinheiro),
tirada do Lado do Largo
Barbosa de Freitas.

Liga este ultimo Largo em o Cam-
po de S. José.

Hoje denuncia-se - Rua D. Diogo Pinheiro -

Que esta rua tem a maior e mais interes-
te documento que nunca transcorreu:

No livro de contas em poder de Tabalão Manuel Fran-
cisco da Silva, cujo livro principia nos metros de Julho de
mil sete centos e noventa e cinco em vinte e seis de
Outubro de mil e sete centos e noventa e duas noventa e
sete se acha a escritura de emprometimento do local se-
guinte:

Emprometimento e prazo photeurico perpetuo que
faz João Inacio Garcia Maciel, desta Vila de Constantino
Pereira e sua mulher, Leon nome de Deus. Broom.

Leiam quanto esta publico Instrumento de escritura
de emprometimento e prazo photeurico perpetuo, desta
vila para todos e sempre em favor e direito melhor
baja honra e mais valido seja o que for no
livro de transcorrer de favor e honra e direito de
mil sete centos e noventa e duas nos sete dias do
mez de Setembro do dito anno se esta Vila de Parahy
e casa da morada de meu Tabalão, ali quanto
meu Tabalão e as testemunhas ao diante nomeadas
e assinadas, appareceram presentes e ausentes a
saber, de uma parte por Inacio Garcia Maciel desta
vila, e da outra Constantino Pereira e sua mu-
lher Maria Inez, moradores em Arrebalde de São

João desta dita Vila de Paracatu, os quais um e ou-
tro são presonas reconhecidas de euim Tubarão e das tes-
tunhadas do seu don Jo, na presença das presonas de euim
Tubarão por ele autographo João Maria Manoel foi dito que
entre os mais bens de raiz que tem e possui e de que
estava mouro possida e possida possuía sem contra
ditos de pessoa alguma tem assim o e de um seu
campo de terra lavradia que faz cumda a fronte os
ventos, e fronte do Sul com Francisco com quinta do seu
deus do Padre Jo de Almeida e Demovidos e do Francisco
no Norte por quingenta, setenta e sabida de suas
casas para o Arrabalde de São Jo e do Norte a
Frente com o dito Padre de São Jo e caseiros que
por ali tem e do Norte a Sul com quinta de Francisco
do Capes Pedreiros e qual se achava tratado com os hu-
deus do dito Padre Jo de Almeida e abrissem uma
nova curva intitulada Boa Terra de São Jo a
qual hade ter de largura vinte e cinco palmos e
esta terra a dar gratuitamente para a Boa e pa-
ra si ela se fazu casas estava posto e contratado
com o dito Constantino Pereira e sua mulher de
ha obrar em prazo phathemum perpetuo um
prazo e pedago de terra que hade ter na fronteira
da rua de rua sete varas de largura hade para a
dita casa virada ao Norte e de comprimento para
Nas pela parte do Norte, partindo com o circulo do
village da Lima por onde tem vinte e duas varas e vai
enfrentar a parede da Congosta, da parte do Fran-
co e na testa desta tem outras sete varas e pela
parte do Sul parte com outra tomada que pertence
de obrar a Francisco Jo Pereira, por onde tem vinte
e duas varas e terca e isto tudo por certo e sabido
de mim e de si e de cinco reis - o qual Jo e
pensar hade ser lido de decimas e tributos, ven-
ditos e antigos ou novos que hã e poder vir a haver

e com condições que dentro de um anno não de fazer em
 sa na fronteira da terra, cuja casa hade ser feita a fra
 ção de uma praça por o mance fiquem no meio de uma au
 tra terra do furo e se visinho para cada um e cada
 terra de cada um dielles se apresentará da metade
 da outra e a fazer em linha recta bem desembe
 nada e que nas costas do dito chão não poder
 m abrir porta para a vizinhança, nem tirar a
 servir - E para que se fizesse e que não poderiam
 alhear, trocar ou desamandar sem licença dele seu
 vizinho e que vendendo apresentará a ele seu vizinho para que
 se o que tanto fizesse tanto e não podendo de dar
 licença para a vender e da venda lhe pagarão sendo
 em na forma da Lei de Guaranta e em e que as
 ervas de oliveiras ou outras que estiverem na
 terra aprada as tirará e se seu vizinho no seu devido
 tempo e que com estas condições disse que a fazer
 do este Empregoamento bom e de si certo e seguro
 a todo o tempo do mundo obrigava sua pessoa e seus
 herdeiros e de raiz presentes e futuros, direitos e ações e
 termos d'elles e de suas almas. E pelo dito casamento fi
 do de que eles acitaram este Empregoamento e por agr
 phatunim de toda e todas as obrigações, pressas e obrigações
 n'esta declaradas e que a todo sempre, aguardar, des
 serem obrigavam suas pessoas e todos os seus herdeiros
 herdeiros e de raiz presentes e futuros, direitos e ações e ter
 mos d'elles e de suas almas e pelo dito casamento fi do de
 acitaram esta obrigação assim e na forma que n'isto se
 contém. Assim o disse e escreveu e mandou fazer este
 Instrumento n'esta villa e d'ela dar os tractados neces
 sarios ás partes a que toca e foy como de um ten
 te, uma parte e se seu vizinho e outro para os lances, com
 hos á custa d'elles. E em talheio como pessoa publican
 esty publican e acitaram o esty publican e acitaram em no
 me dos presentes e seguintes a que toca e tocar foy, seu

de a tudo presentes por testemunhas José Diogo Pais de Vi-
las Boas, desta Vila e quem a Caçaria se preparada no
por por ela assinasse, por dizer de quem deu se não
sabe escrever e se a seu nome assinou e como este
muito sendo mais Angelo Antunes de Souza Lobo e
Joachim Tomaz, de Leiros, desta Vila que aqui assina-
ram e não fazer divisão a escritura que diz mil
cento e oitenta e cinco réis, que se fez na verdade;
e com a escritura que diz - teve - E declararam se-
rão eles e quem o fizeram ou fazer os mesmos e resumo
que em ela empresta, logo sua obrigação a cumprir com
a sua respectiva parte e não o quem o fazer pres-
ará logo esta obrigação e quem a se cumprir e
mais não declararam e assinaram José Antonio de Pi-
ratinha Taborda e subscrito. José Antonio Francis Manoel
de Constantino Pereira e quem o fez - A saber d'elles José Diogo
Pais de Villas Boas, Angelo Antunes de Souza Lobo - Joaquim
Tomaz, de Leiros - Nada mais se continha em a dita escri-
tura d'empregoamento que em dita leião no principio
desta já declarada, aqui se fez bem e fielmente passar por
certidão a presente do Livro de notas a que me referi
to, em a qual se e outro empregado de justiça omni-
no presente e em quem a obrigação assinando esta escritura e
concordamos que não era verdade, sem coiza que dividir
fazer e com fim resolvido não não e não escrito em
três meios folhas de papel em a seguinte de escritura sob-
scripta de duas folhas manuscritas e subscrito com o nome
apellidos de quem se fez que diz - Lima - Com se de quem esta
subscrito e assinou na dita Vila de Paracatu aos doze de
Julho de mil e oitenta e sete. Eu, Manoel
Francisco da Silva, Taborda e subscrito.

Rua Marques de Barbosa

Partindo do Largo do Tanque Ligeiro com a Rua
Sua Barbara e Largo José Soares.

É uma das ruas mais antigas de Barcelos.

É conhecida pela Rua das Velhas.

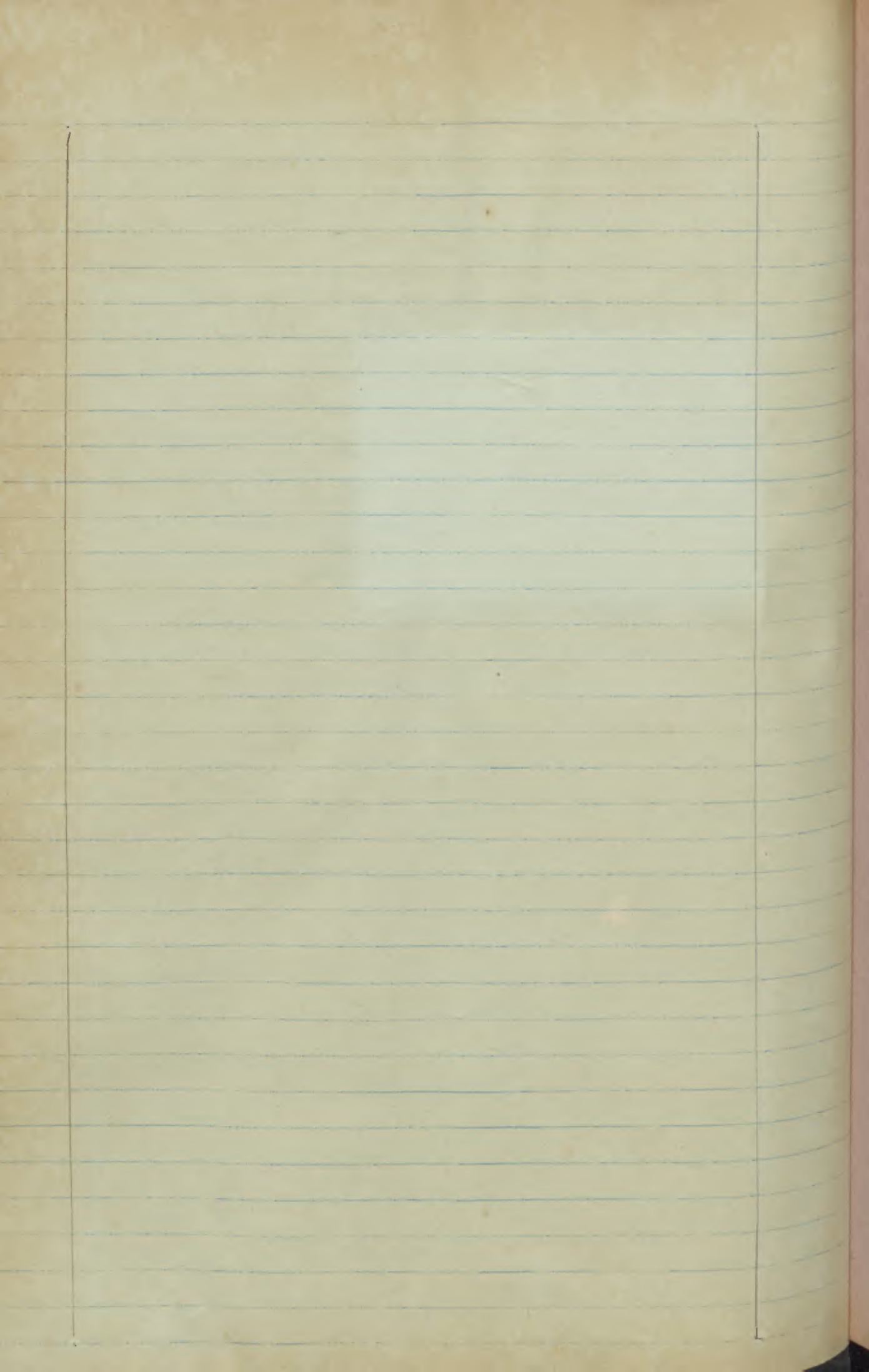


Nesta rua foi aliado
um portão, nos antigos
muralhas, que dava saída
da praça a Recuperação (1897).

Parece que esta rua teve
a denominação de "Rua das Ve-
lhas". Confunde-se com a "Rua
Sua Barbara" (Vide p. 10, 11, 12).

deste Volume)

Esta fotografia tirada do "Largo do Tanque", mostra-nos no cimo desta
Rua parte do Palácio do Bispo de Astorga, a que fazemos referência a pag. 69
deste Volume.



Rua Faria Barbosa

Esta rua ligava a Ponte com o Lago de Ponte Nova.

Foi em outros tempos a Rua dos Pelames.

Foi escripturada a paginas 105 v.^o para onde em dezinhos a linha correspondente destes apontamentos.

Vide pag. 118 deste Volume e 107 v.^o do n.^o 118 da 1.^a edição do 1.^o v.^o

Liga a Ponte Nova a Caudeira com o Lago de Tanque até ao Lago de Ponte Nova e ainda com a Rua Marques de Barbosa que nos conduz ao Lago José Trovas. (Vide paginas 118 deste Volume).

Esta em outros tempos era conhecida pela "Rua da Louceira" desde a Ponte até ao Lago de Tanque e d'aqui até ao Lago de Ponte Nova por "Rua das Fontainhas" e antes pela "Rua dos Pelames" e "Rua das Latas".

= Rua Filha Borges =

Linha o Largo da Graça D. Pedro V com o Largo
de S. Jo. Largo e Rua da Madalena com a estrada
que parte desta cidade para Beja.



A esquerda Propriedade da Rua Filha
Borges, tirada junto à Graça
D. Pedro V do lado do Largo junto
à Casa Salazar.

Pina da Madalena =

Liza + Lays da Madalena com a Ana das Angélicas e
Campos de São José.

Pena do São



A esquerda fotografia da Pena do
São (Largo Pena do Senhor dos Aflitos)
tirada do pé do nicho do Senhor
dos Aflitos situado a entrada desta
rua adjacente para o Largo da
Praça Velha.

Esta rua que hoje se
denomina Pena do Senhor dos Aflitos, ligava a Rua Bonfina
de Freitas e Largo da Praça Velha com o Largo da Ponte de
Bairro.

A Câmara em sua sessão de 11 de Junho de 1888 resolveu que a esta
rua fosse chamada desta data em diante como Pena do Senhor dos Aflitos
por ali existir o nicho do Senhor dos Aflitos. - Vide pag. 95 deste Volume e
pag. 157 do 1.º Volume.

Rua das Capelas =

Ligam o Campo de S. José com a Laza do Bomfim (ou Bomfim) e com a Rua Jesus Cristo, antiga Rua dos Ferrões.

Hoje denomina-se Rua Miguel Bombarda.



A esquerda fotografia da Rua das Capelas (hoje Miguel Bombarda) tirada da sua entrada voltada para o Campo de S. José.

= Mãe Bom Jesus da Cruz =

É uma rua estreita que liga a Cruz da Calçada com a Rua Barfina de Freitas.

Antigamente chamavam-lhe Travessa da Palma



A esquerda fotografia da interessante e antiga Mãe ou Travessa da Palma (hoje Mãe Bom Jesus da Cruz, tirada do lado da sua entrada voltada para a Rua Barfina de Freitas.

O jornal de Modas "Eva"
n.º 844 de Maio de 1942,

sob a epígrafe "Comentários" da autoria da distinta escritora e jornalista Aurora Jardim, falando de Barcelos, Barcelinhos... diz entre outras coisas o seguinte: "... Travesseta a frente da Cruz da Calçada, logo se começa a subir para a vila e vê-se então a típica travessa da Palma, empurrada e formada por uma sala de jantar de uma sala de casa particular onde há decerto os símbolos de "cruchet" a "ferrar costas de sapá", buzios rumbrosos e alhous de retratos que têm as lapídes enomíastias no emblema da muralha de."

= Rua da Estrada =

Lige o Campo e o Antico (antigo Campo dos
Furos ou Largo do Jardim) com a estrada por uma gran
Viana do Castelo, frente da qual, até ao local onde
está a Cadeia emaran, tomou o nome de Avenida
Carlos Schisberto da Traveira, em homenagem a este bem
merecido por ter dado o dinheiro para a construção
deste edificio.

Esta rua é denominada Rua Manuel Pass.



A esquerda fotografia de Rua
da Estrada (hoje Rua Manuel Pass)
tirada do lado da sua entrada
voltada para o Jardim Publico.

A Camara em ses-
são de 3 de Setembro de
1930, delibera dar o
nome de Avenida

Carlos Schisberto, ao prolongamento da sua Traveira
(antiga Rua da Estrada) desde a embocadura da viela do
Bumfite e composta das Formigas, até á Cadeia Nova.

Vide pag. 163 vol. deste Volume e 124 do out.



Rua de Trás das Neves =

É uma viela que partindo do "Carmo do Jardim" a esquadra da "Rua Manuel Gás", dá-se esta com a "Rua Lúcia de S. Bento" (hoje "Avenida Tomi' Alvares Teixeira") com o "Campo de D. Carlos" (hoje "Campo 28 de Maio").



A fotografia que temos à nossa esquerda mostra-nos o bairro que constitui a Rua de Trás das Neves; de que acima fazemos alusão - Uma viela de casas pobres e que apasaltham, na verdade, muita pobreza.



A esquerda outra fotografia que, embora mal focada, nos mostra o larpo existente na "Rua de Trás das Neves" na "rua" tirada do lado da viela que parte da "Rua Manuel Gás" (antiga "Rua da Saldanha") para o lado do "Campo 28 de Maio" (antigo "Campo de D. Carlos").

A fotografia da direita mostra-nos a continuação da anterior.

Este bairro bastante pobre e pobre, tende a desaparecer.



Prma de S. Vicente =

Esta pequena rua ligava o Campo de S. José com o Campo S. d'Antônio á embocadura da Rua dos Ferreiros (hoje Pous Solino).

Hoje esta rua denomina-se Rua Tenente Valadim.



A esquerda fotografia da Rua de S. Vicente (hoje Tenente Valadim) tirada do lado da entrada voltada para o Jardim Público.

Esta rua tornou-se
ora a denominação de
Rua de S. Vicente, por a

meio haver um portal que era encimado por um nicho com a imagem de S. Vicente, cujo portal dava entrada para uma propriedade que ainda hoje se mantém. Esta descrita como "Quinta de S. Vicente" (1948).

Uma Nova de S. Bento

Esta rua é bastante comprida e estreita e situa-se nos pequenos cascos ao lado da maior e antiga de Barabá.

Este plano (1946) alargar-se e prolongar-se até à "Avenida Santa Felicidade da Foz de Iguaçu" (estada que liga Barabá a Viana do Castelo), tendo sido já resolvido o empreendimento e deliberado a Câmara que passasse a denominar-se "Avenida Frei Alvaro Pereira".

Liga a "Linha da Pedra da Lente" com a qual antea "Avenida Santa Felicidade da Foz de Iguaçu". (Vide pag. 122 deste volume)



aluga.

A fotografia da esquerda é a da actual "Rua Nova de S. Bento", mas que a Câmara Municipal resolveu e já deliberou hoje (1947) abrir uma nova artéria da cidade, a que já deu o nome de "Avenida Frei Alvaro Pereira". É actualmente o bairro mais pobre da cidade. A fotografia mostra-nos bem a miséria que ali se

= Mãe Lúcia Garcia =

Liza do Campo e do Mourão (antiga Liza
de D. Carlos) com o Ligeiro Marcechal Gomes da
Costa (antigo Ligeiro da Estação).

— x x —

Rua do Loureiro

Liga a Rua de São João com a Rua da Assembleia (antiga Rua da Rainha).

Esta rua hoje denomina-se Rua Candido dos Reis



A esquerda fotografia da Rua do Candido dos Reis que n'outros tempos se denominou Rua do Loureiro) tirada da sua entrada voltada para o Jardim Publico.

Pua do Anjo =

É uma pequena rua que liga a Rua Marques
de Marfaca com a Lagoa da Fonte de Baixo.

Esta rua tornou este nome por não existir em
anos em porta aberta mas antigas muralhas
que dava saída para a Lagoa e chamado Fun-
do de Vila a que vulgarmente se chama Lagoa
da Fonte de Baixo.

Esta rua foi demolida em 1857 e re-
me foi autorizada pela Câmara em sua ses-
são de 2 de Setembro de 1857 e se vê da res-
ponsiva acta.

Vigandeiras = Ou Vigandeiras =

É uma pequena e estreita concha que ligava a "Lapa da Fonte de Baixo" com o rio Lavado.

Hoje (1867) esta vedada por virtude de obras que ali se fizeram de edificação de casas em frente, nome a Nova Avenida que partindo da Rua dos Ministros da Republica (antiga "Rua do Terreiro" ou "Rua da Lapa") ligava a cidade com os Povos Matadouro e Municipaes e com a estrada que vai de Barcelos para Espinho.

Da Memoria Historica da Villa de Barcelos, Barcelinhos e Villa Nova de Famalicão - por Domingos Joazeiro Pereira - Alcade do Camo - 1867 - paginas 37 -

Estes muros, além das preditas portas, tambem tinham 3 portezos ou portas, mais pequenas e abertas por cima, a saber: ... e o das Vigandeiras, que era aquella que estava junto a torre da fonte, ao lado do presente, pelo qual se descia para as azemhas do rio, pelas escadas, que ainda alli existem, e das quaes tambem se vai para as Vigandeiras.

- Fonte de Santa Irmã -

Em 1834 mandou a Câmara construir uma fonte no largo e em frente à casa do Sr. Lourenço de Vilas Boas, cuja fonte era alimentada com as águas do chafiz da Praça (Largo da Câmara).

Esta fonte era conhecida por "Fonte de Santa Irmã".

Com o alargamento do Largo da Câmara e por ocasião das obras que circundam o Palácio dos Marqueses de Bragança, esta fonte foi demolida por completo ficando parte do relicário do Museu Arqueológico a pedra que servia de remate a esta fonte.

~~~~~

Chafariz Cruzino

Na Praça Municipal, entre a Igreja Matriz e os Paços do Concelho, mandou a Câmara Municipal construir um chafariz (cruzino) em 1630, encimado por uma cruz.

O Chafariz que se vê diante dos Paços do Concelho foi mandado construir pela Câmara em 1631 e 1632 custando 43000 reis, tendo sido edificado por uma junta de homens em que se reuniram o governador e jurados a qual



tendo sido mandados retirar o chafariz em 1630 foi ordenado pôr-se o chafariz de Santa Teresinha (junto à Igreja Matriz) para sempre da terra.

Este chafariz foi mandado restaurar no tempo do Sr. D. João de Castro e se lhe pôz a estatura de 16 metros (sem ser encimado por uma cruz como a que se viu na primitiva) em 1733.

Remoira o chafariz - Cruzino tal qual era erecto na Praça Municipal - antes de ser demolido.

Este lindo chafariz foi mandado



dado apelar para a Camara em Setembro de 1926.

Este chafiz substituiu o Cruzeiro Paroquial que esteve no cruzamento da rua Martim da Republica (Anta do Terreiro) com a Rua de Bragança, em frente a Igreja Matriz e ao lado do Solar dos Linheiros.

(Vide notas sobre este chafiz paginas 179 do 1.º Volume destes apontamentos e 96.º deste Volume).

A acta da Camara de 2 de Janeiro de 1632, diz-nos que a construção deste chafiz custou 43,000 reis e foi empreitada a Camara tomou de empréstimo da mão de Francisco Fernandes Soares.

Sabemos que este chafiz foi construido entre 1631 e 1632, como se pode verificar pela acta da sessão da Camara, de 2 de Janeiro de 1632, tendo custado 43,000 reis, e foi empreitada a Camara tomou de empréstimo da mão de Francisco Fernandes Soares.

N'aquella data o Cruzeiro da Igreja foi não existia a não ser a base que assentava de frente do Solar dos Linheiros, razão por que surgiu a ideia para que o Chafiz servisse ao mesmo tempo de Cruzeiro.

### Cruzeiro Paroquial

Esteve no cruzamento da rua Martim da Republica (antiga rua do Terreiro) com a rua Duque de Bragança, em frente a Igreja Matriz e ao Solar dos Linheiros.

Vide pag. 179 do I Vol.

Assistência Nacional aos Tuberculosos

- Secção de -

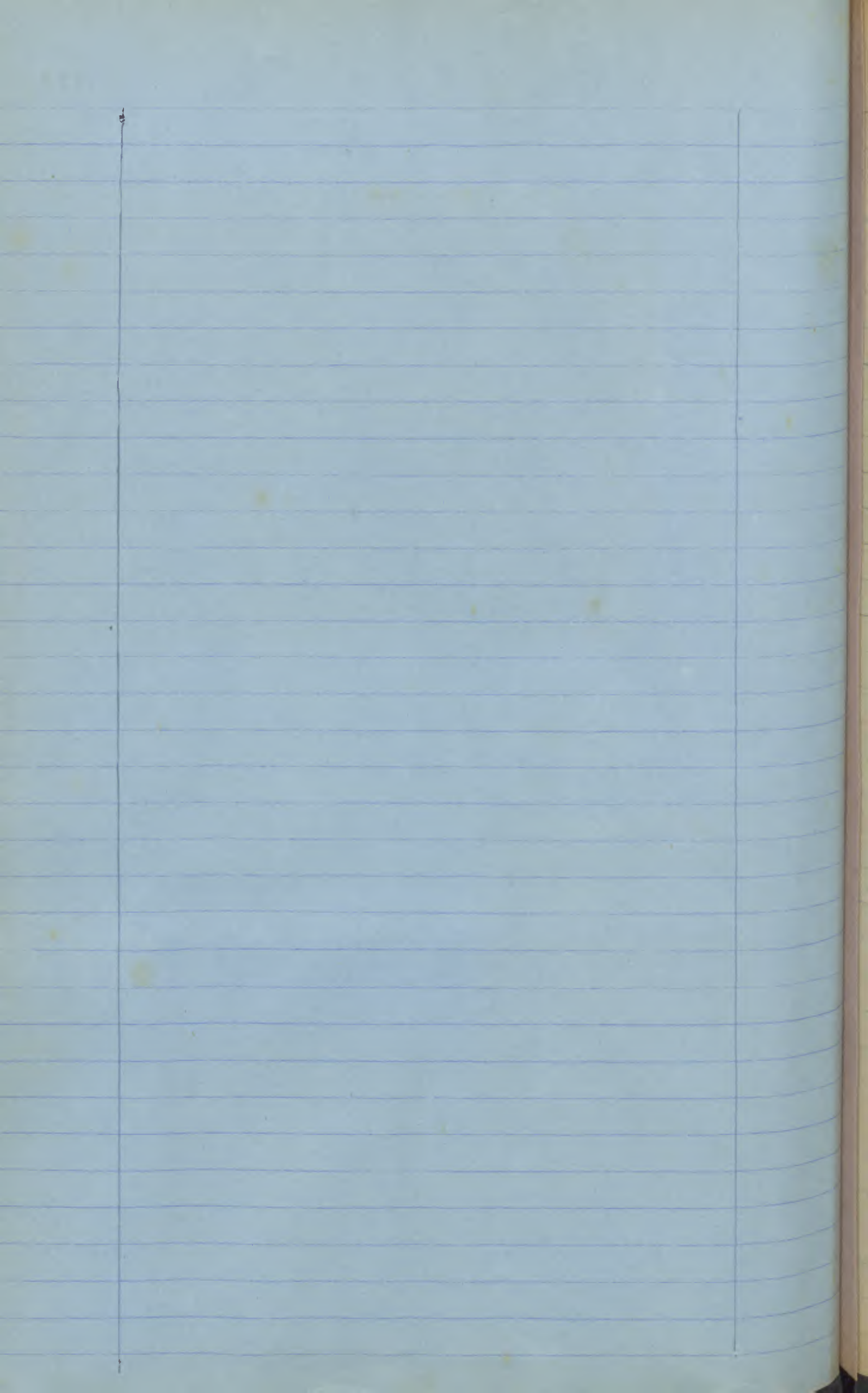
- Paróchos -

Foi construído edifício próprio no Campo de Ourique.

Foi aberto para serviço de assistência em Novembro de 1937.

\* \* \*

Em meados de Novembro de 1947, pelo Governi da Nação, foi dotado com um aparelho de Raios X. (Referência feita a esta datação, pelo Dr. Amalense de 22 de Novembro de 1947).





Abastecimento de Agua em Barcelos =

Para a captação das águas para Barcelos, foi feita um grande reservatório na freguesia de Alameda da Vieira - (junto à estrada Barcelos-Viana do Castelo) em lugar do Sinal, e as obras principiaram em princípios de Setembro de 1914.

A fornecimento da água canalizada principiou a Ser feita em Agosto de 1915.



Além de algumas fontes e nascentes, é fornecida a água a esta cidade pela Companhia Águas e pela Comuna Municipal.

Desta para referir as nascentes que possuem nos montes ao norte, e as águas são recolhidas em reservatórios do Sinal, e estabelecem em 1909 a Elevatória do Cavado, com resultados melhores que os previstos.



Tem as seguintes fontes públicas e chácaras:  
a fonte de Bains; a das Fontainhas, e chácaras do Campo da República (campo do Sinal); o do Campo de S. João unidade para ali da Praça Municipal; a do Lago de Almir; a da Praça D. Pedro V; a do Campo S. d'Adelino e a do Lago de Tanque.



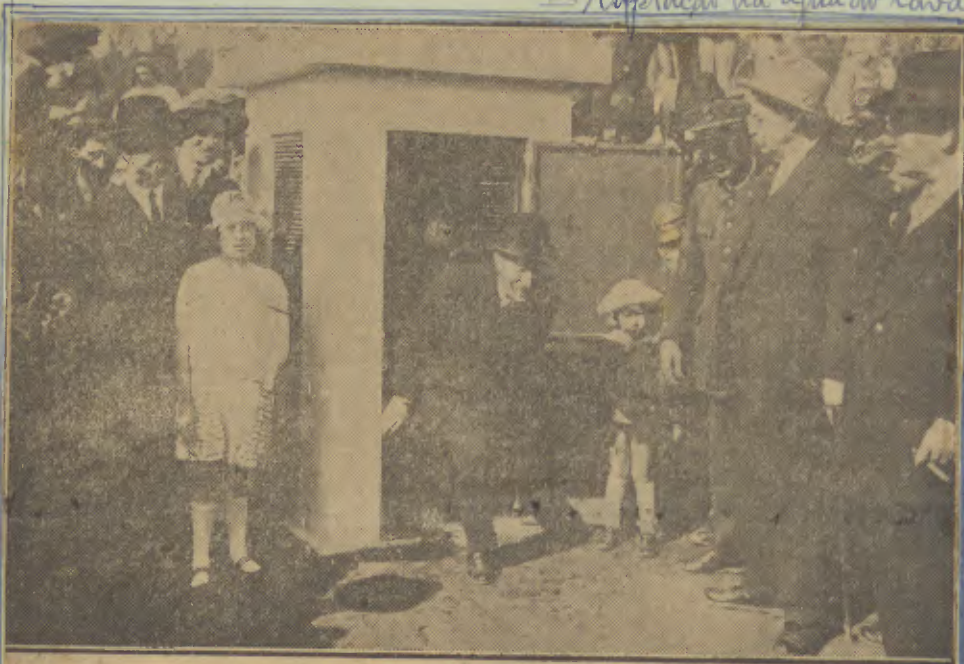
No Passeio das Obras, construção do fim do século XVIII, existem duas fontanários e as águas caíam respectivamente em parte posterior d'quelas obras.

F. Pedro de Soares, em seu Tratado Panepirico, e ditado em Coimbra em 1673, diz que a vila de Barcelos tem as seguintes fontes: a de Bains, de muito boa água, situada no fim da rua das Fontainhas, a que chamam o Casco, "fonte de muito boa água e de muito bastante bondade".

No meio da terra da fonte, continua o mesmo curso, esta outra fonte e entra no Campo do Salvador, indo da vila para a junta

da Bateria.

"Captação da água do Cávado"



A seguir  
visita do  
Ministro à  
Elevatória das  
Águas feita  
em 15 de  
Outubro  
de 1928.

Na Central Elevatória das Águas do Cávado o sr. Ministro da Justiça  
saído do depósito subterrâneo. Cliché de H. Faria

Em cima Enciclopédia publicada pela imprensa bra-  
celense pouco se referiu às festas da cidade realizadas em  
14 e 15 d' Outubro de 1928 quando Barcelos teve por hospede o  
Ministro da Justiça Dr. Silva Tomé, a quem se deu a ele-  
vação da Bateria do Cávado, a ca-  
teira de cidade.

A direita Enciclopédia que nos  
mostra a grande multidão de povo  
por ocasião da recepção do re-  
ferido  
Ministro  
na Ca-  
marã  
municipal.



# Luz electrica em Barcelos -

## = Iluminação Publica =

O proveimento da luz electrica a Barcelos em sessão de 13 de Janeiro de 1916, foi adjudicado a firma F. Xavier Santos & Filhos, do Porto.

Nos fins de Julho de 1916, chegou a fundação, a cabos electricos que hade conduzir a energia para a iluminação publica a fronteira de Barcelos.

Na 3.ª feira dia 13 de Novembro de 1917 foi inaugurada, a noite, a luz electrica em Barcelos, (em se acendiam pela primeira vez).

Em 27 de Abril de 1918 ficou Barcelos completamente iluminado.

x x x

Sobre iluminação publica, veja-se nos actas da Camara de:

- 25 de Dezembro de 1855;
- 7 de Março de 1857;
- 5 de Novembro de 1858;
- 8 de Outubro de 1859 etc, etc e outras actas até ao dia 14 de Junho de 1891 e 2 de Abril de 1894 a Camara tratava da iluminação electrica.

A iluminação a grava foi anteriormente de a do aceite (1855) e depois de a do fuel-oil de 1857 em diante.

Quando se iniciou a luz electrica em Barcelos, existiam 177 lampadas de betão. Levando-se em consideração a Camara, da freguesia de Barcelos, a ultima lampada instalada.

x x x

A luz electrica de instalação subterranea

foi inaugurada em 1 de Maio de 1938.

— x x x —  
A iluminação pública em feita a petroleo (mas  
muito em que não havia luz) passando  
desde 1914, a ser iluminada a cidade a  
luz electrica. —

— x x —  
Instalação Hidráulica Electrica da Fmada da Sociedade  
de Electricidade do Norte de Portugal, com sede em Porto: —

Concessionaria da iluminação pública  
e particular da cidade de Braga, cuja inau-  
guração oficial foi em 1 de Junho de 1933, rescin-  
diu ha anno esse contrato, ficando a fornecer a en-  
ergia electrica a Estação Elevatória das Águas do Ca-  
vado para aquela mesma cidade.

Surde-lhe adpicada em 1914 a forne-  
cimento da iluminação pública e particular  
para a vila de Barcelos, foi inaugurado este  
melhoramento em 7 de Fevereiro de 1918.

Desde entao vai estendendo a sua accção  
benefica a esta antiga vila, hoje cidade, e ain-  
da a algumas freguesias rurais, fornecendo  
energia electrica não só para a luz como  
para motores destinados á industria.

— x x —

## Estação dos Correios, Telégrafos e Telefones

A primeira estação dos Correios, em esta localidade, foi a que se abriu a funcionar em edifício da Câmara Municipal, em frente que mais tarde foi ocupada pelo Palácio d'Alfândega e foi esta situada (então) na Rua da Misericórdia, hoje Rua de S. Thomaz). Depois mudou para a Rua da Família Rosado - em frente à Igreja de S. Thomaz e alguns anos depois para a Rua Direita (hoje D. António Barron) junto da casa da família Leão Gomes.

Em Setembro de 1883 foi mudada esta estação d'opinião para a Rua da Imprensa, para uma casa por ser pequena e ali se esteve até 19 de Agosto de 1908, data em que foi transferida para o Paço do Concelho - frente para a Rua de S. Henrique - iniciando a funcionar ali na manhã d'aquele dia.

Tendo a Administração dos Correios, Telégrafos e Telefones inaugurado uma edificação própria, em 14 de Julho de 1940 (domingo), que mandaria ornamentar no Campo da Feira - a Baçaria - para ali serem transferidos todos os serviços desde este dia.

A rede telefónica funciona desde 1932 (maio).



A primeira Cabine Telefónica montada em Baçaria, foi inaugurada em 11 de Fevereiro de 1932.

1930 na estação dos correios ainda instalada nos Paços do Concelho, em estrada para Rua Luísa R. Henrique.

A rede telefónica começou-se a montar em meados de Março de 1931.



- Do "Liceuário Geográfico de Portugal" (Memórias Populares, 1921) - Sec. XVIII - Volume 6.º - Documento 33 - Torre do Tombo - Lisboa.

"Esta villa tem correio, que a ella chega todos os domingos do anno; e parte todas as sextas feiras de manhã. Distã da cidade do Porto, aonde elle chega na mesma sexta feira sete legoas; e depois pelo desta cidade girão as cartas para todo o Reino, e conquistas; a divertindo, que as bolsas para o Correio do Porto, Coimbra, e Lisboa não fechadas do desta villa; e pelo correio da Corte girão para os Reinos Estrangeiros."

~~Edifício dos Correios de Barcelos, construído em 1869, substituiu o antigo edifício dos Paços do Concelho, que servia para este fim. O novo edifício foi projectado pelo arquitecto João de Sousa Cardoso e inaugurado em 1869.~~

A primeira lotação telefónica municipal de Barcelos, foi criada por Decreto de 7 de Maio de 1869.

"Legião Portuguesa"

Batalhão 12 - Barcelos -

O Batalhão 12 da Legião Portuguesa, foi organizado em Barcelos em 21 de Março de 1937, tendo o seu primeiro aquartelamento no edifício amarelo av. de São Jerónimo nas escolas primárias "General Pereira", na Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, onde se conservou até ao dia 22 de Abril de 1941, tendo nesta data transferido o seu aquartelamento para o antigo edifício av. de Jeronimaram as escolas, à Rua Duques de Bragança (antigo Colégio dos Senhores Condes de Jesus Maria), - hoje demolido, conservando-se neste edifício até a dia 21 de Abril de 1942, mudando nesta data para o seu actual aquartelamento no Campo da Santa Catalina Branco (Campo de S. José), em prédio que não pertence ao Estado, do qual se paga aluguer.

É a casa da Quinta de S. Vicente.

Foi montada uma boa e moderna Cantina que fornece refeições baratas às classes menos remediadas, cuja inauguração teve lugar no dia 7 de Abril - de 1948.



A  
esquer-  
da:  
Edifi-  
cio amare-  
lo, onde se  
formou  
na Av.  
dos Com-  
batentes

da Grande Guerra, desta cidade, onde foi organizado o Bat. da Legião Portuguesa em 21 de Março

À l'édifice  
arrêté et relevé  
après l'incendie de  
Bat. 12 de la  
place Lantier,  
situé à l'angle  
des rues de  
Paris et de  
Marseille en  
1947.



(Antique Hotel des Deux Croix de Paris et Marseille)

x

(2<sup>e</sup> Quartier)





Guarda Nacional Republicana -

- Secção de Barcelos -

O Posto da Guarda Nacional Republicana foi criado de oficialmente, no edifício da casa dos Comendadores, em Luís de Matos, sob o comando de um C. Superior em Barcelos em 1915.

Antes deste posto estava aqui em Barcelos uma força de 10 praças da Guarda Nacional Republicana, comandadas por um C. Cabo, que para aqui veio em disposição em 13 de Dezembro de 1913.

Hoje é uma secção do comando de um Oficial Subalterno. (1947)



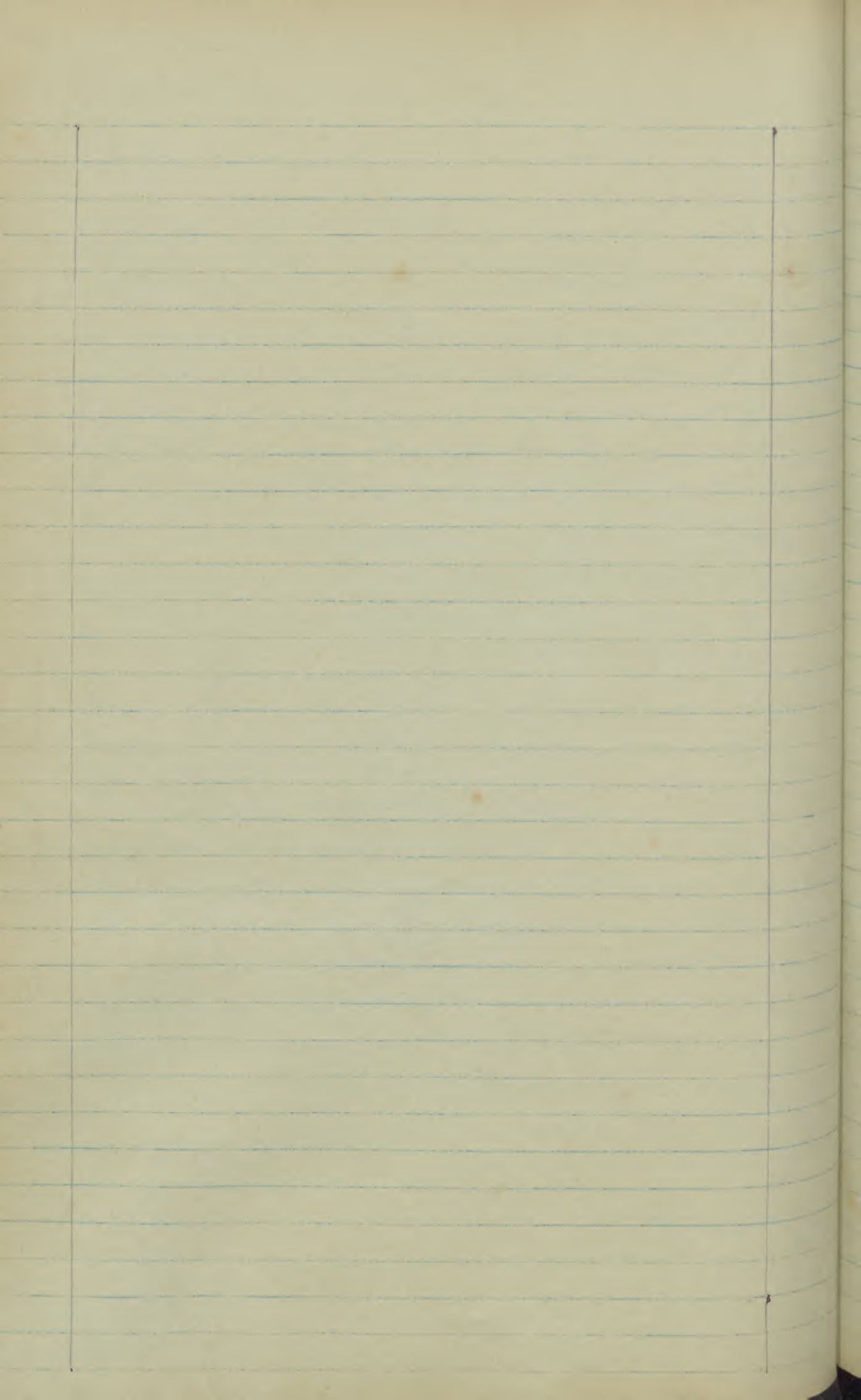
= Policia de Seguranca Publica =

= Posto de Bombeiros -

A Camara Municipal requisitou a constituição de um posto de polícia nesta localidade em Novembro de 1933.

Em 1 d'abril de 1948 foi aumentado o numero de guardas constituindo um posto comandado por um chefe.

Funciona no edificio da Camara Municipal, na parte onde esteve o Batalhao d'inf. que aqui estava aquartelado.



## = Batalhão Cívico =

Após a Proclamação da República (5 de Setembro de 1910), em diversas vilas e cidades do País, formaram-se Batalhões de Voluntários para a defesa do novo regime.

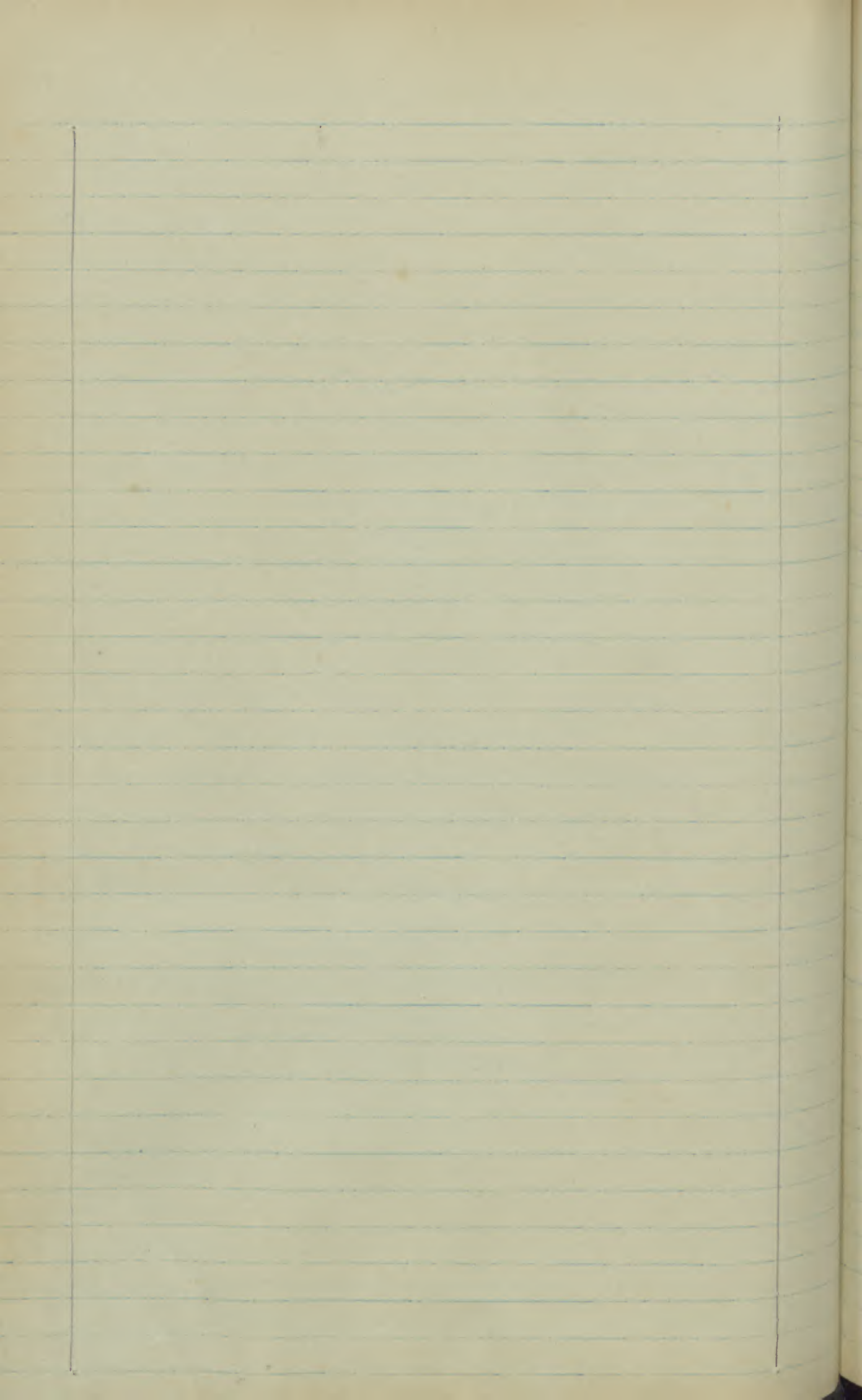
Paralelo também organizou-se um Batalhão de Voluntários a qual tinha os domingos e dias santos ou feriados de reunião e recibia instruções com o armamento que lhe era fornecido pelo Batalhão d'Infantaria aqui aquartelado.

## = Juramento de Bandeira =

No domingo 5 de Março de 1911, houve no Campo da República (Campo da Estrela) por uma hora da tarde o juramento de bandeiras, na presença dos Batalhões de Voluntários do Porto, o Capitão e Comandante do Batalhão d'Infantaria aqui estacionado, havendo discursos e jurando-se em todo o caso no exercito.

Seu comandante deste Batalhão Cívico e entre alguns Francisco Vila - Sr. Rodrigues Leite, que morreu nesta cidade no posto de Tenente Coronel, Militado da Grande Guerra de 1914-1918.

O Batalhão Cívico foi dissolvido como todos os outros substituído os seus elementos a "Junta de Defesa da República" que também acabou.



= Batalhas Bicolor =

= Ciclones e outras tempestades e desastres =

— Vide páginas 45 deste Volume —

Obra "Diccionario Geografico de Portugal" (Memorias Paroquias)  
 Sec. XVIII - (P. 1) - Volume 6.<sup>o</sup> - Documento 33 p. 131 -  
 Torre do Tombo.

"..... No sempre memorando, e fatal dia, de todos os Santos de 1758  
 cahiram com o thumbr de terra algumas ameas da Mouralha para a  
 parte do Norte, e o mesmo succedeo na torre da Cadeia aonde cahi-  
 haõ algumas ameas, das que corraõ esta torre, para a parte de dentro,  
 e no Templo do Bom Jesus, cahiram duas covas das piramides; e as  
 do cõsulho se crõõ repararõ se apõõ, e nenhuma destas ruinas se  
 frizõ.

X

= Ciclone =

Pelas oito horas da manhã do dia 29 de Janeiro de  
 1948 desencadeou-se um violentissimo ciclone nesta cidade, plizmente de pouca  
 duracõõ, mas que causou grandes estragos a esta localidade, tendo atirado pedras av.

quasi todas as telhas inclindo o padilho para o interior do quintal municipal e danificando enormemente todas as fabricas aqui em elaboração.

### Tremor de Terra

Na 5.ª feira dia 18 de Novembro de 1948, pelas 3<sup>h</sup> 30 da manhã a freguesia de Barcelos surpreendida com um enorme abalo de terra acompanhado de um grande e extraordinario ruido, como não ha memoria de por aqui se ter presentido. Este abalo seismic foi a imprensa e registado, tendo-se verificado que a sua rota foi mais accentuada aqui para o Norte.

### Grande desastre soffido pela Corporação dos Bombeiros Voluntarios de Barcelinhos

Na dia 27 d'Abril (4.ª feira) de 1949, estando a lavrar um grande incendio em Espinho, freguesia que foi reclamada a juzeira das outras corporações desta cidade, pelas 11<sup>h</sup> 30 pouco mais de tarde, perto d'aguida villa para viatura autotransmovel dos B. V. de Barcelinhos comprando duas autobombas, muita material e onze bombeiros, esbarrou-se contra um poste telegraphico estando morrido dois bombeiros e ficaram gravemente feridos nove, alguns em estado desesperado foram recolhidos no Hospital da Misericordia de Barcelos. Este grande e horrivel desastre consternou toda a população.

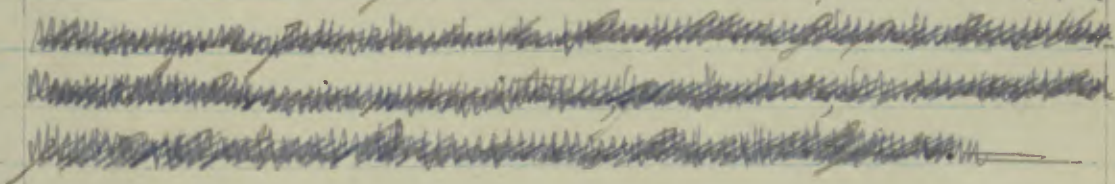
A funeral dos dois bombeiros realizou-se em Barcelinhos pelas 19 horas do dia immediato, tomando do fronte n'ele muitas desessete Corporações de diferentes pontos do Pais e milhares de pessoas de todas as categorias sociais bem como todas as autoridades das Praças e Governado Civil do Distrito.

Incendio na Casa Simões quando aqui viveo a Rainha D. Maria II  
(Vide paginas 59 d'este volume)



Caixa de Crédito Agrícola Limitada e  
Indicató Agrícola -

Foi inaugurada em 30 d'abril de 1925.

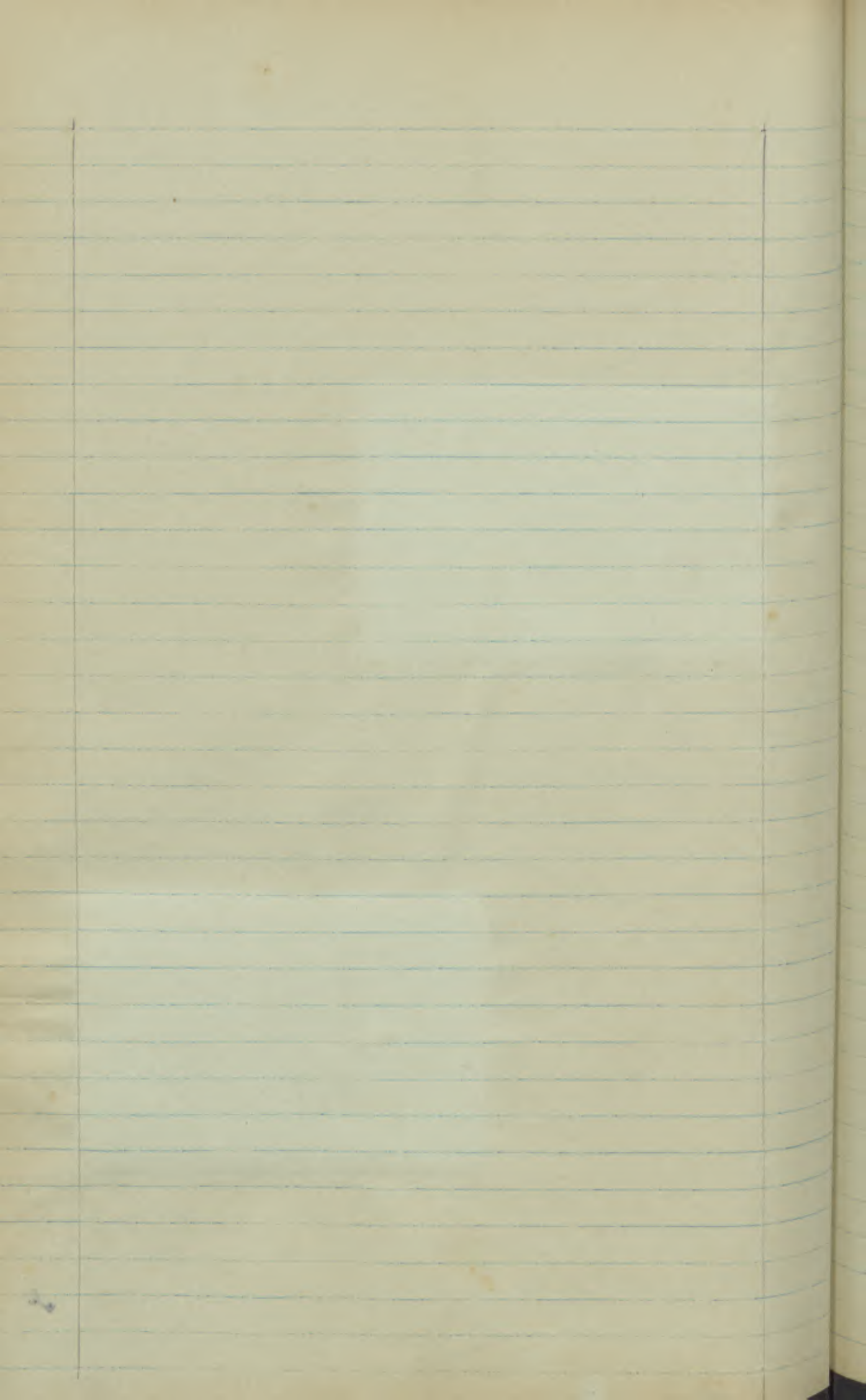


A casa aonde funciona o  
Indicató Agrícola, é conhecida em  
Barral por "Casa do Tanque"  
cuja construção é do século  
XVII.

Está situada no Largo dos Malheiros.

A fotografia a esquerda mostra  
a mesma - com a parte interior  
isto é, o terreno de "Casa  
do Tanque" de que nos ocupamos  
acima.





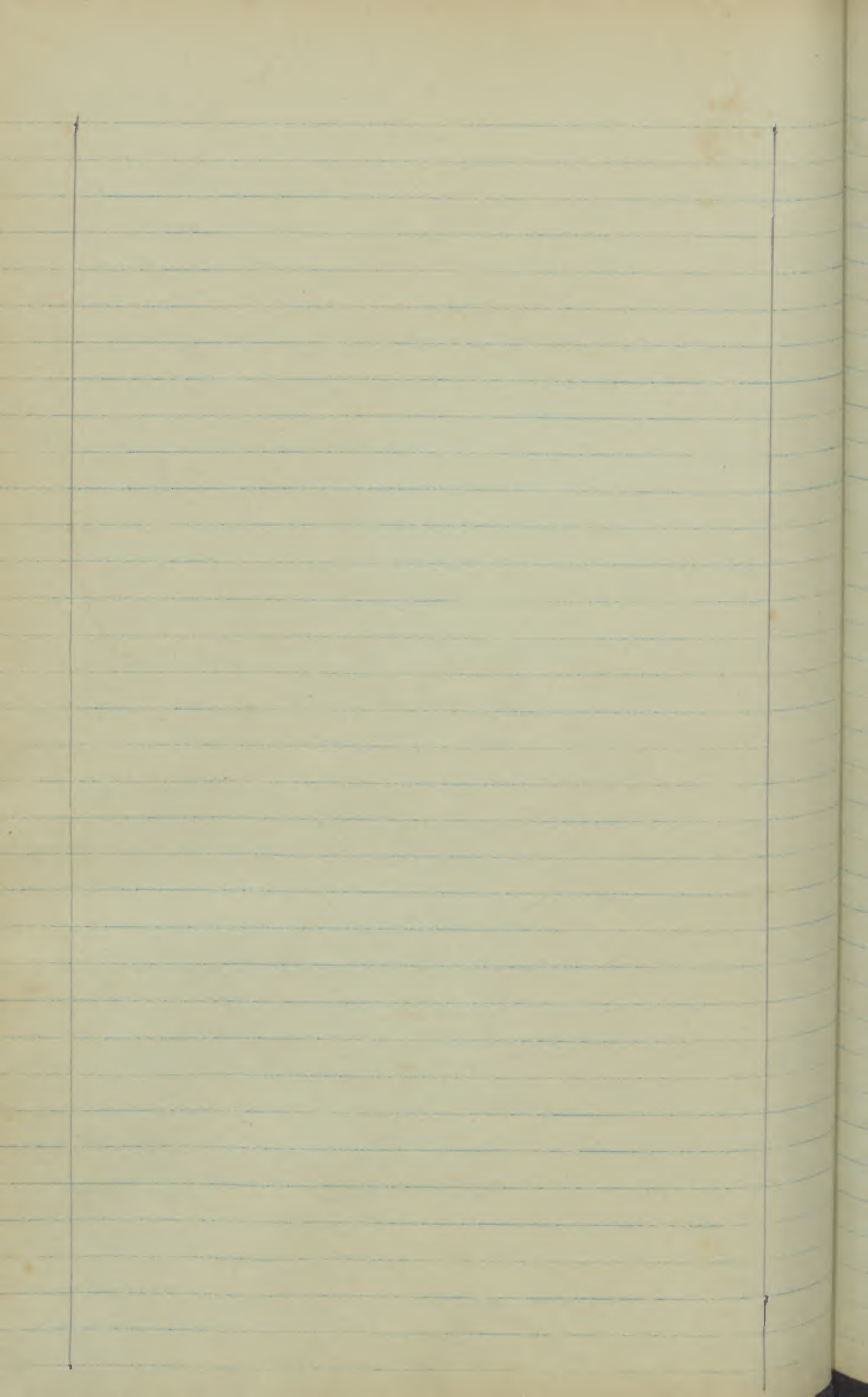
Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência

Agência em Paris

Foi instalada no edifício dos Paços do  
Concelho, na parte e com entrada pela rua  
Lafayette D. Henrique.

Princípios a funcionar em 28 de  
novembro de 1938.

— x x —



= Indicatos Agrícola =

Foi fundado em Bragança em 1906.

A sua primeira Direcção era composta pelas seguintes individualidades:

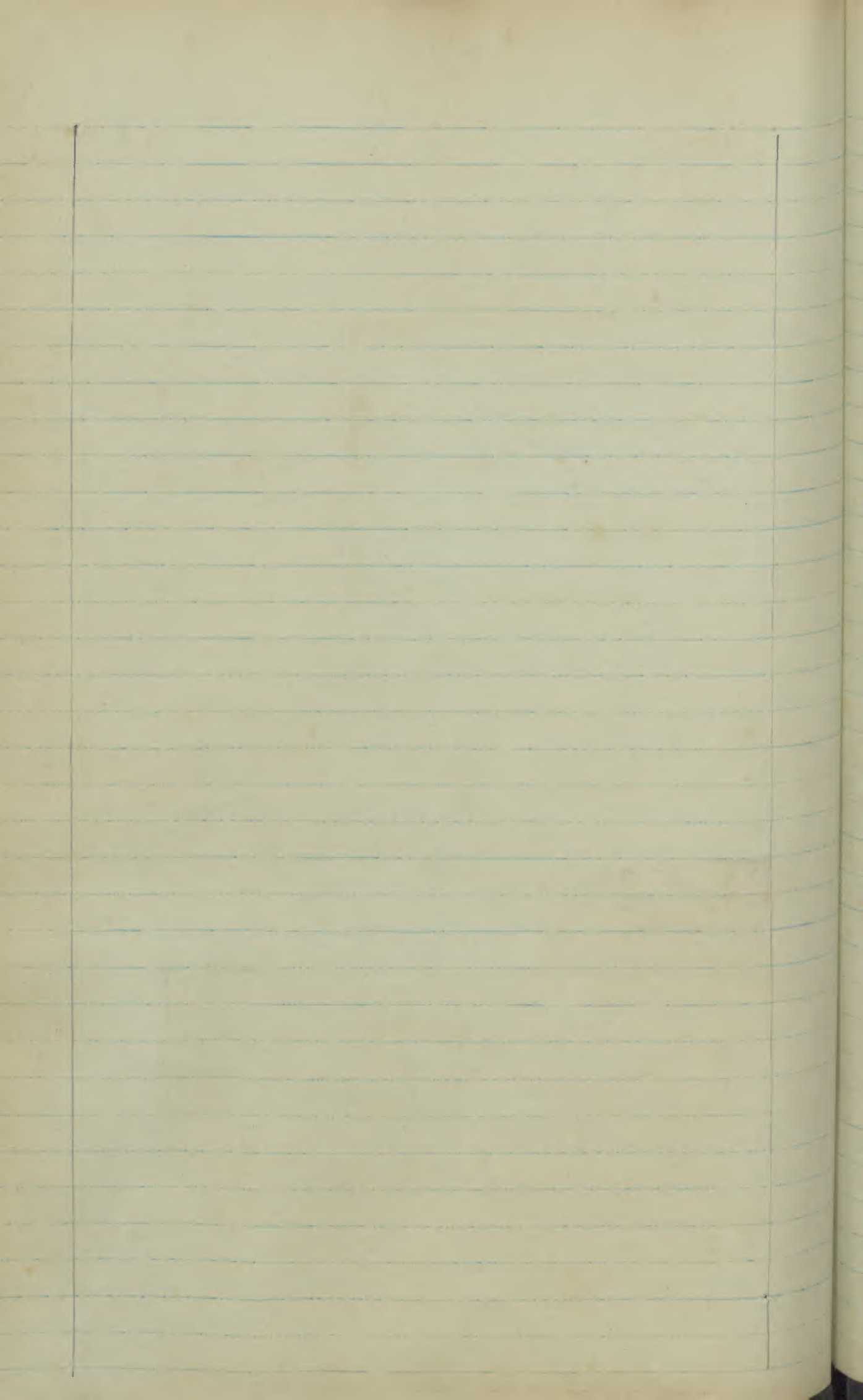
Luiz Francis da Costa Almeida Fraz

Jose Amencos

Alfons Leite

----- x x x -----  
 Funciona na antiga "Casa do Tanque". Vide paginas 137 deste livro. -----

----- x x x -----  
 Foi nomeado Presidente da Assembleia Geral, na data da sua fundação o Sr. Dr. Conselho Dr. La Carmim, tendo assistido e presidido a todos estes actos da sua fundação o saudoso Bispo de Braga D. Antunio Barreto com a assistencia do Conde de Agueda.



Estação dos Caminhos de Ferro do Trilho e do Rio = "Barcelos"

A linha da linha férrea de S. Bento da Vila  
za até esta localidade foi inaugurada no dia  
21 de Outubro de 1877.

"Inauguração da Linha do Caminho de Ferro em Barcelos"

Edifício da 1.ª Estação dos Cam. de Ferro em Barcelos

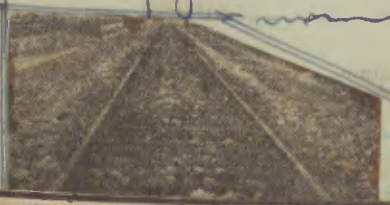


Acta da sessão da Ca-  
mara de 20 de Outubro  
de 1877:.....  
"Sendo o dia de amanhã  
o dia designado para  
a inauguração da linha  
férrea desde a estação de  
S. Bento a esta villa, a  
mesma Câmara deliberou

assistir a esse acto e que se empregassem as devidas mani-  
festações de respeito sendo, como é, um melhoramento que  
hade emmenar para a expansão da Villa."

Em Presidência da Cam. a M.ª e M. Eduardo da Silva Salazar.

(Vide pag. 39 n.º d'este Volume d'aportamentos)



A esquerda = Início do trecho de linha férrea que ser-  
virá a Barcelos.



A esquerda:  
Um ante-  
projecto  
para um  
novos  
trecho do  
Caminho  
de Ferro  
apresenta  
do seu.

Ante-projecto do Edifício de  
Passageiros para a Estação de Barcelos  
1877

1935, mas que, apesar de ser interessante, foi posto de parte, quer dizer não foi aprovado por quem de direito, apesar de Barcelos ter mais de trinta anos a andar a pedir uma nova Estação, pela falta da proximidade ser pequena e insuficiente para o tráfego da mesma terra.

~~~~~ x ~~~~~



Com esse o ante-projecto para a construção da nova estação do Caminho de Ferro desta cidade, o qual se prende a esta decisão do Caminho Municipal da habitação do Dr. Manoel António diz-se que nos fins do mês de Outubro de 1948, ter sido aprovado pelas entidades competentes e em 15 de Novembro de 1948, começaram a ser executadas as obras de construção desta em duas dias.

~~~~~ x ~~~~~



Cemitério Municipal de Paricós

O cemitério Municipal está situado na periferia de Acuzelo, ao fundo da Avenida Sidônio Pais.



No alto do seu portão vê-se a data de 1879.

— x x —  
A Câmara Municipal em sua sessão de 17 de Maio de 1879 resolveu pedir ao

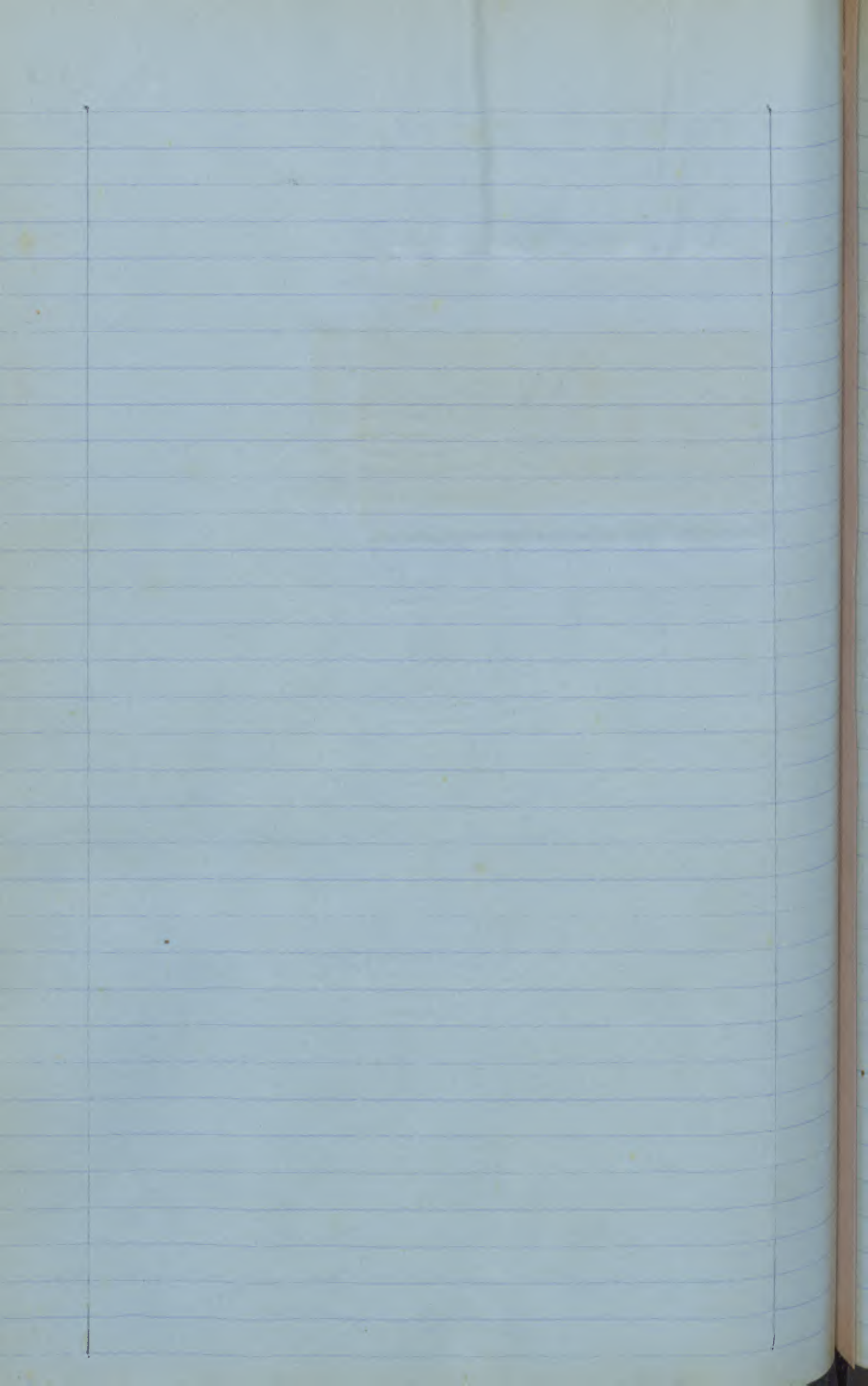
Senhor Arcebispo de Braga para provida a limpeza deste Cemitério, tendo-se encarregado desta missão o respectivo Presidente.

Tendo sua <sup>ex.ª</sup> Be.ª. recebido a tal pedido foi-lhe aliado eido em 27 de Maio d'aquele ano, como consta da Acta da Câmara de 27 d'aquele ano, assim como na mesma foi lançada em voto de louvor ao Abade de Camarões por ter dirigido todos a serviço da respectiva limpeza.

No dia 29 de Junho de 1948 devido a um terrível cicheiro que assolou esta cidade, com grandes ventos, não poupou com a sua furia e gradil desde a casa da grande do lado esquerdo inclinando o portão de entrada deste Cemitério, derrubando-os por completo, isto é, toda esta parte foi demolida bem como não foram poupadas diversas ornamentações dentro deste Cemitério e do mesmo lado, (Ando isto em cédulo pelas mãos da manhã d'aquelle dia).

(Vide folhas 153 do I Volume e 43 do IV Volume).

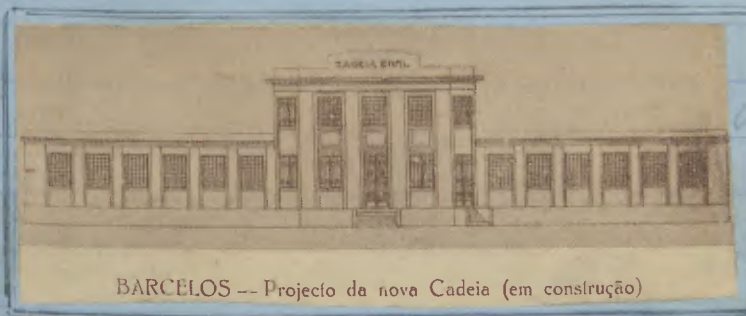
Neste cemitério encontra-se reconstruída a Capela de S.ª S.ª da Conceição que estava no Cemitério da Misericórdia, cujo des.º foi em 1921-1938 - (Vide folhas 43 do IV Volume e 152.ª e 153 do I Volume)



Cadeia Civil

O projecto da autoria da architecto no Nova Cantinho, foi approved em Maio de 1917.

Para a sua execução a Comendador Paulo Sebastião da Fonseca, nomeo architecto, residuente no Rio de Janeiro (Brasil)



BARCELOS -- Projecto da nova Cadeia (em construção)

o seu a obra com o nº 623 em 1917, quando desta importância fa-

zer-se a restauração da Torre da Porta Nova adaptando-a a um Museu Regional.

No dia 22 d'Abri de 1928 foi authorizada a obra da nova cadeia no architecto Belchior Pereira para a execução, no lugar do antigo, na foz da Trinta Cruzes. O que se cumpriu.

xxx

Os preços foram removidos da cadeia da Torre da Porta Nova para a actual cadeia Nova em 22 de Junho de 1932 por 11 horas de manhã.

xxx

Como se sabe e consta destes apontamentos a cadeia civil estava na Torre da Porta Nova.

xxx

Em 10 de Novembro de 1877 já se havia apresentado um projecto para uma cadeia nova. (Vide livro de Camara deste dia).

(Vide paginas 62 e 74 do 1.º Volume e 74 do 2.º)

A arteira que liga a cidade com o edificio da Cadeia é a continuação da Manuel Pass (antigo Rua da Estada) - (Vide pag. 122 deste Volume). - O edificio desta nova Cadeia comarca, está situada na foz da Trinta Cruzes.

Em 1925 o nosso ilustre patriota Dr. Paulo Felisberto da Fonseca, residente nos Estados Unidos do Brazil, mandou construir o edificio desta cadeia, dotando-o com todos os mobiliarios, assentos e ferramentais para o trabalho dos presos. Foi escolhido o local junto a estrada de Baneiros a Viana para a sua construção. É um bom edificio, suavel para o fim a que se destina, onde os presos recebem ar e luz a jorros rodeado de uma ampla cerca na qual trabalham, distoem-se e recebem Sol do bom Deus. Tem esta cadeia grandes dormitórios, casas de banho, enfermarias, oficinas de trabalho para cada sexo, aposentos para menores e no andar superior quartos para presos de categoria social, bem mobilados e com relativas comodidades, além da habilitação para o camerino, escritório e outras dependencias. O delinquente sendo assim tratado reconhecerá que a sociedade não é tão má como julga, pois não o separa de si ou o dá para satisfação de uma vingança, mas como um doente que era preciso tratar; não deixou o começo da sua cura, da sua regeneração. Tudo isto se deve á benevolencia da lei, bem exigida e emisa em Portugal de um brasileiro!

(O Conselho de Baneiros - Aguiar e Allim Cavado - Vol. I - pag. 116 e 117 - por Dr. Testeiros da Fonseca) -

Fabrica de S. José

Serragem e balneação e construção de anovis.

— x —

= A Fábrica da Praia =

Renominou-se já "Pólo Baró":

Fábrica de serração e carpintaria mecânica e de móveis, tendo-se já dedicado a construções económicas.

x

Fabrisa Contimbo Sda

144

Serrações de madeiras para exportação especialmente de  
taboalhos para cainatania para exportação de futas.

= Fábrica de Fios e Tecidos de Algodão, Ltda. =

Foi constituída a Sociedade por acção  
em 1925.

— x x —  
Cuida a seu desenvolvimento especialmente a fim, cujo trabalho tem sido notável.  
— x —



Trecho do lindo Jardim da Fábrica



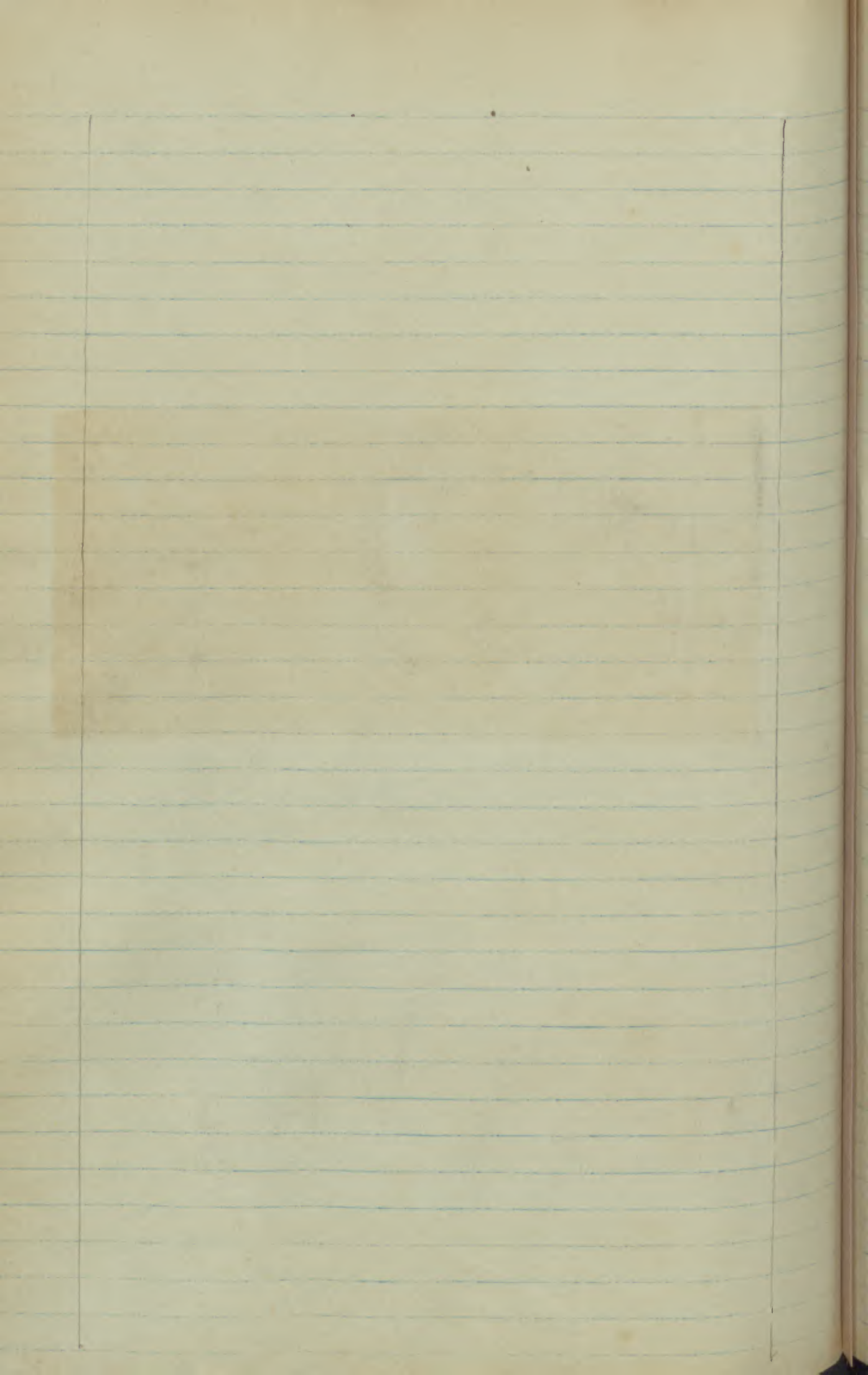
Refeitório dos Operários da Fábrica



Fabrisa de Liraçãõ J. Domenech & Cuy. P.

com 1806 fundou-se em Angola - junto a estrada  
de Beirão de Viana - Estação de Baixo - a Fabrisa de Liraçãõ  
João B. Domenech.

— x x —

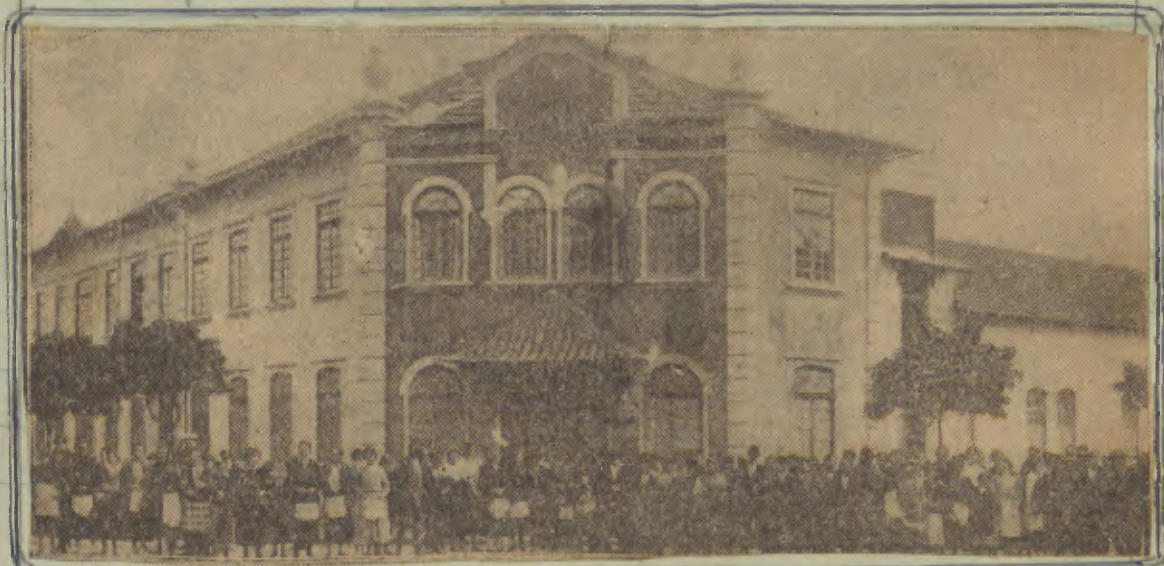


"Fabrica Banceuse" de João Duarte Veloso & Companhia

Foi fundada em 1921.

É um valioso elemento da progressão industrial de Barcelos.

Consta o seu fabrico de malhas (meias especialmente), de rendas, atacadores, fitas de enfeite, suspensórios, artigos de malheta.

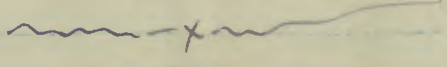


Está situada na "Avenida Alcides de Faria" (antiga "Avenida M de Faria" ou Avenida da Estação) e tem frente também para a Avenida Candido da Cunha.



No fim da "Avenida Candido da Cunha", quasi em frente ao "Largo da Granja" está situada a grande Fabrica Nestlé - construída em 1946-1947 - que pertence à mesma Sociedade "João Duarte Veloso & Companhia".

Esta última Fabria em meados de julho de 1948 passou a denominar-se "Perúpeque  
Fábrica de Borracha"



Fabrica de Moagem do Cavado =

Abre a firma Vinagre & Poppel, principia a funcionar em 1920.

Após fusão em 1932 constituindo-se, neste



Fabrica de Moagem do Cavado

ano em  
uma firma  
denominada  
Vinagre, Poppel  
& Poppel,  
e em 1939,  
a Fabrica  
Industria  
do Cavado  
passa a  
funcionar  
de novo  
de uma

nova firma intitulada "Firma Sociedade Industrial do Vauze Limitada".

Esta situada na freguesia de Azeite, pertencendo a' nossa Estação do Caminho de Ferro.

XXX



Associação dos Bombeiros Voluntários de Paris

Foi fundada em 1883 e possui edifício próprio.  
 Antes desta corporação havia a "Companhia da Bomba"  
 criada por Real resolução de 22 de Março de 1826, ha-  
 vendo n'esta Vila duas bombas  
 adquiridas em Londres.

Este edifício tem sobre a  
 porta da esquerda um pau-  
 des alparismos a respeito da  
 ta = 1884 = e sobre a por-  
 ta da direita a de = 1898 =



Foi fundada em 4 de Abril de 1883.  
 Foi inaugurada em 6 de Junho de  
 1884.  
 A inauguração do seu edifício reali-  
 zou-se no Domingo 29 de Maio de 1898.

Sumo no Largo José Moraes



"Grupo de  
 Bombeiros Voluntários  
 de Paris - Corpo Acti-  
 vo - que em 12 de Mar-  
 ço de 1899 obteve em  
 R. Comandante Manuel  
 Leiria B. Alves."



A litografia que acima se encontra reproduz um bellissimo  
 lapis do Grande Linte Barcelense Candido da Cunha que em 1897 produziu  
 em Paris a execucao dos Diplomas a conceder aos Sois protectores da  
 Associaçao dos Bombeiros Voluntarios de Barcelo.

Foram seus Primeiros Comandantes: -

- Sebastião d'Almeida, Comandante nomeado em 6 de Janeiro de 1884.
- Avelino Aires Duarte, Comandante nomeado em 15 de Setembro de 1891.
- Manuel Pereira Gomes, Comandante nomeado em 12 de Março de 1899.
- Artur Rodrigues Pereira, Comandante nomeado em 24 de Outubro de 1936.
- Manuel Quintas Pereira, Comandante nomeado em 30 de Junho de 1943.



Asplanada junto a Margem direita do Rioado junto a Ponte  
ou  
Avenida para os Matadouros na Quinta da Ordem

Começou a sua construção com a demolição de diferentes pedras ali existentes. Vê-se nas páginas 150 do 1.º volume destes apontamentos que se refere a trabalhos principiaes e executados em fins de 1945.



A esquadra:  
Vê-se nitidamente a grande obra que se projecta fazer - "a Asplanada junto a Margem do Rioado" - tendo-se já feito desaparecer grande numero de pedras (comprimo e dizem as palavras)

150 do I Volume destes Apontamentos) porque aconselhámos o consultante a apontar tudo isto em o despoite e apontado n'aquele volume.

O empreiteiro que arrematou esta obra assinou contrato com a Camara, tendo-se comprometido a iniciar os trabalhos, no dia 27 de Maio de 1949. Foi arrematada por 447.000\$00 dando o Estado a contraprestação de 277.400\$00.





A esquerda - O anti-  
projecto para a Doplana  
da fôrta a' margem di-  
recta do rio Cavado, o  
qual segundo communicação  
circ. da Camara Municipal  
da Presidencia do Sr. Maria  
Koston, em 12 de Outubro de  
1948, foi approvedo pelas  
instancias competentes de  
vendo, por diplomatas, ju-  
rificadas e em os respectivos  
obras de construcção.

~ ~ ~ ~ ~  
Vide folhy 150 do I Volume.  
~ ~ ~ ~ ~

## = Banco de Barcelos =

Este Banco foi fundado em 1875  
Quando se principiou a funcionar, tinha como sede a  
Casa de familia existente na Rua  
Direita - (Cuzi D. Antonio Barro).



Mais tarde mudou para a  
casa que pertence a J. J. J. J.  
da e aonde foi estabelecida  
a sede do Banco.

Depois d'isso instalou-se  
em edificio proprio ("Vide Visão  
espaneira ao lado esquerdo")  
junto a Torre da Torre Nova.

Depois de se ter fundido  
com o Banco Ferreira Alves,  
de Porto, mudou a sua  
de para a casa n.º 120 da rua

D. Antonio Barro, proximo a Companhia Volitaria dos Barros.

O edificio que antes occupava foi vendido a Banco de Depositos, Credito e Previdencia.

### Reforma de Estatutos

Reformou-se por escritura de 19 de Fevereiro de 1921 nas  
notas de Antonio Justino da Lima, em  
Barcelos.

O Banco Ferreira Alves - (apenas do antigo Banco de Bar-  
celos) - principiou a funcionar na Rua D. Antonio Barro  
em 1 de Julho de 1940.

Continua a amparar o desenvolvimento que tem se tem verificado em todos os ramos  
de actividade economica: a industria, o comercio e a agricultura.

Barros e Silva:

Mãe de agradecer a  
me por simples postal  
para Diana - R. da  
Bandeira - data cu-  
ta ou aprovada da  
Casa do Banco, de Pau-  
celos, agora em obra.  
Tem umas lindas mol-  
duras de portas e janel-  
las. E se tiver foto,  
papa que cada apêdi-  
ce. Sat tres as ferias:  
do sea do chão e 1º e 2º  
andar. Garotas que  
querer, pois com as  
gerencias doutros bairros  
e até, algumas, no  
aspecto lembrando certa  
porta manuelina que  
pelo volume do desenho  
se lhe aproxima.

Amigo

Conde Lequeiro



= Banco Nacional Ultramarino =

Este Banco fundou-se a funcionar nesta localidade em sete de julho de mil novecentos e vinte, na Rua D. Antonio Barroso numero 124, casa onde hoje funciona a Companhia Solitaria do Funchal.

Seu nome é D. Bento de mil novecentos e vinte e dois mil e seiscentos e setenta e seis mil e quatrocentos e sessenta e sete, seu fisco está em Londres em Londres, na cidade de Lisboa, com a nome de Lisboa.



Do lado esquerdo vê-se a fachada da frente voltada para a Rua D. Antonio Barroso do seu edificio proprio.

A sua inauguração foi feita na 6.ª quin dia 2 de julho de 1920.

= Companhia Editora do Livro =

Fundação - se a organizar por  
meio de ações de Ceu e outros em 21 de Outubro  
de 1934.

x x x

É de notável desenvolvimento, aparelhagem e aperfeiçoamento de  
trabalhos gráficos, aonde se compõe e imprime com summa prestígio,  
também também a industria de Livraria, Papellaria e Encuaderna-  
ção.

x

Tem edificio proprio na Rua D. Antunes Barros, nº  
124.

x

Sorte Grande da Lotaria de Santo Antonio

Tambem Barceiro foi um dia beneficiado em a sorte grande - a Taborda!

Em 1799 os directores do Banco de Barceiro Sr. Dr. Joaquin Pais de Vilas Boas e Joao de Souza adquiriram um bilhete para a Lotaria de Santo Antonio com o numero 7000, cujo bilhete saiu primeiro com o primeiro premio na importancia de tres mil contos!

— x x x —

Além de diversas importanciaes que a mesma Direcção do Banco de Barceiro fez para diversos funcionarios de mesmo, distribuiu mais os seguintes doativos:

|                                  |             |
|----------------------------------|-------------|
| Santa Casa de Misericordia       | 2000        |
| Bomlieiros de Barceiros          | 100         |
| Bomlieiros de Barceirinhos       | 100         |
| Ursinho Catholico                | 100         |
| Atip de Cavalheiros              | 100         |
| Albergue noturno                 | 100         |
| Casa de Santa Maria              | 100         |
| Colégio de S. Ilva               | 100         |
| Obras de restaur da Matriz       | 500         |
| Monumento a D. Antunio Barroso   | 300         |
| Estrada da Franqueira            | 100         |
| Para os pobres                   | 750         |
| Para o novo Templo dos Terceiros | 1000        |
| Soma                             | <u>3550</u> |

— x x x —



= Quiosque da Calçada =

Conhecido pelo "Quiosque do Galo"

Foi inaugurado na 3ª feira dia 25 de Abril de 1931.

x x x



A esquerda -

Uma zincografia da sua primitiva construção.

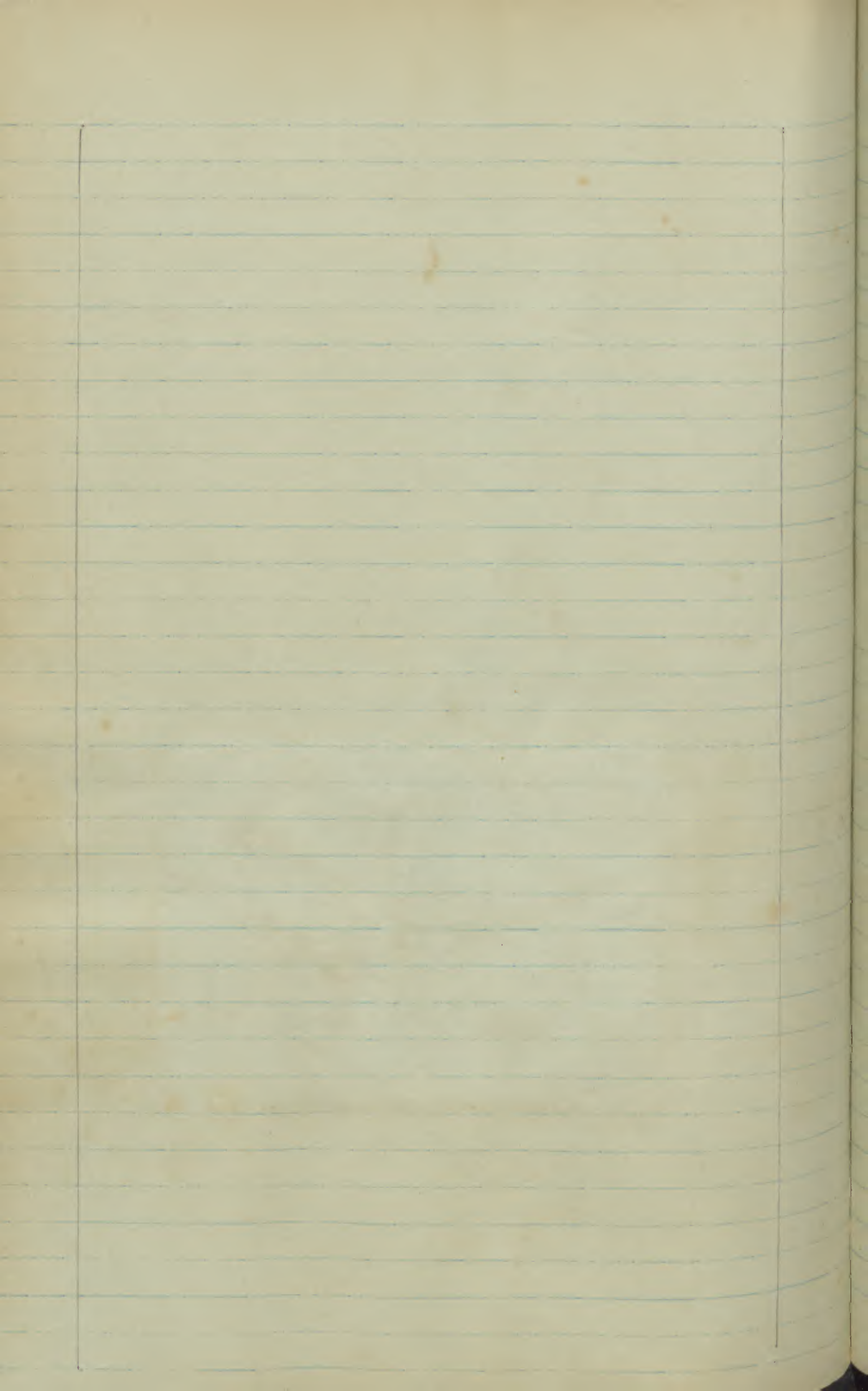
(Vide paginas 173 do 1º Volume)

x

Adiante - colocamos uma fotografia do primitivo kiosk que abrange também a maior parte do jardim da Calçada, aonde está coberto.

x





Escola Primaria Superior "Dr. Martins Lima"

Foi criada em Barcelos em 5 de Agosto de 1919.

Foi inaugurada em 25 de Outubro de 1919.

Foi-lhe dado o nome "Dr. Martins Lima" em Junho de 1920.

Foi extinta em 30 de Junho de 1925.

----- x -----  
 Funcionou no edificio da Camara Municipal, na parte que faz frente para a Rua Infante D. Henrique, onde hoje (1947) esta instalada a Biblioteca Municipal.

----- x -----

Escola Complementar =  
ou "Escola Primária Complementar"

foi criada por Decreto n.º 21.712 de 7 de Setembro de 1932.

Funcionou no edifício da Câmara Municipal, na parte que foi feita para a Rua Luperote D. Henrique, avendo tido funcionamento a partir da criação da Lei n.º 153 deste volume) e depois funcionou num edifício próprio adquirido pelo Município na Avenida dos Combatentes da Grande Guerra.

x

Grupo Alcaides de Faria =

Foi constituído em 3 de Setembro de 1929.

(Vide páginas 168 deste Volume.)

"Este Grupo constitui uma sociedade de estudos arqueológicos."



Bandeira do Grupo Alcaides de Faria

a indicação "Alcaides de Faria" a letras pretas, borches e borlas de azul e amarelo.

Lança e haste decoradas.

Foi esta a ideia dada por Agostinho de Barros, Presidente da Secção de Heraldica da Comissão dos Arqueólogos, baseada no seguinte:

"O Monumental exemplo que nos dá o Alcaide de Faria e seu filho, exemplo que conta uma raça e que é uma brilhante manifestação da forma como essa raça sabe compreender o dever de se ter representado pelas Quinas Antigas de Portugal, encastradas num coração de azul, chamante, inflamado pelo mais presencioso sentimento patriótico.

Acompanhando esse símbolo duas palavras representativas do martírio

e da flor, atadas em ponta por um laço de prata, metal que na heraldica significa pureza.

Tudo isto assente n'uma bandeira azul, cor que em heraldica simboliza verdade.

Grupo Alcaides de Faria - ("Pro-Franquicia") - Foi fundado em 1922. Os seus primeiros estatutos foram aprovados por Alvará do Governo Civil de Braga de 5 de Junho de 1930, cujos estatutos foram apresentados com data de 10 de Maio de 1930 e assinados pelos fundadores: Francisco Coudoso e Silva - Manuel de Souza Martins - João Luiz Ferreira - Antonio Dias Gomes - Delfino José Pereira - Alvaro Rodrigues de Souza e José Olimpio Barreiros de Oliveira.

Foram reformados os estatutos e aprovados por Alvará do Governo Civil de Braga em 16 de Maio de 1933. Este novo diploma foi assinado por dr. Testeiro José da Fonseca - Alvaro Gomes de Souza - Manuel de Souza Martins - Flavio de Souza Neiva - João Luiz Ferreira - Francisco de Sá e Alvaro Rodrigues de Souza.

Este Grupo foi agregado à "Associação dos Arqueólogos Portugueses" por resolução tomada em Assembleia geral de 29 de dezembro de 1931, da mesma Associação.

= "Associação Protectora dos Animais" de Paraná =

Fundou-se em esta cidade em meados de 1945.

Os seus estatutos foram aprovados por Decreto do Governador Civil de Paraná de 14 de Junho de 1945, tendo sido seus fundadores:

Francisco Cardoso e Lima, comerciante d'importação  
 Miguel Macedo Gopi - comerciante  
 Manoel Domingos de Souza, comerciante  
 Cândido Luiz da Cunha, comerciante  
 E todos d'esta cidade.

Denomina-se:

= "Sociedade Protectora dos Animais" - Paraná =

"Assembleia Barcelense"

Sociedade de recreio.

Foi fundada em 1872.

"Associação Comercial"

Foi fundada em 1890.

"Associação de Classe dos Empregados do Comércio"

Foi fundada em 1926.



"Casa dos Rapazes" — Reinado Infantil "S. José"

Foi fundada na Rua D. Diogo Pinheiro — antiga  
Rua Nova de S. José —

Fundada em 26 de Julho de 1945.

Inaugurada em 22 de Outubro de 1945.



A esquerda fotografia da "Casa dos Rapazes", situada à entrada da Rua D. Diogo Pinheiro (antiga Rua Nova de S. José) tirada da sua entrada voltada para o Campo de S. José.



Rapazes que frequentam a «CASA» de Barcelos

(1947) —



NA HORA DA REFEIÇÃO



RAPAZES DA RUA QUANDO SUJOS E ABANDONADOS

Colégio "Alcides de Faria"

O Colégio Alcides de Faria foi fundado no ano de 1935 por ordem de 11 de Novembro deste ano.



Imediatamente foram imediatamente a funcionar num edifício pertencente ao falecido Sr. Manuel Esteves, situado na Avenida Dr. Vieira da Silva, desta cidade.

Terça, nessa ocasião, uma religiosa sepultou a herdade do Colégio "Alcides de Faria" que possuía havia pouco tempo em Povoação, colégio em se extinguir. Em 1936 foi transferido para a Rua do Padre de São Paulo.

Em 1937 foi instalado na Rua do Beneficente (casa que se vê abaixo) onde funcionou em parte temporária, devido à existência do Colégio de Santa Clara, conservando-se aqui até 1943, ano em que se instalou no edifício da "Casa do Passo" (casa que se vê acima). Tem sido sempre sob direção de Mr. Viriato Lunitano Alves Ferreira, mas de 1943 a 1945 foi o Sr. Guilherme Pereira.

— x x x —  
 Rua do Alvará nº 2/14  
 — x —  
 Casa do Beneficente  
 onde esteve →



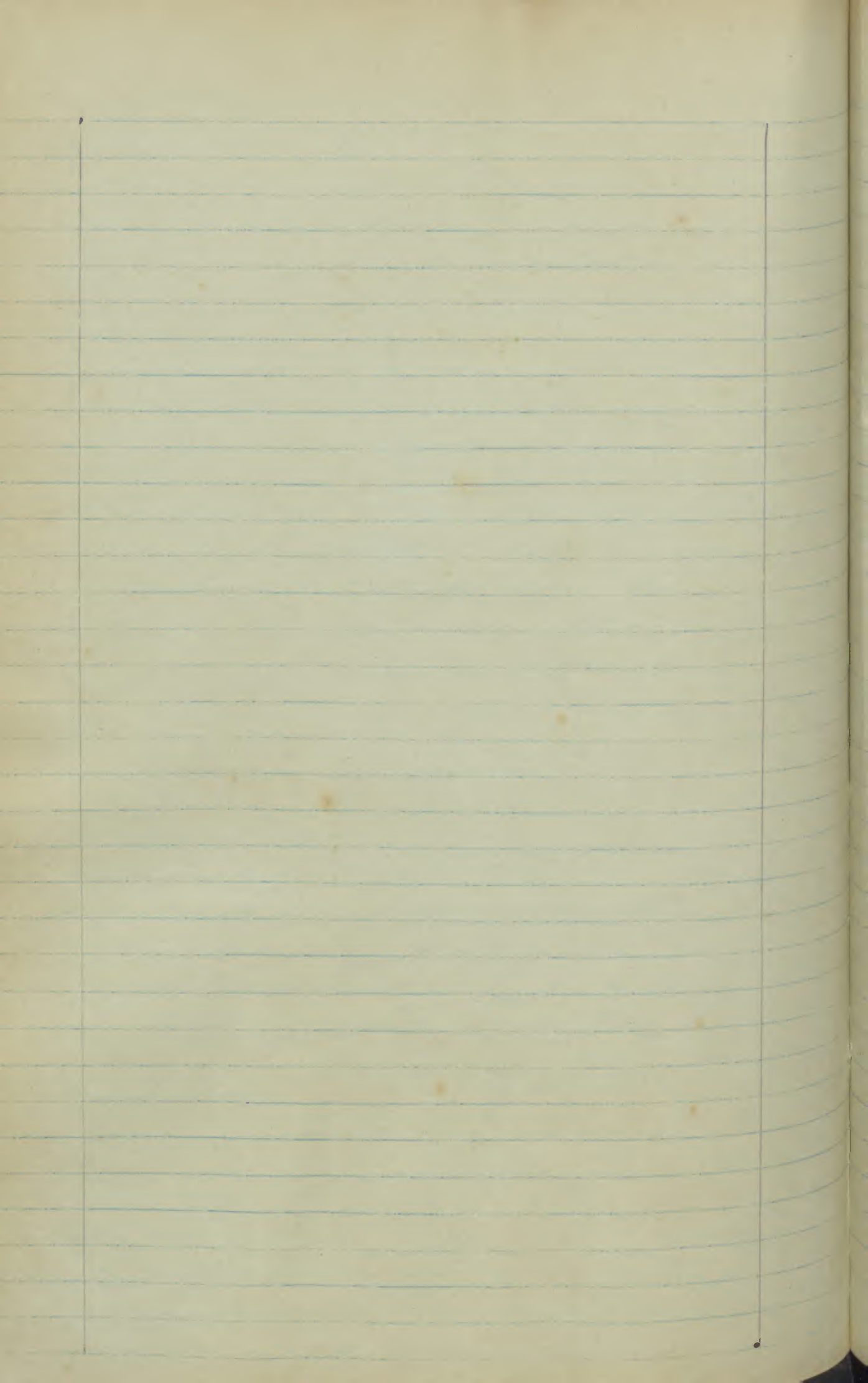


Armazens de S. Tiago =

Tem a maior parte do movimento no ramo de mercaderias.

Vende só por fiado.

Tem a sua sede, em edifício próprio, na Avenida dos Combatentes da Grande Guerra. (1947)



Convento da Ordem  
dos Capuchinhos (Ordem 3<sup>a</sup> de S. Francisco)  
em Parati -

Esta situada no Campo S. S. de N. S. - antigo  
"Campo de D. Carlos" - e edificando junto a Igreja de  
S. Antonio da Cidade,



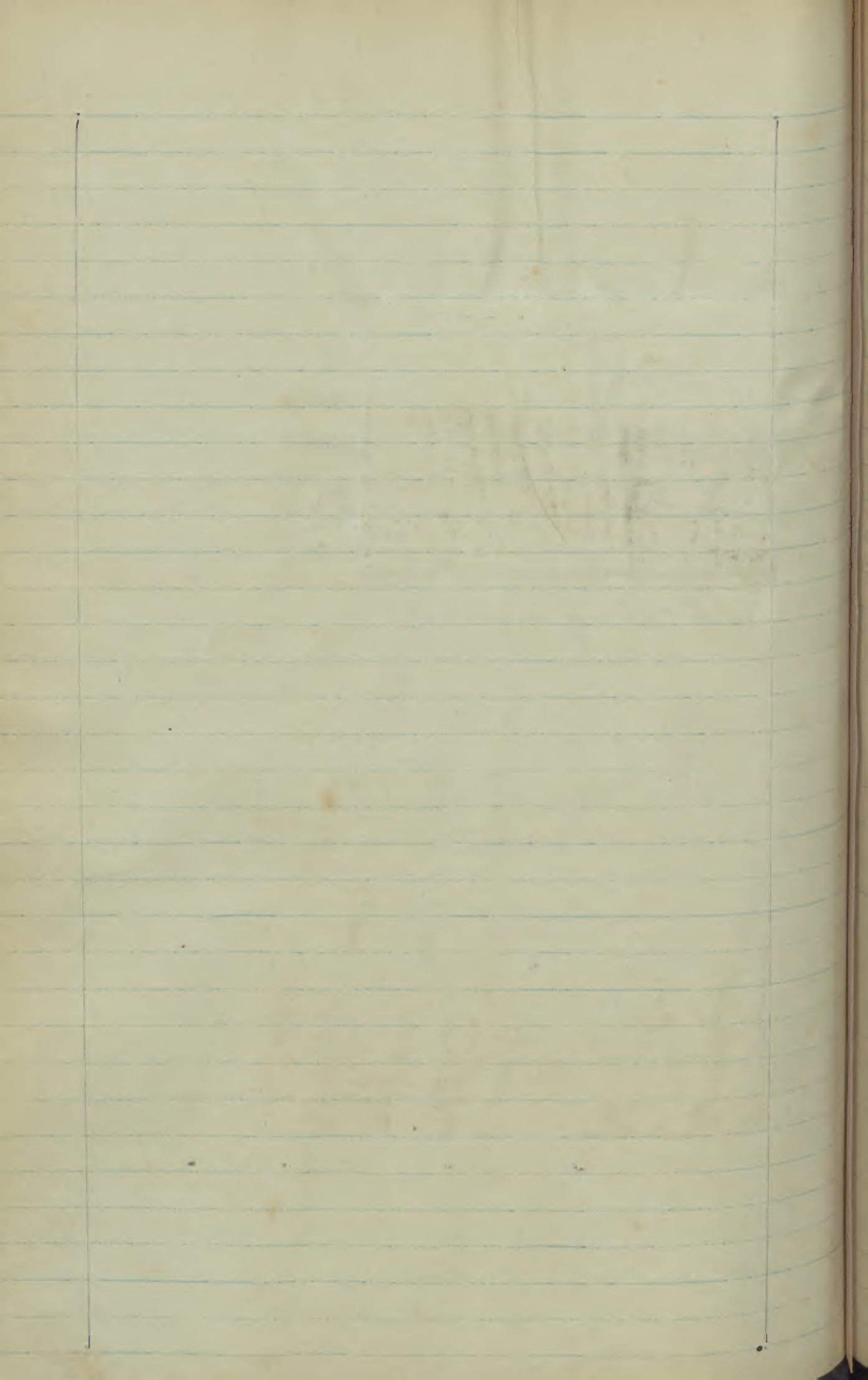
cujas edificações come-  
çam a ser feitas e se  
ampliando, estendendo-se,  
em 1946.

— x x x —  
Pertence à Ordem 3<sup>a</sup> de S. Fran-  
cisco.

Vide páginas 121 e 123 do

1<sup>o</sup> Volume destes apontamentos.

~~~~~ x ~~~~~



Matadouro Municipal
na Quinta da Ordem em Barcelos

Princípios das obras da sua construção em 14 de Julho de 1946.

Está situado na Quinta da Ordem, junto à margem direita do Barado.



A Construção deste Matadouro deve o seu valor cerca de 3.500.000,00 Contos (três mil e quinhentos Contos).

Um aspecto do Matadouro Municipal na Quinta da Ordem, em Barcelos.

No dia 10 de Fevereiro de 1949 (8.ª feira) foi visitado pelo Director das Obras Publicas.



A esquerda:

Um dos dez pavilhões do novo Matadouro Municipal.

A visita ministerial de 10 de Fevereiro de 1949 a par

atraz nos referidos foi considerada visita inaugural.



Visita geral do Mostadouro Municipal nova edificação feita
na Quinta da Ordem em Barcelos, sendo considerado Mostadouro
Regional.

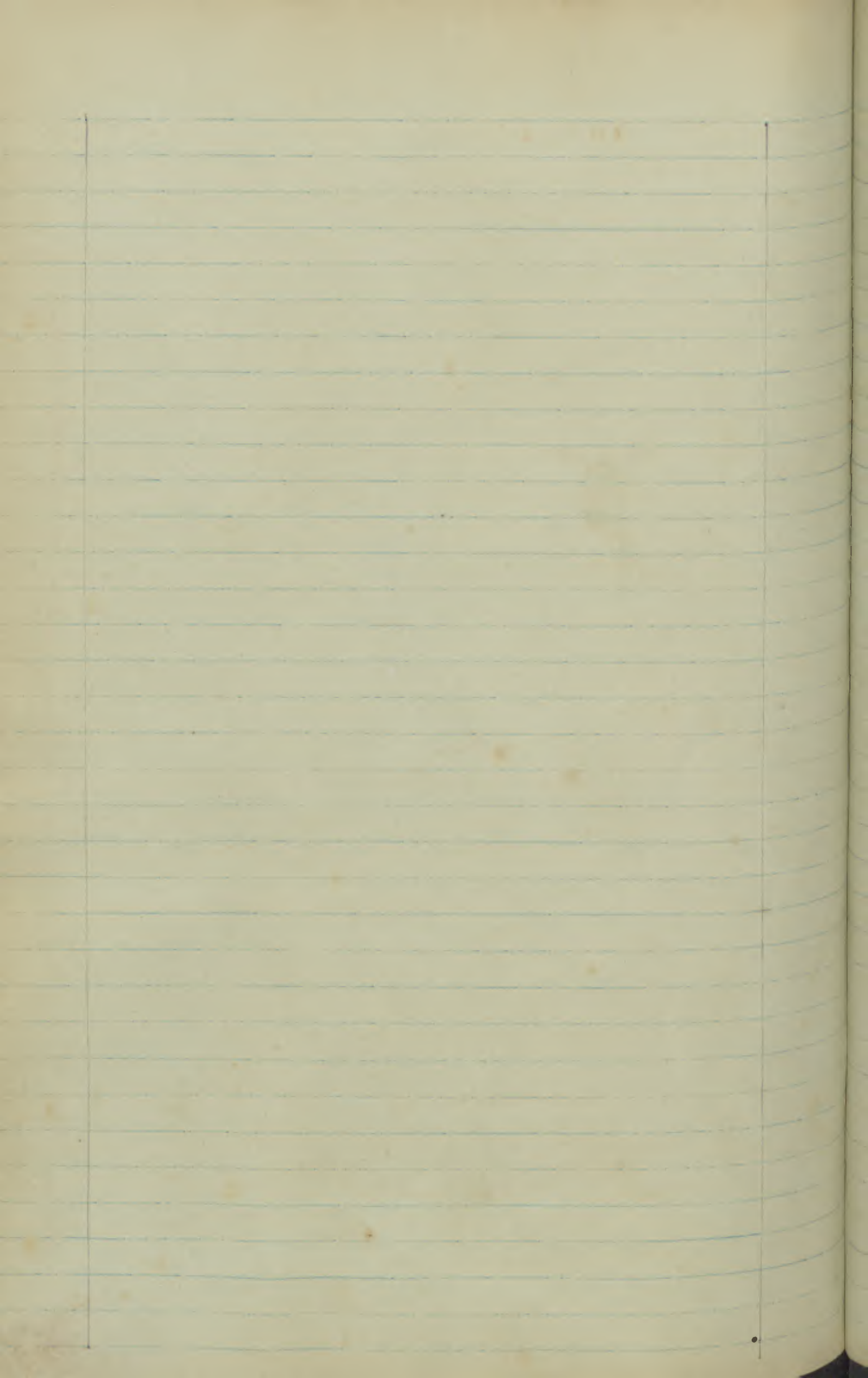
- Círculo Católico Obrero de Barcelos -

Tem como patrono S. José.

Foi inaugurado em 19 de Dezembro de 1904 por iniciativa do Padre Bonifácio Leunha sob o cusp. Divulgação Funcionaria.

Tem a sede, em edificio proprio, na Rua Diogo Pinheiro antiga Rua Nova de S. José.

Na sede desta Associação ha sala de espectaculos e salas para outros divertimentos licitos, onde os associados se divertem e instruem.



"O Barcelense"

O jornal mais antigo e de maior tiragem em Barcelos. Principiou a publicar-se como "Boletim Pastoralista".

Teve a seu numero 1 em 12 de Fevereiro de 1911. Foi organ do "Partido Republicano Evolucionista" de Barcelos desde 8 de Setembro de 1912 ate 5 de Janeiro de 1918.

Passou a "Semanao Independente" desde 12 de Janeiro de 1918 ate 22 de Fevereiro de 1919.

"Semanao Republicano Independente" desde 8 de Março de 1919 ate 4 d' Outubro de 1919.

"Semanao Republicita" desde 11 d' Outubro de 1919 ate 5 d' Abril de 1924.

"Semanao Monarquico" desde 12 d' Abril de 1924 ate 17 de Setembro de 1927 dia em que foi suspenso por 15 dias, pela pena applicada pela Comissao de censura, desta cidade.

Em sua substituição publicou-se
= "O Barcelense" =

Publicou-se como "Semanao Monarquico" - v. n.º 1 em 24 de Setembro de 1927 e o n.º 2 em 1 de Outubro do mesmo anno.

"O Barcelense"

Volto a publicar-se como "Semanao Monarquico" desde 8 d' Outubro de 1927 ate 10 de Janeiro de 1931.

"Semanao - Monarquico - regionalista" desde 17 de Janeiro de 1931 ate 10 de Setembro de 1932.



JORNAL REGIONALISTA e o de MAIOR TIRAGEM de BARCELOS

"Semanao - regionalista" desde 17 de Setembro de 1932 e assim ainda se mantem (Dezembro de 1947).

~ ~ ~ X X ~ ~ ~

Antes da sua publicação, "A Barcelense," intitulou-se "Barcelm"
com o seu nº. 1 em 1 de Janeiro de 1911 até ao nº. 6 que se publicava
em 5 de Fevereiro do mesmo ano, terminando aqui com este nome.

Desde 12 de Fevereiro de 1911 em que "A Barcelense" se reinstituiu
a publicar com o nº. 1 e com o caracter "Batua - Particular," as-
sim continuou até ao seu nº. 36 de 29 d' Outubro de 1911, pas-
sando a publicar-se com "Publicação Semanal," desde o seu
nº. 37 de 3 de Novembro de 1911 até ao nº. 93 de 1 de Dezem-
bro de 1912.

— x —

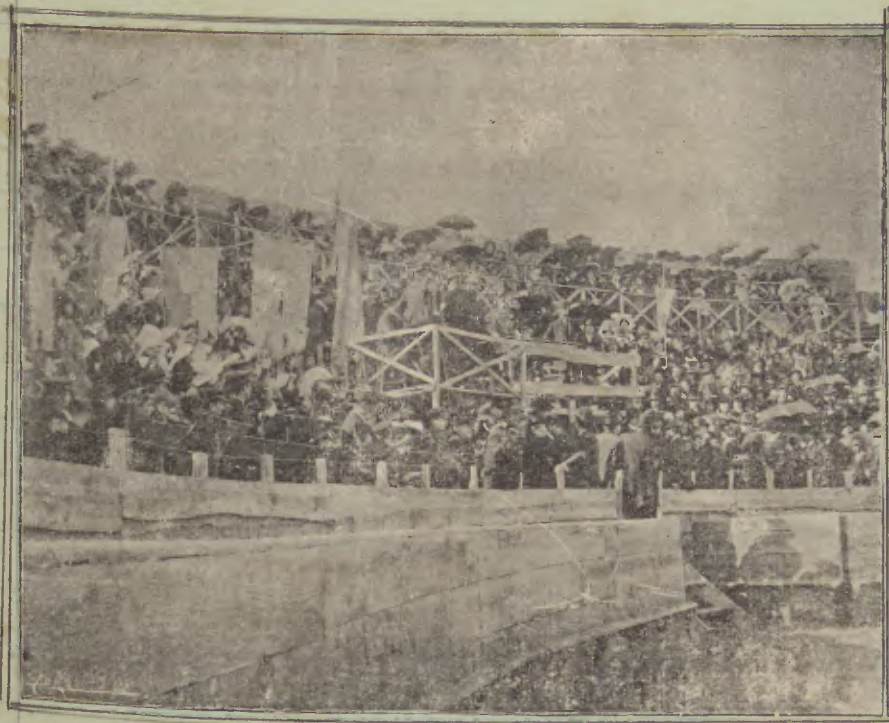
Praca de Louros (no antigo Campo de D. Carlos) =

Foi mandada construir por vinte e cinco ha-
celuas no Campo de D. Carlos (hoje Campo 2 de Maio)
as obras principiaram no dia 6 de Abril de 1908 fe-
zendo-se a sua inauguração por ocasião das Festas das
Cruzes a 2 de Maio deste anno.

A Commissão directora era composta pelos Sr. Antonym
Augusto d'Almeida Aguiar, Manuel Ramos de Paula e
Amelir Ramos.

Era toda de madeira.

Foi parcialmente destruida por um incendio (fogo pos-
to) que se declarou ás 3^h 30 da manhã do dia 30 de
Julho de 1909 e em 1913 foi demolida por não oferecer
segurança.



A esquerda:
o aspecto da
Festa da Liza da
Instituição que
teve lugar den-
tro da Praca
de Louros no
domingo dia 8
de Janeiro de
1911.

Vide paginas 173 verso do 1.º Volume destes apontamentos aonde
o consultante encontrará notas que lhe completarão os seus desejos.

A ultima feira que se realizou n'esta Praca teve lugar no dia
4 de Maio de 1913, tendo como cavaleiro o afamado Morgado de Louros.
Logo a seguir foi demolida por não oferecer segurança e acabar neste
modo a concessão que a Camara havia feito a tempozinha por cinco annos.

Avenida Santo Filipe da Fonseca

(Vide pag. 122 deste Volume.)

Esta arteria da cidade e' constituida pelo prolongamento
da "Rua Manuel Pais" (antiga "Rua da Estada") ate ao edif
cio da Cadeia Municipal - (acta da Sessao da Camara de 3
de Setembro de 1830). -

Grupo Amigos de Barcehns

Fundou-se em 1943 cujos estatutos foram
aprovados por Alvario do Governador Civil de Braga de 27 de
Maio d'aquele anno.

Foi seu primeiro Presidente o Ex^{mo} Conde de Vila-Boas.

— x x —

Avenida Sidonio Paes

(Vide páginas 100 deste Volume)

Esta avenida da cidade liga a "Linha da Calçada", junto ao Templo de São Jerônimo da Cruz e à parte nascida a frente do Parque das Pátrias; até ao cimo da "Linha da Pátria" que constitui a "Linha da França".

Bairro Operário - "Casas Economicas"

Esta situado na freguesia de Anjozê - subúrbios da cidade - no lugar da Tabarinha.

A construção das suas casas de que este Bairro se compõe principiou nos fins do mez de Agosto de 1946.

Em abril de 1948 fez-se a pavimentação a paralelepípedos de toda a estrada que liga esta cidade com o Bairro Operário, desde o começo da Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, junto ao antigo jardim do lado das Casas - Campo 28 de Maio (antigo Campo de S. Carlos), até ao referido Bairro - Operário.



A construção deste Bairro Social está orçada em 1.500,000,000 contos isto é: 100 Casas, 1000 apartamentos, arruamentos, água e saneamento, construção d'uma Capela e Casa de Escola deve chegar por 2.000.000,000 contos.

Um aspecto do Bairro - Operário.

À direita:

Visita de Sua Excelência o Senhor Ministro das Obras Publicas ao Bairro Operário de Barcelos em 20 de Novembro de 1948.



(Vide folhas

148 do IV Volu

me estas Obras)

Sua Excelencia o Senhor Ministro das Obras Publicas (X) na ultima visita ao Bairro Economico de Barcelos

Mercedade Intimiza

Escuteiros = Grupo n.º 13 "Alcaides de Faria" -
 Tem a sua sede nesta cidade.

N.º 3 Alcateia - (D. Antonio Barros) - em Barcelhinhos
 Tem a sua sede conjuntamente com a quele.

Em 25 de Janeiro de 1925, foi fundado o Fmelev
 de Barcelhinhos com os seguintes membros:

Comissario: Fernando de Magalhães e Freirezes - Com.
 de Vilas Boas

Inspector: Manuel dos Reis Ribeiro

Director: P.º Joaquim Alexandre Gaiolas

Em 1 de Fevereiro de 1926, fundou-se
 o Grupo n.º 13 "Alcaides de Faria" com os se-
 guintes componentes:

Chefe e Candidato: Lourenço

Secretario: Antonio Fernandes Gonçalves

Assistente: P.º Joaquim Alexandre Gaiolas

Em 1935 foi reorganizado este grupo
 com a seguinte direcção:

Chefe e Inspector: Manoel Serrão da Veiga

Secretario: José Luiz Ferreira

Assistente: P.º Joaquim Alexandre Gaiolas, fazendo
 estes elementos a sua promessa sobre um Fran-
 queira perante o Bispo de Arêma.

Em 1937 (21 de Janeiro) - foi fundada a Alca-
 teia n.º 50 de S. Tiago de Macieira

Em 10 de Dezembro de 1938 foi fundado o
 Grupo n.º 50 em S. Paio de Laventim, com
 a designação "Cavalleiros de S. Paio de Laventim"

Em Junho de 1948 fundou-se em Barcelhinhos
 a Alcateia n.º 53 com a assistência do P.º Antonio
 Martins.

- Sub-Agencia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra =

A 17 de Dezembro de 1936, reuniu-se na sala dos Bombeiros V. de Barcelos os combatentes da Grande Guerra de 1914-1918 os capitães Manuel de Freitas e Augusto da Silva Loto Mago, tenente António Maria de Souza Pinto, alferes Joaquim Rodrigues Bastião Grande e Sargento Joaquim Alves de Souza, que se chegaram os aspetos seguintes, com o seguinte resultado: - Assembleia Geral -

Presidente - Manuel de Freitas

1.º Secretário - António Maria de Souza Pinto

2.º " - João de Souza Nunes

- Direção -

Presidente - Augusto da Silva Loto Mago

Secretário - Sr. Joaquim Rodrigues Bastião Grande

Tesoureiro - Joaquim Alves de Souza

Tem um "talloão" privativo no Cemitério Municipal de Barcelos anexo à Câmara Municipal em Março de 1940.

Tem a sua sede desde a sua fundação na Rua Candido dos Reis - (antiga Rua do Saalheir).

Grupo Fil Vicente =

O Grupo Fil Vicente, foi fundado em 2 de Abril de 1905.

Tinha por fim fazer crescer em Brancos o gosto e desenvolvimento pela arte dramática, promovendo espectáculos em seu foyou ou de outros quando a direcção o julgasse conveniente.

Tinha o seu regulamento (estatutos) aprovado em Assembleia Geral de 7 de Abril de 1905.

Além do fim principal a que se destinava, podia também estabelecer aulas de musica, dança, ginastica e canção de tiro, assim como toda a especie de jogos sociais que pudessem servir para instrução e recreio aos seus associados.

Foam seus fundadores =

Eugenio Periz de Aguiar

Humberto Carmoza Letho Gonzales

João Baptista da Silva Tassin

Antonio Carlos de Albuquerque

Antonio Emilio Periz de Aguiar

Luiz José Imperio A. da S. Fossan

Passados alguns annos - acabou!

Monumentos Nacionais

— Estão considerados monumentos nacionais na cidade de Barcelos e seu concelho, os seguintes:

Paco dos Duques de Bragança

Vilar dos Pinheiros

Salvadorinho

Torre da Porta Nova (originalmente chamada Torre de Menagem)

— Foi classificada Monumento Nacional em 1926.

Passeio das Águas

Chafariz do Convento de Vilar de Frades e Igreja

Igreja Matriz

Igreja de São João do Liva

Igreja de São Mateus

Templo do Bom Jesus da Luz

Castelo de S. Maria

- Museu do Grupo Alcaides de Faria -

Em 1929 constituiu-se um Conselho o "Grupo Alcaides de Faria"; - (vide papéis 154 deste volume); - com a missão de "homens de boa vontade" que se propuseram fazer reviver o Castelo de Faria.

Esses nomes se figuram com acrisolado carinho e fervor a fronte surrada em acalorados trabalhos! No sítio do Castelo reviveu-se uma remota e antiga Lusitânia que, há tanto tempo, sobre ela se ficava um Castrom romano e na reconquista cristã não pôde lá se levantar um Castelo que de immedida fôra se cobriu no século XIV, ficando prachado das heranças portuguesas!

A recolta dos achados tem sido tão importante que alguns elementos foram para o Museu já em livro e interessantes!

No Museu de instalação ainda modesta há exemplares preciosíssimos, desde a longínqua época da pedra lascada até para o século XV.

Picos, percutores, machados pétreos (dos deles rotivos em fibrolite), pedras, mós marmas, um pedaço de rede, cereas proto-históricas (a forma celtica equina), etc, evocam o alvorecer da História da humanidade.

É valiosa, variada, rica, a exposição de cerâmica abrangendo evoluções de séculos; produtos micáceos, cerâmicas escuras melímidas, depois os tons róseos abertinos, o alvorecer da ornamentação castreja, exemplares perforados, toda a ingénua indústria lousieira, enfim, dos povos primitivos se encontra fartamente representada!

Telhos de rebordo (tegula), a hemi-cilíndrica (imbrex), uma coleção de coveiros (pesos de juvo), outra variada de pesos de tear (pondera), outras ainda de tessere (mangas de jojo), testos, fundos e bordos de grandes vasos, produtos com grafitos, diversíssimos tipos de ansas (em especial um exemplar de asa interior), em agrupamentos de apreciação fácil manifestam a importância da estação castreja-pré-romana.

Da época vincadamente romana há uma brecha bastante

perfita, restos de antea de fina pasta ornamentada e fragmentos grandes de muitas anforas, merecendo destaque a exposiçao de partes duma fundiçao de metaes.

Numa empinta privativa mostra-se importante recolha de objectos em ferro; pontas de dardos, ferros de setas, aristas de cavaleiro, pedaços de macho de cervilha, fragmentos do punho duma espada medievã, laminas de arneses (bracos, coxotes, etc), finelões, chaves interessantes, etc.

A parte estao os objectos de bronze, cobre e moedas; um acus comatoriae perfita, fibulas de charreina, aneis, pingentes, adornos diversos numa matriz sigilar de suspensao muito valiosa (seculo XIV) e varias moedas entre elas algumas romanas, dinheiros medievales, pilartes de luthas, uma barulha fernandina perfitissima, reaes francos e puetos do seculo XVI, um tomaz raro de D. Pedro I, sendo essa vitrine das mais interessantes do Museu.

(Vide paginas 154 deste Volume.)

Funciona n'um dos andares da Torre da Santa Iva. (1948)

Abundam os rebolos de catapultã, mós ornamas, pedilões, machadinhos de fibrolite, restos de ceramica variada (ceramica arietina) numa interessante coleçao de cossiros, etc. Em ferro, restos de placas de couraça, cotas de malhas, espadas, finelões, etc. Grande numero de moedas, principalmente do seculo XIV; e, rarissima, um mioz tomaz de Afonso de D. Pedro I. Abundam ainda os cereas queimados, o trigo e, especialmente, a fava celtica, cuja aparicao e' digna de nota. Tambem digno de especial registro numa matriz sigilar de um cavaleiro medieval, trabalho de notavel perfita.

Prua de S. Francisco

(Frente desta rua que era artificialmente embocada pela Prua dos Açougues) -

Esta rua ligava a antiga Prua do Funchal (hoje Prua dos Paços da Bragança) com o Largo do Aprio e atualmente passa o Largo de S. Francisco (hoje Largo Francisco Xavier).
Vide páginas 108 deste Volume.



X
A esquerda:

A antiga Prua dos Açougues - hoje Prua de S. Francisco - vista tirada da Prua dos Paços de Bragança para o Largo do Aprio.

É esta uma das mais antigas ruas de Funchal.

X
Vide p. 108 deste Volume
X

Praca do Visconde de Hamann

Foi primitivamente a Praca de Santa Maria.
Depois Praca da Misericordia.

= Vide pagina 115 deste Volume. =

A' esquerda:

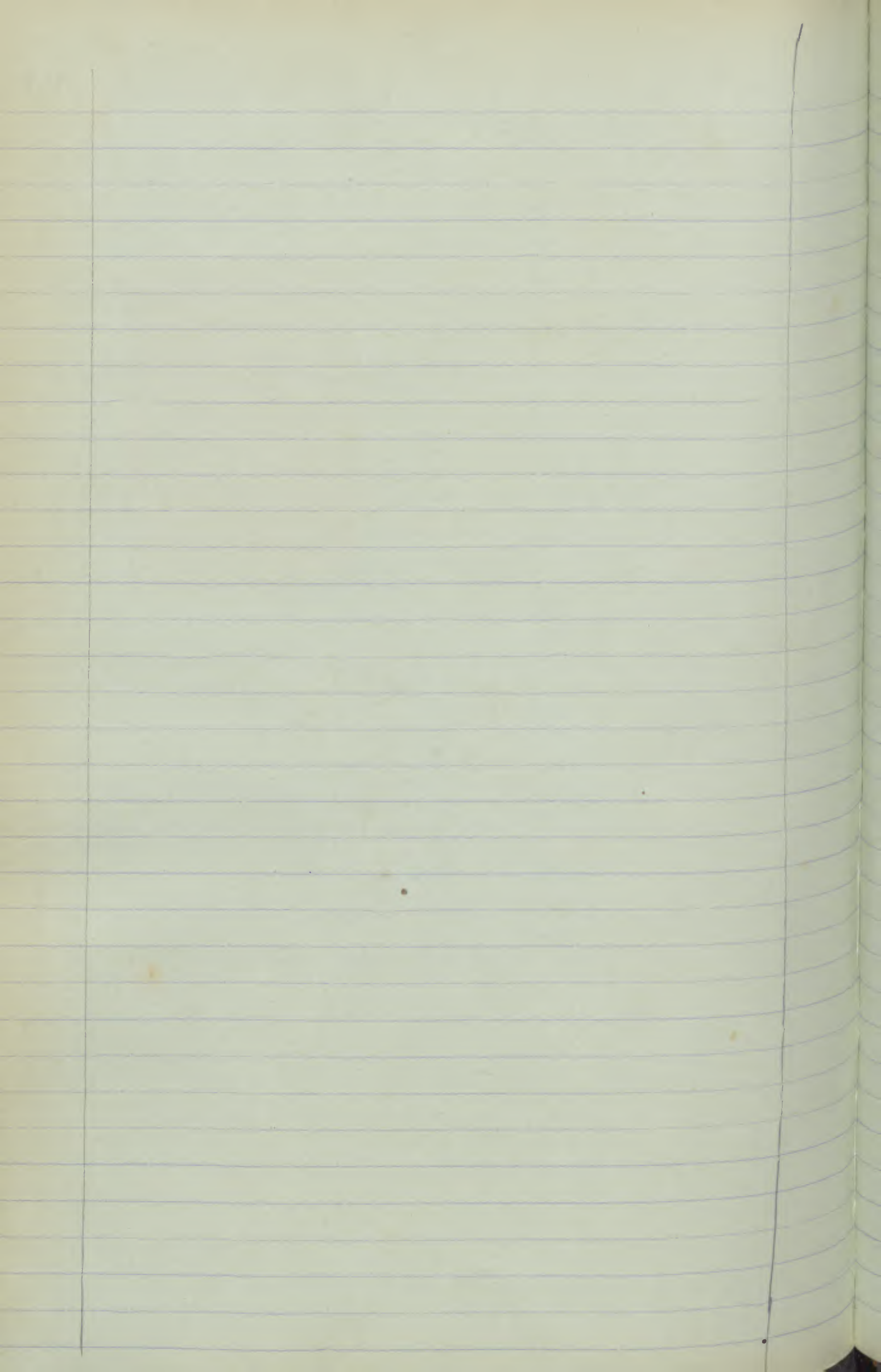


Grande numero de casas que hoje ja não existem, que foram demolidas para o alargamento desta rua que ficou tal qual se vê a pag. 115 deste Volume.

Esta fotografia foi tirada do Largo da Camara para o Largo do Aposito - rua que ligava um e outro. Vulgarmente conhecida por "Praca do Espantalho".

Vide pag. 115 deste Volume.





Villa de Barcellos

(História Biographica das Cidades, Villas e Casas Ilustres da
Provincia do Maranhão, por Antonio Lopes de Figueiredo - Praga - Typo-
graphia Lusitana - Nova Vitoria, n.º 3 - 1873).

É tão difícil marcar a época da fundação
da notável villa de Barcellos, como a origem etimologica do
nome com que é conhecida desde a mais remota antiguidade.

Nesta duvida incerta, como bem diz o Sr. de
reia Caldas, na Historia geral e respecto a villa de Barcellos,
com que precede a Paridade Biographica do Licenciado Manoel da Rocha
Freire, está o titulo mais glorioso e o documento mais vece-
rando da grande antiguidade de Barcellos.

Nas notas feitas pelo Marquez de Thomar - Pebo no
Relatorio do Conde D. Pedro (1) se encontra que a Barra
Celana, barra do rio Celano, como nos tempos do romani-
mos era chamada o rio Cavado, ou seja por direito
sempre a notável villa de Barcellos, foi dada nos seus ho-
limentos a denominação de Barracelano, nome que por
abreviação se converteu em a de Barcellos.

Outra origem dão alguns eruditos a este nome,
derivando-a da existencia d'uma barca que transportava
os moradores d'uma a outra margem do rio Celano
(Cavado), antes da existencia da ponte que hoje ha
estas margens, e que era conhecida pelo nome de Bar-
ca Celi; aboracem esta espheração com a bem conhecida
do verso latino - A Barca Celi Barcellos nomine
dicunt.

Pela semelhança que este nome tem com
o de Barcelona na Catalunha, e Barcelona na
Galiza, alguns autores querem attribuir aos arabes a
origem desta denominação. (2)

Seja qual for a sua origem, cõ-he que a villa de
Barcellos foi antigamente cidade episcopal chamada

1) Hist. Cond. D. Pedro, plan. 302.

2) Geograph. Saty. Tomo II. Tratado 5º.

Após Almas, e que El-Rei D. Afonso Henriques lhe deu pra' que mais tarde foi usurpado por El-Rei D. Manuel. E' Barcelos, uma das vilas mais famosas da provincia do Minho: situada em um sítio fértil e abundante em cereja e de pitadeiras galas, haubam-lhe os pés os bairros e vistas do derradeiro Canada: tem por o lado seu ribeirinho e vistas sumptuosas, por o qual tem canteiros civis: as curvas que a baheira, são embalsamadas, e os horizontes que a limitam, são amplas, opulentos e deliciasos.

Enquintas sobre a casa que se acham, pertenciam a netista, filha de Barcelos as reitorias historicas probradas do 7º Conde de Barcelos e fidejuntado de Pragança, D. Afonso, filho legitimo de El-Rei D. João I e genro do grande condestavel D. Nuno Alvares Pereira.

Causa do não a abandonar a que se acham, vistas estas preciosas reliquias da fidejuntado de hoje desta notavel vila.

E' para lamentar que a mão do tempo tenha esborrado essas paredes, que se levantariam e palpadas sobre um povo que guardava muitas recordações dos deliciasos e bairros com que por ali sonhara o bastardo do Rei lavrado. E que, sentidas novas, inspiradas pelo manso murmuro do Canada, não esbocariam aquelas praezas?! Que depreto d'ahora e misterios do coração, se viriam d'ahora as praezas miúdas do povo do leão?!
Nada consta com verdade de que se acham e fizeira junto do Canada o principe poeta, e innocente e humilde do rebelde filho de D. Diniz: hoje a via-fante sabe apenas que por ali morara o primeiro tempo o terceiro conde de Barcelos, e que

as ruínas do palacio de D. Afonso pertencem hoje á Cam.
de Bragança.

A primeira condado que existiu em Portugal foi
o de Bragança; e a primeira contada deste nome foi D.
João Affonso de Bragança, mordomo-mór d'El-Rei D. Diniz.

No reinado de D. Sebastian foi elevada a duquesa a
condado de Bragança, em favor dos príncipes da
dinastia de Bragança.

O ultimo duque de Bragança foi D. João IV
reclamado rei em 1 de Dezembro de 1640. Era um
príncipe de serie dos condes de Bragança e d'el-rei de me-
moría o terceiro duque de Bragança, e 11.º conde de
Bragança D. Fernando, a quem D. João II descebia
a cabeça em 1483, no cadafalso que lhe man-
dara levantar na praça de Évora. A desgraçada
fim deste illustre personagem attira o olhar da
justiça e sinistra superavizão do assassino do
duque de Vizeu. Se o candidato veio da invem-
são não abste a precedentes traídos e entre-
nhados sobre que se votavam resiprocamente
o duque de Bragança e D. João II; entretanto o
monstruoso processo seduzido pelo monarca con-
tra a sua victima covardemente aproubada
dentro do palacio real, a sinistra revoltante
com que a fez conduzir ao cadafalso, os fune-
radas loquias que vertera depois da execução, e
as suspiros de que a suppino rei fôra o celebre
mascarado affez que fizera votar pelo choro a
cabeça do conde de Bragança; lançamos como
sivder indolevel na historia d'esse honrei,
a quem a tenor, ou a adulação, fizeram dar
na historia a espume de príncipe perfido.

Esta fumaça a sompruain turgida profusorem occasio
a que um ostavel fôra de Bragança ganpasse na historia
uma lugar honrosissimo. Foi D. Pedro Pinheiro, de

condente do Tercerí Jones Guilhermes, e a mais deuto pi-
riscentulo do seu tempo. Este despretu h'essimo vul-
to, que tanta honra deu a Guji de que pra ministro;
as leis em que era metido abalizado; e a pratica de que
pra fillo benevulho; foi a unica voz, que se expou,
na corte de D. João II a favor de D. Fernando, e tam-
bem a unica, ao ouvir proferir a impieia sentença
que condemnava a morte a duque de Bragança, que pro-
testou com toda a independencia do seu nobre e heroico
caracter contra a onrelolada do monarca e a corrupção
dos juizes.

Nem se queria amezquinhar tão nobre proce-
der, pela posição opia que D. Pedro tinha guito
de impio D. Fernando, de quem era adoptado.

Nesses tempos, n'essa corte, e na presença
d'um rei da inoble e tempera de D. João II, seme-
lhante independencia importava uma sorte igno-
ra que estava marcada para a impio duque de Bra-
gança. A vila de Barcelos era guarnecida por
poucas muralhas e elevadas torres, quatro portos e
tres portigos: desta fortificação ainda se encontram
hoje vestigos, que evidentemente denunciam a nobre
e magnificencia com que D. João I mandara executar
esta obra. Tem a vila de Barcelos uma d'frangia
cuji parcos e d' dom juir da c'rupiada, cresta e
muralhas e prohibo do 9.º conde de Barcelos D. Afonso
de Seixas ao arcebispo de Braga D. Fernando da
Guerra. E' uma c'rupiada das mais antigas do
reino, creada em 1433 e confirmada pelo summo pon-
tifice Paulo II. No reinado do rei D. Pedro foi refor-
mada por carta de lei de 8 de Agosto de 1857, e os
Estabulos que actualmente a regem, são datados
de 17 de Novembro de 1864.

Entre os monumentos mais notaveis de Barcelos
occupam o primeiro lugar, depois da epuia.

matriz, o templo do Senhor da Luz e a famosa igreja do Hospital. Situado no vasto Campo da Feira, aquelle tem-
plo foi construido em 1504, segundo reza a inscripção
que se lê no lado esquerdo ao entrar a porta principal.
Deza segue a esta formosa e constantemente a ser vista lenda:

Pelas 9 horas do dia 20 de Dezembro de 1504, que era
uma sexta feira, recolhendo-se Isaac da Cruz, de volta
da missa a que foy assistir na ermida do Labaredo
atentava o sapateiro São Pedro para o alto, e n'ella
via insculpida pela natureza, uma Cruz. Prostrando-se
e coberto com seu manto a prostração, rompeu em
piadosas exclamações, que fizeram apressar em voltar
d'ella grande multidão de foyes para verem a presença
num o milagre da natureza.

Como avião de ser foy considerado o foy enantem
que trinou o sapateiro, e desde logo foy assentado por
dar-se-lhe nome a quella Cruz, e uma capella. Ve d'isto um
diagrama e foy, por algum trabalho foy principiado
a obra com vitoria e triumpho e devota foy.

A capella foy a foy de d'esse majestoso templo
construido em foy de Cruz, que foy ali seculos 15.
tentar as suas portas no foy e vasto Campo da
Feira. Santuario da mais viva piedade e foy
hoje, neste templo que foy construido em 1505, ce-
lebram os habitantes de Barcelos no dia 3 de Maio a
folyridade da invocação de Santa Cruz. O orago do
templo uma veneranda e inspiradora imagem de
P'edro, no via crucis - que um mercador de Bar-
celos trouxera da Flandres em 1505, e que se acha
exposta a veneração publica num altar do lado
deprido; esta imagem é não só um foy de foy
como um monumento d'antiquidade.

A admiração d'este templo está em foy
a uma imagem, da qual é foy foy
al-Rei o Sr. D. Fernando. Não devesse

ser um espécime da fructosa eucalypto, que tem os ha-
bitantes, da aparição de eucalyptos nos seus jardins e ha-
vez de mais.

Nem é pouca frequência os habitantes da villa
aquele lugar em procura de pedras emblematicas de
muito se encontram. se efeitivamente nos eucaly-
ptos de varias dimensões, alguns muito duras, e
em alguns pontos em forma de eucalypto; este fenomeno
tem sido considerado pelos naturalistas, como um
miphaeres concomitantes dos schistos carbonatos
do terreno chamado Terra-Negra, por onde se
vesta a estrada que se segue do Porto a Braga.
Sepa-se mais esta aparição um facto mira-
culoso, e' certo que os habitantes de Barcelos, e os
roneiros que por essa e'poca vão em peregrina-
ção ao Bom Jesus, têm por estas eucalyptos muito
respeito. Têm egualmente alguns de menção a tem-
plo e hospital da Misericordia situado no mesmo
Campo de Leiria.

Alguns muitos annos de ha pouco supoz-se
a templo e hospital da Misericordia, obra-se du-
rante a vida do duque de Barcelos D. Theodorico II,
um escripto de se a expensas d'alguns particu-
laes, a edificação de um convento sob a in-
vocaçao da Conceição. Este convento deviam ser
no futuro admitidas as pessoas das familias
d'aqueles donatarios, que desfallssem seguir a
vida religiosa. Deu-se principio a obra, que de-
pois d'algum tempo cessou, ignorando-se ainda
hoje os motivos que occasionaram isto; passados
tempos foi reconhecida a conveniencia, para a villa,
d'um convento de religiosas, e apresentadas as pedras
e mais obras feitas, o abade do convento de Santa Maria
de Leiria, da ordem de S. Bernardo, tomou conta da obra
feita, occupando-se a completar a edificação, e transferir

vir para elle 15 a Es religioza da sua ordem - e foi para
que lhe fosse impoſto pelo alvará de S. M. de 1641.

Não se apovosou o abade de Fozes desta antecessora; e por
este motivo foram convidadas as padas e frades do convento de
Bom Jesus da Saudade, vizinhos de Barcellos, a mudarem para
ahi a sua residencia.

Acertaram os pades e convento; e obtiveram a concessão do lo-
cal e obras por provisão regia de 13 de Março de 1649, foram
completadas tres annos depois as obras do edificio e celebrada
a primeira missa no dia 11 de Fevereiro de 1652. Até
1834 era este convento um dos melhores que existis-
são na provincia da Saldade.

Pela extincção das ordens religiosas deu o governo de
S. M. a virandade da Misericordia a epuſa, convento
e encen, para o estabelecimento do hospital que actual-
mente existe e no qual são tratados com toda a esuidade
e esmero, um grande numero de doentes de todo o concelho
e freg. Além do abundante mercado que se faz todos
os dias na praça da matriz de D. Pedro V, existindo em
1867, tem Barcellos uma feira semanal em todas as quintas
feiras do anno, inquestionavelmente a mais concorrida de
quantas se fazem no Alentejo, e uma feira annual que
principia no dia 1 de Junho e acaba no dia 3 de Maio.

A população de Barcellos é a seguinte -
umido de 4.000 almas; a indole desta popula-
ção é bondosa e a sua esvivencia é sempre generosa
e esativamente amavel. Tem Barcellos uma bonita casa
de assembleia, onde se dão frequentes e legidos banhos,
e em uma sala pertencente á Camara municipal, es-
tão alguns manobros improvisar um pequeno the-
atro, no qual cultívam com recombido aproveitamento
a dignissima e civilisadora arte dramatica.

A perspectiva de Barcellos é arrebatadora; o
purro e limpidos ceu que a cobre; o saluberrimo
ar que se respira ali, esparçado por estiosos pin-

manes de castanheiras dão vida e alento, enchendo o
coração de patas alpinas.

As ruínas desta vila são: um campo aquela
fonte de água da mesma vila de Barcelos, tendo na
extremidade do lado direito uma arvore de sua côr
finta d'uma sapêba e do lado esquerdo os restos
dos condes de Barcelos.

Seu chefe, entre dois esculptos das quinas, o conde
do duque de Bragança.

A transcriçãõ atãz, fez-se escriptamente, no entantõ
nãõ se respeitãõ a orthographia da eipoca.

História de Barcelos -

"O Templo do Senhor Bom Jesus da Lemm"

(vem de folha 68 v.º deste volume) e 67 v.º deste volume).



O arquivo desta irmandade de é pobre, mesmo muito pobre em esclarecimentos. Não se sabe ao certo a data em que começaram as obras deste magnífico templo, nem quem foi o seu arquiteto e construtor.

Existe ali um livro, mal tratado, cujos dados a seguir da qual consta o seguinte: "Livro que serve de assentarem os devotos as esmolas com que se offereceu para o templo q. se quer dar principio na Capella do Santo Christo no Pampo das Leduzes desta Villa de Barcellos, o qual livro vary. numerado e rubricado pelo Sr. Domingos Carvalho, Vigario de S. Martinho de V.ª Freixoalho, Barcellos 21 de Mayo de 1698 a"

homem com essa sua por sua devoção Antonio de Faria Machado, Meausel de Andrade e Almada e Domingos de Faria Leite e com a assistencia dos B. dos Sr.º e Conq. Meausel Garcia de Carvalho, Domingos Carvalho e Joseph Ribeiro."

Deste livro consta terem principiado a receber esmolas para a construção do templo em 21 de Maio de 1698 e tem os seus ultimos termos e do divas assinados e datados de 23 de Setembro de 1715.

Pela documentação que se encontra neste arquivo, pouco mais ou menos, de 1650 em diante, e que se começa a conhecer alguma coisa, mas muito lacunicamente escrita.

A irmandade foi em tempos muito muito rica, tendo sido senhora e possuidora de prazos e vastas heranças, mas também foi muito roubada.

Teve por juiz ali por 1776 o Conq. Cua da nossa Colegiada Manuel Antonio de Miranda, que

por certas habilitações empregadas de comum accordo
com um irman que tinha em Lisboa se assombrar
com de grandes bens de raiz que pertenciam á
guilta, tendo sido corrido da mesma antiga vilta,
indo terminar seus dias em Braga.

Sobre a procedencia deste Conego ha um ci-
tado arguio um curioso documento, do qual
consta ter sido o mesmo Conego excomungado.

Do pequeno arguio, existem documen-
tos que julgamos interessante dar-lhes publica-
dade, taes como um processo julgado na Cam-
ara Eclesiastica de Braga, o qual tendo comego
em 1774 só terminou em 1778, tendo o Acordão
por Dom Gaspar de Bragança, Juiz d'El-Rei
e do qual consta:

- Pedido dos capellães a folhas 5 -

"Mittam prestas que deem luz para os Capellães
houverem de reger no ar e mais funçoens de sua
obrigação."

- Embargo da Companhia -

"Por embargo apm de que se julgue não tem
lugar a satisfção da obra capitullada."

- Em 5 de Fevereiro de 1774 -

"Os capellães foram citados para comparecerem em
audiencia, mas repararam-se a isto, e a tomar
parte no processo como partes."

Foi advogado por parte da Companhia o Dr. Fran-
cisco da Costa Pimentel - advogado em Braga.

- Acordam em Relação etc. -

"Vistos os autos antes de deliberar apm proceda ha
restoria no lugar da contenda na forma do Re-
quecimento a folhas para o que prescrevem as partes.
Braga 19 de Dezembro de 1774.

(a) Pereira Alvares Lima

- Autor de restoria -

Acum do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de
 mil setecentos e setenta e oito annos aos vinte e um
 dias do mez de Mayo do dito anno nesta villa de
 Barcellos na fregia do Bom Jesus da Cruz della e ali
 onde eu escrivão fui vindo com o Revendo Reverendo
 senhor Doutor José Francisco Pereira, Desembargador na
 Relação Prima da corte e cidade de Braga, e nella
 e sua comarca Promotor dos rezidos por Sua Magestade
 Real o serenissimo senhor Dom Gaspar Bragança e
 senhor de Braga e Primas das infantas etc, e por
 elle sempre Desembargador fui mandada fazer a mes-
 tria av diante escrita, na forma do doutissimo
 accordo retro de que se trata anexar e lido este
 termo e em favor da Liberdade escrivão que o
 escrevia e logo fui mandado vir a sua frequencia
 Manuel Pereira, da frequencia de Bom povo de villa. Bon
 e Francisco Laureço do arrabalde do senhor do
 Bomfim desta villa ambos juizes d'os ambos
 Juizes juizes aos quaes deu o juramento dos
 lidos e conjunctos em hum libro della em que
 pois daa mão direita de que deu fe e lhes
 encarrou que de Paços do dito juramento
 que tomados tinham visto e examinarem
 a obra do sculto desta fregia, e as obras que
 se necessitava neste sculto e recebido por
 elle o dito juramento prometerão ver e exami-
 nar tudo na verdade e nella darem as
 suas determinassons do que deu fe, e pa-
 ra anexar fez este termo e em favor da Liberdade
 Pereira escrivão que o escrevi. Manuel Percei-
 ra - Francisco Laureço - Pereira.

E vendo e examinando este ato e o d-
 entho diceram que no covão Bastante Luz com
 communicada a elle por hum grande sculto que esta
 no fonte espirito desta fregia de sorte que se vê perfeita

mente no côr para regar ou para outro qual-
quer outro ou função que se quiser fazer n'ello.
E outro sem examinando e averiguando se en-
hyar do acullo que está no mesmo côr se po-
dia fazer alguma festa dessa até as cadeiras do
mesmo côr sem ruina maxima e immediata
de todos o fronte exterior da mesma Igreja olicerão
ello trovados que era quase impossivel me-
terse a dita festa sem a ruina do dito fronte
exterior porque para se fazer esta obra he per-
cizo que se lance abaixo parte do mesmo fron-
te exterior do acullo para baixo e por esse espe-
ques que possa segurar a outra grande parte do
fronte exterior que fica superior ao mesmo acul-
lo e que he impraticavel não só por serem
paredes do mesmo fronte exterior de uma grossura
extraordinaria mas tambem porque em cima
do mesmo fronte exterior está a torre dos sinos
que he de aboveda feita com pedras de esquadria
tanto por dentro como por fora pedras que asen-
tão que sem ruina grande se não pode fazer
a dita obra capitulhada e atendendo á grandeza
da obra desta Igreja e nesta forma houveram el-
les trovados as obras determinassios por dadas
e elle senhor Doutor Desembayador esta restre-
ria profunda e acabada e assim em elles tro-
vados de que dou fé e para constar estudei
este termo e eu João da Silva Pereira escrevi
que a escrevi. Manuel Pereira - Francisco Lau-
renço - Pereira.

- Sentença -

Os embarços recebidos julgarão porraos para o fim
de não ter execução o capitullo da regita suplicada
do na Certidão p'las cius e qual se mandava nos
embarçantes fizecsem a obra expueçada m.

measus pui com-da luctura deha se sepe e corru-
 mient puz de arminarce a tom qm pin po curu-
 do deullo no fontepisio do templo e ainda a contin-
 pencia de puzidicar as abvedas de que he formado o
 mesmo templo pelas convergentes razoes que he
 brar as testemunhas a folla de sacate e emitha da
 trifogao da vestra folla trinta e nove nao tem em
 pome arrezar a dicit qm em semithantes enemas
 tancias haja de ter epito e dicit anpitudo de regis-
 tra no qual se nao cogitou das ditas ruinas, e se
 supos ser a obra de puzon emviduando sendo
 alias unido conciduaue e serun necessarios di-
 nheios mais abultado, especialmente nao podendo
 faltar de vista no cor que foi a principio obposito
 do dicit anpitudo puzon de mostra ter bastante
 luy commendo puz dicit deullo e mais prestas que
 heu puzicipiam de todas as puzes, em tanto e o
 mais de dicit puzon puzados os embayos e man-
 taro puz deur epito e anpitudo de regista e puz
 puz os embayantes do coctas em que exocuse
 os conduear. Proza quatro de Epito de unif
 sete coctos e seluta e dicit. "Luzia" - "Palma".

No arquivo desta irmandade existem, como ja
 disse, poucos documentos, meaus ate poucos li-
 vos de actas, talavia da puzon obsementar qm
 por ali se enontra, todo repistat se alguma de
 certa importancia e curissidadi para quem
 posta de conduear vehaicas.

Encontramos la uma relacao dos bens cul-
 turaes existentes no Convento de Palma, arreolados a favor
 do Estado, entre os quaes figura uma curita de bispo,
 que ao contrair da lenda que cohe pertencia ao Abade
 ou Prior do Convento benedictino, era pertença do Bispo
 D. Antonio Bernardo da Fonseca Noroiz, irmão do Pri-
 madeiro D. Barão de Palma, o qual adquirira

este convento no Estado, (1) e ainda em livro de
visitações do tempo mandado fazer expressa-
mente a quando da visita de D. Maria II a esta
localidade em Maio de 1852, na companhia de
seu marido D. Fernando e seus filhos D. Pedro e
D. Luiz, em livro se encontra assinado pelo
rei D. Fernando e alguma da sua comitiva.

Aparecem recibos e notas de certas obras
que são datados de certa altura da constru-
ção do templo, duas como: notas em factu-
ras de ferragem para as portas; nota pela
qual se vêem que a madeira empregada
nas portas é toda brasileira; nota do auto
da fundição de certos sinos constantes de um
que o sino maior custou 156.740 reis e por
um outro pra fundido na freguesia de Gif-
monde e muitas outras que empurram despesas
com salários de operários que variam entre
30 reis e 35 reis diários.



(Vide próximo H2 do IV Volume destes Apontamentos.)

Nota: Este prelado era natural de Moncorvo e quando
compara este convento era Abade de Gerneged.

Rua Faria Barbosa

(Vide folhas 105 v.º deste Volume).

Teve diversas denominações, conforme os nossos Apontamentos a folhas 105 v.º deste Volume. É uma das mais antigas ruas de Barcelos. A pequena fotografia que colocamos à direita, em baixo, mostra-nos a grande aglomeração de casas que estão na posseira, construídas encostadas às ormações da antiga vila, e que hoje não existe por ter derrubado, parte d'ele, juntamente com as referidas ormações conforme o relatório a folhas 43 v.º do I Volume destes Apontamentos. É interessante conhecer-se este grande número de casas que mais nitidamente apresentamos a folhas 43 d'aquella citada I Volume.



Vide folhas 43 do I Volume e 118 e 119 deste II Volume.





| assuntos | Paginas |
|--|---------|
| O Pelourinho | 6 |
| Estatua a Barcelos | 23 |
| Estatua a D. Antonio Barroso e seu timbro | 24 |
| Estatua ao Dr. ⁴ ª ^o va | 27 |
| Monumento aos mortos da Grande Guerra | 28 |
| Fôrça au Tachar ao Senhor do Galo | 29 |
| Museu Arqueologico | 31 |
| O Rio Carnado | 35 |
| Traje regional de Barcelos | 45 |
| A Feira de Barcelos | 49 |
| A missa das Onze no Templo do Bom Jesus da Lapa | 63 |
| As Festas das Lenças - A 1.ª Parada Espirita - | 65 |
| Viagens régias a Barcelos - "Fojna Casa Linceos" em 1852 - | 69 |
| Manobras Militares no Tenido Lado | 73 |
| Ciclones e outras tempestades e desastres | 75-136 |
| Os Franceses em Barcelos (invasões) | 76 |
| Ruas, Praças e Largo dentro das antigas muralhas | 78 |
| conservem-se as tradições (sobre a toponymia local) | 79 |
| Ruas e Largo antigos | 81 |
| Largo do Alpor | 84 |
| Casa de Sr. Alvaros Pereira - "O Condestavel" - | 86 |
| Casa do Alfeu Boneleiro | 86 v.º |
| Largo da Pedra do Couto | 94* |
| Largo dos Matheiros | 95- |
| Largo da Praça Velha | 96 |
| Largo da Camara | 96 v.º |
| Largo do Pomfim | 97 |
| Largo da Madalena | 97 v.º |
| Largo e Caes da Fonte de Baixo | 98 |
| Largo José Moraes | 98 v.º |
| Largo do Marechal Gomes da Costa (Estação) | 99 |

Continuação do Índice

| Assuntos | Páginas |
|--|----------------------------|
| Pracas e Terras | 88 v ^o |
| O. Aljeu Barcelense | 90 |
| Largo da Praça D. Pedro V. | 99 v ^o |
| Largo da Graça | 100 |
| Largo do Tanque e Tanque da Rua das Velhas | 101 |
| Fonte do Campo d'Alentejo (junto ao antigo jardim) | 102 |
| Chafiz do Campo da Feira | 103 |
| Largo de S. Francisco | 104 |
| Rua Infante D. Henrique | 105 |
| Rua Santa Barbara | 119 105 v ^o 178 |
| Rua Duques de Bragança | 106 |
| Rua Barjina de Freitas | 106 v ^o |
| Rua Manuel Viana | 107 |
| Rua Martires da Republica | 107 v ^o |
| Rua de S. Francisco | 108 |
| Rua Visconde de Leiria | 108 v ^o |
| Rua de Traz-os-Meus | 109 |
| Rua D. Antonio Barro | 109 v ^o |
| Travessa da Rua D. Antonio Barro | 110 |
| Rua de Traz (continuação da R. Traz-os-Meus)? | 110 v ^o |
| Rua da Barbeta | 111 |
| Rua da Esperança | 111 v ^o |
| Rua Jones Freire | 112 |
| Avenida M de Figueira - (Alcaides de Faria) | 113 |
| Avenida Candido da Cunha | 114 |
| Rua Visconde S. J. J. J. | 115 |
| Casa dos Capomichos | 115 v ^o |
| Rua Nova de S. José | 115 |
| Rua Duques de Bragança | 118 |
| Rua Santa Barbara | 103 119 178 |
| Rua Filipa Borges | 10 119 v ^o |

Continuação do Índice

| assuntos | Páginas |
|--|------------------|
| Ima da Madalena | 120 |
| Ima das Capelas | 121 |
| Ima do Bom Jesus da Luz | 121 ^o |
| Ima da Estada | 122 |
| Ima de Traç das Freiras | 123 |
| Ima de S. Vicente | 123 ^o |
| Ima Nova de S. Bento | 124 |
| Ima Elias Garcia | 124 ^o |
| Ima do Soalheir | 125 |
| Ima do Anor | 125 ^o |
| Vivandeiras ou Vigandeiras (Congosta) | 126 |
| Fonte de Santa Tronica | 126 ^o |
| Chafariz Cruzino | 127 |
| Assistencia Nacional aos Tuberculosos | 128 |
| Abastecimento de Agua a Banhos | 129 |
| Iluminação Publica | 130 |
| Estação dos Correios, Telegrafos e Telefones | 131 |
| Legião Portuguesa | 132 |
| Guarda Nacional Republicana | 133 |
| Policia de Seguranca Publica | 134 |
| Partidos Civicos | 135 |
| Partidos Escolas | 136 |
| Caixa de Credito Agricola e Sindicato Agricola | 137 |
| Caixa Geral de Depósitos | 138 |
| Sindicato Agricola (Fundação) | 139 |
| Estação dos Caminhos de Ferro (inauguração do Cam. de Ferro) | 140 |
| Comitê Municipal | 141 |
| Cadeira Civil | 142 |
| Fabrica S. José | 143 |
| Fabrica da Franja | 143 ^o |
| Fabrica Continha, Lda | 144 |

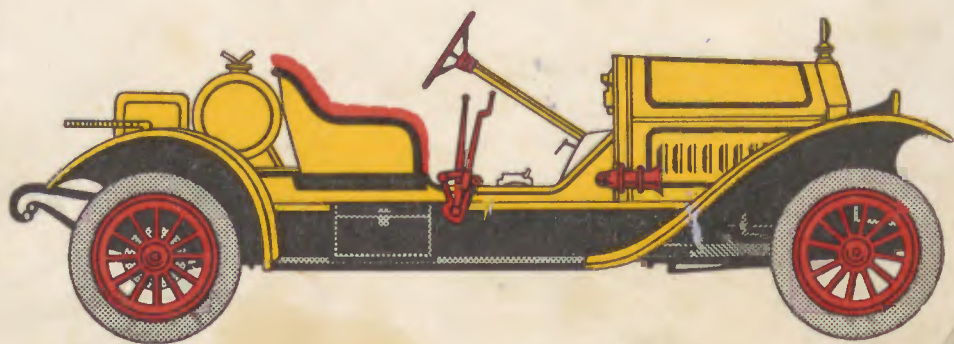
Continuação do Índice

| assuntos | páginas |
|--|-------------------|
| Fabrica de Lã e Tecidos | 144 ^{v.} |
| Fabrica de Seda de J. Domenech & C ^{ma} | 145 |
| Fabrica Barcelonense e Fabrica Masby (Hoje Fábrica Textil de Barcelon) | 146 |
| Fabrica de Têxteis do Canadá | 147 |
| Associação dos Bombeiros Voluntários de Barcelona | 147 ^{v.} |
| Banco de Barcelona | 150 |
| Banco Nacional Ultramarino | 150 ^{v.} |
| Companhia Editora do Mundo | 151 |
| Sorte grande - "Lotaria de Santo António" | 151 ^{v.} |
| Quiosque da Calçada ou Quiosque do Galo | 152 |
| Escola Superior Superior Dr. Martini Lina | 153 |
| Escola Complementar | 153 ^{v.} |
| Grupo Alcaldes de Faria | 154 |
| Círculo Católico Operário | 161 |
| "O Barcelonense" (jornal - semanário) | 162 |
| Praça de Touris | 163 |
| Grupo Amigos de Barcelona | 164 |
| País de Operários | 165 |
| Mocidade Potuguesa | 165 ^{v.} |
| Exentivos | 166 |
| Avenidas dos Combatentes da Grande Guerra | 113 ^{v.} |
| Largo da Rua Barjona de Suetas | 93 |
| Rua do Fogo | 120 ^{v.} |
| Sub-Agencia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra | 166 ^{v.} |
| Grupo Gil Vicente | 167 |
| Movimentos Nacionais de Barcelona e seu conselho | 167 ^{v.} |
| Museu do Grupo Alcaldes de Faria | 168 |
| Armazens de S. Tiago | 158 |
| Convento da Ordem dos Carmelitas | 159 |
| Montadouro Municipal na "Punta da Orden" em Barcelona | 160 |
| A Cerâmica Barcelonense | 52 |

| assuntos | Página |
|--|---|
| Sociedade Protectora dos Animaes | 157 |
| Casa dos Rapazes - (Reinado Infantil "S. José") | 156 |
| Colegio Alcaides de Faria | 157 |
| Casa dos Orpheos de Mendanha | 157 ^o |
| Avenida Humb. Felisberto | 163 ^o |
| Avenida Sidonio Pires | 164 ^o |
| Assembleia Barcelense | 155 ^o |
| Associação Commercial | 155 ^o |
| Associação de Classe dos Empregados do Comercio | 155 ^o |
| Cruzada Paroquial | 127 ^o |
| Explicação para a Cruzada Paroquial em Avenida João de Matadouro | 149 |
| Templo do Bom Jesus da Lapa | 175 e 67 ^o e 68 ^o |
| A Ponte do Caminho de Ferro sobre o Cavado | 39 ^o |
| Museu do Grupo Alcaides de Faria | 158 |

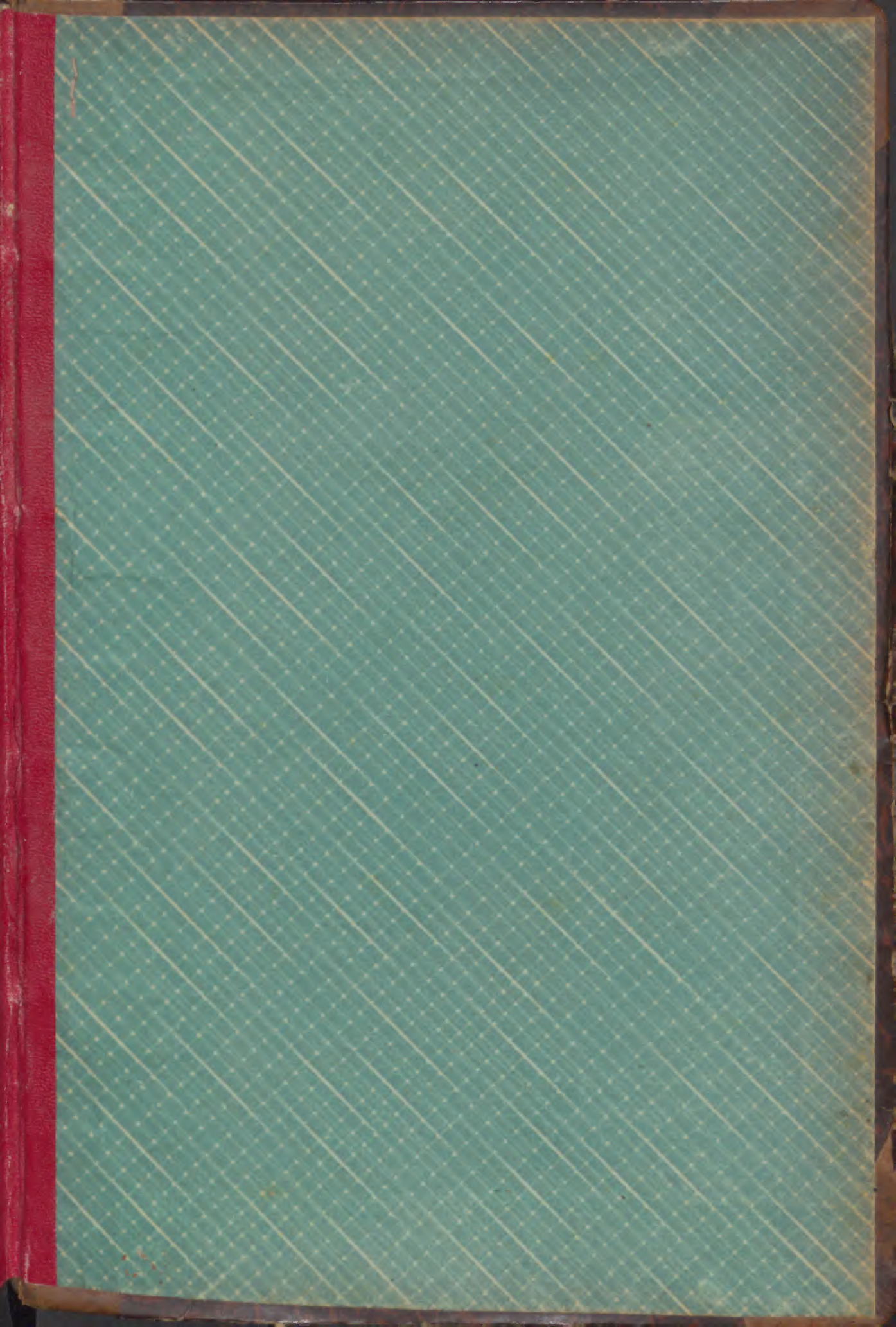






1916







Apontamento
de Marcolino